UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

WEBER LOPES GÓES

Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl

Marília

2015

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
CAMPUS DE MARÍLIA
Faculdade de Filosofia e Ciências

WEBER LOPES GÓES

Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, câmpus de Marília, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais (Área de Concentração: Cultura, Identidade e Memória).

Orientador: Professor Dr. Andreas Hofbauer

Marília

2015

Góes, Weber Lopes.
G598r Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro: a proposta de povo em Renato Kehl / Weber Lopes Góes. – Marília, 2015.
276 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015.
Bibliografia: f. 215-225
Orientador: Andréas Hofbauer.

1. Eugenia. 2. Brasil - História. 3. Racismo. 4. Conservadorismo. 5. Kehl Renato – 1889 -. I. Título.

CDD 305.80981

WEBER LOPES GÓES

Racismo, eugenia no pensamento conservador brasileiro:

a proposta de povo em Renato Kehl

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE

MESTRE EM CIÊNCIAS SOCIAIS

BANCA EXAMINADORA

1º Examinador _____

Professor Dr. Andreas Hofbauer – orientador (Unesp/Marília)

2º Examinador _____

Professora Dra. Heloisa Pait (Unesp/Marília)

TITULAR

3º Examinador:_____

Professora Dra. Terezinha Ferrari (CUFSA)

TITULAR

Marília, 28 de janeiro de 2015

À minha mãe Marina Lopes Góes, **in memorian.**

Agradecimentos

À minha irmã, Dayane.

Aos integrantes do grupo de estudos de Guarulhos/SP e Mauá/SP.

À equipe do projeto Meninos e Meninas de Rua (Guarulhos/SP e São Bernardo do Campo/SP).

Às amigas Nida, Michele e Ortília, que me acolheram em Marília/SP desde o processo seletivo. Aos amigos da moradia da Universidade Estadual Paulista (Unesp): especialmente Gabriela, Clislaine, Bernardo, Bruno e André.

Aos amigos com quem tanto conversei sobre a temática da pesquisa, em especial, Wagner e Vinicius. A Sarah, pelo carinho e atenção. À Edilaine, Vilma e Claudimar.

Aos amigos que, embora não sejam responsáveis pelas conclusões a que chegamos, leram o texto e sugeriram ricas contribuições: André, Macário, Deivison e Felipe (Choco).

Ao pessoal do Kilombagem, especialmente Drão, Hayde, Bergman, Keyla, Talita (Tata). A Zélia por ter cedido os materiais sobre a temática. A Fernanda, eterno carinho.

Aos professores do Centro Universitário Fundação Santo André, que influenciaram decisivamente em minha formação, desde a graduação, e no curso de especialização: professora Dra. Lívia Cotrim, professor Dr. Ivan Cotrim, professora Dra. Vania Noelli, professor Ms. Carlos Cesar, professor Dr. Antônio Rago.

Ainda na constelação dos professores da Fundação Santo André, meu agradecimento especial à amiga professora, Dra. Terezinha Ferrari, que, desde a graduação, tem, não somente me acompanhado e contribuído para a minha formação, mas trabalhado nas empreitadas que empreendemos e por ter aceitado o convite para compor a banca da defesa.

Meu agradecimento especial para Lúcia, pela leitura atenta, meu carinho e amizade.

À professora Dra. Vera Vieira, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), professora Dra. Beatriz Abramides, da PUC-SP e Maria Lúcia Barroco, da PUC/SP, com quem dialoguei sobre a temática da pesquisa.

À Fundação Oswaldo Cruz – Casa Oswaldo Cruz, especialmente ao Setor de Atendimento à Pesquisa/Departamento de Arquivo e Documentação/COC, onde realizei a pesquisa de campo:

especialmente aos trabalhadores Cláudio e Dandara que estiveram à disposição no momento da pesquisa.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), por conceber o financiamento da presente pesquisa.

Ao professor Dr. Andreas Hofbauer, por estar sempre atencioso, desde o começo da nossa pesquisa e pelas valiosas orientações.

Ninguém poderá negar, que no correr dos anos, desaparecerão os negros e os índios das nossas plagas e do mesmo modo os produtos provenientes desta mestiçagem.
A nacionalidade embranquecerá à custa de muito sabão de coco ariano!
(Renato Kehl)

- Não há solução para os males sociais fora das leis da biologia.
- Não há política racional, independente dos princípios biológicos, capaz de trazer paz e felicidade aos povos.
- Política econômica, conservadora, democrática, socialista, fascista, comunista, todas essas políticas e formas de governo falham se não se inspirarem nos ditames da ciência da vida.
- Eis, por que, a política, por excelência, é a política biológica, a política com base na eugenia.
(Renato Kehl)

Todos aqueles que ousaram proclamar a natureza como assunto exaurido para o conhecimento, por convicção, por vezo professoral ou por ostentação, infligiram grande dano tanto à filosofia quanto às ciências. Pois, fazendo valer a sua opinião, concorreram para interromper e extinguir as investigações. Tudo mais que hajam feito não compensa o que nos outros corromperam e fizeram malograr. Mas os que se voltaram para os caminhos opostos e asseveraram que nenhum saber é absolutamente seguro, venham suas opiniões dos antigos sofistas, da indecisão dos seus espíritos ou, ainda, de mente saturada de doutrinas, alegaram para isso razões dignas de respeito.
(Francis Bacon, *Novum Organum*)

Resumo

A presente dissertação apresenta as determinações sociais relacionadas à objetivação do movimento eugenista no Brasil a partir da trajetória de Renato Kehl (1889-1974), principal expoente da ideologia eugenista no Brasil. Médico e farmacêutico, de forma aguerrida, defendeu a difusão e implantação do projeto eugênico, realizando conferências em todo o Brasil e em vários países da América Latina. Para Renato Kehl, a elite intelectual brasileira teria como responsabilidade instituir parâmetros da eugenia, isto é, o sucesso dependeria da sua implantação como política pública. Para essa finalidade, funda, em 1918, a Sociedade Eugênica de São Paulo, com a missão de difundir as ideias eugênicas no Brasil e implantar propostas de cariz eugênico. Renato Kehl foi também um dos principais articuladores do movimento de criação e fomento de instituições em nível nacional; em 1929, cria o *Boletim de Eugenia*, a fim de publicar textos sobre a temática nos âmbitos nacional e internacional, assim como divulgar as propostas de leis baseadas na eugenia e implantadas em países como os Estados Unidos da América e Alemanha. Foi o precursor do movimento no Brasil e defendeu que o povo brasileiro estaria perfeitamente efetivado caso fossem extintos os débeis mentais, loucos, psicopatas, criminosos, delinquentes e "desviados"; epiléticos, alcoólatras e dependentes de drogas ilícitas; doentes (tuberculosos, leprosos, dentre outros); cegos e surdos; disformes, pessoas dependentes da assistência social, moradores de rua, "vagabundos" e indigentes.

Palavras-chave: Eugenia. História do Brasil. Ideologia do racismo. Renato Kehl. Pensamento conservador.

Abstract

This work aims to present the social determinations regarding the objectification of the eugenics movement in Brazil from the path of Renato Kehl (1889-1974), leading exponent of eugenic ideology in Brazil. Medical and pharmaceutical, stiffer way, defended the dissemination and implementation of the eugenics project, holding conferences in Brazil and in several Latin American countries. Renato Kehl Brazilian intellectual elite would establish responsibility eugenics parameters, the success of eugenics depended on its implementation as public policy. For this purpose Renato Kehl founded in 1918, the Eugenics Society of São Paulo, with the mission to spread the eugenic idea in Brazil and implement eugenics – oriented proposals. Renato Kehl was still one of the main organizers of the movement in the creation and development institutions at the national level; in 1929, founded the Eugenics Bulletin in order to publish texts on eugenic theme in the national and international levels, as well as disclose the proposed laws based on eugenics and implemented in countries like the United States and Germany. Renato Kehl was the forerunner of the eugenics movement in Brazil and claimed that the Brazilian people would be perfectly effected if there were the extinction of feebleminded, insane, psychopaths, criminals, delinquents and "diverted"; epileptics, alcoholics and addicted to illicit drugs; patients (tuberculosis, leprosy and others); blind and deaf; shapeless, people dependent on welfare, the homeless, " bums" and destitute.

Keywords: Eugenics; History of Brazil; Ideology of Racism; Renato Kehl; Conservative thought.

Sumário

INTRODUÇÃO: O CONCEITO DE RAÇA E O MOVIMENTO EUGENISTA COMO EXPRESSÃO DO CONSERVADORISMO 20

O conceito de raça: das origens ao iluminismo 20

A raça sob o manto da ciência 26

Difusão das ideologias racistas e suas escolas 33

Francis Galton: o precursor da eugenia como ciência 36

O movimento eugenista nos EUA, França e Alemanha 44

CAPÍTULO I – PARTICULARIDADES DA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL E OBJETIVAÇÃO DO PENSAMENTO CONSERVADOR 61

1.1 Delineamentos gerais da formação social do Brasil 61

1.2 O Brasil visto de fora: os teóricos estrangeiros subsidiam as nossas elites 73

1.3 O pensamento conservador e a importação das teorias europeias "racialistas" para o Brasil 80

CAPÍTULO II – RENATO KEHL: O INTERLOCUTOR DO MOVIMENTO EUGENISTA NO BRASIL 97

2.1 Correspondência com Oliveira Vianna e Monteiro Lobato 97

2.2 O ambiente intelectual de Renato Kehl e a campanha eugênica na Europa e EUA 110

2.3 A chegada do movimento eugenista no Brasil 116

2.3.1 Instituições eugênicas 116

2.3.2 Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia 124

2.3.3 Primeiro Concurso de Eugenia e a Comissão Central Brasileira de Eugenia 130

2.3.4 O Boletim de Eugenia 132

CAPÍTULO III – A EUGENIA: A *NOVA RELIGIÃO* 139

3.1 A Ciência da Seleção Humana e seus Objetivos 139

3.2 Eugenia: Positiva, Preventiva e Negativa 142

3.3 Profilaxia ou Dizimação de Delinquentes, Doentes Mentais e Prostitutas? 145

3.4 A Educação e Sanitarismo (Saúde) e a Objetivação do Eugenismo 154

3.5 A mulher do ponto de vista eugênico 166

3.6 Civilização, Darwinismo Social, Malthusianismo e Neomalthusianismo 174

CAPÍTULO IV – A COMPOSIÇÃO ÉTNICA DO BRASIL E O PROJETO DE POVO EM RENATO KHEL 180

4.1 Miscigenação, Raça e Branqueamento 180

4.2 Os dilemas da imigração e a proposta eugênica 199

CONSIDERAÇÕES FINAIS 209

REFERÊNCIAS 215

ANEXO A – CARTAS 226

ANEXO B – BOLETIM DE EUGENIA 247

ANEXO C – JORNAIS 256

ANEXO D – INFORMATIVOS EUGÊNICOS 266

APÊNDICE 274

Cronologia de Renato Kehl 274

SIGLAS INSTITUCIONAIS

ACM – Associação dos Cristãos Moços

AABE – Associação Argentina de Biotipologia, Eugenia e Medicina Social

AAdR – Associação Americana de Reprodução

AIB – Ação Integralista Brasileira

CBE – Congresso Brasileiro de Eugenia

CCBE – Comissão Central Brasileira de Eugenia

CIC – Conselho de Imigração e Colonização

Cide – Congresso Internacional de Eugenia

DNSP – Departamento Nacional de Saúde Pública

Fiocruz – Fundação Oswaldo Cruz

ERO – Eugenics Record Office (Escritório de Registros de Eugenia)

Ifeo – International Federation of Eugenic Organizations

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IBE – Instituto Brasileiro de Eugenia

LBHM – Liga Brasileira de Higiene Mental

LPSB - Liga Pró-saneamento Básico

PCB – Partido Comunista Brasileiro

Sesp – Sociedade Eugênica de São Paulo

MSE – Ministério da Educação e Saúde Pública

Unesco – Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Unesp – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Unicamp – Universidade Estadual de Campinas

USP – Universidade de São Paulo

SIGLAS REFERENTES ÀS OBRAS DE RENATO KEHL

A.D.F. – A Cura da Fealdade

A.D.S. – Alfabeto da Saúde

A.E. – Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização

B.D.E. – Boletim de Eugenia

B.P. – Bio-perspectivas

C.P.A. – Catecismo para Adultos

F.D.B. – Formulário de Beleza

F.H. – Fada Hygia

L. E. – Lições de Eugenia

M.P.A. – Melhoremos e Prolonguemos a Vida

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

Quando estudamos o tema eugenia e sua trajetória, a partir da Inglaterra, dos Estados Unidos da América (EUA) e da América Latina, verificamos que a perspectiva do projeto de eugenia tinha como um de seus objetivos oferecer ferramentas para solucionar problemas gerados pela consolidação e pelo desenvolvimento das sociedades industriais, sobretudo as situações de pobreza, delinquência, doenças mentais que, nas propostas dos ideólogos do movimento eugenista, eram compreendidos como fenômenos de natureza hereditária. A influência das teorias do darwinismo-social e da Antropologia, no final do século XIX, intensificou as controvérsias sobre o destino da humanidade, isto é, sobre a natureza e os limites do processo civilizatório, que parecia ser o corolário da industrialização que se expandia.

Nesse contexto, os conceitos de eugenia, darwinismo-social e racismo passam a fazer parte do pensamento conservador – arcabouço utilizado como instrumento ideal das burguesias clássicas a fim de validar seus projetos societários. Ao consolidar instituições, eventos/congressos, como veículo de propagação do projeto eugênico, aos poucos, o movimento ganha ventilação expressiva em vários países, não somente nos europeus, mas também nos EUA, países latino-americanos e continentes asiático e africano, que vão assimilar a ideologia eugenista. No caso brasileiro, as ideias eugênicas chegam e são incorporadas, num primeiro momento, em tímidos estudos relacionados à saúde e criminalidade.

Com a atuação de Renato Kehl, o movimento eugenista toma fôlego, no Brasil. Teórico de intervenção, Kehl passa a realizar conferências sobre o tema, conclamando estudiosos, juristas, gestores públicos, profissionais da saúde e todos aqueles envolvidos e interessados em conhecer os propósitos da ideologia eugênica, julgando-a um instrumento adequado e necessário para enfrentar os problemas sociais advindos do período de consolidação da República. Após a formação de entidades eugênicas, autônomas, ou também as estatais, Renato Kehl enriquece seu propósito de convencer as elites sobre a importância de adotar o projeto eugênico. Edita, então, o *Boletim de Eugenia*, com a finalidade de publicar artigos sobre a temática relacionando-a às situações política e social no mundo inteiro, em especial no Brasil, que buscava resolver suas contradições internas ancorado na eugenia como plataforma teórica/prática.

Inicialmente, esta pesquisa teve como fito investigar o *Boletim de Eugenia* para identificar a difusão das ideologias sobre racismo; a teoria e prática eugênica; bem como a imigração no contexto das controvérsias das elites sobre o projeto de formação da nação brasileira. Ao longo do

desenvolvimento da pesquisa, fizemos boa garimpagem em parte expressiva dos materiais disponíveis no Departamento de Arquivo e Documentação – Casa Oswaldo Cruz: Fundo Renato Kehl.[1] E antes de localizar a coleção do periódico, nos deparamos com quantidade significativa de jornais, cartas institucionais, pessoais, rascunhos de artigos que foram publicados em jornais, revistas e livros, além de folhetos, fotos e informativos sobre eugenia.

Para conhecer as ideias de Renato Kehl e sua trajetória, nos aprofundamos em sua produção bibliográfica. Por tratar-se de livros raros, atualmente, encontramos algumas dificuldades, visto que as publicações datam do início do século XX, mas identificamos um total de 30 livros, na Biblioteca Nacional, o que demonstra a importância da produção desse teórico.

Com as informações coletadas de livros, artigos e outros documentos, nos debruçamos sobre teses, dissertações e livros que tratam da eugenia, sobretudo, com enfoque em Renato Kehl. Na Casa Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Departamento de Pós-Graduação em História da Saúde, deparamo-nos com alguns estudos, em especial, de mestrado e doutorado. Em outras instituições de pós-graduação, encontramos pesquisas sobre eugenia, especialmente no campo da educação e ciências sociais, embora em número reduzido. No Departamento de Pós-graduação, no câmpus da Unesp de Marília, constatamos que há apenas uma recente tese de doutorado, apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências, no Programa de Pós-graduação, intitulada: *Eugenia e Literatura no Brasil: Apropriação da Ciência e do Pensamento Social dos Eugenistas pelos Escritores Brasileiros de Ficção Científica (1922 a 1949),* de Edgard I. Smaniotto (2012).

O levantamento feito sobre pesquisas relacionadas ao movimento eugênico revelou que a produção no campo das Ciências Humanas é lacunar também quanto à biografia intelectual e política de Renato Kehl – um dos propagadores do projeto eugênico no Brasil.

Ao identificar essa lacuna, passamos a indagar o porquê da ausência de pesquisas sobre uma personalidade que alavancou o movimento eugenista no Brasil e resolvemos ampliar o foco da nossa pesquisa (entretanto, devido ao tempo escasso, não pudemos nos debruçar sobre todo o acervo documental de Renato Kehl – perspectiva que alimenta sobremaneira nossos próximos passos). Assim, no âmbito metodológico, optamos por selecionar algumas de suas obras consideradas primordiais para captar sua propositura teórica, a saber: *Alfabeto da Saúde (1985); Conduta – Conceitos e Preceitos Éticos para Jovens e Adultos de Ambos os Sexos (1958)*;

[1] Documentação doada à Casa Oswaldo Cruz, após a morte de Renato Kehl, por seus familiares.

Catecismo para Adultos (1942); *Psicologia da Personalidade – Guia de Orientação Psicológica (1940)*; *Bio-perspectivas (1938)*; *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização (1933)*; *Lições de Eugenia (1929)*; *Formulário de Beleza* (1927); *Fada Hygia (1925)*; *Melhoremos e Prolonguemos a Vida (1923)*; *A Cura da Fealdade (1923); Blastomycóse (1915)*.

Além de sistematizar algumas das obras do autor, utilizamos cartas, identificadas em seu arquivo pessoal, para demonstrar a sua capacidade em catalisar, dialogar e estabelecer relações com intelectuais, tanto do movimento eugenista no Brasil, como em outros países, bem como com intelectuais que elaboravam propostas para o "despontar" do Brasil como "nação". Assim, elegemos parte da correspondência que consideramos primordial para apresentar o autor em profundidade.

O outro passo da presente pesquisa foi a sistematização dos números da coleção do *Boletim de Eugenia*. Inicialmente, antes de conhecer esse meio de divulgação, não tínhamos a dimensão nem da quantidade de edições (datam de 1929-1932) e menos ainda da quantidade de escritores estrangeiros, intelectuais do movimento eugênico, além de informações sobre as ações das instituições eugênicas no âmbito internacional. Desta forma, consideramos importante destacar o *Boletim de Eugenia*, indicando seus objetivos e a sua função no seio do movimento eugenista brasileiro.

A pesquisa está estruturara da seguinte forma: no Capítulo I – Particularidades da Formação Social do Brasil e a Objetivação do Pensamento Conservador, apresentamos os delineamentos gerais sobre a formação social do Brasil e os processos constitutivos da efetivação da burguesia brasileira e sua expressão conservadora, a partir das leituras e interpretações realizadas pelos teóricos europeus sobre o Brasil.

O Capítulo II – Renato Kehl: O Interlocutor do Movimento Eugenista no Brasil apresenta-o como o principal organizador e representante do movimento eugenista no Brasil, a partir da correspondência com vários intelectuais brasileiros, especialmente Oliveira Vianna e Monteiro Lobato e os representantes do movimento eugenista no interior da Europa, EUA e América Latina. A partir das articulações realizadas por Renato Kehl, detalhamos a efetivação do movimento eugenista no Brasil em instituições, congressos, eventos e em seu principal veículo de comunicação entre os eugenistas – o boletim.

No Capítulo III – A Eugenia: A Nova Religião, privilegiamos tematizar as proposituras do movimento eugenista a partir da própria produção de Renato Kehl a que tivemos acesso, como

artigos em jornais, manuscritos e outros documentos que foram essenciais para nos aprofundarmos na produção do autor e nos permitiu captar a proposta eugênica e o seu significado.

O Capítulo IV – A Composição Étnica do Brasil e o Projeto de Povo em Renato Kehl tem como tema as controvérsias e os projetos relativos às questões sobre a miscigenação, raça e o branqueamento e as abordagens do estudioso referente a política de imigração brasileira.

Acreditamos que a presente dissertação pode contribuir para enriquecer o Departamento da Unesp, subsidiando e fomentando pesquisas vindouras acerca não só da temática da eugenia, mas do conteúdo do pensamento brasileiro típico de um período marcado pela busca de responder sobre quem é o povo brasileiro, quais os traços da nação e da nacionalidade brasileiras. Nesse sentido, julgamos que esta pesquisa pode ser considerada pioneira ao tratar do principal protagonista do movimento eugenista no Brasil e que, de certa forma, é parte constitutiva da expressão do pensamento conservador brasileiro.

INTRODUÇÃO: O CONCEITO DE RAÇA E O MOVIMENTO EUGENISTA COMO EXPRESSÃO DO CONSERVADORISMO

O movimento eugenista configura-se como uma reação conservadora que tem por finalidade oferecer subsídios para a superação das contradições sociais, num primeiro momento, nos países do continente europeu, especialmente na Inglaterra e França e, posteriormente, na Itália e Alemanha. Mas com a consolidação do movimento eugenista, os EUA tornam-se referência do movimento eugenista mundial, que, para se consolidar, se nutre das produções teóricas e científicas nas áreas das ciências, paulatinamente consolidadas no final do século XIX, como a Biologia, Antropologia, Sociologia e a Frenologia. Ao se valer das referidas disciplinas, os adeptos do movimento eugênico tematizaram o conceito de raça a partir das suas crenças e ideologias e, ao mesmo tempo, buscaram resolver as questões sociais relacionados à prostituição, delinquência e aos problemas eleitos pelos protagonistas do movimento.

Embora o objetivo desta pesquisa seja trazer a lume a trajetória de um dos expoentes do movimento eugenista do Brasil, Renato Kehl, nesta introdução, indicamos, de modo geral, como o conceito de raça é concebido pelos eugenistas, no contexto do processo histórico que culmina na consolidação do conceito de raça e como vai se metamorfoseando de acordo com o desenvolvimento da sociedade. Por fim, ao discorrer sobre o conceito de raça, nosso intuito é oferecer subsídios para conceber o significado do conceito de racismo interligando-o com a ideologia eugênica.

O conceito de raça: das origens ao iluminismo

O termo "raça" nem sempre teve o mesmo significado, conforme atribuído a partir do século XVII até o XX. Os estudos sobre o tema demonstram[2] que o conceito de raça não é

[2] Os interessados em se aprofundar sobre o conceito de raça podem consultar: APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai –** A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro, 1997; AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Anti-racismo e seus paradoxos** – reflexões sobre cota racial, raça e racismo**.** São Paulo: Annablume, 2004; COMAS, Juan. Os mitos raciais. **Raça e Ciência,** v. I, São Paulo: Perspectiva, 1960; DUNN, L. C. Raça e Biologia. **Raça e Ciência,** v.II, São Paulo: Perspectiva, 1960; HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Unesp, 2006; KI-ZERBO, J. Teorias relativas às "raças" e história da África. **História Geral da África,** I: Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. Brasília: Unesco, 2010; MUNAGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil** – identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004; SACARÃO, Germano da F. **Biologia e sociedade**: o homem indeterminado, v.II, Portugal: Publicações Europa-América, 1989; SANT´ANA, Antônio Olímpio de. História e conceitos básicos sobre o racismo e seus derivados. In: MUNANGA (Org.). **Superando o racismo na escola**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e

linear, ao contrário, nem sempre o termo foi utilizado tal qual passou a ser concebido contemporaneamente, isto é, classificando os seres humanos em "negros", "brancos", "vermelhos" e "amarelos".

Segundo Sant´Ana (2005), a palavra raça vem do italiano *razza*, que significa família ou grupo de pessoas; *razza*, no árabe *rãs,* quer dizer origem ou descendência e tem sua raiz no termo *ratio*, que significa "razão", como ordem das coisas, categoria. Segundo Sacarrão (1989), a palavra raça passa a ser utilizada a partir dos séculos XVI e XVIII, com o sentido de qualidade boa ou má das pessoas, dos animais, em expressão como "boa ou raça má", "raça maldita", "raça dos príncipes" e dos "reis", "nobre raça" ou "raça de David", etc.

Em seu livro *Uma História do Branqueamento ou o Negro em Questão* (2006, p. 100), em especial no capítulo Raça se Impõe, Andreas Hofbauer faz um levantamento bibliográfico a respeito do conceito de *raça* e seus diversos significados. Neste caminho, verifica que o termo "raça" é oriundo do substantivo latino *ratio* (ordem, razão, modo, espécie); o conceito de raça, do ponto de vista semântico, vem do radical *ra's*, da palavra árabe, significando "cabeça, chefe do clã", utilizado para identificar um membro, no aspecto genealógico, de um grupo clânico. "*Ra's* não apenas indicava a ascendência de um indivíduo, mas determinava seus papéis sociais".

Os portugueses e espanhóis utilizavam o termo para estabelecer uma identidade relacionada com a origem e descendência. As classificações entre os homens eram realizadas para explicitar a qualidade e identidade de determinado grupo, em especial família, assim, raça passa a ser concebido como "raça linhagem", para identificar uma linhagem de uma nobreza ou dos bispos.

Com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, o significado do termo raça extrapola as representações relacionadas a linhagem e tona-se mais abrangente. Conforme demonstra Hofbauer (2006, p. 102):

> A categoria "raça", dessa maneira, "abra-se" aos poucos e passa a ser ampliada também a grupos humanos maiores, e não mais exclusivamente à elite politica e religiosa. Raça começa a referir-se a seres humanos que já não reivindicam estar ligados por relações de ordem genealógica. À ampliação e divulgação do conceito, acompanhavam o lento processo de enfraquecimento do poder das casas reais europeias e a simultânea ascensão de uma descendência nobre sobreviveria ainda durante muito tempo.

É na ampliação das relações humanas, do intercâmbio efetivado pelos seres humanos que o conceito extrapola o âmbito familiar, de elite política ou religiosa e adquire

---

Diversidade, 2005; SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo: Educ, 2007.

característica pública, desligando-se da hereditariedade, transitando para uma identificação de laços comunitários. Embora haja, nesse contexto, a segregação e hierarquização dos grupos sociais, porém, de acordo com Hofbauer (2006, p. 35), é apenas

> lentamente, acompanhando reestruturações nos campos social, político e econômico, essa ideia (da cor) passou por um processo de naturalização. Assim, durante muito tempo, a "cor de pele" não foi vista como um dado natural objetivo (ou biológico). "Preto/negro" representava, em primeiro lugar, o mal, o moralmente condenável, o pecado, enquanto o "branco" expressava o divino e a pureza da verdade.

A partir do iluminismo, período em que a filosofia é concebida como ferramenta de enfrentamento dos problemas existentes no século XVIII, os filósofos empreendem estudos visando a descentralizar o conhecimento monopolizado no seio das bibliotecas em poder do segmento clerical e, nesse contexto, as questões relacionadas ao conceito passam a ser objeto de reflexão para os filósofos. Segundo Lipko e Pasquo (2008), em fins da metade do século XVIII, Linneo classifica a espécie humana em seis raças, principalmente por meio da cartografia, com o intuito de dividir os seres humanos e, além de estudos cartográficos, utiliza como critério a cor da pele e os comportamentos no que se refere ao temperamento e à postura. Conclui, em seus estudos, que os povos americanos são "tenazes e pacientes"; os asiáticos "soberbos e mesquinhos"; os europeus "vivos e inventivos"; adjetivou os africanos de "astutos e negligentes".

Embora feitas as classificações dos diversos povos estudados por Linneo, não houve a intenção de hierarquizá-los, porém, serviu para classificações posteriores, por exemplo, de Johann Blumennbach (1752-1840) que altera a proposta de Linneo, classificando as categorias como *variedades*, atribuindo o conceito de caucásio para os europeus; o africano é denominado como etíope; o amarelo como variedade mongólica, considerando os habitantes da Ásia Oriental, incluindo a China e o Japão; entre os americanos, havia os povos de variedade vermelha. Essa nova forma de classificação entre os povos é hierarquizada pelo autor à medida que os caucasóides passam a ser considerados como os mais belos do mundo. Assim, para Dunn e Dobzhansky (1949 [1946]) *apud* LIPKO; PASQUO (2008), é a primeira classificação biológica hierárquica dos grupos que havia nas variadas partes do mundo.

Diferentes pensadores sistematizaram o conhecimento milenar por meio das enciclopédias como, por exemplo, Denis Diderot (1713-1784), que organiza inúmeros conhecimentos, desde o naturalismo, perpassando pela arte, ciência, matemática, anatomia, biologia, filosofia da natureza e política, baseada no experimentalismo herdado de Bacon e Descartes. O ponto de partida dos representantes do período da Ilustração é indagar o que é o homem, o que é a sociedade e, dentre outras questões, encontrar respostas para a sociedade,

que estava às vésperas da revolução burguesa, cuja classe – a burguesa – em ascensão, perspectivava politizar as massas com o intuito de consolidar o poder político e desmontar definitivamente a organização societária baseada no poder feudal.

Almejando sistematizar o conhecimento, para os filósofos das luzes não havia limite nessa empreitada, pois era necessário se apropriar do conhecimento do mundo, principalmente no que se refere ao ser humano. Não somente as elites, mas os filósofos do século XVIII obtinham seus conhecimentos em relação ao mundo a partir das informações de relatores e viajantes, desde o século XVI, momento em que os colonizadores intensificaram suas viagens aos continentes alhures à Europa. Em *A Invenção do Ser Negro: Um Percurso das Ideias que Naturalizaram a Inferioridade dos Negros* (2002), a filósofa Gislene Aparecida dos Santos (2002, p. 32), num estudo exaustivo sobre a produção dos filósofos concatenado com a ideia de raça, afirma que a "África, América, Ásia e a Europa são estudados quer *in loco,* quer através de relatos de viajantes que realizavam constantes expedições pelo interior dos novos continentes[3]".

Além de Diderot, também David Hume (1711-1776), Georges Louis Leclerc, Conde de Buffon (1707-1788), François Marie Arouet, conhecido popularmente como Voltaire (1694-1778), e Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). Em suma, é uma filosofia contraposta ao pensamento teológico, a qual se compromete com a razão, cujo homem é o centro e cuja sistematização do conhecimento, realizada por meio da filosofia, era para encontrar respostas a partir da realidade concreta, no seio do *mundo dos homens* e não por meio da divindade, conforme ocorria na sociedade feudal.

Nesse processo de organização e produção sobre o conhecimento acumulado, havia uma corrente de pensadores comprometida com a filosofia do progresso, isto é, em comparação com a sociedade feudal considerada estagnada, os iluministas centraram a sua produção com escopo de impulsionar a sociedade em busca do desenvolvimento da civilização.

Os estudiosos das *Luzes* quando atinavam para a América, associavam esse continente com a escravidão, cujo trabalho compulsório era realizado pelo negro. Embora a finalidade fosse afirmar a universalização dos homens, os iluministas almejavam identificar quais eram as bases e os fundamentos – político e jurídico – que legitimavam o trabalho escravo.

---

[3] Segundo "Michèle Duchet, as bibliotecas de Voltaire, Holbach, Turgot, De Brosses eram ricas em relatos de viagens sobre a África e as Índias Ocidentais, mapas, compilações e histórias gerais sobre os continentes. Outra fonte de informação para os filósofos eram os administradores das colônias que descreviam a vida nas regiões sob seus cuidados. A partir desses relatos, os filósofos construíram sua antropologia, sua teoria política acerca desses povos" (SANTOS, 2002, p. 32).

Na medida em que os filósofos vão ampliando seus conhecimentos sobre os povos não europeus, se consolida a terminologia a respeito deles, como “negro”, “hotentote”, “chinês”, “América” e tantos outros que dizem respeito às singularidades humanas. Nesse itinerário, Diderot (1778-1779, Tomo 22, p. 835 *apud* SANTOS, 2002, p. 32) descreveu a África da seguinte forma: “Não somente sua cor os distingue, mas eles diferem dos outros homens, pelos traços de seu rosto, narizes largos e chatos, lábios grossos, lã no lugar de cabelos, que parecem constituir uma nova espécie de homem”.

Desta forma, vemos como os iluministas, por meio da descrição, foram construindo o conceito sobre os africanos, tendo como mote a compreensão sobre as diversidades singulares dos vários povos existentes no mundo. Daí o estudo e a sistematização das culturas, das formas de organização das etnias, principalmente em África.

Diderot reconhece a relação estabelecida pelos seres humanos e aceita a existência da miscigenação[4]; parte do reconhecimento de que a humanidade tem elementos tanto da raça do branco, como da raça do negro. Todavia, por estar atrelado ao pensamento fundamentado no progresso, para o autor, o europeu não deveria se restringir apenas à busca da riqueza existente na América, mas a missão dos brancos europeus seria também levar homens e mulheres, jovens vigorosos e “inteligentes” para constituírem família, elemento típico civilizatório burguês, e os nativos do novo continente assimilariam traços da cultura civilizatória dos ocidentais (MUNANGA, 2004).

Embora os filósofos das *Luzes*, de modo geral, acreditassem na universalização do homem, alguns filósofos, como Voltaire, por exemplo, viam a mistura entre os europeus e os povos de outros continentes, em específico os africanos, como prática inaceitável e inconcebível, pois não era normal o estabelecimento de relações entre povos *diferentes*. Esse filósofo acreditava que a miscigenação seria uma anomalia para a sociedade ocidental e repudiava qualquer mistura entre os homens de outras localidades que pudesse gerar outras “raças”. David Hume (*apud* COMAS, 1960, p. 15), dialogando com Voltaire, afirma: “Estou propenso a crer que os negros são naturalmente inferiores aos brancos”. Recusando a ideia de

[4] Aqui nos cabe introduzir uma passagem relacionada ao assunto em tela: a América analisada por Diderot já é caldeamento das três culturas, e ali a mestiçagem conservou o melhor de cada raça: adaptação ao clima e ao meio ambiente dos autóctones; a força e os dons artísticos dos negros e as luzes dos europeus. Na América do Norte, uma nova Atenas vai tomar o lugar da Europa fatigada. A regra geral está colocada desde 1770: no Rio de la Plata, os espanhóis eram sitiados pelos “selvagens”. O casamento realizado com as índias parece apropriado para diminuir a extrema aversão pelos “selvagens”. Da união dos dois povos tão estranhos um ao outro nasce a raça dos mestiços, que, com o tempo, torna-se comum em toda a América Meridional. Assim, o destino dos espanhóis de todos os países do mundo é ter um sangue misturado. O dos mouros corre ainda em suas veias na Europa; o dos “selvagens”, num outro hemisfério (MUNANGA, 2004, p. 26).

igualdade entre os homens, Renan (1823-1892) e Taine (1828-1893) (*apud* COMAS, 1960, p. 15), defendem que os "gregos, bárbaros, hindus, o homem da Renascença e o homem do século XVIII foram todos forjados no mesmo molde".

Ao contrário de Voltaire, Buffon acredita que a miscigenação é valiosa para as relações entre os homens, como categoria intermediária entre os homens e que, por meio da mescla entre os povos, a humanidade estaria progredindo. Nesse caminho, partindo da perspectiva naturalista, Diderot e Buffon são os únicos que concebem a miscigenação positivamente; por meio da mistura entre os povos, os seres humanos tomariam proporção universal.

Emanuel Kant (1724-1804) não acreditava na concepção de Buffon. Para ele, a mestiçagem parece destinada a estragar o homem: "os produtos bastardos" – escreve Kant, num texto inédito de 1790 – "degradam a boa raça sem melhorar proporcionalmente a raça ruim" (MUNANGA, 2004, p. 28-29). Em seu livro *Observações Sobre os Sentimentos de Beleza e de Sublime* afirma:

> Os negros da África não têm por natureza nenhum sentimento superior à frivolidade. O Sr. Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo de um negro que tenha mostrado talentos, e assegura que entre as centenas de milhares de negros que foram transportados de algum lugar de seus países, embora muitos tenham sido colocados em liberdade, ainda assim nenhum foi jamais encontrado que apresentasse qualquer coisa de grande matéria de arte e ciência ou qualquer outra qualidade elogiável, embora entre os brancos alguns continuamente ascendam das mais baixas ralés, e por meio de talentos superiores ganham respeito do mundo. A diferença entre estas duas raças de homem é tão fundamental, e parece ser tão grande com relação às capacidades mentais quanto na cor. (KANT apud AZEVEDO, 2004, p. 121-122).

Os iluministas, calcados na ideia de progresso, consolidam uma visão fragmentada e hierarquizada entre os homens. Na tentativa de compreender a universalidade humana, embora presos à concepção de progresso, a naturalização entre os povos é assimilada pela filosofia do Iluminismo, pela qual homens brancos passariam a ocupar a ponta da sociedade – o topo do mundo – e, os negros, a base. Os brancos europeus são os mais desenvolvidos, livres; em contrapartida, os demais povos são guiados pelas necessidades naturais e não conhecem a liberdade; os povos estudados pelos filósofos das luzes se encontravam estagnados, não se desenvolveram, não viviam em sociedade, logo, eram inferiores. Em outras palavras, classificaram e hierarquizaram os povos colocando-os entre "desenvolvidos" e "subdesenvolvidos"; "civilizados" e "selvagens"; povos que detêm cultura "superior" e "inferior".

O pensamento iluminista, ao hierarquizar os povos, constroi um tipo de pensamento sobre os povos não europeus que, de modo geral, têm culturas exóticas, histórias

diferenciadas e expressões culturais singulares. Ou seja, são concepções que contribuem para consolidar uma representação de outros povos, a partir da perspectiva da realidade dos europeus. Com o pensamento voltado para a Europa, os filósofos solidificam uma concepção específica de povo pela qual todos os homens estariam referenciados pelos brancos europeus.

Para a burguesia, tais ideias serviram de ferramentas para legitimar o controle político e o econômico sobre os povos "estranhos" e contribuíram para efetivar seu projeto para o resto do mundo. Portanto, o pensamento iluminista, dentro das suas especificidades, oferece elementos para a hierarquização entre os povos que mais tarde culmina em mais uma justificativa de domínio sobre os povos não brancos. É nesse quadro que o racismo, no século XVIII, ganha outra roupagem.

A burguesia que estava nascendo, alçando maior voo, cavando espaço no seio do Estado para impor suas demandas, prestes a estabelecer o poder político que só se consolida em 1789, elabora os lemas de Liberdade, Igualdade e Fraternidade, com o objetivo de difundi-los em toda a Europa e demais países. Assim se consolida a ideia de universalização do modelo do homem europeu para ser difundido entre outras sociedades. Contudo, as produções dos filósofos do Iluminismo têm suas limitações; os escritos dos filósofos da modernidade evidenciam que, para pensar um *tipo* de homem era necessário interligar com a raciologia e a consequência é a construção, mistificação e mitificação dos povos externos à Europa e a ampliação do "conceito de raça"[5].

A raça sob o manto da ciência[6]

Na passagem do século XVIII para o XIX, uma das questões que pairava nos círculos dos cientistas e intelectuais era a controvérsia a respeito do "processo civilizador" e quem poderia ser concebido como "civilizado". O primeiro a responder tal indagação foi o Dr. Robert Knox (1791-1862), um dos ideólogos do conservadorismo inglês. Knox estudava crânios e cadáveres, além de exercer o trabalho de cirurgião em Edimburgo. Em seu ensaio publicado em 1850, *Raças Humanas*, afirma que os negros não poderiam tornar-se

[5] Embora o principal expoente do movimento eugenista seja tema do capítulo II desta pesquisa, o conceito de raça utilizado por Renato Kehl não é o apresentado até o presente momento. Isto é, Renato Kehl não concebia raça na perspectiva da antiguidade e tampouco dos iluministas, embora verificassem que as primeiras catalogações dos homens no âmbito racial deram-se no século das luzes, o objetivo dos filósofos foi identificar a universalidade dos seres humanos, perspectiva esta que Renato Kehl não compartilhava. Tais apontamentos ficarão mais evidentes quanto adentrarmos propriamente na produção de Kehl.

[6] As bases da consolidação do conceito de raça, para os protagonistas do movimento eugênico, são nutridos a partir do século XIX, período denominado como o Século da Ciência. A denominada "inferioridade" dos povos não europeus e o racismo tinham de ser comprovados a partir da "ciência", pois os autores apresentados nesse contexto foram fundamentais para balizar o pensamento eugênico, inclusive de Renato Kehl, principal expoente do movimento eugenista no Brasil.

civilizados. As raças superiores deveriam dominar as inferiores porque era natural; a raça superior teria de extinguir as mais fracas. O norte-americano Samuel George Morton (1799-1851), outro estudioso e comerciante de crânios, compartilhava das ideias defendidas por Knox e, ao realizar seus estudos, conclui que havia diferentes espécies no planeta, concebendo os tasmanianos, africanos, indígenas, como inferiores e desprovidos de qualidades humanas.

Ainda nessa perspectiva, destaca-se o britânico Thomas Carlyle (1795-1881), renomado historiador e ensaísta, que dedicado aos estudos de literatura alemã, traduz autores de expressão, como Goethe, Hoffman e Schiller, e publica, em 1850, o ensaio *Discurso Ocasional Sobre a Questão Negra*. Além de ser lido pelo círculo vitoriano, seu trabalho objetiva fazer apologia ao retorno da escravidão nas colônias britânicas, provocando discussões em diversas revistas publicadas na época em que raça era motivo de polêmica.

O texto de Thomas Carlyle – uma das súmulas do pensamento conservador europeu – aclamado pelos intelectuais contemporâneos, defende a tese da desigualdade como única forma de manter a permanência da sociedade, cabendo, aos que detinham conhecimento, mandar nos ignorantes; aos homens, dominar as mulheres; aos brancos, subordinar os negros; e, por fim, aos letrados, controlar as massas.

O resultado dessa propositura é constatado em 1865, quando a população de Morant Bay, leste da Jamaica, é reprimida pelo governo como resposta ao questionamento do fórum existente no interior daquela região[7]. O governador Edward Eyre promulga lei para restabelecer a ordem por meio da força, e dá o aval aos soldados para matar todos os manifestantes, num total de 500 mortos, 600 pessoas açoitadas e mil casas incendiadas.

A ação repercute na Europa, em particular na Inglaterra, onde chega a ir para o tribunal inglês. Os que foram contrários à ofensiva, acusam o governador de genocídio, que é absolvido, com o argumento de que só a violência controlaria os negros, já que é uma

[7] Essa repressão ocorre no período de convulsão social na Jamaica, tendo em vista que os grandes proprietários de terra (brancos) não aceitavam que os ex-escravos tivessem quaisquer direitos e cobravam taxas abusivas e promoviam julgamentos ao povo. Nesse ambiente, surgem rumores de que os latifundiários queriam voltar a escravidão e, além disso, após os massacres dos europeus, durante a Rebelião Indiana de 1857, a população britânica na Jamaica, como em muitas outras colônias britânicas, estava com receio de uma sublevação negra. Nesse contexto, há a tentativa de uma marcha, encabeçada por Bogle (considerado um herói nacional da Jamaica devido à Revolta de Morant Bay) direcionada à sede do governo clamando por justiça racial. Em 1865, ocorre o julgamento de dois negros que residiam na mesma localidade de Bogle. Ele e alguns homens vão até Morant Bay para dar apoio aos acusados, até porque havia mandado de prisão expedido para o próprio Bogle. Um homem seria preso injustamente, e Bogle intercede e evita que a polícia o prenda. Em seguida, volta para sua cidade, Stony Gut, e a polícia passa a persegui-lo. Nessa ocasião, toda a população negra oprimida dà suporte a Bogle. Assim, marcham em protesto para a sede do governo novamente e são recebidas a tiros; cerca de 20 pessoas do grupo de Bogle são mortas. O grupo volta para Stony Gut, perseguido pelas tropas do governo inglês de John Eyre, e assim se constitui a chamada Revolta de Morant Bay, que ocorre no dia 11 de outubro de 1865.

linguagem que entendem. A absolvição do governador Eyre é arquitetada por Carlyle, com anuência de outras personalidades proeminentes daquele período, como John Ruskin, crítico de arte; William Makepeace; Thackeray, autor de *A Feira de Vaidades*; Charles Kingsley, autor de *Os Meninos Aquáticos*; e Charles Dickens. Todos apoiam o massacre dos jamaicanos.

Segundo Skidmore (1989), a burguesia europeia, ao tornar-se potência de classe, tanto econômico quanto politicamente, consolidando os continentes não europeus à sua subordinação imperialista, permite que parcela expressiva de pensadores inicie empreitada com a finalidade de explicar o sucesso da classe à qual estavam a serviço. Os ideólogos tinham de justificar o objetivo da burguesia do velho mundo, mas sob o manto da "ciência", cujo foco era vangloriar o êxito da burguesia europeia. O racismo não poderia ser justificado somente por meio da filosofia, visto que o século XIX é o período em que se consolidam outras "ciências"; por essa razão, os intelectuais orgânicos da burguesia lançam mão de novos ramos da ciência: a Antropologia e a Etnografia. Tais ciências buscam compreender as "diferenças" entre os vários grupos humanos e os *tipos* de sociedades que, aos olhos dos europeus, eram estranhos a eles. De fato, na Antropologia Física, já estava contido o conceito de "raça"[8], pois as diferenças entre os povos, como os africanos, europeus, mongóis, caucasianos, já eram identificadas (HOBSBAWM, 2001).

No âmbito da Antropologia Física, uma discussão precisa ser explicitada e se refere à oposição entre monogenistas e poligenistas, fixistas e transformistas. Os partidários da monogenia defendem a tese de que todos os seres humanos têm origem única, ao passo que os adeptos do poligenismo afirmam que a origem dos seres humanos está nas diferenças e origens raciais; o segundo grupo divergente, no seio da Antropologia Física, é o dos fixistas, cuja crença era que as espécies não se transformavam por ação do tempo ou do meio ambiente; e, por fim, os transformistas, que acreditavam na mudança das espécies ao longo do tempo e subordinada às condições ambientais (LEMOS, 2000).

Valendo-se das "teorias das invasões", os partidários da burguesia europeia passam a justificar o motor da história não a partir das contradições de classes, mas por meio da luta de raças[9] e, nessa esteira, consolida-se a Antropologia como a ciência que tem como sustentação

[8] "Com efeito, o termo *raça* é introduzido na literatura mais especializada em inícios do século XIX, por Georges Cuvier, inaugurando a ideia da existência de heranças físicas permanentes entre os vários grupos humanos [STOCKING, 1968: 29]. Esboçava-se um projeto marcado pela diferença de atitude entre o cronista do século XVI e o naturalista do século XIX, 'a quem não cabia apenas narrar, como classificar, ordenar organizar tudo o que se encontra pelo caminho'" [Sussekind, 1990:45]" (SCHWARCZ, 2007, p. 47).

[9] De acordo com Lemos (2000, p. 101), um dos pioneiros a conceber essas argumentações foi Thierry e Guizot, ao desenvolverem uma série de trabalhos, ao longo da segunda metade do século XIX. Segundo essa autora, o

os conceitos elaborados nas ciências da natureza. Conforme acentua Maria Alzira Lemos (2000, p. 100):

> Buffon, na *História Natural do Homem* (1749), aportou as bases deste campo conceitual. Ele teria sido o pioneiro em considerar o ser humano desde o ponto de vista naturalista, ou seja, de uma História Natural geral e particular. A concepção de Buffon funda um saber sobre o homem, presumidamente baseado na observação, constituindo, portanto, uma ciência positiva, "avaliada" como verdade a qual culminaria na Antropologia Física. Na mesma obra, aparece o conceito de degeneração, que passaria, no século XIX, do âmbito da História Natural ao da análise das civilizações.

A Antropologia, como nova disciplina, passa a ser utilizada como instrumento de estudo entre o "eu" e o "outro"; na comparação entre os povos sobre suas culturas, religião, formas de organização política, produção econômica; em suma, nada, aos olhos dos antropólogos, deve ser poupado, pois é necessário estudar tudo sobre o outro.

A extensão da Antropologia Física envolve a Organologia, que passa a ser conhecida popularmente como Frenologia[10], e tem como precursor Franz Joseph Gall[11] (1758-1828). Após consolidada, essa ciência passa a ter receptividade em toda a Europa, em destaque na Escócia, e é introduzida nos Estados Unidos da América, por Johan Caspar Spurzheim (1776-1832), discípulo de Gall.

A tese dos partidários da Frenologia[12] era comprovar a "inferioridade" dos povos não brancos; nesse caso, os negros, indígenas, asiáticos e até mesmo europeus da região sul.

---

termo Antropologia aparece em 1751 na *Enciclopedia*, a partir da Fisiologia e, particularmente, a partir de Blumembach (1752-1840) e Camper (1722-1789), "o termo e a noção de Antropologia passam a ser amplamente empregados na via positiva de uma História Natural do ser humano, no sentido que adquiria na segunda metade do século XIX como os trabalhos de Jean-Jaques Chenu e Paul Topinard (1830-1911)".

[10]Disciplina base para o pensamento eugênico e da qual Renato Kehl se vale a fim de afirmar o caráter do "homem criminoso".

[11] De origem austríaca e de família de comerciantes, Franz Joseph Gall faz seus estudos de medicina em Estrasburgo, antes de ser recebido como doutor em medicina, em Viena, em 1785 (DARMON, 1991). Anatomista, é o primeiro a realizar o "desdobramento" das circunvoluções encefálicas, a fim de comprovar que o cérebro não é um órgão simples. Segundo Darmon (1991), Gall, quase meio século antes de Broca, fala de localizações cerebrais e demonstra sua existência, quando afirma: "Um esforço mental contínuo não cansa igualmente todas as faculdades intelectuais: o cansaço principal é apenas parcial, de sorte que podemos descansar ainda que continuemos nos ocupando, desde que troquemos de objeto; o que seria impossível se, num esforço mental qualquer, o cérebro inteiro estivesse igualmente ativo" (GALL apud DARMON, 1991, p. 23). Gall defende a tese de que a morfologia craniana é modelada pela forma do cérebro em função da personalidade do indivíduo. Em 1796, para pulverizar seus estudos, promove um curso em Viena, mas as autoridades imperiais o acusam de materialista e é impedido de lecionar sua doutrina. Para Darmon (1991, p. 25), a originalidade de Gall está em seu pensamento criminológico, pois "repousa sobre a singular novidade de suas ideias em matéria de sanção penal. Em sua opinião, a pena deveria ser estabelecida não em função do delito, mas do criminoso. 'Os graus de culpabilidade e de expiação', ele escreve, 'diferem segundo a condição do indivíduo' (o futuro 'criminoso nato' de Lombroso), ou por um indivíduo vítima das circunstâncias (o futuro 'criminoso ocasional' de Lombroso). As prisões deveriam, portanto, ser concebidas como casas de educação para todos aqueles que são educáveis, e como locais de internação para os criminosos destinados ao crime em razão de sua organização fisiológica viciosa".

[12] Para uma leitura ampla sobre o tema, ver especialmente o livro do Historiador da Medicina, Pierre Darmon – *Médicos e Assassinos na "Belle Époque* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991). Seus estudos abrangem a formação

Seguindo o lastro de Comas (2000), essa ciência é híbrida, pois contém elementos da Psicologia Primitiva, Neurociência e Filosofia da Prática que, em pouco tempo, se introduz nas ciências e humanidades do século XIX. Por isso, Comte[13] a classifica, em função de seus elementos, como ciência positiva.

Outra característica da Frenologia, que tem íntima ligação com a produção de Renato Kehl, é repudiar a unidade entre os homens e, ao afirmar cientificamente que a espécie humana não é homogênea, estabelece padrões e diferenças entre os seres humanos. Ao estudar as partes do corpo do ser humano, Gall afirma que o cérebro é o órgão do espírito que comanda os outros órgãos do corpo. Desta forma, conclui que os atributos morais e intelectuais são inatos aos seres humanos. A preocupação em estudar a anatomia do cérebro tem como centro afirmar que neste estão contidas muitas partes especializadas em termos de funções. A tese de Gall foi assimilada como ferramenta para "justificar as diferenças entre os seres humanos como para inspirar uma maneira de ver a anatomia do cérebro que perdura até nossos dias". (LEMOS, 2000, p. 103).

A escola escocesa concebe a Frenologia como instrumento educativo e ideológico, cuja finalidade é melhorar o acesso dos trabalhadores e da classe média. Introduzido por George Combe (1788-1858), adeptos das ideias liberais, que depositava a crença de que na Frenologia havia o caminho para a melhoria dos indivíduos e para a construção de uma sociedade justa (se o Estado não adotasse a política da Frenologia como instrumento educativo, a consequência seriam trabalhadores com qualidades inferiores[14]).

Em meados do século XIX, essa ciência ganha mais fôlego com a Craniometria Técnica, cujo principal representante é Andrés Retzius, e que possibilitou o desenvolvimento dos estudos quantitativos relacionados às "diferenças" do cérebro humano.

Um dos entusiastas pela Frenologia é Georges Vacher de Lapouge (1854-1936), influenciado pela teoria da seleção social. Logo, a escola darwinista-social – abordada a

---

dessas disciplinas ancorada na corrente positivista, além de abordar os fundamentos da Antropologia Criminal e a Medicina Legal.

[13] Augusto Comte (apud LEMOS, 2000, p. 85-86), em seu *Curso de Filosofia Positiva*, também concorda com a superioridade do europeu: "Sem dúvida, se adverte, no primeiro aspecto e na organização característica da raça branca, e sobretudo com respeito ao aparato cerebral, aspectos químicos e biológicos alguns gérmens positivos de sua superioridade real; de todos os modos, os naturalistas modernos estão muitos longe de coincidir razoavelmente neste aspecto. Além disso, desde o segundo ponto de vista, podemos entrever, de modo um pouco mais satisfatório, diversas condições químicas e ainda biológica, que seguramente influíram, em certo grau, sobre a propriedade eminente dos países europeus de ser até aqui o cenário essencial desta evolução preponderante da humanidade".

[14] "Até o momento presente, a massa popular, desfavoravelmente situada para o desenvolvimento de sua natureza racional, tem permanecido essencialmente ignorante e susceptível de se converter em instrumentos de interesses de seus dirigentes ou em vítimas de seus próprios impulsos cegos." (COMBE, 1848 apud LEMOS, 2000, p. 103).

seguir – com profundos estudos de Zoologia e Antropologia, fundou a escola de Antropossociologia e colecionou cerca de vinte mil crânios com o objetivo de estudá-los para comprovar a inferioridade dos povos não brancos.

Defendia a tese de que as "raças" são espécies distintas e que o destino dos arianos estava em comandar o mundo e, aos demais, cabia obedecer. Concebia a escravidão como fator natural, inclusive biológico, pois a associava aos animais; para ele, escravizar o outro era semelhante à domesticação do cavalo ou boi. Ao judeu, atribuía inúmeros defeitos. Suas ideias perduraram até a Segunda Guerra Mundial e influenciaram a extrema direita intelectual, inclusive os adeptos do fascismo. Conforme aponta Sacarrão (1989), Lapouge oferece arcabouço teórico aos propagadores do nazismo e é seu precursor imediato.

Cabe ainda ressaltar que, em primeira instância na Europa, conforme já abordado, a Frenologia possibilita a criação de importante especialidade no âmbito da Antropologia, qual seja, a Antropologia Criminal, cujo principal representante é o italiano Cesare Lombroso (1836-1909). Nascido em Verona, caçula de cinco irmãos e irmãs e membro de família israelita, entre os anos de 1859 e 1863 atua como médico do exército e, em 1864, promove o curso de Psiquiatria, na Universidade de Pavia, e também dirige o asilo de "alienados", na mesma cidade. Em 1876, obtém, por meio de concurso, a cátedra de Medicina Legal na Faculdade de Turim.

Conforme demonstra Pierre Darmon (1991), Lombroso[15] já havia publicado "várias obras sobre a temperatura externa e interna dos cadáveres, sobre os ferimentos causados por armas de fogo e, principalmente, sua obra mestra 'O homem criminoso', que foi publicada em 1876 e teve sucesso imediato na Itália e no mundo inteiro." (DARMON, 1991, p. 36). No ano de 1880, funda seu primeiro jornal *L'Archivio di Psichiatria, Scienze Penali ed Atropologia Criminale*, e publica uma coleção de livros, cujo fito é propagar suas ideias (DARMON, 1991).

Além de escrever artigos, lecionar, obteve posição de destaque no ano de 1885 como presidente do Primeiro Congresso Internacional de Antropologia Criminal, sediado em Roma.

[15] É no Sexto Congresso de Antropologia Criminal, realizado em Turim, em 1906, que Lombroso relata a origem e a descoberta que vai inflamar a criminologia: "Em 1870, eu prosseguia há vários meses, nas prisões e nos hospícios de Pavia, em cadáveres e em vivos, pesquisas que visavam fixar as diferenças substanciais entre os loucos criminosos, sem chegar a um resultado: de repente, numa triste manhã de dezembro, encontro no crânio de um malfeitor toda uma longa série de anomalias atávicas, sobretudo uma enorme fosseta occipital média [abertura situada no nível da parte inferior da caixa craniana que dá passagem ao eixo cérebro-espinal] e uma hipertrofia da fosseta vermiana [região mediana do cérebro] análogas às encontradas nos vertebrados inferiores. À vista dessas estranhas anomalias, como se tivesse surgido uma grande planície sob um horizonte em chamas, o problema da natureza e da origem do criminoso pareceu-me resolvido: os caracteres dos homens primitivos e dos animais inferiores deviam reproduzir-se em nosso tempo". (LOBROSO apud DARMON, 1991, p. 35).

Segundo Darmon (1991, p. 37), nesse congresso, Lombroso "impõe suas concepções como se fossem dogmas e afirma sem rodeios que sua teoria do criminoso nato predisposto ao crime por sua constituição física não é passível de discussão por ser resultado da observação positiva dos fatos".

Cesare Lombroso interpretava os atos criminosos como atributos físico e hereditário; dedicou-se a pesquisar a doença mental e foi a partir dessa "ciência" – a Antropologia Criminal – que se intensificaram os estudos sobre a loucura. Assim, a atitude tomada como loucura passou a ser classificada por meio de um atributo moral, logo, concluía-se que relacionava-se com a degeneração de cunho racional[16] (SCHWARCZ, 2007).

Em seus empreendimentos, Lombroso acreditava fielmente na viabilidade da sua teoria, porém,

> pouco a pouco, e como inconscientemente, deixa-se invadir pela teorias sociológicas, de sorte que no seu último livro, *O crime, causas e remédios* [grifo do autor], sem que eu tenha renunciado ao criminoso nato, acaba rendendo uma homenagem às teorias de Lacassagne[17]./.../. Por natureza, Lombroso era, dizia-se, de uma imensa bondade. Praticava a caridade, não fazia mistério de suas ideias socialistas e inflamava-se como um jovem por todas as grandes causas. Conta-se que na noite de 18 de outubro de 1909 ele foi tomado por um mal-estar cardíaco quando soube da execução do anarquista Ferrer. Morreu algumas horas depois de uma crise aguda de assistolia. Seu corpo foi transportado de seu domicílio de Turim, via Legnano, para o Laboratório de Medicina Legal, para, de acordo com suas ultimas vontades, ser autopsiado por seu genro e aluno preferido, o Prof. Carrara. Mas, na última hora, este não conseguiu decidir-se a realizar a tarefa, que foi confiada ao Prof. Tovo. Seu cérebro, com o peso bastante medíocre de 1.308 gramas, foi confiado ao Prof. Boero e conservado nas coleções do Instituto de Anatomia Normal, segundo seu desejo. (DARMON, 1991, p. 39).

No interior do continente europeu, temos registrado na história a consolidação da Sociedade Antropológica de Paris, cujo principal expoente é Paul Broca (1824-1880) que, além dos estudos sobre anatomia, se dedicou a investigar o homem por meio da Frenologia. Nos Estados Unidos, a Frenologia encontra receptividade por meio de Samuel George Morton.

O século XIX é palco da reconfiguração do capital, da solidificação das novas ciências e, nesse contexto, ocorreram acirrados debates acerca da abolição da escravatura, dos Estados Unidos da América até o Atlântico Sul. Paradoxalmente, nesse mesmo período, a burguesia financia a sistematização das teorias racistas, a fim de reforçar as diferenças entre os diversos

[16] "A Frenologia alcança tal visibilidade que acaba sendo amplamente utilizada. Inventam-se jogos, proliferam cursos, criam-se museus, assim como tomam forças novos modelos artísticos como a caricatura, que encontra na Frenologia vasto material de inspiração." (SCHWARCZ, 2007, p. 49).

[17] Alexandre Lacassagne (1843-1924) é um médico francês e criminologista, e fundador da Escola Lacassagne da Criminologia, com sede em Lyon, e um dos principais opositores da escola de Lombroso. Ao contrário do autor de *O Homem Criminoso*, Lacassagne acreditava que a raiz da criminalidade não estava na hereditariedade, ao contrário, advertia ser resultado das causas sociais.

povos. A forma de conceber os estudos sobre o cérebro tinha como fito "captar" e demonstrar comportamentos, diferenças entre os homens, cujo *telos* pretendeu legitimar o controle de uma burguesia vitoriosa.

Difusão das ideologias racistas e suas escolas

Ao elaborar as ideias acerca dos povos não brancos, os ideólogos do racismo vão ramificar escolas, de forma a justificar a "inferioridade" inata de outros povos, ancorados na "ciência". São escolas como a étnico-biológica, a escola histórica e a denominada darwinismo-social.

A primeira (escola étnico-biológica), organiza-se nos Estados Unidos nas décadas de 1840 e 1850. Seus adeptos defendem a tese de que as raças humanas são criadas a partir de transformações diferentes das espécies. Seus expoentes foram Samuel Morton, Josiah Nott e George Gliddon, que publicaram vários estudos para "provar" que havia, nas raças humanas, diferenças fisiológicas. Outro argumento defendido era a diferença entre os brancos, em relação aos negros e índios. Para eles, as diferenças podiam ser constatadas fisicamente e explicariam a criação entre diferentes espécies humana. "Nisso, a teoria ganhou importante apoio por parte de Louis Agassiz (1807-1873), o eminente zoólogo suíço, de Harvard, que se tornou o mais famoso propagandista científico da poligenia na América". (SKIDMORE, 1989, p. 66).

Louis Agassiz (1807-1873) defende a ideia de que as diferenças entre os animais resultam das especificidades existentes nas "províncias zoológicas" da terra, assim, acreditava que as diferenças entre as espécies do gênero humano estariam nas discrepâncias entre o clima das regiões que os homens habitavam. Dessa forma, a "superioridade", as qualidades mentais e sociais do branco poderia ser explicada pela condição em que se encontrava; as "diferenças" físicas entre os povos poderiam ser explicadas por meio dos traços culturais, daí os argumentos em relação aos povos não brancos, os quais afirmavam que os negros eram inferiores no plano moral e no cultural.

Tais referenciais seriam úteis para oferecer uma pretensa racionalização com o objetivo de subjugar os povos não brancos. Embora a escola étnico-biológica tenha seu berço nos Estados Unidos, sua propositura influenciou o continente europeu, em particular a Inglaterra, e, no Brasil, após Agassiz manter contato com antropólogos brasileiros, ministrou cursos no final do século XIX para as elites, cujos temas versavam sobre as "diferenças raciais" inatas até a "degenerescência", devida à mistura étnica.

A escola histórica, segunda do pensamento racista, consolidada nos Estados Unidos da América e na Europa, teve como principal representante o conde de Gobineau[18]. Para essa escola, as raças humanas são diferentes umas das outras, isto é, acreditavam na diversidade entre os seres humanos, todavia, defendiam a tese da superioridade do branco sobre os demais povos, embasando seus argumentos a partir dos estudos etnográficos e anatomistas. Os expoentes dessa escola explicavam o desenvolvimento da sociedade como sucessões de vitórias obtidas pelas raças criadoras e, nesse caso, elegeram os saxônicos como os vencedores; pulverizaram o ideário de que a raça era determinante na história humana e esse argumento é compartilhado por Gobineau e por aqueles influenciados por seu pensamento: os ingleses Thomas Arnold, Robert Knox e Thomas Carlyle.

A abordagem histórica do racismo amplifica o culto ao arianismo e, com Houston Stewart Chamberlain (1885-1927), o mais famoso secretário de Gobineau, membro da Sociedade Gobineau, cujos trabalhos ganham popularidade entre a classe dominante da Alemanha, além de ter sido intitulado como o antropólogo do Kaiser (KLINEBERG, 1966), cujo arianismo[19] é assimilado como um dogma na Alemanha após a guerra franco-prussiana – 1870-71.

Skidmore (1989, p. 67-68) afirma que:

> A impossibilidade da sua real verificação conferiu ao mito uma flexibilidade ideológica que tornou aplicável até mesmo na Inglaterra, onde a crença na

[18] Em relação à produção teórica de Gobineau, ver o item 1.2 do Capítulo 1 desta pesquisa.

[19] Sobre a discussão acerca do termo ariano, Juan Comas (1960, p. 38-39) assim trata a temática em seu texto:"As semelhanças fisiológicas entre o sânscrito, o grego, o latim, o alemão e o céltico observadas por W. Jones (1788) levaram Thomas Young (1813) a adotar o termo 'indo-europeu' para designar a raiz comum destas e de outras línguas. E logo se desenvolveu uma corrente que admitia a existência de um povo indo-europeu e J. G. Rhode (1820) o localizou na Ásia Central. Mais tarde J. Von Kalproth sugeriu que o termo 'indo-europeu' fosse substituído por "indo-germânico" que se generalizou nas obras de Prichard (1831) e F. Bopp (1833). Em 1840, F.A. Pott sugeriu os vales do Oxo e Iaxarte e as encostas do Hindu-Cuxe como local onde vivera o primitivo povo ariano; embora sem qualquer base sólida, essa hipótese foi aceita até o fim do século XIX. Com Max Müller (1861) difundiu-se a crença na origem asiática dos arianos; Müller repetidamente frisou sua opinião de substituir os termos 'indo-germânico' e 'indo-europeu' por 'ariano', baseado no fato dos povos que invadiram a Índia e cuja língua era o sânscrito se chamarem 'árias'. Segundo Müller, a primitiva língua implicava a existência de uma raça, "raça ariana", ancestral comum dos hindus, persas, gregos, romanos, eslavos, celtas e germânicos. Mais tarde, entretanto, reagiu contra a noção do 'arianismo racial' e, como veremos adiante, voltou ao ponto de vista de que este era um termo puramente linguístico. J. J. d´Omalius d´Halloy (1848-1864), R. T. Latham (1862), Bulwer Lytton (1842), Adolphe Pictet (1859 – 1864) e outros negaram a propalada origem asiática dos indo-europeus. Benfey (1868) sustentava que os arianos vieram das praias ao norte do Mar Negro entre o Danúbio e o Cáspio. Louis Leiger (1870) os localizou nas praias ao sul do Báltico e J. G. Cunok (1871) na área entre o Mar Norte e os Urais. D. G. Brinton (1890) acreditava que a pátria original dos arianos fora a África Ocidental, enquanto K. F. Johanson (por volta de 1900) admitia o ponto de vista de que as ondas de emigração ariana se originaram do Báltico. Peter Giles (1922) supunha que tivessem vindo das planícies da Hungria. V. Gordon Childe (1992) argumentava como sendo o sul da Rússia o seu local de origem, enquanto G. Kossina (1921) acreditava que procedessem do norte da Europa. Ao mesmo tempo havia outros, como R. Hartmann (1876), G. de Mortillet (1866) e Houzé (1906), que mantinham serem os arianos uma invenção da imaginação de certos escritores. ./.../. Isso nos deve levar à convicção de que a existência do chamado "povo ariano" ou "raça ariana" é um simples mito, uma vez que encontramos critérios puramente subjetivos utilizados na tentativa de determinar sua pátria, sem o menor fundamento cientifico ou baseado em fatos".

> superioridade da raça anglo-saxônica tornou-se complementar ao arianismo, em si mesmo. A teoria de que o ariano (ou anglo-saxão) tinha atingido o mais alto grau de civilização e estava, em consequência, destinado, deterministicamente, pela natureza e pela história, a ganhar o crescente controle do mundo – era sustentada por bem elaboradas monografias históricas. As visíveis exceções à tese de que não arianos jamais tinham produzido cultura digna desse nome, levavam a intricadas explicações de uma provável e indireta participação ariana, no jogo da história.

Apesar de Chamberlain, genro de Richard Wagner (1813-1883), ser um inglês, defende a superioridade germânica e é defensor da teoria racista do "nórdico loiro dolicocéfalo"; propaga a utilização de termos como "raça teotônica" e "sangue teutônico". Ao "loiro germânico" cabia colocar a missão divina que tinha a desempenhar e os "teutões" reputava como representantes da aristocracia da humanidade; os latinos não passavam de um grupo degenerado da população. Conclui com suas argumentações que a civilização é produto da "raça teutônica"[20], "onde não penetra o elemento germânico não há civilização no sentido em que consideramos". (COMAS, 1960, p. 41).

A darwinista social[21], terceira escola, tem como crença a evolução dos "supostos superiores", baseada na "sobrevivência dos mais aptos" e na competição entre as diversas espécies – nesse caso, entre os homens. Nessa concepção, admitem que há discrepâncias entre as raças humanas, todavia, umas evoluíram e outras permaneceram estagnadas, condenadas à degeneração e resultando no seu desaparecimento.

O negro é classificado, pelos darwinistas sociais, como espécie rudimentar, daí a utilização dos estudos de anatomia comparada, Frenologia e Etnografia. Na realidade, do ponto vista cientificista e da burguesia que financiava as escolas racistas, o darwinismo social sofisticou os argumentos que buscavam comprovar a superioridade dos europeus. Por esse fator, a escola darwinista ganha notoriedade no continente europeu e restante do mundo. Nesse sentido, o darwinismo social afia ainda mais a ferramenta do projeto da burguesia monopolista que, insistimos, estava se preparando para a partilha da África e a invasão na Ásia. Essa escola aprimora os argumentos para a agressão nazista, culminando nas Primeira e

[20] Comas (1960, p. 41) dá um panorama de como o autor em tela concebia as construções do povo elencado: os "gregos arianos" foram bem-sucedidos nas artes, mas não possuíam o espírito de organização política como resultado da miscigenação entre sua raça e a semítica, contendo essa proporção de sangue negro. Pelo mesmo processo dessa imaginação louca, Júlio Cesar, Alexandre Magno, Leonardo da Vinci, Galileu, Voltaire, Marco Polo, Roger Bacon, Giotto, Galvani, Lavosier, Watt, Kant, Goethe, e muitos outros, são todos considerados "teutões" e Napoleão é considerado provavelmente como descendente dos Vândalos.

[21] De acordo com Patrick Tort (2000, p.1120), o termo, impropriamente, denominado "darwinismo social" foi cunhado pelo engenheiro, jornalista, fundador da sociologia política, Herbert Spencer. Contribuiu para a fundamentação das "sociobiologias" ulteriores da história. Para além de ser fielmente recepcionado pelos ultraliberais, sua vertente sociológica representa as aspirações da burguesia industrial inglesa. Para Spencer, a sociedade é um organismo e evolui como tal; a adaptação é a regra da sobrevivência no interior de uma sociedade concorrencial entre os indivíduos, em que os menos adaptáveis são eliminados. Spencer estava tão convicto de seu pensamento que condenava aqueles que queriam ajudar os "menos favorecidos". Assimilou de Darwin a teoria seletiva, portanto, para ele, havia na sociedade a regra de "sobrevivência dos mais aptos".

Segunda Guerras; em última instância, o darwinismo social possibilita que a burguesia ganhe vigor, cujo ponto de partida é "comprovar" a inferioridade do negro e de qualquer grupo social que não fosse europeu (chineses, japoneses, dentre outros). O principal objetivo era estabelecer a hierarquia entre as raças[22], apoiada no rompimento da história unitária, substituindo-a pela história natural.

As escolas mencionadas criam argumentos para os precursores do neocolonialismo, a fim de intensificar seu domínio no mundo e, ao mesmo tempo, subordina os diversos povos ao seu bel-prazer, abrindo caminhos para emergir potências como Itália e Alemanha; Inglaterra e França; Estados Unidos e Bélgica. As escolas consolidadas com seus argumentos ideológicos, não somente drenam matérias-primas dos outros continentes e estabelecem seu controle sobre os outros povos, como também oferecem subsídios teóricos para aqueles países que almejam uma identidade enquanto nação e também construir um "tipo" de povo para compor a nação e conduzir seu processo de solidificação. São esses os elementos contidos na produção de Renato Kehl.

Francis Galton: o precursor da eugenia como ciência

Diante das contradições sociais e tendo em vista o contexto do capitalismo, no século XIX, um dos teóricos que sobressai no seio dos ideólogos da "teoria das desigualdades" é Thomas Robert Malthus (1766-1834). Em 1798, publica a obra *Ensaio Sobre a População,* cujo principal argumento é moralizar a pobreza. Para Malthus (1996), os seres humanos estavam nascendo numa proporção maior do que a produção de alimentos.

Ao abordar a temática da pobreza, atribui o pauperismo aos próprios pobres e propõe como alternativa o controle de natalidade para viabilizar o desaparecimento dos menos "dotados". Assim, com o controle populacional, a humanidade garantiria a própria existência na terra. O argumento para extinguir os "insignificantes" estava montado. Malthus deposita no Estado a responsabilidade de consolidar meios para frear a reprodução dos pobres e como estes, na sua concepção, eram os culpados por sua pobreza, preconizava políticas de Estado para o controle de natalidade desse segmento.

[22]Assim como o tipo do negro (...) é fetal, o tipo mongol é infantil. E, de acordo com isso, descobrimos que seu governo, literatura e artes também são infantis. Crianças sem barba cuja maior virtude consiste numa obediência sem questionamentos; (...) Trate-os como crianças. Faça-os fazer o que sabemos que é melhor para eles como é para nós, e todas as dificuldades com a China chegarão a um fim. (apud HOBSBAWM, 2001, 369-370).

Malthus, dem decorrência da referida tese[23], é saudado pela oligarquia inglesa por oferecer sugestões para extinguir as perturbações sociais. Implícita ou explicitamente, "Malthus teve seguidores que prosseguiram a sua tarefa de impressionar o homem com o perigo da própria multiplicação" (AMARAL, 1979, p. 116).

No final do século XIX, esse julgamento restitui um atributo científico a partir das ações encabeçadas pelo primo de Charles Darwin, Francis Galton (1822-1911), que, após constatadas as contradições vivenciadas no seio da sociedade inglesa, atribui natureza biológica aos comportamentos, como, por exemplo, a delinquência, prostituição, entre outros. Após estudar matemática em Cambridge, fica fascinado pelos estudos de estatística[24], e descobre as singularidades nos sulcos das impressões digitais, que passam a ser a nova forma de catalogação para identificar criminosos. De acordo com Black (2003, p. 58), "O livro de Galton *Finger Prints* [Impressões Digitais] exibia em uma página suas dez digitais, como um logotipo pessoal".

Galton é o fundador da *ciência* eugênica, e disponibiliza as bases teóricas para a compreensão das gerações hereditárias e encontrar a solução para melhorar as características do conjunto da população. Apresentava uma teoria da seleção das características entre os indivíduos, ou melhor, dos grupos sociais. Para Galton, existiam dois grupos distintos: *não degenerados* e *degenerados*; os *bem-sucedidos, limpos* e *puros* e os *sujos* e *impuros*. Logo, a saída para o melhoramento dos homens estava na extinção dos "degenerados" da sociedade.

Em seu livro, publicado no ano de 1869, *Herança e Eugenia*(1988), no capítulo Investigações Sobre as Faculdades Humanas e seu Desenvolvimento, Francis Galton, pela primeira vez, utiliza o termo *eugenia* e, ao escrever esse trabalho, em nota de rodapé, define o significado do conceito de eugenia:

> Isto é, em questões que tratam do que se chama em grego *eugenes*, ou seja, de boa raça, dotado hereditariamente de nobres cuidados. Está a palavra relacionada à eugenia, etc., são aplicáveis igualmente ao homem, aos animais e as plantas.

[23]Em seu artigo intitulado *Explosão Demográfica: a Impostura e suas Implicações*, Pompêo do Amaral (1979, p. 116) afirma: "Malthus não teve a ideia original, a respeito. O que preconizava para solução de problemas da humanidade não era outra coisa, com efeito, do que aquilo que muito antes recomendava Buda, que – em país que se tornaria um dos mais populosos do mundo, assolado com frequência pela fome e cuja população nada mais desejava do que procriar – induzia os pais a não terem filhos e as famílias a se extinguirem, proclamando que o melhor, para o homem, seria não ter nascido e apontando, como mal básico, a reprodução, pois importava em estender as cadeias da vida, com seus sofrimentos, a novos seres. Também, na Grécia antiga, a lei e a opinião pública aceitavam o infanticídio – não se reconhece o uso, entre os gregos, de qualquer anticonceptivo – como legítima prevenção contra o excesso demográfico".

[24]Sua primeira contribuição data de 1861 quando realizou estudos sobre as estações meteorológicas na Europa; após distribuir questionários sobre o clima europeu, em especial no período de dezembro, ele desenhou mapas climáticos explicitando que as correntes dos ventos marcavam de forma repetitiva transformações na pressão. Esse estudo foi completado em 1863, num trabalho intitulado Meteorografia: ou Métodos de Mapear o Clima". Tal empresa contribuiu para qualificar os estudos de meteorologia.

> Desejamos ardentemente uma palavra breve que permite expressar a ciência da melhoria da matéria-prima, que de nenhuma maneira se limita a questões de emparelhamento judiciais, sendo que – e especialmente no caso do homem – toma conhecimento de todas as influências ainda que sejam em grau mais remoto, para dar às raças ou linhagens de sangue mais adequadas, uma maior possibilidade de prevalecer, com mais rapidez o que normalmente perduram fazer, sobre os meios adequados. A palavra *eugenics* expressaria suficientemente bem a ideia; é, ao menos, uma palavra mais clara e mais geral que *viricultura* que uma vez me aventurei a utilizar. (GALTON, 1988, p. 104).

A eugenia seria o estudo para o melhor cultivo da "raça". O termo e*ugenia* é oriundo do inglês *eugenics*, a partir do grego *eugénes*, que significa "bem nascido". Etimologicamente, o eugenismo (ou eugenia) é a ciência dos bons nascimentos; fundamentada na Matemática e Biologia, tinha como cerne identificar os "melhores" membros e estimular a sua reprodução e, ao mesmo tempo, diagnosticar os "degenerados" e evitar a sua multiplicação.

Galton (2000, p. 129) classifica dois tipos de eugenismo que, de acordo com André Pichot, seria:

> (...) o eugenismo negativo e o positivo. O negativo pretende impedir a multiplicação de indivíduos supostamente "inferiores" na perspectiva biológica, psicológica ou intelectual. O eugenismo positivo, por outro lado, visa melhorar a sociedade fomentando a reprodução de indivíduos "superiores", ou até organizando-a, quer em "coudelarias humanas" onde se solicita a reprodutores selecionados que procriem, que graças a bancos de esperma de grandes homens (poder-se-ia, hoje em dia, pensar em banco de óvulos).

Registrando e analisando indivíduos, o primo de Darwin esforça-se por mostrar que as características dos seres humanos eram transmitidas de forma progênita. Em 1864, participa da Exposição Internacional de Saúde, em Londres, momento em que apresenta um conjunto de dados empíricos inaugurando o seu Laboratório Antropométrico para registrar, por meio de questionários, características físicas e intelectuais. Além de questionários, sua metodologia contempla oferecer recompensas em dinheiro aos familiares que respondem às suas indagações. Em dez anos, Galton cataloga em média 9 mil registros cujo resultado é a concretização de uma ciência da hereditariedade humana[25]. Assim, argumentava que "o mundo está começando a dar conta de que a vida do indivíduo é, no sentido real, uma prolongação de seus antecessores". (GALTON, 1988, p. 116); que as características não se limitam apenas

[25] "Os propósitos de suas pesquisas vinham descritos no panfleto promocional da seguinte forma: (1) Para o uso daqueles que desejam ser medidos de diversas maneiras com exatidão, e também para conhecer a tempo os efeitos remediáveis do desenvolvimento, e para conhecer os próprios poderes. (2) Para guardar um registro metódico das principais medidas de cada pessoa, do qual poderá, com algumas restrições razoáveis, obter no futuro uma cópia. Colocando suas iniciais e data de nascimento, mas não o seu nome. Os mesmos serão registrados em livro à parte. (3) Para obter informações sobre os métodos, práticas e usos das medidas humanas. (4) Para experimentação e investigação antropométricas, e para obter dados para discussão estatística". (GALTON, 1988, p. 19-20 apud DEL CONT, 2008, p. 205).

aos aspectos físicos, mas também se manifestam pelas habilidades e pelos talentos intelectuais[26] (DEL CONT, 2008).

Ao ler a obra publicada em 1859, *A Origem das Espécies (*2009*),* de Charles Darwin, Galton conclui[27] que seu primo havia identificado que os seres mais "fortes" sobreviveriam, em detrimento dos mais "fracos". Todavia, argumentava que a tese de Darwin estaria invertida, pois os mais "fracos" estavam proliferando e, assim, acreditava na necessidade de *(des)inverter* tal lógica. A obra de seu primo torna-se subsídio para sustentar a sua argumentação e, ao mesmo tempo, Galton reivindica para seus estudos a incorporação dos preceitos de Herbert Spencer[28] devido à sua concepção teleológica de processo evolutivo, tema fundamental para o seu construto teórico. Assim, Galton acredita que suas teses ganham mais solidez, uma vez que se baseavam nos consagrados Charles Darwin e Herbert Spencer.

Os povos africanos são os mais destacados em seus estudos e pesquisas, em que procura determinar a diferença entre as posturas resultantes de causas "sociais" e as de cunho biológico. Pressupõe que o meio social, isto é, dada forma de relação societária não produz determinados comportamentos dos indivíduos, ao contrário, as características comportamentais são genéticas.

---

[26] Nesta direção, Galton, ao iniciar seu livro *Hereditary Genius*, na *Inquiry into its Laws and Consequences* (2000, p. 1), afirma: "Proponho-me demonstrar neste livro que as capacidades naturais do homem são hereditárias, exatamente nos mesmos limites em que o são a forma e os caracteres físicos em todos os organismos. Por consequência, como é fácil, apesar destes limites, obter, através de cães ou de cavalos dotados de aptidões particulares para a corrida (...), seria inteiramente possível produzir uma raça humana sobredotada através de casamentos selecionados durante várias gerações consecutivas. Demonstrarei que atos sociais banais, de cujos efeitos nem sequer se suspeita, contribuem incessantemente para a degradação da natureza humana, enquanto outros contribuem para o seu aperfeiçoamento".

[27] De acordo com Tort (2000, p. 210-211), Darwin, na concepção de seus deturpadores, foi o inspirador das teorias das desigualdades, pois, "Durante mais de um século – e para França isso remonta à tradução problemática da Origem da Espécie, prefaciada de modo infeliz por Clémence Royer -, quis-se ver em Darwin o inspirador das teorias desigualitárias modernas, o grande defensor do eugenismo nas suas versões mais duras, o teórico da eliminação dos fracos, o grande legitimador naturalista do expansionismo ocidental e, especialmente, do imperialismo vitoriano, o ideológico fundador do "racismo científico", o pai efetivo do "darwinismo social" da quase totalidade das sociologias biológicas evolucionistas, o credenciador justificador do egoísmo triunfante dos possuintes (...). Desta extraordinária confusão que ocultou a interpretação exata de Darwin durante tanto tempo, a da qual tantos comentários fundados sobre boatos e tantos prefácios absurdos a uma obra não lida são testemunhos, a responsabilidade cabe em primeiro lugar ao biombo postado à frente do darwinismo pelo *evolucionismo filosófico* de Spencer, sistema de pensamento que serve como quadro de referência ideológica integrado ao ultraliberalismo radical do industrialismo vitoriano, e já instalado, quanto a seus polos essenciais, quando a teoria darwiniana emerge dentro do contexto saturado de lutas ideológicas que é o da Inglaterra dos anos de 1860".

[28] Spencer era engenheiro, jornalista e fundador da filosofia e da sociologia política e foi fielmente recepcionado pelos ultraliberais. Sua vertente sociológica é a expressão da representação das aspirações da burguesia industrial inglesa. Para Spencer, a sociedade é um organismo e evolui como organismo; a adaptação era para este autor a regra da sobrevivência no interior de uma concorrencial entre os indivíduos, onde os menos adaptáveis seriam eliminados. Ele estava tão convicto de seu pensamento que condenava aqueles que queriam ajudar os "menos favorecidos". Assimilou de Darwin a teoria seletiva, portanto, para ele, havia em nossa sociedade a regra de "sobrevivência dos mais aptos". Spencer foi o inventor do termo, impropriamente, "denominado "darwinismo-social", e criador de todos os paradigmas comuns às "sociobiologias" ulteriores da história". (TORT, 2000, p. 112).

Para comprovar seu argumento, Galton apresenta extensa lista com informações genealógicas, resultado de estudos com famílias, com a finalidade de mostrar que as qualidades, melhores ou as piores, são síntese de um processo natural, logo, pretende comprovar "por meio de métodos genealógicos e estatísticos simples, que a aptidão humana seria uma função da hereditariedade" e nada tem a ver com educação (STEPAN, 2005, p. 30).

Em seu livro *A Guerra Contra os Fracos – A Eugenia e a Campanha Norte-Americana para Criar uma Raça Superior*, o jornalista Edwin Black (2003, p. 59) afirma que Galton acreditava "que a hereditariedade não somente transmitia as feições físicas, como a cor do cabelo e a altura, mas também as qualidades mentais, emocionais e criativas".

Galton utiliza a concepção darwinista de adaptação, concluindo que se os criadores de animais selecionam os melhores de um rebanho, os seres humanos também podem selecionar os melhores. A citação a seguir demonstra qual a sua preocupação no que tange à catalogação dos estudos familiares:

> A investigação histórica dos percentuais em que as diversas classes sociais (classificadas segundo sua utilidade cívica) têm contribuído para formar a aprovações das diversas épocas em nações antigas e modernas. Existe poderosas razões para crer que o ascenso e queda das nações está extremamente conectado com esta influência. A tendência de uma civilização superior parece que uma tendência a limitar a fertilidade de suas classes superiores por numerosas causas algumas das quais se conhecem bem, outras se inferem e outras seguem estando totalmente obscura. Esta última parece ser análoga e a impede a fertilidade da maioria das espécies selvagens dos jardins zoológicos. Das milhares de espécies que têm sido domesticadas, verdadeiramente em muitas épocas que são férteis quando se restringe a liberdade e são abolidas suas lutas por sobrevivência; os que conseguem e que por outro lado são úteis para o homem, se convertem em domésticos. Talvez exista mais conexão entre esta obscura ação e o desaparecimento da maioria das raças selvagens, quando se põem em contato com a civilização avançada, do que supõem em que tem outras causas concomitantes bem conhecidas. Porém, em que a maioria das raças bárbaras desaparecerão, algumas, com a negra, não. Deveria esperar, por outro lado, que alguns tipos da nossa raça podem converter-se em altamente civilizadas sem perder fertilidade; ainda mais, deveria fazer mais férteis em condições artificiais, como é o caso de muitos animais domésticos (GALTON, 1988, p.168).

A partir dessa propositura, Galton reivindica a e*ugenia* como saída para a eliminação da delinquência e da prostituição. A eugenia elevaria a "raça humana" e passaria a ser um arcabouço importante para estabelecer o controle reprodutivo, uma vez estabelecido o controle de natalidade dos supostos "portadores" de "distúrbio social", a sociedade como um todo seria beneficiada, pois estaria livre dos "viciosos".

Galton vislumbra, ainda, a eugenia como um *processo civilizatório* para os povos – externos ao continente europeu – que, no seu entender, se encontravam num patamar "não desenvolvido". Logo, a eugenia forneceria as bases para a expansão civilizatória, o destino dos povos denominados *não civilizados* estaria nas mãos da classe superior.

Na medida em que Galton elabora sua tese, busca alternativas para a sociedade livrar-se dos "degenerados". É nesse clima que o pai da eugenia sugere que o Estado efetive programas seletivos para as gerações futuras a partir de "políticas de controle de natalidade" para as futuras gerações, a fim de impedir a proliferação daqueles denominados "antissociais". "Com isso, poder-se-ia não somente discriminar espaços sociais, mas também estabelecer quais características seriam científica e politicamente favoráveis" (DEL CONT, 2008, p. 205). A proposta é padronizar os casamentos, criando regras rígidas de matrimônio, culminando no controle das relações sexuais e na contensão de procriação dos considerados degenerados.

O monitoramento de casamento impediria a proliferação de criminosos e degenerados oportunizando a melhoria das pessoas na sociedade. A fiscalização da reprodução de indivíduos "fracos", a partir de programas sociais dirigidos pelo Estado, deveria estar consoante aos preceitos eugênicos. Por essa razão, Galton (1906, p. 3 apud DEL CONT, 2008, p. 209) afirmava que a eugenia "pode ser definida como a ciência que trata daquelas agências sociais que influenciam, mental ou fisicamente, as qualidades raciais das futuras gerações".

O que está subsumido a esse projeto galtonniano é o encontro de respostas às controvérsias construídas pela própria classe que ele representava, ou seja, Galton tinha de construir propostas para a burguesia industrial do seu tempo. Havia problemas pavimentados, no que tange aos bairros operários da Inglaterra, cujo aglomerado de pessoas favorecia a pulverização de epidemias de doenças e, portanto, era necessário solucionar esses e outros problemas. Nesse contexto, para Galton, a eugenia passa a ser o principal remédio e a expressão do conservadorismo inglês.

Mesmo identificando a ausência de planejamento eficaz nos bairros operários, Galton concebia o pauperismo como responsabilidade dos próprios trabalhadores e de sua reprodução desenfreada. Sempre tendo como pano de fundo a eugenia[29], a pobreza era atribuída aos próprios pobres reforçando a teoria da herança.

A teoria da herança teve a influência dos estudos realizados por Darwin, na segunda metade do século XIX, quando esse autor publica, em 1868, *A Variação de Animais e Plantas Domésticas*, obra que patenteia a "teoria da pangênese", cuja finalidade é explicar que as gêmulas representam a aceitação de que na herança há uma dependência de uma unidade particularizada, isto é, "de umas partículas materiais, podendo assim receber tratamento

[29]Ver o artigo *Francis Galton: Eugenia e Hereditariedade*, de Valdeir Del Cont, 2008, disponível na íntegra em *Sceientle Studia*, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008.

estatístico" (DEL CONT, 2008, p. 210). Para Galton, a teoria da herança é um caminho para argumentar que os caracteres humanos são transmitidos por meio da hereditariedade e, por essa razão, acreditava na melhoria da raça humana com a aplicação da teoria da pangênese.

Ao aplicar essa teoria, primeiro em seus coelhos e, posteriormente, em sua prole, Galton pôde verificar a insustentabilidade da própria tese. Entretanto, não abandonou a teoria da pangênese, ao contrário, selecionou alguns elementos para dar sustentação à sua teoria[30] e conclui que a:

> Herança seria mediada por partículas elementares, presentes no plasma germinativo. O número de elementos hereditários manter-se-ia constante e um indivíduo só poderia transmitir metade de suas partículas à prole. Com isso, Galton assumiu o princípio de herança biparental, associando esse princípio à ideia de herança ancestral (...); estabelecendo que os elementos são transmitidos de modo constante obedecendo à proporção ½ dos pais, ¼ dos avós, 1/8 dos bisavós [...]; o que indica uma regularidade estatística que denominou a Lei da hereditariedade ancestral (COWA, 1972, p. 524, apud DEL CONT, 2008, p. 214).

Uma das características da sociedade industrial, portanto, é a convivência com indivíduos tipificados como "anormais", e o comportamento destes não advinha das mazelas provocadas pela exploração do tempo de trabalho, da espoliação da burguesia ultraliberal, das contradições de classe, da divisão social do trabalho e apropriação privada da riqueza social, mas eram sim, segundo Galton e seus seguidores, comportamentos herdados hereditariamente, isto é, a prostituição, delinquência e outros problemas comportamentais, não resultavam das contradições de classe, da apropriação privada da riqueza social, da divisão social do trabalho, e sim da herança genética. Nesse caso, só havia um caminho: selecionar os "melhores"; por meio da eugenia, os degenerados, doentes, seriam eliminados e os "bem-nascidos" preservados.

As aspirações de Galton casam com as transformações vivenciadas por ele e, na medida em que a sociedade passa por transformações, concomitantemente, o modo de produção, a ideologia, as formas de conceber o mundo são modificadas. Nesse caso, justificar a superioridade de determinado grupo social – o nórdico superior aos demais povos, por exemplo – não deveria ser afirmada apenas no terreno da Filosofia, da Antropologia, da Sociologia, mas também no terreno da Biologia, e é por essa razão que Galton tem grande receptividade em parte da Europa e nos países das Américas.

Assim, entre os anos de 1860 e 1945, algumas das produções relacionadas à eugenia são realizadas por biólogos preocupados em coibir a degenerescência humana:

> A preocupação em melhorar a espécie humana é compartilhada por diferentes especialistas e intelectuais, tais como médicos, psicólogos,

[30] Em 1872, publica artigo intitulado *Sobre a Relação de Sangue*, e, em 1875, *Uma Teoria da Hereditariedade*.

> pedagogos e juristas para quem o mundo moderno era pautado por contradições. De um lado, os progressos da ciência e da máquina, de outro a degenerescência generalizada dos corpos, das mentes e dos costumes. (VEIGA; FARIA, 1999, p. 36).

Segundo Bernardo (1998, p. 338):

> o fundador da eugenia desenvolveu o racismo em dois aspectos que se revelariam de grande importância. Por um lado, considerou em termos biológicos não só as diferenças de situação entre os povos, mas também as diferenças sociais no interior de cada povo, de maneira que a elite da classe dominante seria superior, tanto sob o ponto de vista físico como mental, e além disso os descendentes destas famílias herdariam as qualidade dos pais. Assim, Galton fundiu numa justificação única o domínio de uns povos sobre outros e, no interior de cada sociedade, de uma classe sobre a outra, explicando-os ambos pela superioridade biológica. Intimamente relacionada com esta concepção está a sua defesa de uma estratégia de progresso biológico, considerando necessária uma intervenção direta e sistemática na evolução humana, mediante o condicionamento dos acasalamentos, de maneira a aperfeiçoar a raça.

Após a propositura de Galton, o movimento ganha proporção internacional[31], a partir da iniciativa de outros teóricos que viam na eugenia uma perspectiva para solucionar as contradições econômicas e sociais de seus países. Entre os países do continente europeu que encamparam os preceitos eugenistas, além da Inglaterra, estão a Alemanha, Itália, França, Suíça, Suécia, Bélgica. Destacam-se, também, os Estados Unidos da América, Cuba, Chile, Argentina, Equador e Brasil e, no continente asiático, o Japão.

O movimento eugenista na Inglaterra não obtém o sucesso esperado por Francis Galton, embora o estudioso continuasse a defender a tese de que as futuras gerações dos "incapazes" deveriam ser extintas. Galton não viveu o tempo suficiente para presenciar a força do movimento eugenista, incorporando as suas propostas eugênicas de segregação, deportação, castração, proibição marital, esterilização compulsória, eutanásia passiva.

De acordo com Black (2003, p. 65),

> Quando o século XX surgiu, o holofote eugenista cruzou o oceano, da Inglaterra para os Estados Unidos. Nos Estados Unidos, a eugenia se tornaria mais que uma filosofia abstrata; seria uma obsessão para os legisladores. Galton jamais teria previsto que seu idealismo social se degeneraria numa campanha cruel e implacável para destruir todos os considerados incapazes. Esse idealismo se transformaria em nada menos que uma cruzada eugenista para abolir, no mundo inteiro, a inferioridade humana.

Para o movimento eugenista alcançar os resultados esperados, seriam necessários investimentos significativos e que dessem respostas aos problemas naquele momento. Nesse

[31] Karl Person (1857-1936), um dos fundadores da disciplina da Estatística Aplicada, na University College London, alocando esta universidade pioneira nos estudos estatísticos como uma disciplina autônoma, foi discípulo de Galton. Person dirigiu o Eugenics Laboratory e viveu tempo suficiente para conhecer o nazismo e aprová-lo (PICHOT, 1995).

sentido, devido o volume de investimentos, o movimento eugenista nos Estados Unidos se torna referência para o mundo, inclusive em seu berço, a Inglaterra. O movimento eugenista revelaria seu caráter de classe, a partir dos investimentos realizados por setores possuidores de riquezas.

O movimento eugenista nos EUA, França e Alemanha

Os principais financiadores do movimento eugenista foram industriais travestidos de filantropos que acreditavam nos princípios biológicos de vertente eugenista, como meios para solucionar alguns dos "problemas" sociais do período. Nos Estados Unidos da América (EUA), por exemplo, conforme assevera Black (2003, p. 194), tais princípios "eram aprovados pelos mais brilhantes pensadores, financiados pelos mais ricos capitalistas. Eles previam que milhões de americanos incapazes seriam recolhidos e encarcerados em colônias, fazendas ou campos".

Dentre os investidores do movimento eugenista, destacam-se o alemão Alfred Krupp, dono de uma indústria de aço e armas; E. H. Harriman[32], membro de uma família proprietária de poderosa empresa de ferrovia dos EUA; Carnegie[33], detentor de indústria de aço; Rockefeller[34], da indústria de petróleo; Draper, da indústria têxtil. O movimento eugenista

[32] "O mais famoso e quase mítico magnata das ferrovias controlava a Union Pacific, Wells Fargo, numerosas instituições financeiras, era dono de uma das maiores fortunas da nação' (...) "O homem das ferrovias havia financiado uma famosa expedição darwiniana para explorar as geleiras do Alasca. A chamada 'Expedição Harriman' foi organizada pelo famoso botânico e ornitólogo C. Hart Merriam, forte partidário da eugenia.". (BLACK, 2003, p. 104). A viúva de Harriman é que financiou o movimento eugenista nos EUA.

[33]Segundo Black (2003, p. 83), "O aço fez de Andrew Carnegie um dos mais ricos americanos. Em 1901, o magnata do aço vendeu seu negócio para J. P. Morgam por 400 milhões de dólares e se retirou do mundo industrial. Dali em diante, o idoso escocês iria devotar sua fortuna à filantropia. No ano seguinte, em 28 de janeiro de 1902, o milionário dotou a Carnegie Institution, recém-criada, com ações no valor de 10 milhões de dólares, seguidas por outras doações totalizando 12 milhões de dólares. A entidade era tão rica que, em 1904, Washington decidiu reincorporá-la por meio de um ato especial do Congresso, registrando o novo nome "Carneigie Institution of Washington". Esse ato da Carnegie Institution um símbolo da união do dinheiro do aço e do prestígio do governo dos Estados Unidos. A Carnegie Institution foi criada para ser uma das primeiras organizações cientificas do mundo, dedicada por lei "a encorajar, da maneira mais ampla e liberal possível, a investigação, a pesquisa e a descoberta, e a aplicação do conhecimento para o aperfeiçoamento da humanidade. Vinte e quatro dos nomes mais respeitados da ciência, do governo e das finanças dos Estados Unidos foram nomeados seus curadores. A célebre lista incluía o cofundador da National Library of Medicine, John Billings, o secretário da Guerra, Elihu Root, e o filantropo Cleveland Dodge. O famoso paleontólogo John C. Merriam foi eleito seu presidente. Pelos estatutos, Merriam e sua equipe eram obrigados a examinar minuciosamente antes de aprovar qualquer atividade da instituição, a prestar conta de todas as despesas e a publicar regularmente os resultados de suas pesquisas".

[34] Conforme veremos adiante, a Fundação Rockefeller financiou o movimento eugenista não somente nos EUA, mas, ainda, nos países do continente europeu, especialmente na Alemanha e França. No que tange aos EUA. "Incialmente, as contribuições de Rockefeller somaram apenas 21.650 dólares, em especial, destinados a pagar as despesas dos pesquisadores de campo. Mas, as entidades filantrópicas de Rockefeller, altamente estruturadas, doaram mais que dinheiro; elas proveram pessoal e suporte organizacional, e também a visibilidade do próprio nome" (BLACK, 2003, p. 120).

ainda contou com o financiamento de John Harvey Kellog[35], integrante do Conselho de Saúde do Estado, administrador de um sanatório de saúde e organizador, em 1906, da Sociedade para Melhoria da Raça, entidade que tinha como missão impedir a proliferação de defeituosos. Continuou ainda com a International Business Machines (IBM) que se enriquece à custa do movimento, fornecendo cartões com informações para os nazis; em especial, após a chegada de Hitler no poder (BLACK, 2003; 2001).

Apesar de a eugenia ter se originado na Europa, foi a partir do sucesso dos investimentos dessas instituições nos EUA que o movimento eugenista europeu obteve reconhecimento. Conforme demonstra Edwin Black (2003), os EUA estavam prontos para a eugenia, antes que a eugenia estivesse pronta para os Estados Unidos. Isso porque, nesse país, a prática de extinção dos "insignificantes" data do fim da escravidão, a partir da consolidação das instituições de cariz racista, como a Ku Klux Klan, e outras ações de perseguição aos "delinquentes" e "criminosos"[36].

Havia outras questões que os EUA buscavam enfrentar, como o fenômeno da imigração iniciado a partir dos anos 1890 e que atingiu seu apogeu no pós-guerra, em 1920. Depois da guerra, os trabalhadores das indústrias norte-americanas foram demitidos e incorporados às filas do exército industrial de reserva, somando-se aos soldados egressos da guerra que não encontravam emprego; ao mesmo tempo, os afro-americanos reivindicavam seus direitos civis e a igualdade de emprego e o movimento operário organizava greves, em especial em 1919, quando cerca de "22 por cento da força de trabalho envolvidos numa ação judicial trabalhista, em algum momento durante aquele ano" (BLACK, 2003, p. 311).

> Para inflamar mais ainda aquele tempo, distúrbios raciais e rivalidades étnicas irromperam nas cidades. Afro-americanos, de volta aos quarteis da Primeira Guerra Mundial, estavam cansados do racismo; eles queriam algo semelhante a direitos. Ao mesmo tempo, a Ku Klux Klan emergiu com destaque jamais visto. A ameaça do bolchevismo preocupava o governo e o homem comum. O Alarme Vermelho no verão de 1919 opôs um *ismo* contra o outro. O marxismo, o comunismo, o bolchevismo e o socialismo jorraram na consequência americana, competindo com o capitalismo. Os distúrbios raciais contra os afro-americanos, a violência do populacho contra os anarquistas italianos, e alguns conhecidos agitadores políticos incendiaram a nação. Um homem chamado J. Edgar Hoover foi nomeado para investigar subversivos, principalmente estrangeiros. (BLACK, 2003, p. 211-213).

[35] Segundo Black (2003, 164-165), "Em 1898, o irmão do doutor Kellog, Will, criaria os flocos de milho, e em 1906 eles começaram a vendê-lo comercialmente por meio de uma companhia que, finalmente, se transformaria na gigantesca indústria de cereal conhecida como Kellog Company; (...). Em 1914 o doutor Kellog organizou a Primeira Conferência Sobre Melhoria da Raça, em Battle Creek, Michigan. O propósito da conferência era lançar as fundações para a criação de uma super-raça, em meio a um clima de banquetes suntuosos, estridentes convocações para a ação biológica, e grandiloquência científica. "Nós temos maravilhosas novas raças de cavalos, vacas e porcos", argumentou o doutor Kellog. Por que não deveríamos ter uma nova raça aperfeiçoada de homens?". Ele queria "as raças brancas da Europa [...] Para estabelecer a Raça Humana de Puro-Sangue".

[36] Ver, em especial, o primeiro capítulo de Edwin Black (2003): "Varrendo a montanha".

O movimento eugenista emerge nos EUA para combater as contradições existentes no interior desse país. Assim, como já não bastasse a prática da classe dominante, de modo geral, os intelectuais da extrema direita norte-americana passaram a criar meios para conter a reação das classes subalternas; por isso o apoio dos setores empresariais, que depositavam esforços no movimento eugenista para superar tal situação.

Nesse contexto, os EUA terão um dos maiores representantes do movimento eugenista: Charles Davenport (1866-1944) era orgulhoso de pertencer a uma família de tradição puritana, a ponto de seu pai ter catalogado a genealogia da família anglo-saxã, chegando ao resultado de que a sua linhagem datava do ano 1086. Mestre em Zoologia por Harvard, passa a ter prestígio no laboratório de Biologia do Brooklyn Institute of Arts and Science. Em Long Island, trava contato com a produção teórica de Galton, angariando grande admiração do fundador da teoria da eugenia[37].

Davenport é responsável por convencer instituições a financiar o movimento eugenista nos EUA e posteriormente no mundo. Após retornar de uma viagem à Europa colhendo informações sobre a temática eugênica e visitando centros de pesquisas, elabora um relatório que trata da situação da "evolução humana" para a *Carnegie Institution*, preconizando, no documento[38], que o destino da América estaria na criação de uma "raça superior e nórdica" (BLACK, 2003, p. 92).

Após o relatório, o Carnegie Institution aceita financiar a empreitada e inaugurar a Estação para a Evolução Experimental da Carnegie Institution, no bucólico Cold Spring Harbor, além de contemplar Davenport com um salário de US$ 3.500 por mês, além de passagens e outras despesas. A partir desse investimento, o protagonista do movimento eugenista permanece na sua cruzada até o final de sua vida, articulando, angariando fundos, organizando conferências e eventos a fim de propagar a proposta eugênica de sociabilidade. O empreendimento possibilita a catalogação de dados relacionados às "classes" consideradas,

[37] De acordo do Black (2003, p.88), o contato entre Galton e Davenport foi duradouro, pois o primeiro encaminhava materiais para que o segundo fizesse avaliação. "Numa série de cartas afáveis para o cientista britânico, na primavera de 1897, Davenport elogiou seu trabalho, pediu-lhe uma foto e tentou marcar um encontro em Londres, no verão. Galton não soube muito bem o que fazer com tanta admiração. "Estou muito tocado", respondeu ao primeiro elogio de Davenport, "pela expressão extremamente gentil de sua carta, embora estranhe que me atribua muito mais do que mereço". Os dois trocaram bilhetes dali em diante. Os de Davenport eram formais e datilografados. Os de Galton, rabiscados em papel comum de bloco".

[38] Numa das passagens do documento, Black (2003, p. 93) reproduziu a seguinte afirmação de Davenport: "Nós temos neste país um grave problema negro", escreveu, "Uma raça cujo desenvolvimento mental é, em média, muito abaixo da educação do indivíduo, produzir uma raça aperfeiçoada, para que seja possível ao menos esperar que a mente do negro seja tão educável, tão elástica, tão original e tão produtiva quanto a de um caucasiano? Ou devem as futuras gerações, indefinidamente, recomeçar do mesmo plano inferior e produzir os mesmos resultados precários? Nós não sabemos; não temos a informação necessária. A 'opinião' que prevalece diz que devemos enfrentar a última alternativa. Se isso acontecer, será melhor exportar a raça negra imediatamente".

por ele e seus adeptos, inaptas. Com rigor em suas pesquisas, chega a controlar a vida e fertilidade daqueles catalogados propondo leis contra casamentos de cunho eugenista e ajuda a elaborar propagandas em filmes objetivando exterminar, esterilizar, os considerados inábeis.

Outro aspecto que colabora para o sucesso do movimento eugenista nos EUA é a racionalização do trabalho industrial, ou seja, o projeto eugenista casa-se com as proposituras do teórico da organização do trabalho industrial, Frederick Winslow Taylor (1856-1915), que defende o controle do trabalho pela gerência "científica" (TAYLOR, 1963). O taylorismo é uma forma de organização do trabalho que se origina no início do século XX, tomando vulto, sobretudo, no momento em que a organização do trabalho é assimilada nas fábricas industrializadas de Henry Ford (1863-1947). O industrial estadunidense, além de ser o pioneiro na implantação do "método de organização de trabalho" taylorista, é entusiasta do movimento eugenista, fornecendo fortunas para pesquisas de natureza eugênica.

A partir das articulações de Davenport, os Estados Unidos são coroados por mais uma instituição eugênica, o famoso Eugenics Record Office (Escritório de Registro Eugenista), cuja finalidade era registrar os antecedentes genéticos dos americanos, com dados relacionados às linhagens "desejáveis", por meio de uma árvore genealógica chamada de *pedigree*. O objetivo era catalogar informações retidas nas instituições, desde abrigos, asilos, passando por hospitais, escolas públicas e tantas outras instituições, a fim de apropriar-se dos dados para submetê-los ao Estado, logo, os estudos, sistematizados e armazenados, serviram de subsídios para consolidar leis de viés eugenista.

O sucesso da política eugenista norte-americana foi tamanha a ponto desse país ser o pioneiro na formulação e efetivação de leis eugênicas a partir do envolvimento de Universidades, por exemplo, a de Chicago, Harvard e outras, e na aceitação dos parlamentares norte-americanos que, ao se entusiasmarem com o movimento, elaboraram leis de natureza eugênica, e também as implantaram.

Entre as primeiras leis de características eugênicas dos EUA, surge a proibição de casamentos inter-raciais e entre pessoas consideradas *anormais*, atrasadas mentais, alcoólicas ou com doenças venéreas. Em 1896, é aprovada a primeira lei em direção à eugenia, segundo a qual as mulheres que tivessem menos de 45 anos teriam de ser esterilizadas e já no ano de 1959, 33 estados norte-americanos tinham leis com finalidade eugênica. Nesse sentido,

> Há que dizer que os Estados Unidos tinham uma espécie de tradição neste domínio, pois, no século XIX, existiam leis que autorizavam a castração em caso de delito sexual. No Kansas, por exemplo, uma lei de 1885 condenava os negros e mestiços à castração em caso de violação de uma mulher branca. [...] As leis sobre a esterilização dos criminosos sexuais são o prolongamento dessas práticas sob um pretexto eugenista. Notar-se-á que a castração continuava a ser autorizada no século

> XX em alguns Estados, nomeadamente no Utah; assim, em 1930, 175 homens foram castrados nos Estados Unidos em resultado da aplicação dessas leis. Os crimes de direito comum mais gerais também podem desencadear a esterilização. É o que se passa em Washington e na Califórnia com criminosos que tenham sido condenados três vezes. Mais curioso é o caso do Michigan, em que os condenados à prisão perpétua podem ser esterilizados (a menos que houvesse prisões mistas, não vemos como poderiam os infelizes reproduzir-se). (PICHOT, 2000, p. 169).

O projeto tinha como finalidade consolidar uma *suposta raça* superior branca, loira e de olhos azuis, destroçando os classificados fora do padrão, ou seja, os débeis mentais, loucos, incluindo psicopatas, criminosos, delinquentes e os considerados desviados, epiléticos, os bêbados e dependentes de drogas; doentes (tuberculosos, leprosos, dentre outros), cegos, surdos, disformes, pessoas dependentes de assistência social, como órfãos, os inúteis, moradores de rua, considerados vagamundos e indigentes.

Com o apoio dos magnatas, os EUA tornaram-se referência[39] do movimento eugênico o que levou diversos estudiosos do mundo a frequentar as instituições que ofereciam cursos de eugenia. Com os financiamentos da Fundação Rockefeller, instituições de estudos eugênicos receberam apoio para subsidiar os movimentos eugenistas no interior do continente europeu, como França e Alemanha[40].

No caso da França, a Fundação Rockefeller contribuiu para a formação da Société Française d'Eugénique e a Fundação Francesa para o Estudo dos Problemas Humanos, cujo principal representante, Alex Carrel (1873-1944), estudou em Nova York (1906-1938), no Instituto Rockefeller, e foi Prêmio Nobel em 1913, além de ser "pétanista mesmo antes do regime de Vichy" (PICHOT, 2000, p. 179).

Carrel, além de reacionário, era antidemocrático, assim, sua perspectiva de consolidar a entidade torna-se mais favorável a partir do governo de Pétain. A Fundação protagonizada por Carrel influencia o Centro para Estudos Humanos, "criado por intelectuais antes da guerra, com a finalidade de favorecer a aplicação das ciências da natureza à resolução de problemas sociais" (PICHOT, 2000, p. 179).

O Centro, que existiu entre 1942 a 1944, contava com figuras de prestígio naquele momento, e dentre os mais destacados sobressaem Alfred Sauvy, Le Corbusier; Aldous

---

[39] Para melhor apreensão dos principais protagonistas eugenistas nos EUA para além de Davenport, ver o livro de Edwin Black, *A Guerra Contra os Francos*. Dentre os protagonistas, destaca-se a atuação de Margareth Sanger (1879-1966), que, ao se aliar aos eugenistas racistas e fanáticos dos EUA, consolida a *Revista do Controle de Natalidade*, veículo que contribui para a propagação do movimento eugenista internacional. Entusiasmada com as ideias de Malthus, em 1926, organiza a *Sexta Conferência Internacional sobre Neomalthusianismo e o Controle de Natalidade* (BLACK, 2003, p. 225). Em seu livro *O Eixo da Civilização*, publicado no ano de 1922, condena a ação caridosa, chegando a afirmar que tal prática não passava de uma forma de acumular gerações de miseráveis.

[40] No interior da Europa, é preciso ressaltar a Suécia como um dos países que assimila a ideologia da eugenia, e esteriliza mais de 60 mil pessoas consideradas inaptas.

Huxley (autor de *Admirável Mundo Novo*), Julian Huxley, que mais tarde torna-se diretor da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura/United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco) (PICHOT, 2000).

Outra expressão do movimento eugenista francês, membro da Sociedade Francesa de Eugenia, foi o Prêmio Nobel da Medicina de 1913, Charles Richet (1850-1935). Defensor da tese dos chamados "grupos inferiores" e da necessidade de uma política que viesse a ter autoridade para extinguir os "inaptos", Richet era partidário da biologização do ser, pois, para ele, se os homens tinham a capacidade de controlar os animais, logo, a prática de aperfeiçoamento deveria ser direcionada aos seres humanos. É sua a seguinte afirmação:

> No que diz respeito à raça amarela, e, por maioria de razão, à raça negra, para conservar, e sobretudo para aumentar o nosso poder mental, é preciso praticar, já não a seleção individual, como entre os nossos irmãos brancos, mas a seleção especifica, rejeitando, energicamente toda e qualquer mistura com raças inferiores [...] Após a eliminação das raças inferiores, o primeiro passo no sentido da seleção é a eliminação dos anormais. (RICHET apud PICHOT, 1995, p. 28).

Richet, portanto, é a expressão do movimento conservador francês que se manifesta por meio da ideologia da eugenia e do racismo como ferramenta primordial contra as "raças" inferiores. Nesse caso, os negros e amarelos são eleitos como os primeiros a serem dizimados para, posteriormente, chegar a vez dos anormais.

Embora houvesse movimentações de cariz eugenistas na França, não há conhecimento de leis que ratificassem a esterilização dos indesejáveis, conforme foram efetivadas em outros países. A resistência francesa de não criar leis eugenistas pode ser em função de sua "tradição democrática" e do poder político da igreja católica. Porém, esse fato não isenta o país de ser vulnerável às influências das propostas eugênicas como meio da superação dos problemas sociais.

Em relação à Alemanha, o movimento eugênico antecede o ano de 1933, isto é, com a ascensão de Hitler ao poder, pois a crença na eugenia como viés de solução para as contradições naquele país era depositada desde os antropólogos, sociólogos, biólogos, demógrafos e tantas outras áreas das ciências recém-inauguradas. Além dos EUA, a Alemanha foi o país privilegiado pelos financiadores do movimento eugênico.

Um dos percursores do pensamento eugenista na Alemanha, Haeckel[41] é concebido como o fundador da ciência ecológica. Segundo João Bernardo (2014), ele foi o primeiro a

[41] Ernest Haeckel (1834-1919) foi um dos principais representantes das ideias darwinistas e do movimento eugenista alemão que enfaticamente defendia a pena de morte num viés eugenista. Em suas palavras, afirmava: "A pena de morte, quando é aplicada num criminoso, num celerado incorrigível, é não somente uma medida justa como representa um beneficio para a parte melhor da sociedade; é para ela um beneficio semelhante à destruição das ervas daninhas num jardim cultivado. Da mesma forma que somente arrancando estes parasitas as

empregar o termo “ecologia”, para indicar a relação dos animais com o meio. A partir de seus estudos sobre a *Morfologia Geral dos Organismos*, título de um de seus trabalhos, Haeckel acreditava que os organismos passavam por processos evolutivos. Tal decurso poderia ser concebido para o ser humano e, ainda, partia do pressuposto de que a natureza “poderia ser controlada”, ao ser aplicada aos seres humanos.

Logo, era imprescindível a aplicação de suas teses para assegurar a evolução dos homens. Haeckel conclui que existem povos mais evoluídos em relação a outros, pressuposto que plasmou com o ideário dos darwinistas sociais de sua época e que, por sua vez, influenciará os adeptos do movimento eugenista alemão. Assim, na esteira de Bernardo (2000), Haeckel é a principal expressão do darwinismo, visto que foi o primeiro a classificar de maneira hierárquica as “raças humanas”, concluindo que os negros encontravam-se no estágio inferior, em relação aos alemães, anglo-saxônicos e os escandinavos, além de combater ferozmente a mestiçagem.

Haeckel deve ser considerado o protagonista na unificação de ideias ecologistas com a política racista, ao defender a tese de que a “política é biologia aplicada” (HAECKEL apud BERNARDO, 2014, s/p), franqueando um percurso que mais tarde os seguidores de Hitler proclamariam o nacional-socialismo como biologia aplicada.

Segundo Pichot (2000), a primeira iniciativa do movimento eugenista na Alemanha tem seu marco a partir da iniciativa de Haeckel[42], ao sugerir um concurso de monografia cuja finalidade era responder à seguinte indagação: “Que nos pode ensinar a teoria da evolução sobre o desenvolvimento político e a legislação de Estado?”. O evento contou com o financiamento de Alfred Krupp – o mesmo industrial e negociante de armas que investiu no

---

plantas úteis podem dispor de ar, luz e espaço, é pela impiedosa destruição de todos os criminosos incorrigíveis que, não somente facilitaremos a luta da parte sã da sociedade pela existência, como ainda aplicaremos um processo muito útil de seleção artificial; retiraríamos, deste modo, ao refugo degenerado da humanidade a possibilidade de transmitir as suas funestas tendências”. (HAECKEL apud PICHOT, 1995, p. 52).

[42] Segundo Bernardo: “Haeckel em 1919, com oitenta e cinco anos, vociferando em termos anti-semitas contra a república dos conselhos bávara. E enquanto membro da **Thule Gesellschaft**, Haeckel situou-se no próprio centro gerador do nacional-socialismo. Associação esotérica de caráter estritamente racista, cujo nome se referia ao célebre mito hiperboreal, a Thule Gesellschaft atraiu várias figuras da alta sociedade de Munique e abriu as portas igualmente a alguns boêmios da extrema-direita mais violentamente racista como Dietrich Eckart, Julius Streicher, artistas desempregados como Alfred Rosenberg e jovens estudantes como Rudolf Hess e Hans Frank. Convidados frequentes eram também Anton Drexler e Gottfried Feder, fundadores e provisórios chefes de um grupúsculo, o Partido Operário Alemão, que Hitler em breve viria a chefiar. Em 1919, quando a revolução alemã chegara ao auge e Munique se encontrava governada pelos conselhos de operários e soldados, a Thule Gesellschaft mantinha-se em estreito contacto com o **corpo franco Oberland**, cuja intervenção havia de ser decisiva para o massacre da república dos trabalhadores. A Thule Gesellschaft assinalava, portanto, boa parte dos contornos de um novo espaço político e ideológico, e ao morrer no exato momento em que o hitlerismo se começava a formar”. (BERNARDO, 2014, s/p). (Disponível em : <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/index.php?id=Autores&aut=Biondi,%20Aloysio>. Acesso em: 25 jun. 2014.)

movimento eugenista nos EUA – e o vencedor foi Wilhelm Schallmayer, com o artigo Hereditariedade e Seleção no Processo Vital dos Povos, defendendo a aplicação do darwinismo à sociedade. Esse concurso impulsiona a assimilação do eugenismo na Alemanha.

A partir do evento citado, em 1904, cria-se na Alemanha a revista *Arquivos de Biologia Racial e Social*, sendo Alfred Ploetz (1860-1940) um dos responsáveis. Em 1905, Ploetz cria a primeira organização eugenista nesse país, a Sociedade Alemã de Higiene Racial, e Haeckel é o seu presidente de honra. Assim, a arrancada do movimento coloca Munique e Berlim como os principais centros de estudos e produção de pesquisas eugênicas alemãs.

Berlim foi o local da efetivação do Instituto Guilherme para Antropologia, a Genética Humana e a Eugenia, em 1927, agraciado pelos financiamentos da Fundação Rockefeller e a participação de Charles Davenport, na condição de presidente da International Federation of Eugenic Organizations (Ifeo), no evento de inauguração.

Outro representante importante do movimento eugenista alemão foi Eugen Fischer (1874-1967), considerado um dos principais cientistas da Alemanha, que no ano de 1933 fez um juramento solene de lealdade a Adolf Hitler (PICHOT, 2000). Coordenou o Departamento de Antropologia obtendo financiamento da Fundação Rockefeller e dirigiu inquérito antropológico a fim de identificar as determinações das características hereditárias das populações alemães.

O instituto tinha como finalidade efetivar pesquisas eugênicas e fornecer subsídios, como, por exemplo, a produção de conhecimento, leis e propostas educacionais ao Estado. Ainda em Berlim, também foi financiado pela Rockefeller o Instituto Imperador Guilherme de Biologia, coordenado por Richard Goldschmidt, "um judeu que foi afastado pelos nazis em 1933 (emigrou para os Estados Unidos)" (PICHOT, 2000, p. 192).

A Alemanha contou ainda com o Instituto Imperador Guilherme de Genealogia e de Demografia do Instituto de Investigação Alemã de Psiquiatria, e o Departamento de Genealogia de Demografia, ambos custeados pela Fundação Rockefeller, desde a construção dos edifícios até o oferecimento de diversas bolsas de estudos para assegurar as investigações[43].

[43] André Pichot apresenta detalhadamente as instituições eugênicas consolidadas tanto nos EUA, como na Alemanha, França em outros países europeus e demonstra como a Fundação Rockefeller participou na condição de financiador dos institutos. Para melhor apreciação, ver o seu livro *A Sociedade Pura – de Darwin a Hitler*. Instituto Piaget, Porto Alegre, 2000. Nesta direção, afirma o autor: "A Fundação Rockefeller facilitou o alargamento da genética alemã a domínios de interesse social. Seu 'programa de biologia humana' tinha sido aplicado para fazer frente àquilo que os responsáveis da fundação entendiam como uma crise social de pobreza, de criminalidade e de doenças hereditárias. Poll, um geneticista especializado em hereditariedade humana e ativo

Os investimentos no movimento eugenista demonstraram que se tratava de "enfrentar uma crise social de pobreza, de criminalidade e de doenças hereditárias – ou seja, uma interpretação biologizante da crise social alemã dos anos 20 e 30 e a tentativa de remediar essa crise pela ciência, mais especificamente pela biologia darwinista" (PICHOT, 2000, p. 202); a interpretação, não somente da Fundação Rockefeller, mas de todos os financiadores magnatas, cientistas, partidários do projeto eugenista, era a expressão do conservadorismo mundial, uma reação conservadora a fim de criminalizar os pobres, sustentados com argumentos biológicos.

Essa sustentação fica candente ao verificar que os investimentos em pesquisas de natureza biológica tinham como perspectiva asseverar a ofensiva contra aqueles considerados a escória da sociedade, isto é, aqueles que, na concepção dos conservadores, depreciavam a humanidade e obstaculizavam o processo civilizatório. Nesse caso, os investimentos tinham de ser direcionados aos setores que compartilhavam dos anseios das elites conservadoras e defendiam a ordem social daquele momento. O empreendimento tinha como centro impedir e reduzir a pulverização de miseráveis e o acirramento das contradições sociais, por esse motivo, o movimento eugenista contou com o casamento entre capital e ciência.

A partir do empreendimento de instituições eugênicas, a Alemanha pôde consolidar leis eugenistas, totalizando de 350 mil a 400 mil esterilizações, entre os anos de 1934-1945, e mais, nesse país, havia um total de 1.700 tribunais especiais para realizar casos num viés eugênico[44].

No que tange às pesquisas relacionadas ao movimento eugenista, existe uma lacuna, principalmente sobre a biografia de eugenistas renomados e prestigiados pela comunidade

---

no seio da Liga para Regeneração, foi um dos eugenistas que se beneficiaram do fundo Rockefeller; o mesmo aconteceu com Bluhm, para as suas investigações sobre a hereditariedade e o alcoolismo, com Nachtsheim, para as suas investigações mendelianas, com o estatístico Siegfried Koller, e com Fetscher e Grotjhan entre os eugenistas sociais, tendo sido atribuídos importantes fundos a Rudin e Eugen Fisher para pesquisas psiquiátricas e antropológicas. A Fundação Rockefeller foi atraída para a investigação genética e neurótica sobre particularidades mentais como crime e a doença mental e, em 1925, aceitou conceder 2.500.000 dólares ao Instituto Alemão de Psiquiatria, considerado como o melhor centro europeu de investigação psiquiátrica" (WEINDLING apud PICHOT, 2000, p. 198). Ainda assim, é preciso salientar que não foi somente a Fundação Rockefeller que assessorou estudos eugênicos na Alemanha; ao contrário, a *Station for the Experimental Study of Evolucion*, de Cold Spring Harbor (Long Island, Nova York), existente até os dias atuais, responsável pelo Centro de Biologia Molecular frequentado pela elite dessa disciplina, que inclusive um dos principais dirigentes foi James Watson, Prêmio Nobel de 1962, em parceria com F. Crick, pela descoberta do ADN.

[44] Segundo Pichot (2000, p. 208), "A maioria das pessoas esterilizadas era-o por fraqueza de espírito ou doenças mentais (entendidas num sentido muito amplo), e as outras sofriam de diversas perturbações ou doenças pretensamente hereditárias, exatamente como nos outros países que tinham tido este gênero de legislação. Sem dúvida, mais do que nos outros países, a legislação derivou para aplicações políticas racistas, mas numa medida difícil de avaliar. As esterilizações parecem ter sido, com frequência, muito mal feitas. Segundo Ternon e Helman, 1 por cento dos homens e 4 por cento das mulheres terão morrido durante a operação (que é muito elevado para operações tão simples). A título de comparação: em 1934, Girard fala em três mortos para 2.500 esterilizações realizadas nos Estados Unidos pelo Dr. Gosney".

científica, contemplados com o Prêmio Nobel e que ocuparam funções expressivas em instituições renomadas, por exemplo, na Unesco[45].

Por fim, o movimento eugênico foi organizado internacionalmente com o Primeiro Congresso Internacional de Eugenia, de Londres, em 1912; o segundo, em 1921; e o terceiro, em 1932, nos EUA; em 1921, consolida-se a Federação Internacional de Sociedades Eugênicas, cujo diretor, Leonard Darwin, foi integrante da Sociedade Eugênica da Inglaterra. A reverberação do movimento obteve expressão inclusive em nações escandinavas, que foram responsáveis por esterilizar crianças e consolidar estações de conserva de espermatozoides a fim de assegurar a procriação de seres eugenizados[46]. No continente asiático, o Japão foi o principal expoente do movimento eugenista e, na América Latina, foi representada pelo cubano Domingos y Ramos[47], participante do Segundo Congresso Internacional de Eugenia que deu ímpeto à organização eugenista latino-americana.

A partir dessa representatividade dos latinos, houve o Congresso Médico Latino-Americano, realizado em Havana, cujo produto final foi a consolidação do Comitê Pan-americano de Eugenia, com a finalidade de criar a Associação Pan-americana de Eugenia e Homicultura; as reuniões do Comitê eram realizadas em Santiago/Chile (STEPAN, 2005). Em 1927, realizou-se, em Cuba, a Conferência Pan-americana de Eugenia e Homicultura[48], com a participação de 28 delegados e 16 países.

---

[45] O doutor *honoris causa* da Universidade de Heidelberg, nazista assumido, dedicou-se a difundir filme com finalidade nazista, *Erbkrank* (O Doente Hereditário), com apoio financeiro da Pioneer Fund e também pelo milionário da indústria têxtil, Wickliffe Drape, que, depois da guerra, com a Pioneer Fund, continuou financiando e incentivando pesquisas nos países anglo-saxônicos relacionadas à hereditariedade da inteligência, interligando com o tema da raça; a Pioneer Fund produziu os estudiosos Artur J. Jensen e Hans J. Eysenck e o Prêmio Nobel de Física, 1962, William Shockley, o único a assumir ter dado seu esperma ao banco projetado por Muller e Graham (PICHOT, 2000).

[46] Em relação ao movimento eugenista mundial e seus principais teóricos ver especialmente as seguintes obras: Black, E. **A guerra contra os fracos** – a eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior. São Paulo: A Girafa, 2003; STEPAN, Nancy L. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005; PICHOT, André. **A sociedade pura**: de Darwin a Hitler. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2000; do mesmo autor: **O eugenismo**: geneticistas, apanhados pela filantropia. Lisboa: Instituto Piaget, 1995. Ainda nessa perspectiva, as bibliografias indicadas, especialmente em André Pichot, há um levantamento expressivo relacionados aos países que consolidaram leis a partir do viés eugênico.

[47] Ramos foi um ativista empenhado no movimento eugenista na América Latina, a ponto de trocar cartas com Charles Davenport, a fim de qualificar o movimento. Segundo Stepan (2005, p. 191), em 1922, Ramos passa a corresponder-se, em inglês, com Davenport. Em junho daquele ano, ao informar sobre o Second International Congresso of Eugenics aos cubanos, Ramos comunicou a Davenport sua intenção de determinar que, daí em diante, "todos os trabalhos [eugênicos] feitos em Cuba seguissem sua inspiração". Sugeriu que, antes de ser criada qualquer instituição [Cuba ainda não fundara sua própria sociedade eugênica], alguns cubanos fossem enviados a Cold Spring Harbor para serem instruídos nos métodos de Davenport, "de modo que a Estação Eugênica em Cuba se mantivesse em constante relação com a de Cold Spring Harbor".

[48] Nesse evento, foram discutidas diversas questões, entre elas "cotas para imigrantes". Houve, na Conferência, um sentimento contrário aos chineses; ainda foram tematizados projetos de esterilização de criminosos e doentes mentais, certificados pré-nupciais. Sobre a Conferência, ver especialmente o capítulo 6 do livro de Stepan (2005), intitulado *Visões Norte-americana, Pan-americana e Latina da Eugenia"*.

De acordo com Stepan (2005), a América Latina não foi apenas um local de receptividade do projeto eugênico, mas também região com produções teóricas de vulto no que tange à organização e qualificação do movimento. O Brasil é uma das principais referências dessa manifestação, graças à atuação de Renato Kehl, concebido por nós como um dos protagonistas do movimento na América.

* * *

Indicamos brevemente nesta introdução que o termo "raça" historicamente teve diversos significados. Num primeiro momento, foi utilizado para afirmar determinada família ou grupo, sem a preocupação de hierarquizá-las. As argumentações para subordinar um grupo para o trabalho forçado, principalmente a partir do período colonial, partiram das justificativas teológicas, e da naturalização da escravidão no interior do território do grupo submetido ao trabalho compulsório. Após a racialização e hierarquização dos grupos sociais, as justificativas, do ponto de vista do colonizador, ganham sustentação.

A partir do Século das Luzes, com os filósofos do iluminismo referenciados pelo patamar de desenvolvimento no interior do continente europeu, e com o intuito de afirmar a universalidade do homem, os estudiosos dos séculos XVII e XVIII, passaram a classificar os seres humanos, catalogando-os a partir dos povos externos ao continente europeu, hierarquizandos-os e atribuindo-lhes valores, culminando na supervaloração dos grupos do interior da Europa. Nesse contexto é que o conceito de raça passa a ser utilizado sem considerar o aspecto humano e, portanto, universal a todos os grupos sociais e etnias, independentemente da sua localidade.

No século XIX, concebido como o da ciência, as justificativas para continuar a subordinação e a afirmação de uma suposta "inferioridade" e "diferença" de determinados grupos sociais, se deram sob o manto da ciência. Não foi diferente em relação ao conceito de raça, pois atribuir a existência ou não de uma raça, deveria passar pela chancela da ciência. As argumentações científicas tinham como fito justificar os empreendimentos do modo de produção capitalista em seu patamar nunca visto em sua história, isto é, drenar riqueza nos outros continentes, expandir mercado nos territórios fora do continente europeu.

Nesse caso, do final do século XIX até os anos de 50-60, concatenados com as ideias nacionalistas e com o aparato do militarismo, o capital, visando legitimar seus empreendimentos, representados pelos ideólogos, valeram-se das teorias travestidas de ciência (principalmente de teóricos como Gobineau, Spencer, Galton, e outros, que fomentaram a consolidação do darwinismo-social, da eugenia e de tantas outras disciplinas) para a expansão

imperialista com justificativa da "superioridade racial". Nesse sentido, afirma Hilferding (apud SWEEZY, 1973, p. 341):

> Como o domínio das nações estrangeiras é realizado pela força, ou seja, de forma muito natural, parece aos dominadores que deve seu predomínio a qualidades naturais especiais, em outras palavras, às suas características raciais. Assim, na ideologia racial surge uma base pretensamente científica para a ambição de poder do capital financeiro, que dessa forma demonstra a causa e a necessidade de suas operações. Ao invés do ideal democrático de igualdade, surge o ideal oligárquico do domínio.

De acordo com o autor acima, a ideologia do racismo[49] é construída para legitimar o domínio político e o econômico da burguesia, cuja perspectiva era universalizar a sua forma de produção da vida balizada na produção do valor a partir da exploração da força de trabalho alheio e, com o desenvolvimento das forças produtivas, as justificativas teriam de ser modificadas; a cientificização da raça e do racismo teria de entrar nesse rol. Justificar que determinados grupos sociais não passavam de "primitivos", "selvagens", "atrasados" e "não civilizados" sem o aval da ciência não era o bastante. Daí cientificar as justificativas, que extrapolaram os "lemas democráticos", para sustentar o domínio oligárquico, que expressava o anseio de uma classe social peculiar: o capital.

A crença na existência da raça permanece até os dias de hoje, todavia, é no final dos anos 40, depois das atrocidades praticadas pelo nazismo contra os judeus, que o termo raça passa a ser hostilizado. A partir da Unesco, inicia-se uma campanha visando a combater o "ódio racial", prevenindo a pulverização de regimes semelhantes ao nazismo. A partir do Departamento de Ciências Sociais, cujo principal representante e coordenador foi Arthur Ramos, mas que, em virtude de seu falecimento não pode participar desse projeto, consolida-

[49] Sobre o conceito de racismo, existe uma gama de bibliografias, visto que o termo "racismo" passaa ser utilizado a partir do século XX para colocar em questão as práticas fascistas no interior do continente europeu. De acordo com Andreas Hofbauer (2006, p. 216): "A palavra 'racismo' surge exatamente neste contexto – parece que não antes dos anos 1920. Miles (1992, p. 58) constata que no *Oxford English Dictionary* de 1910 ainda não se encontra o verbete 'racismo'. Fredrickson cita o bibliotecário belga Théophile Simiar como um dos primeiros autores a usar os conceitos 'racismo' e 'racista', num estudo sobre as concepções raciais do século XIX, que formariam a base daquilo que ele chamava de 'doutrina racial'. Nesse livro, publicado em 1922, Simiar denuncia sobretudo a postura da superioridade racial que os alemães demonstravam em relação aos povos vizinhos. Quatro anos depois, o sociólogo norte-americano Frank Hankins falaria, numa de suas publicações, de "racialismo" [*racialism*] para fazer a mesma crítica (cf. FREDRIKSON, 2004, p. 161-162). Segundo Miles (1992, p. 59), a concepção originária de racismo deveu-se a dois fatores que fortaleceram mutuamente sua amplitude: o desmonte acadêmico das 'ideias clássicas' a respeito das 'diferenças raciais' e as crescentes reações oposicionistas que se articularam contra a 'política racial' do fascismo na Alemanha. Taguieff (1998, p. 227) chamou a atenção para o fato de que o termo 'racismo' (e, inclusive, também o termo 'anti-racismo') tem servido muito mais como um 'conceito de luta' do que como um 'instrumento analítico'". No mesmo livro, Hofbauer (2006, p. 216), citando Taguieff, afirma que o termo racismo aparece no final do século XIX por meio de grupos políticos nacionalistas que utilizavam o termo "raciste" e, em seguinte, "racisque", para chamar a atenção, no sentido positivo, em relação ao pertencimento de uma nação, especialmente a francesa. Nesta direção, não havia no termo "racismo" um teor crítico.

se um grupo de estudiosos, em especial, Lévi-Strauss, Frazier e Montagu, dos EUA; Ginberg, da Inglaterra; Costa Pinto, do Brasil; Beaghole, da Nova Zelândia; e Kabír, da Índia.

Da reunião do referido grupo, resultou um documento[50], publicado em 18 de julho de 1950, dividido em 15 itens, advertindo que todos os "seres humanos pertencem à mesma espécie [*Homo sapiens*] e procura estabelecer limites claros entre raça e cultura" (HOFBAUER, 2006, p. 219). Os antropólogos, geneticistas, sociólogos, e tantos outros estudiosos da temática, primaram pela invalidação de "raças" como categoria biológica e concluíram que é um conceito insuficiente para explicar as diferenças entre os grupos sociais, pois não passava de um "mito racial", visto que os grupos "nacionais, religiosos, geográficos, linguísticos e culturais não coincidem necessariamente com grupos raciais e propõe-se, por isso, a substituição do conceito de raça por grupo étnico" (HOFBAUER, 2006, p. 220).

De fato, é de suma importância reconhecer a relevância do documento elaborado pela Unesco, por sua capilaridade e difusão mundial, principalmente porque o referido manifesto é um combate à discriminação e prática do racismo existentee no mundo. Porém, tal empreendimento não o isenta de críticas devido às suas limitações.

André Pichot (2000, p. 344), em seu livro *A Sociedade Pura: de Darwin a Hitler*, afirma que a Unesco, para além da luta contra o racismo não atentou para uma questão cara à instituição. Trata-se das escolhas de seus participantes, visto que um dos membros responsáveis em redigir o documento, Hans Nachtsheim, que trabalhou em 1951 no Instituto de Genética da Freie Universität de Berlim, financiado pela Fundação Rockefeller, em 1931, foi encarregado de examinar as decisões dos tribunais de saúde pública em matéria de hereditariedade, que incidiam sobre a esterilização. Em 1943, trabalhou com o Dr. Gerhard Ruhenstroth-Bauer, do Instituto Imperador Guilherme (IEG) de Bioquímica, que, em vez de coelhos brancos, utilizavam crianças como cobaias.

O pesquisador que usava crianças com deficiência como cobaias de laboratório, teve assento, a partir de 1961, na Comissão de Indenização das vítimas do Nazismo e foi um dos redatores da declaração da Unesco sobre o Racismo. Outro aspecto advertido por Pichot

[50] Sobre discussão relacionada ao documento redigido pela Unesco ver Andreas Hofbauer, especialmente o capítulo 4, intitulado Branqueamento, Democracia Racial e Tipologias Étnico-Raciais. O autor demonstra as divergências apontadas por alguns críticos, por exemplo, a posição dos geneticistas Dunn e Dobzhansky que se contrapuseram à tentativa de invalidar o conceito de raça e a sua redução à entidade imaginada. Segundo Andreas Hofbauer (2006, p. 221), "Admitiam a dificuldade de traçar limites claros entre grupos raciais e rejeitavam explicitamente a "velha noção de raça baseada na teoria da hereditariedade de sangue". No entanto, insistiam em conceber "raça" como uma realidade genética que sofre alterações constantes devido a diferente fatores, tais como seleção natural, migrações e cruzamentos; propuseram, portanto, redefinir a noção de raça como "populações que diferem pela frequência da ocorrência de determinado gene ou genes".

(2000, p. 246), sem desconsiderar o empreendimento da instituição em questão, tem a ver com a existência da raça. Em suas palavras:

> Justifica-se perfeitamente declarar que as concepções sobre as raças, anteriores à guerra, não eram científicas (tratar-se-ia antes de saber por que pareciam científicas no seu tempo). O problema reside na inexistência, na época, de qualquer estudo novo que justificasse essa reviravolta: do ponto de vista cientifico, a raça do pós-guerra era exatamente a mesma no período anterior à guerra. Por conseguinte, não foi a ciência que impôs a modificação do discurso, foi Auschwitz: não era possível calar o extermínio dos judeus, como se calou dos doentes, deficientes, etc. Se não foi a ciência que impôs o discurso racista do período anterior à guerra, também não foi a ciência que justificou o discurso antirracista do pós-guerra. Aliás, tudo o que os especialistas puderam dizer à Unesco foi que as teorias racistas anteriores à guerra não tinham bases científicas. Não se interrogaram sobre quem as tinha elaborado nem porquê.

Pichot (2000) levanta questões significativas no que diz respeito a quem interessa o conceito de raça, tendo em vista que a justificativa da sua existência não pode ser identificada isoladamente, mas como ferramenta que legitima a exploração econômica, política e ideológica, cuja finalidade é validar um projeto que extrapola o âmbito do "fenótipo", da "cultura", nacionalidade e de outras maneiras de intolerância. Nesse sentido, é necessário explicitar que a ideologia do racismo/raça foi um caminho consolidado da classe burguesa, que nasceu nos finais dos séculos XIV e XV e tinha como fito universalizar a sua forma de produção e reprodução do valor e, para cada fase de seu desdobramento, a classe que encampou o modo de produção capitalista tinha de refinar cada vez mais seu argumento.

É nesse intuito que referenciamos Clóvis Moura (1990, p. 215), em virtude de seu esforço em analisar as relações raciais, a partir da perspectiva das contradições das classes sociais, ou seja, da antinomia entre capital e trabalho. Nessa perspectiva, seus estudos demonstram a natureza da ideologia do racismo como inerente ao modo de produção capitalista. É nesse ponto que deparamos com as primeiras pistas para entender o porquê e quais as razões da consolidação do racismo, cuja função é "racionalizar a permanência do capitalismo e da sua expansão sobre outros povos".

Tomando Clóvis Moura (1990) como referência, concebemos que o capital construiu a ideologia do racismo contra o negro e, posteriormente, a outros grupos sociais, insistimos, para validar seus interesses. Faz-se necessário evitar captar seus fundamentos – do racismo e a ideologia da raça – como um *conceito autonomizado*, descolado das relações sociais, até porque são os seres humanos, de determinada classe, a dominante, que o construíram com a finalidade bem definida. O racismo deve ser estudado sob as bases na qual foi forjado; só podemos apreender sua essência uma vez que subordinamos esse conceito à determinação social do pensamento, e esta tem íntima ligação com as condições materiais postas. O

racismo, ou qualquer outra ideologia, deve ser concatenado ao todo da existência social; a ideologia do racismo, para melhor ser compreendida, deve ser submetida à análise da totalidade.

A documentação da Unesco, bem intencionada, mas lacunosa, não poderia avançar na denúncia do racismo numa perspectiva concreta, e logo se limitou, na advertência do racismo, conclamando a diversidade cultural e a tolerância do "outro", porém sem tocar na questão candente, que é a divisão social do trabalho, a apropriação privada da produção da riqueza social, expressão de classes sociais. Por essa razão, foi conveniente ao referido órgão trocar o termo "raça" por etnia, pois não poderia colocar em questão as relações e contradições de classes sociais, isto é, as relações de produção.

Por fim, após o documento da Unesco, uma série de autores passou a denunciar a questão da existência de raça. São diversos os estudos que apontam a inexistência de diversidades "raciais". Em seu texto intitulado *Teorias Relativas às "Raças" e História da África*, J. Ki-Zerbo (2010, p. 287) afirma:

> Os trabalhos de R.C. Lewontin, com base nas pesquisas dos hemotipologistas, mostram que, no mundo inteiro, mais de 85% da variabilidade situa-se *no interior* das nações. Somente 7% da variabilidade separa as nações que pertencem à mesma raça tradicional e também apenas 7% separam as raças tradicionais. *Em resumo, os indivíduos do mesmo grupo "racial" diferem mais uns dos outros que as "raças".* É por isso que cada vez mais especialistas adotam a posição radical que consiste em negar a existência de qualquer raça (destaques nossos).

Outros vão na mesma direção de Ki-Zerbo. É o caso de Appiah (2010, p. 75), que afirma: "A verdade é que não existem raças: não há nada no mundo capaz de fazer tudo aquilo que pedimos que a raça faça por nós". Lévi-Strauss (1960, p. 231), diz ser

> inútil ter consagrado tanto talento e tantos esforções para mostrar que nada, no atual estado da ciência, permite afirmar a superioridade ou a inferioridade intelectual de uma raça em relação a outra, mesmo que fosse apenas para resistir sub-repticiamente sua consistência à noção de raça, parecendo demonstrar que os grandes grupos étnicos que compõem a humidade deram, *enquanto tais*, contribuições específicas ao patrimônio comum (destaque nosso).

O antropólogo afirma não haver superioridade entre as "raças" e ainda sugere a substituição do termo "raça" para etnia, afirmando que o segundo compõe a existência da humanidade e desde os primórdios os seres humanos têm dado sua contribuição, independentemente da localidade do planeta.

Para Stuart Hall (2011), a categoria "raça" não é científica, pois, "As diferenças atribuíveis à 'raça' numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas entre populações racialmente definidas. 'Raça' é uma construção política e social" (HALL, 2011,

66). E afirma que a "etnicidade" é uma contraposição ao conceito de "raça". Porém, para Hall, tanto o conceito de raça, bem como o de etnia "funcionam estabelecendo uma articulação discursiva ou uma 'cadeia de equivalências'" (LACLAU; MOUFFE apud HALL, 2011, p. 67). No caso, ainda enfrentamos a existência do "racismo" no âmbito biológico (racial) e o cultural (étnico), assim, sugere que seja refletido sobre tal substituição, logo, afirma que em nossa atualidade são duas as demandas a serem superadas[51]: "(a diferença contra o mundo diferenciado) por igualdade social e justiça racial; e a demanda (contra um etnocentrismo universalizante) pelo reconhecimento da diferença cultural" (HALL, 2011, p. 69).

Paul Gilroy (2007, p. 63) propõe a renúncia do termo raça, afirmando o "aparecimento de um humanismo metafísico alternativo, tendo como premissa uma relação face a face entre os diferentes atores – seres de igual valor – como algo preferível aos problemas de inumanidade criados pela raciologia". Acredita que é necessário novo projeto "ético" e "político", calcado numa "democracia multicultural", mas, para a efetivação do projeto em mira, é necessário libertar-se da "raça", "desontologizar a 'raça'" (GILROY, 2007, p. 66).

De fato, os autores acima fazem parte de uma constelação de estudos sobre "relações raciais", em nossa atualidade, com o objetivo de combater a ideologia do racismo. Porém, a crítica a que devemos submeter os autores acima, ao não compartilharmos de suas perspectivas, tanto política, quanto ideologicamente, esses estudiosos da denominada "questões raciais" caíram na mesma perspectiva do projeto da Unesco, que nada mais é do que criticar a existência de raça e substituir pelo conceito de etnia, mas, ao mesmo tempo, sugerem a "tolerância", o respeito às "diferenças". A postura "pós-racial" sugerida por Paul Gilroy (2007, p. 64), nada mais é do que a expressão ideológica do pós-modernismo, isto é, a alusão de uma sociedade incapaz de superar as contradições sociais, defendendo de forma intransigente a impossibilidade de compreensão das determinações concretas do real.

A sugestão dos autores nada mais é do que um imperativo do "mito do real" ou o "mito do irreal"; "tudo" é relativo, e o relativo a que estamos nos referindo não é aquele que acreditamos ser a possibilidade de relacionar os nexos causais da realidade; ao contrário, a relativização dos autores em mira refere-se à existência ou não da possibilidade de superar o estado de coisas em que estamos inseridos; é o relativo que está ligado com o "discurso", da semântica, do diálogo, dos jogos de "linguagens", em suma, a proposta dos autores não deixa

[51] Stuart Hall afirma que a inversão de raça para etnia culmina em duas formas de racismo; um racismo que continua na esfera do biológico e, o outro, uma vez preconizado o termo etnia, resulta na exacerbação dos movimentos nacionalistas cuja finalidade foi atribuir características "superiores" no âmbito cultural. Assim, Hall propõe que talvez tenhamos de lutar não somente contra uma forma de racismo e mas contra os "racismos", "Portanto, parece mais apropriado falar não de 'racismo' *versus* 'diferenças cultural', mas de 'duas lógicas' de racismo" (HALL, 2011, p. 68).

de expressar o pessimismo travestido de crítica à sociabilidade contemporânea, que culmina na crença da impossibilidade de contribuir para outra forma de sociabilização, por isso, a crença numa sociedade *sem perspectiva*[52], ausente de um horizonte que extrapole a forma de ser da nossa atualidade, o que resta é propor saída que esteja dentro da ordem, seja no âmbito da cidadania, de uma aparente crítica de tudo, que na realidade é a crença no *nada*, robustecendo cada vez mais a ordem do capital, esta, quer queira ou não, é uma concreticidade, que produz seres humanos estranhados, ressecados e esvaziados, fruto da divisão social do trabalho. O relativismo contemporâneo sugere a impossibilidade da crítica radical ao mundo real, perspectiva esta que não compartilhamos nesta pesquisa.

[52] A perspectiva e o relativismo apontados aqui podem ser identificados num dos paladinos da inversão do termo raça para etnia. Trata-se de Lévi-Strauss, este que, no seu texto *Raça e História*, faz críticas expressivas ao conde de Gobineau e, no ano de 1971, concebe uma entrevista ao jornal *L'Express*, n. 1027, 15-21, no mês de março, e admite a sua perspectiva pessimista. Segundo Mészàros (2004, p. 113), Lévi-Strauss "falava sobre a "desintegração de nossa civilização" e sobre a marcha do mundo "rumo a um cataclisma"; lamentava que nossas sociedades haviam se tornado "enormes", o que resultou no triunfo da "uniformidade" e na perda das "diferenças"; elogiava com nostalgia a utopia reacionária de Gobineau, ao mesmo tempo em que concordava com o julgamento pessimista de seu autor sobre sua impraticabilidade; e concluía: Atualmente, o maior perigo da humanidade não provém das atividades de um regime, um partido, um grupo ou uma classe. Provém da própria humanidade em sua totalidade; uma humanidade que se revela o pior inimigo dela mesma e, lamentavelmente, ao mesmo tempo também o pior inimigo do restante da criação. É desta verdade que precisamos convencê-la, para ter alguma esperança de poder salvá-la".
[...] "Na entrevista de Lévi-Strauss não havia nem mesmo insinuação velada sobre como responder às questões" (MÉSZÀROS, 2004, p. 113).

CAPÍTULO I – PARTICULARIDADES DA FORMAÇÃO SOCIAL DO BRASIL E OBJETIVAÇÃO DO PENSAMENTO CONSERVADOR

Para compreender o propósito de Renato Kehl e o movimento eugenista no Brasil, faz-se necessário situar o contexto histórico no bojo do qual esse movimento se configurou – ademais, essa necessidade é tão verdadeira para o caso particular do Brasil, como para qualquer outro país. O norte desse posicionamento teórico-metodológico diz respeito ao ineliminável enraizamento dos fenômenos humanos na história.

Na exposição introdutória, dissemos que o movimento eugenista é uma resposta das elites dos países centrais aos problemas originados na nova sociedade industrial. A expansão mundial da industrialização ocorre de modo implacável. É assim que, seguindo a particularidade histórica de cada país, esse caminho sem volta provoca a entrada do movimento eugenista no Brasil, de modo a assegurar às elites proprietárias um instrumento de natureza científica para o enfrentamento da "questão social". Como nos demais países, também no Brasil a ciência passa a ser uma arma – institucionalizada – na mão dos proprietários contra os pobres e os trabalhadores. Todavia, para adentrar no seio do movimento eugenista torna-se necessário apresentar alguns dos principais pontos que julgamos fundamentais relativos à particularidade e objetivação do capitalismo brasileiro e à consolidação do pensamento conservador, cujos partidários do movimento eugenistas estão alocados.

1.1 Delineamentos gerais da formação social do Brasil

Para compreender a natureza do pensamento conservador no Brasil, faz-se necessário apresentar os aspectos peculiares que o diferencia dos países de formação de capitalismo clássico. Não pretendemos fazer um apanhado historiográfico das interpretações sobre a formação do Brasil, tampouco apresentar os eventos relacionados aos períodos históricos que compõem o processo de efetivação do Brasil, isto é, Colônia, Império e República, mas, apresentar, grosso modo, os aspectos centrais da particularidade da formação social brasileira para caracterizar a entificação da consolidação da burguesia brasileira e o conservadorismo no Brasil.

A objetivação do modo de produção capitalista, apesar de ser efetivada de maneira universal, é um processo que deve ser captado nas suas especificidades e concreção.

Conforme demonstra Florestan Fernandes (2005, p. 261) em seu livro *A Revolução Burguesa – Ensaio de Interpretação Sociológica*:

> Não é intrínseco um único padrão de desenvolvimento, de caráter universal e invariável. Podem distinguir-se vários padrões de desenvolvimento capitalista, os quais correspondem aos vários tipos de capitalismo que se sucederam ou ocorreram simultaneamente na evolução histórica. Além disso, se se torna um mesmo padrão de desenvolvimento capitalista, pode-se verificar que ele é suscetível de utilizações variáveis, de acordo com os interesses estamentais ou de classes envolvidos pelo desenvolvimento capitalista em diversas situações histórico-sociais e as probabilidades que eles encontram de varar o plano das determinações estruturais de se converterem em fatores da história.

Essa argumentação pode ser identificada no processo das formações sociais, como da Inglaterra, França, Alemanha, Itália e Brasil. As transformações ocorridas na Inglaterra e na França em direção à modernidade capitalista foram realizadas por meio de um desencadeamento revolucionário que permitiu a participação popular nos processos centrais de rupturas com a ordem feudal. Isto é, ocorreu um decurso radicalizado subvertendo a ordem e consolidando uma organização política e econômica, suplantando o Antigo Regime. As mudanças ocorridas nesses países de formação clássica possibilitaram uma industrialização capaz da assegurar a soberania nacional, além de estabelecer um modelo de organização, pautado nas igualdades jurídica e política, ainda que no âmbito formal.

No caso da Alemanha (e em linhas gerais o mesmo pode se dizer da Itália), o processo histórico tem sua particularidade, isto é, a transição feudal para o modo de produção capitalista foi contrária à da via clássica. As mudanças foram realizadas pelo alto, de forma lenta e gradual, sem rupturas de caráter revolucionário. Deu-se com a necessidade da unificação do País e a fragilidade acompanhada com sua burguesia industrial, que impediram o rompimento radical com a arcaica burocracia feudal, evitando desencadear tanto um processo popular de caráter revolucionário como a implantação dos liberalismos político e econômico.

O desenvolvimento do capitalismo, denominado de “via prussiana” é diferente da “via clássica” de consolidação no seio da própria Europa. Essa especificidade garantiu, entretanto, a acumulação de capitais, assegurando uma sociedade industrial e capaz de ir à guerra com potências como a Inglaterra e França. Esses são aspectos relevantes, que tornam específica a formação do capitalismo dentro e fora do continente europeu.

No Brasil, o desenvolvimento capitalista é distinto dos países de formação clássica, isto é, não há nenhuma “réplica ao desenvolvimento capitalista característico das nações tidas

como *centrais* e *hegemônicas* [quanto à irradiação e à difusão do capitalismo no mundo moderno]". (FERNANDES, 2005, p. 261, destaque nosso). No caso brasileiro, não houve mudanças de caráter popular, pelo contrário, as transformações foram feitas "por cima". Essa expressão típica do processo histórico brasileiro resulta na ausência efetiva de conquistas populares ou democráticas no Brasil, porque os grupos oligárquicos nacionais assumiram o controle das transformações históricas marcantes e alijaram as forças populares de possíveis benefícios sociais[53].

A burguesia brasileira, cuja gênese assegurou o caráter de dependência ao capital externo, foi incapaz de consolidar um projeto nacional-democrático de sociedade, resultando numa classe dependente e incompetente para completar suas próprias atividades burguesas, por exemplo, o desenvolvimento de forças produtivas autônomas ou um mercado interno consumidor e produtor forte e coeso. Isso porque, aqui no Brasil, consolidou-se uma forma de produção baseada no trabalho compulsório para a efetivação da *colônia de exploração.* De acordo com o sociólogo Francisco de Oliveira (1980, p. 22), "Esta é a base ou ausência de base para o mercado interno, e não simplesmente o da produção de bens primários de exportação". Este é traço da *via colonial*[54] referente à formação da sociedade brasileira como particularidade histórica, diferente das transformações ocorridas na França e Inglaterra que fizeram suas transformações para o modo de produção capitalista pela via revolucionária, além de diferir da formação do capitalismo de via prussiana.

---

[53] É preciso salientar que não é nosso objetivo tematizar as diversas lutas dos movimentos sociais consolidadas desde o Brasil Colônia, passando pelo Império e a partir da consolidação da República, pois tal investimento mudaria o foco da nossa pesquisa. O objetivo é demonstrar os processos históricos referentes ao *ir sendo* da constituição da burguesia brasileira, visto que, para a sua concreção, foi necessário impedir qualquer lampejo de manifestações populares que viessem colocar em risco os privilégios da classe dominante brasileira. Nesse sentido, os interessados em apreender as lutas realizadas no Brasil e como a burguesia os reprimiu, as obras a seguir contribuem para a apreensão de um quadro apropriado para a reflexão do tema em questão: Júlio José Chiavenato, *As Lutas do Povo brasileiro: Do "Descobrimento" a Canudos*; Caio Prado Júnior, *Evolução Política do Brasil*; Kátia M. de Queiroz Mattoso, *Presença Francesa no Movimento Democrático Baiano de 1798*.

[54] Sobre a objetivação do capitalismo e sua particularidade, José Chasin acertadamente discute a formação do capitalismo brasileiro, diferenciando-o das formações clássicas. "No caso concreto, cremos, que se está autorizado a identificar duas, de tal sorte que temos, acolhíveis sob o *universal das formas não clássicas* de constituição do capitalismo, a forma particular do *caminho prussiano*, e *um outro particular*, próprio aos países, ou pelo menos alguns países [questão a ser concretamente verificada] de extração colonial. De maneira que ficam distinguidos, neste *universal das formas não clássicas*, das formas que, no seu caminho lento e irregular para o progresso social, pagam alto tributo ao atraso, *dois particulares* que, conciliando ambos como o historicamente velho, conciliam, no entanto, como um *velho* que não é, nem se põe como o mesmo […] de um lado, pois, firmemente estabelecido, temos o *caminho prussiano*; a seu lado, sem que confiramos demasiada importância aos nomes, fique, sem pretensões, a sugestão designativa de *via ou caminho colonial*. Expressão conveniente que tem, nos parece, a propriedade de combinar a dimensão histórico-genética com a legalidade dialética". (CHASIN, 1978, p. 628-629, destaques do autor).

Nesses países, desenvolveu-se uma ideologia pautada nos lemas do liberalismo, ao contrário do Brasil, que tinha uma burguesia (não liberal) conservadora e dependente do capital externo – também diferente do antiliberalismo alemão que não poupou a Alemanha de entrar nas disputas imperialistas em virtude do desenvolvimento de uma burguesia que, embora não liberal, era nacional e autônoma.

As debilidades do Brasil podem ser identificadas na estrutura da organização social forjada a partir da constituição da escravidão. Os latifundiários escravistas do Brasil, em virtude de seu caráter conservador, impediam a formação de alternativas que possibilitassem o desenvolvimento de um capitalismo verdadeiro; faltou um tipo de acumulação a fim de viabilizar o desenvolvimento da modernidade brasileira. A partir dessa estruturação, efetivou-se uma organização nacional atrasada e subordinada ao capital externo.

As argumentações acima estão referenciadas não apenas nos estudos realizados por Florestan Fernandes, Francisco de Oliveira, Emília Viotti da Costa, mas, especialmente, em Clóvis Moura, que fez suas análises a fim de apreender as particularidades concernentes à efetivação da ideologia do racismo concatenada com a formação social do Brasil. São inúmeros os estudos realizados por Moura, entre eles, destacam-se *Brasil: As Raízes do Protesto Negro* (1983) e Dialética Radical do Brasil Negro (1994).

No texto de 1983, Clóvis Moura considera o encerramento de seu primeiro ciclo de estudos sobre o negro brasileiro, a função social do trabalho escravizado e os desdobramentos importantes que essa forma de produção cumpriu na formação social brasileira e apresenta as condições dos africanos no Brasil posteriores à abolição da escravatura.

Quanto à formação social do Brasil, salienta Clóvis Moura (1983, p. 23), que é atrasada e subordinada ao capital externo e para dar base para a sua argumentação, compara o atraso brasileiro em relação aos países de formação clássica, citando alguns eventos do século XIX:

> - O Manifesto do Partido Comunista de Marx e Engels é de 1848.
>
> - A Lei Eusébio de Queiroz que extingue o tráfico de escravos africanos no Brasil é de 1850.
>
> - A Comuna de Paris é de 1871.
>
> - A Lei do Ventre Livre é de 1871.

Ou seja, enquanto no continente europeu ocorrem as lutas da classe trabalhadora industrial contrária à exploração da força de trabalho, referenciadas no significativo documento conclamando a união internacional dos trabalhadores contra o capitalismo, no

Brasil, ainda era necessário conquistar a liberdade civil e garantir a abolição do tráfico de africanos. A Comuna de Paris é marco de demonstração das potencialidades dos trabalhadores em apropriar-se da riqueza social; no Brasil, a Lei do Ventre Livre, em 1871, revela quanto a elite brasileira era retrógada. Essas disparidades expressam o conservadorismo no enfrentamento da abolição da escravatura que ocorria de modo paulatino.

Somando-se a esses eventos, o setor conservador obstaculizava a completude das relações burguesas nacionais e modernizantes permanecendo à mercê dos financiamentos de setores estrangeiros (bancos, portos, estradas de ferro, empresas de transporte urbano e iluminação), resultando num Brasil cultural, política e economicamente subordinado.

A abolição das relações escravistas deve ser compreendida como expressão do conservadorismo brasileiro, pois, ao libertar os africanos da condição de trabalhadores escravizados, conservou-se o setor latifundiário; as classes proprietárias brasileiras permaneceram as mesmas e não houve nenhum traço de reformulação da concentração da propriedade da terra, razão essa que explica um dos fatores responsável pela marginalização dos egressos do sistema escravista. “Por outro lado, continuamos dependendo de uma economia de exportação de um produto exclusivo: o café”. (MOURA, 1983, p. 24).

Neste quadro, a dinâmica econômica manteve-se a mesma, ou seja, subordinando o Brasil aos anseios do capital estrangeiro e impondo a inserção de regiões do território brasileiro no seio da divisão internacional do trabalho. São Paulo conserva-se como polo econômico produtor e exportador de café, recebendo os japoneses e outros imigrantes oriundos do continente europeu para o trabalho pretensamente livre, enquanto o negro era empurrado para a marginalização, consolidando uma estrutura de organização política de cariz antidemocrático.

Essa forma de organização do Brasil o coloca num patamar de país que tem sua formação social hipertardia, que se traduz nos seguintes aspectos:

> a) falta de um capitalismo nativo em proporção capaz de dar-lhe autonomia nacional; b) conservação da propriedade latifundiária; c) subordinação aos grupos, interesses e nações imperialistas; d) existência de um aparelho de Estado altamente repressivo para impedir as manifestações da plebe marginalizada; e) a conjugação de formas arcaicas de produção e dominação com formas modernas, fato que ao invés de resolver os problemas internos, agrava-os ainda mais, e, finalmente, uma distribuição de rendas altamente concentrada. (MOURA, 1983, p. 24).

Esses são os elementos constituintes da particularidade brasileira desde os tempos coloniais até os dias atuais. Essa trajetória demonstra que as transformações realizadas no

Brasil ocorreram pelo “alto”, ausentes dos traços das transformações democráticas, cuja participação do popular ao longo da história foi anulada. A permanência de uma burguesia agrária, conservadora e retrógrada é parte constitutiva da forma de ser do Estado autocrático, contrário a qualquer lampejo de manifestações populares, além da estruturação do Estado num viés patrimonialista que concilia a modernização com o antigo.

Em seu livro *Dialética Radical do Brasil Negro*, outra contribuição para a compreensão da realidade brasileira está na análise da escravidão no Brasil. Clóvis Moura (1994) divide a escravidão em dois períodos denominados “escravismo pleno” e “escravismo tardio”. O primeiro tem seu início a partir dos anos de 1500 até aproximadamente 1850, quando é juridicamente extinto o tráfico internacional de africanos. O *escravismo pleno* ocorre no período colonial, no reinado de D. João VI, no Império de D. Pedro I e D. Pedro II. Nesse contexto, a dinâmica econômica está calcada na produção escravista encorada na contradição em duas classes distintas: a classe dos senhores e a classe dos escravos. Ainda que houvesse outros segmentos, por exemplo, homens livres, estavam intimamente subordinados a estes.

A administração colonial estava submetida às ordens de Portugal, cuja administração era realizada pelo governador-geral, pois era necessário zelar pela obediência das leis do rei; manter a ordem pública; administrar as relações entre portugueses e índios; conduzir a defesa em geral; assegurar os concessionários de sesmarias a construir fortificações; impulsionar a construção naval; “distribuir sesmarias em torno da nova cidade (Salvador), controlar a penetração do interior, prover cargos públicos e conceder títulos de cavaleiros a quem julgasse merecedor”. (MOURA, 1994, p. 36). De modo geral, a administração estava voltada para assegurar o poder político e o econômico de Portugal e a garantir a ordem na colônia, isto é, foi construída uma estrutura política e jurídica para impedir revoltas tanto dos africanos, no Brasil, bem como dos nativos da América.

A produção era escoada para Portugal, mediada pelo monopólio comercial exercido pela Metrópole, por meio de um Conselho Ultramarino, a fim de garantir o poder sobre a colônia. Com a chegada de Thomé de Souza, este passou a conceder terras para aqueles que provassem ser “homens de qualidade”, isto é, “além de condição de donos de escravos possuidores de uma linhagem pura, sem sangue ou herege”. (MOURA, 1994, p. 37). Neste quadro, é possível afirmar, na esteira do autor de *Dialética Radical do Brasil Negro*, que a estrutura colonial manteve-se até por volta de 1850, ou seja, praticamente intocável, ausente de qualquer transformação substancial. Por essa razão, mais africanos escravizados foram

trazidos compulsoriamente para a América e espalhados nos locais a fim de serem explorados pelos proprietários colonos.

Outro aspecto que precisa ser explicitado tem a ver com a repressão, isto é, em virtude do aumento de africanos, e a resistência indígena, foi necessário criar uma estrutura estatal para impedir as revoltas dos grupos sociais reprimidos pelos colonos. Os colonos, através do poder do Estado, tinham de manter o equilíbrio social, termo utilizado por Clóvis Moura. É na contradição entre senhor e escravo que configura-se a ausência de um mercado interno. Conforme salienta Clóvis Moura (1994, p. 38):

> Seria irônico supor-se, no Brasil, um modo de produção que se autosatisfizesse na área de circulação e do consumo; fosse um escravismo patriarcal, fechado, e se regulasse apenas tão-somente pelas relações estabelecidas internamente. Seria também ingênuo supor que esse escravismo, por estar ligado ao capitalismo mercantil das nações consumidoras dos seus produtos tivesse internamente, regulando-o, as leis de mercado daquelas nações. O modo escravista de produção que instalou no Brasil era uma unidade econômica que somente poderia sobreviver *com e para* [grifo do autor] mercado mundial, mas, por outro lado, esse mercado somente podia dinamizar o seu papel de comprador e acumulador de capitais se aqui existisse, como condição indispensável, o modo de produção escravista. Um era dependente do outro e se completavam. Dai muitas confusões teóricas ao interpretar-se esse período, quando se procura estender as leis econômicas do capitalismo, especialmente do capitalismo mercantil às estrutura e à dinâmica da sociedade brasileira existente na época.

Para Clóvis Moura o elo entre escravidão e capitalismo tinha como escopo a sua existência em virtude do mercado mundial e a manutenção deste, todavia, para haver a comercialização e o mercado havia a necessidade da produção escravista. A colonização foi um das mantenedoras e impulsionadora do modo de produção capitalista. Por essa razão, estabeleceu-se uma "empresa comercial" cuja mercadoria fundamental para a sua existência deveria ser o *escravo.* Neste sentido, "sem o fluxo permanente da compra dessa mercadoria viva o sistema não poderia sobreviver e desenvolver-se" (MOURA, 1994, p. 38).

A mercadoria essencial comercializada e fundamental para manter os lucros dos senhores eram os africanos escravizados, pois

> cerca de 10 milhões de africanos entraram no Brasil via tráfico internacional, no período que vai do início do século XVI ao meado do século XIX, adquiridos pelos senhores durante a Colônia e outros setores interessados nesse tido de mão de obra até época da extinção do tráfico, podemos imaginar, aproximadamente as proporções das despesas que eles tiveram com esse tipo de investimentos e os lucros que proporcionaram aos traficantes. [...] Por estas razões, somente o trabalho escravo e não outro tipo de trabalho, mesmo compulsório e expoliativo poderia dar resultados compensatórios ao novo tipo de empresa que se estabeleceu no Brasil. (MOURA, 1994, p. 39).

Por outro lado, as colônias compravam das metrópoles apenas mercadorias perecíveis, como "vinhos, queijos, tecidos, bacalhau, farinha-do-reino (trigo) e outros produtos à manutenção da máquina produtora à subsistência da classe senhorial" (MOURA, 1994, p. 39).

Todavia, a partir da vinda de D. João VI, até a consolidação da Lei Eusébio de Queiroz, o Brasil entra na fase denominada, por Clóvis Moura (1994), de "liberalismo escravista". Isso porque a vinda do rei de Portugal possibilita várias transformações ao País, especialmente no âmbito da urbanização, por exemplo, no Rio de Janeiro e outras regiões, realizadas, entretanto, pelos trabalhadores escravizados[55].

Clóvis Moura (1994, p. 47) demonstra que, no bojo do atraso brasileiro, está a constituição da classe burguesa, no Brasil, argumentando que foi a partir da ratificação da Lei Eusébio de Queiroz que "surgirá o embrião de uma burguesia epidérmica que nasce muito tarde como classe e que não poderia desempenhar aquelas funções dinamizadores atribuídas a uma burguesia clássica nos moldes europeus".

É uma burguesia que tem seu início no segundo e último períodos do escravismo, cujo caráter é auxiliar, condicionada, dependente, apêndice e colaboradora dos interesses dos compradores, vendedores ou investidores da Metrópole. Não havia espaço econômico para essa classe; os investimentos efetivados no Brasil são realizados sem a liderança dessa burguesia "débil". Assim, é uma burguesia que nasce subalterna e realizaria funções caudatárias, "jamais assumiria o seu papel social e político de transformadora de uma nova etapa histórica da nossa sociedade através de uma proposta de nova ordenação social" (MOURA, 1994, p. 47). Nesse contexto, inicia-se uma estrutura da sociedade brasileira que coloca o País no patamar denominado por Clóvis Moura de "escravismo tardio".

O escravismo tardio[56] é o período em que se inicia um processo de modernização que transforma o escravismo no âmbito tecnológico, sem modificar, contudo, a estrutura

[55] Aponta Clóvis Moura que até mesmo os movimentos de protesto não colocavam a pauta da situação do negro no Brasil. Em suas palavras: "Mesmo os movimentos contestadores que surgiram – no plano ideológico, portanto – antes ou logo depois da Independência, como a revolução pernambucana de 1817, a Confederação do Equador de 1824, a Sabinada de 1837, não colocaram nos seus programas políticos a abolição da escravidão. E não podia ser de outra forma. O escravismo satisfazia econômica e socialmente, ninguém pensava ou articulava um movimento que obtivesse substituí-lo por outro regime de trabalho". (MOURA, 1994, p. 46).

[56]"Quando dizemos, na nossa elaboração teórica, *modernização*, sem *mudança*, queremos afirmar que em determinada sociedade houve um progresso econômico, tecnológico, cultural e em outras partes e níveis da sua estrutura sem uma modificação que a isto correspondesse nas suas relações de produção, ou seja, na sua infraestrutura. Dessa forma, se, de um lado, a sociedade acumula, assimila e dinamiza aquilo que o desenvolvimento material, científico e tecnológico criou e aperfeiçoou, do outro lado, as relações entre os homens no processo de trabalho continuaram atrasadas e correspondentes a um estágio anterior e inferior ao da estrutura que avançou. Todo o suporte fundamental da sociedade fica, desta forma, em desarmonia com o

fundamental para manter a dinâmica comercial no quadro internacional; é um Brasil que se moderniza, mas permanece dependente, em virtude de os capitais instalados no País serem externos, propiciando que os locais eleitos para os investimentos, em vez de serem protagonizados pela burguesia local, o são por uma burguesia estrangeira, especialmente a inglesa. Os capitais estrangeiros introduzidos no País, que em tese poderiam desenvolver a economia brasileira, ao contrário, consolidam o subdesenvolvimento que perdura até os dias atuais. (MOURA, 1994).

Esse processo de modernização coincide com o período do imperialismo, inaugurado pelo modo de produção capitalista. Nesse contexto, o volume de investimentos realizados no Brasil, assim como a pressão para por fim ao trabalho escravizado no Brasil contaram com as iniciativas da burguesia inglesa, impulsionando o desenvolvimento de uma economia nacional brasileira, porém subalterna ao capital internacional.

> Ao lado desses investimentos ocuparem espaços dinâmicos da nossa economia, ela foi acompanhada por um processo de subalternização também política e cultural nos colocando sempre como devedores e culturalmente dominados pelas nações do centro, que comandavam o mercado capitalista mundial. (MOURA, 1994, p. 54).

É preciso apontar quais foram os locais estratégicos que a burguesia inglesa ocupou para expandir sua economia e, concomitantemente, permaneceu, o Brasil, subordinando ao capital estrangeiro, resultando numa burguesia atrelada, conciliatória e incapaz de conduzir as mudanças ocorridas, conforme antes salientado[57].

O desenvolvimento nacional brasileiro, para além de consolidar uma burguesia atrelada, impediu que no Brasil se obtivesse uma industrialização autônoma. Nesse caso, o processo de industrialização foi estrangulado devido às medidas e aos financiamentos realizados pela Inglaterra, pois "os ingleses faziam empréstimos em condições escorchantes às poucas iniciativas nacionais, e, posteriormente, partiram para investir diretamente nesse setor". (MOURA, 1994, 54). Tais investimentos podem ser constatados nas seguintes áreas:

---

desenvolvimento da outra parte que se *modernizou.* Cria-se uma contradição na estrutura que começa a produzir choques, assimetrias e conflitos como reflexos e reduções dessa diferença". (MOURA, 1994, p. 53, destaques do autor).

[57]Segundo Moura: "Os ingleses modernizaram o Brasil, mas através de estratégias de subordinação – sutis ou abertas – que determinaram progressivamente, à medida que nos endividávamos, esse processo de dependência. Desta forma, insistimos, não houve a possibilidade de formar-se uma classe burguesa nacional nas condições de assumir o comando desse desenvolvimento, mas as suas capas médias – inclusive políticas – foram prestar serviços auxiliares aos grandes incorporadores estrangeiros, investidores e filiais de bancos ou empresas que se instalaram aqui, transformando-nos em um simples entreposto mercantil e bancário dos seus negócios". (MOURA, 1994, p. 54).

estradas de ferro, portos, agroindústrias nordestinas, companhia de gás e iluminação, moinhos, cabos submarinos, companhia de seguro, navegação fluvial, transportes coletivos e outros locais, todos controlados pelo capital britânico.

Os comércios externo e interno, bem como a política de importação e exportação, em suma, todos os setores, estavam subordinados ao capital inglês. As estradas de ferro, fundamentais para o escoamento de mercadoria – litoral para o exterior – tinha o investimento do capital inglês feito por empréstimos para as "pequenas empresas", que, em virtude de não sanar suas dívidas, eram apropriadas pelos financiadores[58]. Os empreendimentos relacionados às ferrovias, do ponto de vista estratégico, foram alocados nas regiões cafeeiras, especialmente em São Paulo, mas sem deixar de investir na região do Nordeste.

O setor bancário foi privilegiado pelos ingleses e, no ano de 1863, o London and Brazilian Bank estabeleceu-se no Rio de Janeiro, na Bahia, em Pernambuco, Santos e no Rio Grande do Sul. O sucesso do investimento foi tamanho que, posteriormente, o Banco Brasileiro e Português foram açambarcados pelos banqueiros da Inglaterra. "Por volta de 1913 os ativos dos bancos britânicos que operavam no Brasil, constituíam quase 30 por cento dos ativos locais de todos os ativos de todos os bancos estrangeiros que operavam no Brasil". (MOURA, 1994, p. 56).

A burguesia não somente controlava o comércio fluvial e costeiro, como o de exportação e importação, aludindo a proteção das cargas de café, mas também os meios de comunicação estavam sob o controle da Inglaterra. Todo esse sistema de controle político e econômico fez com que a Inglaterra enchesse o mercado brasileiro de mercadorias, visto que, em 1850, "os fardos que chegavam da Inglaterra para o Rio de Janeiro (navios ingleses) eram encaminhados para 63 comerciantes dos quais 41 eram ingleses". (MOURA, 1994, p. 56).

Nesse itinerário, o Brasil importava as mais variadas mercadorias: manteiga, açúcar, cerveja, canela, barbante, lona, etc.; as roupas dos trabalhadores escravizados, antes produzidas nacionalmente, bem como os instrumentos de trabalho eram oriundas de empresas da Inglaterra.

[58] Neste aspecto, salienta Clóvis Moura (1994, p. 55) que os ingleses emprestavam "inicialmente 700 mil libras a uma companhia de carruagens que fazia a linha de Petrópoles a Juiz de Fora, mas logo viram que o problema dos transportes no Brasil requeria soluções através de recursos técnicos mais substanciais e mais modernos. Emprestavam, em razão disto, 483 mil libras à Cia. Mogiana, repetindo o empréstimo de 483 mil em 1880. Os empréstimos dificilmente eram resgatados, em consequência das altas taxas de juros e da baixa taxa cambial. Um exemplo é o da Cia. Paulista de Estadas de Ferro que tomou emprestada da Inglaterra a quantia de 150 mil libras, em 1871 com o prazo de vinte anos para o vencimento. Devido à desvalorização da moeda brasileira, quando o pagamento foi feito em 1898 (dentro do prazo estabelecido no contrato) somava mais do dobro em moeda nacional. Outras, porém, não conseguiram resgatar os seus débitos".

Em suma, o capital inglês penetra por todo o Brasil, seja no setor urbano-industrial ou nas regiões do Norte e Nordeste. Os empreendimentos da burguesia inglesa realizavam-se onde podia existir o investimento comercial, o que inflamava as regiões, pois a lógica – do capital – era modernizar, leia-se, criar mercado consumidor em proveito próprio. Todavia, tais investimentos, no mesmo momento em que modernizavam as regiões brasileiras no âmbito econômico, obstruía o desenvolvimento nacional e autônomo do Brasil, seja nos setores bancário, ferroviário, ou nas indústrias nascentes.

As transformações foram realizadas a partir do trabalho escravizado, só combatido pela burguesia inglesa por que passou a ser uma barreira para a realização do *valor.* Por essa razão, Clóvis Moura, em sua obra *Dialética Radical do Brasil Negro*, afirma que, no período do *escravismo pleno,* o moderno passa a servir ao velho, subsidiando o novo. Nessa dialética, o sistema de comunicação instalado no Brasil, a partir de 1850 (data em que é instituída a Lei Eusébio de Queiros), teve, entre outras finalidades, a de racionalizar a vigilância do tráfico ilegal, assim, uma vez denunciado o comércio ilícito de africanos, com essa ferramenta, tornava-se possível comunicar a Guarda Marinha inglesa e impedir que os navios chegassem aos destinos esperados. Porém, o mesmo sistema de comunicação utilizado para combater o tráfico internacional, era usado pelos proprietários de africanos escravizados para persegui-los e prendê-los, tornando o controle e a repressão sobre os/as negros/as mais eficiente.

Com o navio a vapor, símbolo de modernização do capital, o tráfico de africanos passa a ser mais rápido, diminuindo o trajeto da Europa para a África e o Brasil. Em relação às ferrovias, a modernização, além de propiciar o escoamento de mercadorias, viabilizou também o transporte das tropas para os sítios, a fim de combater os quilombolas, capturar os escravizados refugiados nas diversas regiões do estado de São Paulo[59].

O desenvolvimento do modo de produção capitalista teve como principal protagonista os interesses do capital estrangeiro, que, por meio da sua política ideológica e econômica, subordinou o Brasil para a produção, reprodução e expansão do *valor* no interior da Europa, especialmente a Inglaterra, no século XIX[60]. No mesmo contexto, possibilitou a efetivação de

[59] "Essa *modernização* era, portanto, sociologicamente ambígua. Um exemplo dessa ambiguidade é o fato de ter sido criada uma Loteria Nacional com a lei de 1871(Lei do Ventre Livre) para reverter os seus lucros ao Fundo de Emancipação destinado à compra de liberdade dos escravos. Os senhores de escravos ou possuidores dos mesmos, no entanto, aproveitavam-se de sua existência legal e faziam rifas que corriam obedecendo aos seus números e paradoxalmente rifando escravos como prêmios entre os acertadores". (MOURA, 1994, p. 63).

[60] No período aqui apreciado – do *escravismo tardio* –, acompanhando os estudos de Clóvis Moura, especialmente no livro *Dialética Radical do Brasil Negro*, na medida em que o Brasil se moderniza, uma série de medidas será criada para assegurar o desenvolvimento do modo de produção capitalista atrelado aos interesses do capital estrangeiro e, concomitantemente, favorecer o desenvolvimento da burguesia nacional. Por essa razão,

uma burguesia brasileira atrelada aos interesses do capital externo, isto é, a burguesia do Brasil nasceu para administrar os negócios da burguesia estrangeira e, ao mesmo tempo, valeu-se dos privilégios como classe, investindo na produção de mercadorias para serem escoadas ao continente europeu e traficando trabalhadores escravizados que lhes davam lucros e eram utilizados como elemento fundamental para a produção de mercadorias.

São os fatores apontados que evidenciam a natureza da classe burguesa brasileira, que precisa ser contrária a qualquer manifestação de natureza popular, e, ainda, precisa superexplorar o trabalhador a fim de garantir a sua riqueza e a do capital estrangeiro. Esse é o caráter da nossa burguesia. Por essa razão, é preciso ser conservadora, mas recebendo as "modernizações" realizadas a partir dos empreendimentos, especialmente, da Inglaterra. Nas palavras de Clóvis Moura (1994, p. 103), "O Brasil arcaico preservou os seus instrumentos de dominação, prestígio e exploração e o moderno foi absorvido pelas forças dinâmicas do imperialismo que também antecederam à Abolição na sua estratégia de dominação".

Nesse contexto histórico, o pensamento conservador torna-se fundamental para assegurar os privilégios dos grupos elitizados do Brasil e garantir o tom de algumas das controvérsias mais acirradas sobre a realidade brasileira e o destino do País. Por um lado, debatia-se que os problemas do Brasil estavam diretamente relacionados ao processo de industrialização. De outro lado, o País deixaria de ser subordinado ao estrangeiro se depositasse seu futuro exclusivamente na atividade agrária; por fim, alguns teóricos do conservadorismo acreditavam que os problemas se originavam, justamente, pela ausência de

---

é elaborada uma série de medidas: A Tarifa Alves Branco, cuja finalidade era estimular a criação de indústrias nacionais, obrigar a Inglaterra a modificar sua tarefa sobre o açúcar brasileiro; criação de novos mercados de trabalho e o aumento da receita. Ou seja, abrir novos mercados de trabalho por meio de indústrias, desvalorizando o trabalhador oriundo do Brasil e estimular a imigração de trabalhadores europeus. Após a Tarifa Alves Branco, no ano de 1850, foi instituída a Lei Eusébio de Queiroz, que, além de proibir o tráfico internacional de africanos, o objetivo não passa de suplantar o período do *escravismo pleno,* mas criar as condições para impulsionar a vinda de imigrantes europeus a fim de substituir a força de trabalho africana. Nesse caso, com a proibição do tráfico, o valor de compra de africanos subiu de maneira exorbitante, logo, o estímulo por trabalhadores europeus estava assentado. Outra medida que está dentro das transformações ocorridas no Brasil é a Lei de Terras, consolidada no mesmo ano em que foi aprovada a Lei Eusébio de Queiroz, com o objetivo de mudar a política de concessão de terras, visto que antes da proibição do tráfico internacional de africanos, as terras eram concedidas por meio de uma política de fidelidade, mérito ou benfeitoria. No momento em que é aprovada a lei que proibia o tráfico, o governo imperial tinha a dimensão de que a escravidão estava prestes a ser extinguida, logo, as terras passaram a ser comercializadas, possibilitando àqueles com mais recursos comprar terras, não importando o local. Essa medida abriu espaço não apenas para uma política de natureza liberal, mas obstaculizar uma abolição da escravatura radicalizada; nesse caso, o Estado não ficaria responsável por indenizar os africanos após a escravidão. A Lei de Terras foi uma estratégia para impedir que os pobres viessem a obter terras e, ao mesmo tempo, possibilitou que os fazendeiros de café comprassem terras a fim de assegurar seus negócios. A Guerra do Paraguai (1864-1870) foi outra estratégia para fomentar a passagem do escravismo tardio para o trabalho livre, para além dos interesses da própria Inglaterra. Porém, os africanos participaram da guerra com a finalidade de receber alforria após o retorno. Ocorre que foi uma forma de dizimar os africanos no Brasil.

um Estado forte e centralizado. Entre os teóricos do conservadorismo, mantinha-se a ideia de um país inconcluso, que faltava consolidar não somente uma identidade nacional, mas também um povo (leia-se raça, clima e nação, conforme veremos a seguir). Nesse horizonte, os ideólogos do conservadorismo vão assimilar as sugestões e os modelos de interpretação propostos por estudiosos estrangeiros para serem aplicados no Brasil, sem considerar a realidade local.

Desta forma, para melhor nos situarmos em relação ao pensamento conservador brasileiro, destacamos alguns teóricos estrangeiros que, em seus estudos e observações, apresentam soluções para os problemas do Brasil e constroem um imaginário em relação à "concretização da nação brasileira", influenciando as elites brasileiras, a partir do século XIX.

1.2 O Brasil visto de fora: os teóricos estrangeiros subsidiam as nossas elites

Ao longo do século XIX, os europeus viajantes, ancorados nas ideias sobre clima, raça e evolução, constroem um modelo de interpretação em relação à realidade brasileira a partir das suas próprias deduções. Alguns viajantes que passaram pelo Brasil, ao estudá-lo, faziam sugestões para os estudiosos e teóricos brasileiros, acreditando, desta forma, estar contribuindo para a interpretação e a construção de caminhos para a efetivação *de* uma nação[61].

A maneira de pensar o Brasil, na obra de Henry Buckle (1821-1862) *História da Civilização na Inglaterra*, evidencia que, mesmo sem nunca ter vivido no País, fez um levantamento sobre clima, topografia e vegetação, para concluir que o Brasil produziu homens apáticos e mentalmente prejudicados, que não poderiam avançar sem a ajuda do europeu. (RAMOS; MAIO, 2010).

Outro famoso cientista que permaneceu no Brasil em 1865 foi o suíço Louis Agassiz (1807-1873). Dirigiu o Museu de Zoologia Comparada, nos EUA nos anos de 1840 e, após colher espécimes de fauna e da flora brasileira, conclui:

> Qualquer um que duvide dos males dessa mistura de raças, e se inclina, por mal-entendida filantropia, a botar abaixo todas as barreiras que as separa – venha ao Brasil. Não poderá negar a deterioração decorrente do amálgama de raças, mais geral aqui do que em qualquer país do mundo, e que vai apagando, rapidamente, as melhores qualidades do branco, do negro e do índio, deixando um tipo indefinido, híbrido, deficiente em energia física e mental. (AGASSIZ apud SKIDMORE, 1976, p. 47-48).

[61] Em relação à construção da história e interpretação do Brasil, ver especialmente MOURA, Clovis. **As injustiças de Clio**: o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

Outro intelectual que esteve no Brasil entre 1869 e 1870, na condição de diplomata, foi o francês Arthur de Gobineau (1816-1882). Em 1843, trabalhou para Alex Tocqueville, na condição de secretário, cuja principal função era estudar as doutrinas morais sobre a Alemanha e Inglaterra. Além da defesa da hegemonia nobiliária, o seu escopo foi explicar o desenvolvimento da história a partir da raça[62].

Segundo Lukács (1959), Gobineau ocupa posição privilegiada como um pensador ativista que desenvolveu a teoria do racismo depois de longo percurso pelo qual difundiu uma nova ideia no campo racial nos amplos círculos de opinião. Sua obra *Ensaio Sobre a Desigualdade das Raças* foi escrita e publicada num período de reação durante os anos de Napoleão III e deve ser considerada a primeira teoria racista moderna que ganha repercussão histórico-social.

O ponto de partida de Gobineau é a luta contra a democracia, a "ciência" e a igualdade entre os homens; o mau, na história da humanidade, encontra-se na igualdade; defendia as velhas chácaras reacionárias-feudais afirmando que desigualdade é natural entre os homens – traço típico da reação, cuja teoria racista é a teoria da luta contra a democracia. (LUKÁCS, 1959).

Quando chega ao Brasil como diplomata, Gobineau o considera um local de conglomerado de "degenerados e de malandros*"*. (RAEDERS, 1988). Lamentando a sua vinda, reclama em uma de suas cartas à sua irmã: "Querem enviar-me como ministro ao Brasil. Fiz o que pude para evitar esse posto [...]. Creio que mereço outra coisa, e sou capaz de prestar serviços mais relevantes em questões de maior vulto [...]; estou prestes a trocar Atenas pelo Rio. (RAEDERS, 1988, p. 22).

Afirmava ainda que todo mundo era feio, como macacos (READERS apud SKIDMORE, 1978), e demonstrava seu descontentamento afirmando que no Brasil existe

[62] Considerando o breve histórico relacionado ao conceito de raça, na Introdução da presente pesquisa, é preciso mencionar que o conceito de raça utilizado pelos eugenistas está ligado ao conceito biológico de raça e tem proximidade com o conceito de raça de Gobineau, que acreditava num conceito de "raça-linhagem" e buscava explicar o desenvolvimento da história a partir das relações entre as "raças". O interessados em mergulhar na produção do Conde de Gobineau, ver especialmente: HAHYVA, Helga da C. **O inimigo do século**: um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816 – 1882). Tese (Doutorado em Sociologia) - Instituto Universitário do Rio de Janeiro/Sociologia, Rio de Janeiro, 2006; RAEDERS, Georges. **O inimigo cordial do Brasil**: o conde de Gobineau no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988; do mesmo autor: **D. Pedro II e o conde de Gobineau**: correspondências inéditas. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938. Por fim, consultar: GÕES, Weber Lopes. **O pensamento de Arthur de Gobineau no seio do caleidoscópio da ideologia do racismo**. (Monografia) - Curso de Pós-gradução em Ciências Sociais do Centro Universitário Fundação Santo André, Santo André, 2011.

uma “população toda mulata, com sangue viciado, espírito viciado e feia de meter medo”. (GOBIENAU apud RAEDERS, 1988, p. 90); seu único prazer era conversar com D. Pedro II, com quem se encontrava ao menos duas ou três vezes por semana, no Paço de São Cristóvão, e quem Gobineau considerava o único “ariano puro” (RAEDERS, 1988, p. 90), apesar de considerar o Brasil um país de degenerados e de malandros. Havia no conde um enorme desprezo pelo Novo Mundo. Ao comparar a América com os orientais, não limitava suas exaltações ao Oriente, e se referia ao continente americano como de selvagens que não sabiam ler e nem escrever.

Para Gobineau, a miscigenação no Brasil existia em virtude de não possuir características semelhantes ao continente Europeu, por não ter experimentado os valores feudais e ter-se consolidado a partir do empreendimento da burguesia, através do colonialismo. Assim, para esse autor, o Brasil nasceu com valores burgueses, portanto, afirmava “esse velho povo, que se diz jovem, é o mais velho povo da Europa”. (GOBINEAU apud GAHYVA, 2006, p. 68).

Arthur de Gobineau torna-se amigo de D. Pedro II, com quem fez viagens enquanto discutem literatura e política. Dizia que não havia no Brasil nada que lhe causasse interesse, exceto os diálogos com o imperador e frequentar locais de produção cultural, porém considerava o teatro brasileiro horroroso, embora frequentasse os salões a fim de apreciar as composições de seu amigo Richard Wagner. Preferia esculpir e escrever e, ao contrário dos seus companheiros de viagem, recusava-se a frequentar o *Alcazar*, um café-concerto na Rua do Ouvidor; o único erudito que havia no Brasil era D. Pedro II, afirmava o conde. Durante sua estada no Brasil, não poupou reclamações e considerava Cristóvão Colombo um grande miserável, e não sabia por que se meteu a descobrir o Novo Mundo. (RAEDERS, 1988).

Após longo período no Brasil, Gobineau chega ao seu limite; sua paciência se esgota e recorrendo ao conselho de seu médico, deixa o Brasil:

> Estou – escreve – submetido a influências malsãs e excessivas. A minha extrema solicitação, nesta atmosfera só é comparável a um banho de vapor perpétuo, este céu sempre cinzento e baixo, flores enormes de cores brilhantes atordoando-me os olhos, tantos negros, negras, mulatos, mulatas de todos os lados, ninguém com quem falar, a não ser o Imperador, estou me tornando um imbecil, tenho febre, insônia, um mal-estar universal e um cansaço constante. (RAEDERS, 1988, p. 177-178).

Em 1873, é publicado no Brasil um texto, encomendado por D. Pedro II, intitulado *L´ Emigration au Brésil.* Gobineau afasta-se da sua filosofia da história pessimista e busca propor uma saída para o Brasil. Não houve por parte do autor uma análise densa, isso por que ele se limitava a ficar no hotel e no salão da corte, sem interesse pelo país real. Tal

comportamento permitiu a Gobineau conhecer o Brasil no campo da aparência, interpretando-o como um território ausente de conflitos, desconsiderando as diversas lutas registradas.

Ele principia a sua análise do Brasil fazendo um balanço sobre a imigração do europeu ao novo mundo, focado na América do Norte como refúgio dos expatriados e berço das oportunidades, lá, todos seriam livres, ricos e homens completos, no pleno sentido da palavra. (GOBINEAU, 1988). Em seguida, demonstra que e imigração alargou o foco do norte para o sul da América, em particular para o Brasil. Para Gobineau, o País seria o palco daquele que almejasse um futuro, logo, aqui estaria a saída para a prosperidade, com oferta de trabalho, acompanhada da "calma da liberdade". Reforça sua argumentação evidenciando as províncias estabelecidas pelos alemães em Santa Catarina e em Minas Gerais; para validar seus argumentos, utiliza estatísticas daquele contexto.

Exalta as características geográficas, enumera a quantidade dos portos existentes, e dentre os 42 disponíveis, destaca o do Rio de Janeiro como o mais admirável; mostra a importância dos rios e, na região da Amazônia, identifica um canal de fácil acesso à Bolívia, ao Peru, à Venezuela, ao Equador, à Nova Granada; não abre mão de destacar a navegação a vapor, empreendimento importante para o governo brasileiro, que via na abundância das vias fluviais um meio significativo para o desenvolvimento do Brasil. Enfim, no país havia condições geográficas satisfatórias para despontá-lo economicamente.

Todos os fatores pontuados por Gobineau eram tomados como elementos que poderiam potencializar o desenvolvimento do País e, logo em seguida, ele centra sua análise no âmbito populacional e nas suas características étnicas. Após levantamentos de estimativas, afirma Gobineau que a maior parte da população do Brasil se caracterizava por mestiços, fruto da relação entre negros, índios e portugueses. Aqui topamos com suas estimativas, ao afirmar que os mulatos de distintos matizes não se reproduzem além de um número limitado de gerações. (GOBINEAU, 1988, p. 241). Lamenta não existir uma política de esterilização nos casamentos, perspectiva esta que se assemelha aos desejos de Renato Kehl, conforme veremos à frente. Nesse caso, Gobineau considerava a mescla entre portugueses, nativos e negros como um definhamento da nação e ancorado em seus cálculos, sem fundamentos, afirma:

> Se um período de trinta anos custou um milhão de habitantes ao Brasil, os nove milhões nos quais acredito terão desaparecido completamente, até o último homem, no final de um período de 270 anos. Mas se considerarmos que trata aqui de um princípio pouco aceito, ou seja, a não aceleração do movimento em virtude de maior intensidade dada à degeneração brasileira como resultado do prosseguimento indefinido das misturas completas de mestiços, somos inclinados a acreditar que o número de 270 anos é extremamente exagerado, e que em menos de 200 anos, na

> verdade, veremos o fim da posteridade dos companheiros de Costa Cabral (*sic*) e dos imigrantes que o sucederam. Aliás, o Brasil já se acostumou a tal espetáculo. Sem falar das numerosas tribos dos Guaranis, que não deixaram nada mais do que seus nomes no solo que possuíam há bem poucos anos ainda, algumas variedades mestiças, outrora muito conhecidas se capazes de desempenhar um importante papel, já não existe hoje, os mamelucos, por exemplo, do que, aliás, a província do Pará não chega a se lamentar. (GOBINEAU, 1988, p. 241-242).

A citação mostra inicialmente um pensamento pessimista do autor em face da mistura étnica que não seria positiva mas um obstáculo para o desenvolvimento do Brasil. Porém, como o francês está escrevendo um texto encomendado, não se limita apenas às colocações descritas e amplia mais ainda a sua propositura no que se refere à mistura étnica:

> Mas, se em vez de reproduzir entre si, a população brasileira estivesse em condições de subdividir mais ainda os elementos daninhos de sua atual constituição étnica, fortalecendo-se através de alianças de mais valor com as raças europeias, o movimento de destruição observado em suas fileiras se encerraria, dando lugar uma ação contrária. A raça se estabeleceria, a saúde pública melhoraria, a índole moral se retemperaria e as mais felizes mudanças se introduziriam na situação social deste admirável país. (GOBINEAU, 1988, p. 242).

Assim, Gobineau deposita a solução para o País na mistura, tendo como finalidade o genocídio das etnias consideradas como "inferiores" e o branqueamento, embora o branco que o diplomata vê como protagonista não é o português, conforme explicitado mais à frente. O Brasil carecia de *sangue europeu*, logo, o caminho proposto é a introdução em larga escala da mistura com o branco para a elevação do País rumo à civilização. A asserção de Gobineau distancia-se das suas conclusões no *Ensaio.* Nessa obra, a raça vencedora, conquistadora e superior, é o ariano, todavia, se para o autor o processo de miscigenação leva a civilização ao declínio, logo, o ariano estaria condenado à extinção. O pensamento de Gobineau referente à miscigenação no Brasil tem ligação, portanto, com a propositura dos autores citados adiante. Com efeito, deslocando-se da perspectiva racialista, Gobineau não propõe o francês, pois este representava os valores da democracia, não eram de *sangue puro.* Portanto, os povos que detinham a cultura da burguesia, espírito expansionista, guerreiro e desbravador, dariam ínfima contribuição para o Brasil. Como ele resolve essa questão?

Gobineau propõe que sejam injetados no Brasil os suecos, visto que o povo sueco tinha história diferenciada, em relação aos franceses, pois na França se estabeleceu um poder ambicioso, vide o processo revolucionário desde a Revolução de 1789. Conforme acentua Tocqueville (1987 apud GAHYVA, 2007, p. 155), a aristocracia acata a permanência de seus privilégios, não obstante o fim de suas obrigações para o conjunto da população. As pequenas províncias são solapadas pela supremacia da centralização da capital.

A raça-linhagem é retomada por Gobineau quando afirma que na Suécia os camponeses mantinham seus valores comunitários; nessa direção, havia íntima ligação com a terra; na divisão social do trabalho, a cidade era subsumida ao campo; os suecos viviam em plena felicidade e apresentavam pouco interesse pelo poder, cujo espírito revolucionário estava fora de cogitação; em última instância, a civilização parisiense não ganha eco naquele território. O campônio, dizia a D. Pedro II, preservava a sua linhagem, estimulado pelo zelo dos proprietários rurais, que permaneciam porta-vozes das classes populares (RAEDERS, 1988).

Essa argumentação do conde demonstra a sua concepção de nostalgia quanto ao retorno à floresta. Com o seu pensamento colado no passado, não concebe os brancos franceses como percursores da civilização para o Brasil e o camponês sueco é uma saída importante para o País, que precisa se tornar uma nação e tem como parâmetro o padrão centrado na Europa. Daí insistir em determinado povo, mas que fosse aquele que ainda, para Gobineau, não estivesse impregnado dos valores da burguesia, da democracia, logo, da modernidade.

Gobineau, paradoxalmente, propõe a transformação imediata do Brasil, sugerindo que sejam estabelecidas colônias. A esta altura, sua sugestão conflui com os desejos das elites brasileiras: formula uma proposta significativa ao elencar um povo que teria de ser branco estável, isento de aspirações revolucionárias; tal sugestão não choca com as transformações necessárias para o Brasil[63].

Elogia o Brasil a respeito da abolição da escravatura, pois o País trilhava no caminho certo, ao fazer a transição do trabalho compulsório ao livre. Esse processo teria de ser feito aos poucos para evitar conflitos tanto com os ex-escravizados, quanto com os proprietários que reivindicavam indenização do Estado ao libertar o africano. Por fim, a passagem do trabalho livre não poderia ocorrer de outra forma, visto que os recursos para ressarcir os proprietários eram nulos.

Ao tratar os povos originários, os nativos, denominados de *selvagens*, Gobineau não tem saída a não ser o seu próprio fim, e argumenta que o espírito de uma raça não se metamorfoseia enquanto continuar a ser ela mesma, "e se esta raça entra em contato como uma potência estrangeira e mais forte, é triste dizer, não assimila a outra: morre e desaparece. As diferentes tribos aborígenes do Brasil farão o mesmo" (GOBINEAU, 1988, p. 243).

[63]Segundo Gahyva (2007), o apreço de Gobineau pela Suécia tem a ver com a sua estadia nesse local e pela cultura que os suecos apresentavam, e, mais, quando escreve o texto para o Brasil, está em solo sueco. Talvez este seja também um dos elementos que o levará a propor que no país governado por D. Pedro II seja incentivada a introdução dos suecos.

Assim, ao montar a sua tese, embora reconheça os esforços dos missionários que buscavam atrair os povos originários à "civilização", pelo viés da educação, considera o empreendimento fracassado, mesmo que possibilite a existência de membro isolado, em suma, não interessa como, mas qualquer tentativa de civilizar o nativo seria nula.

Nesse diapasão, verifica-se que para os negros e povos originários não há saída, a não ser a sua destruição completa. O autor em mira acreditava no futuro do Brasil sem os povos considerados incapazes de assimilar os *valores da civilização* europeia. Por essa razão, a sua sugestão atende às aspirações das elites brasileiras. O final do século XIX é um período em que a exaltação da civilização europeia estava em voga e o destino das populações externas da Europa era tarefa da burguesia vitoriana. A propositura de Gobineau cai como uma luva. As elites brasileiras já eram racistas desde a sua formação e vão assimilar e colocar em prática seu conselho.

Nesse caminho, constata-se no diplomata francês um Brasil pacífico, sem conflitos; basta captar no seu texto a maneira como concebe a transição. O conde acredita que o processo de transformação se daria na seguinte configuração: os negros seriam libertados e indenizados, ganhariam terras para cultivar, teriam propriedade; os senhores ofereceriam as condições aos africanos, aqui no Brasil, e, mais, afirmava que os descendentes de africanos do nosso País eram tratados com suavidade, podiam obter terras e tocar seu próprio negócio.

De fato, já é sabido que a ideia de Gobineau não se concretiza, ao contrário, os negros, após a abolição, passaram a ser os primeiros moradores de rua, muitos foram morar nos morros, construir as favelas e os primeiros a ocupar os presídios; em última análise, os negros, dentro do projeto consolidado pelas elites conservadoras do nosso País, continuaram subsumidos ao preconceito e à discriminação racial.

Ainda na perspectiva da imigração, interligado com o processo de branqueamento, Gobineau entendia a injeção dos europeus como um mecanismo de desenvolvimento econômico do País, concluindo em seu texto:

> [...] tenho certeza de que a emigração vai-se dirigir cada vez mais para o Brasil, ajudando a produzir, nesta terra de promissão, um desenvolvimento econômico cujo arrojo seria fantástico, bastando que o engenho humano saiba tirar partido [...] mas o que é correto assinalar é que a administração brasileira, esclarecida pela experiência, multiplica anualmente as receitas e as preocupações favoráveis aos emigrantes, e que certamente não existe país que se ocupe mais constantemente da segurança e do futuro dos homens, sobre quem se fundam aliás, justas esperanças para a prosperidade nacional. (GOBINEAU, 1988, p. 251-252).

Dentro da perspectiva do autor e interligando com as aspirações da classe dominante, seu texto passa a ser um manual para o País que estava se transformando. As questões sobre

escravidão, imigração, desenvolvimento do País eram indagações das elites, naquele momento, visto que, para alguns setores da burguesia, dentre os elementos que obstaculizavam o desenvolvimento do Brasil estavam a produção ainda baseada no trabalho compulsório, os movimentos que envolviam os setores dos pequenos proprietários, assim como as revoltas dos trabalhadores escravizados – criação de quilombos, irmandades e outras formas de organização.

Outras questões incomodavam as elites da época, como a quantidade de descendentes de africanos no Brasil, o número significativo de imigrantes em busca de trabalho. Mas o problema que se colocava às elites era como construir uma nação sem a quantidade de negros que se encontrava no Brasil, se o país tivesse de manter a política de imigração e, nesse caso, quais imigrantes deveriam vir ao País. Não poderia ser qualquer branco, pois, do ponto de vista das elites, quanto mais pura a raça, melhor. E, ainda, como despontar o Brasil com essas questões pendentes? Os trabalhos de Arthur de Gobineau podem ser considerados como uma contribuição importante que supriu, em certa medida, os anseios das elites, num contexto em que, no Brasil, se delineavam saídas para consolidar um projeto nacional.

De fato, foram vários os autores que interpretaram o Brasil e extrapolam os antes destacados[64]. Selecionamos, a título elucidativo, os autores Buckle, Agassiz e Gobineau para, em seguida, demonstrar que os ideólogos, colunados aos anseios das elites do Brasil, se ancoraram nesses autores para refletir sobre a natureza da formação social brasileira e quais os caminhos a serem tomados.

1.3 O pensamento conservador e a importação das teorias europeias "racialistas" para o Brasil

Com as indagações elaboradas pelas elites sobre o fim da escravidão e a proclamação da República, a ideia e as propostas sobre identidade nacional também passaram a ser alvos de várias discussões. Porém, o Brasil apresentava diversidade de grupos sociais, que se afastam dos modelos e padrões conhecidos e teorizados pela inteligência acadêmica da época. Nesse contexto, as ideias dos intelectuais, artistas e cientistas viajantes que estiveram aqui ou

[64] Para um estudo mais detido a respeito da vinda dos viajantes e cientistas no Brasil, ver: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870- 1930. São Paulo: Companhia das Letras 2007. SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco** – raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Nesta obra, o autor destaca outro observador estrangeiro que oferece subsídios para o Brasil, o filósofo argentino José Inginieros (1877-1925), defensor da tese da "inferioridade racial" dos não brancos.

aqueles que escreveram sobre o Brasil, foram importadas e reproduzidas pelos representantes das elites, dos intelectuais, cientistas, escritores e tantos outros.

Ao enfrentar a diversidade dos grupos sociais, os teóricos do conservadorismo estavam também preocupados com a condução das instituições brasileiras. De forma assertiva, em seus estudos sobre a ideologia de Golbery do Couto e Silva, Vânia Noeli Ferreira Assunção (1999, p. 29), afirma que o "Pensamento conservador articulou a percepção da incapacidade das classes proprietárias de pôr-se acima de seus interesses mesquinhos, a fim de impulsionar a nação, com a percepção de um fracasso do liberalismo em seu berço genético europeu e norte-americano".

Nesse caso, os ideólogos do conservadorismo vão elaborar soluções não para superar as contradições de classes sociais, ao contrário, o intuito é defender a perspectiva de um Brasil espelhado nos valores dos países europeus, preservando, entretanto, as tradições patrimonialistas cultivadas na realidade brasileira. O pensamento conservador busca, ao sugerir um destino para o Brasil, "ir além da simples reivindicação de um transplante carbonário da democracia liberal de tipo europeu e, em busca dessa autêntica identidade nacional, preconizavam uma *revolução conservadora"* (ASSUNÇÃO, 1999, p. 29).

Nessa perspectiva, a lista de escritores aqui no Brasil[65] é vasta, mas destacam-se Silvio Romero (1851-1914), Raimundo Nina Rodrigues (1862-1906), Euclides da Cunha (1866-1909); Batista Lacerda (1846-1915), Alberto Torres (1865-1917), Manuel Bomfim[66] (1868-1932); Gilberto Amado[67] (1887-1969) e Oliveira Vianna[68] (1883-1951).

Silvio Romero (1851-1914), além de interpretar a realidade brasileira nos vieses mecanicista e determinista, acreditava que o Brasil deveria ser estudado por meio de sua geografia, raça e evolução. Para Romero, a nacionalidade brasileira resulta da evolução do povo. Em relação ao aspecto climático e à composição étnico-racial, afirmava, no primeiro caso, ser o Brasil um território de clima tropical. No segundo aspecto, ao contrário dos

---

[65] Em relação aos intelectuais, ver Schwarcz (2007) e Skidmore (1976).

[66]Sobre esse autor, ver, em especial: BOMFIM, Manoel. **O Brasil na história**: deturpação das tradições, degradação política. Rio de Janeiro: Francisco Alves; Idem. **A América Latina**: males de origem. Rio de Janeiro: Topbooks, 1993. Referente aos estudos de Manoel Bomfim, ver, em especial: SKIDMORE, Thomas. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978; MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: Identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004; GONTIJO, Rebeca. **Manoel Bomfim, "pensador da história" na primeira república**. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000100006&script=sci_arttext>. Acesso em: 7 jun. 2014.

[67] Político, ensaísta, memorialista, diplomata e membro da Academia Brasileira de Letras em 1963. Em relação à sua biografia, bibliografia e aos textos escolhidos, ver o *site* da Academia Brasileira de Letras. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=586&sid=264>. Acesso em: 7 jun.2014.

[68]É preciso mencionar que, nesse tópico, não vamos analisar Oliveira Vianna, pois tematizamos suas ideias na parte dedicada à relação que travou com Renato Kehl.

viajantes europeus[69] que defendiam a tese do mestiço como criatura degenerada, para Romero, o povo brasileiro é mestiço, mas estava se regenerando em virtude do processo de desenvolvimento proporcionado pela mescla.

Como ponto de partida nutre-se do "método evolucionista" e ancora-se na "escala etnográfica", para entender as diferenças entre os grupos sociais, e acreditava na existência de grupos *superiores* e *inferiores.* A sua perspectiva era compreender a composição racial no Brasil. Assim, apresenta as características dos povos que conviviam no Brasil (o branco europeu, o negro africano e o índio aborígene); defendeu a tese de que os brancos tornaram-se hegemônicos em virtude da cultura desenvolvida em relação aos africanos (que foram reduzidos ao trabalho escravizado) e aos indígenas que foram aniquilados pelas doenças. Em suas palavras: "A consequência é fácil de tirar: o branco, o autor consciente de tanta desgraça, tirou o que pôde de vermelhos e negros e atirou-os fora como coisas inúteis. Nesse empenho foi sempre ajudado pelo mestiço, seu filho e seu auxiliar, que acabará por suplantá-lo, tomando-lhe a cor e a preponderância" (ROMERO apud SKIDMORE, 1978, p. 51).

Conforme demonstra Skidmore (1978), Silvio Romero fica inseguro nas suas conclusões em relação à mestiçagem, pois, ao mesmo tempo em que a identifica como positiva, não consegue ter afirmações mais sólidas sobre a sua intuição, por outro lado afirma:

> A minha tese, pois, é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir, ao branco; mas que esse, para essa mesma vitória, atenta as agruras do clima, tem necessidade de aproveitar-se do que tem mais cruzado. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quanto já estiver aclimatado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para esse resultado: de um lado, a extinção do tráfico de africano e o desaparecimento constante dos índios, e de outro a emigração europeia. (ROMERO apud SKIDMORE, 1978, p. 53).

A citação acima demonstra a filiação de Romero à teoria do evolucionismo de cariz darwinista, pois, acreditava o crítico literário que, na querela entre os povos (na sua visão seria luta entre brancos, negros e indígenas), o branco sairia vitorioso. A fim de enriquecer seu argumento, Romero preconiza a preponderância e pureza do branco auxiliado pela "seleção natural"; o fim do comércio de africanos; a morte dos nativos americanos; e a imigração europeia.

---

[69] Segundo Skidmore (1978, p. 49), "Silvio Romero atacou, diretamente, a questão das leis deterministas do meio, declarando que o veredito de Buckle sobre o Brasil era duro, mas, no fundo, correto. Embora contestasse alguns pontos específicos, pensava que Buckle devia ser lido pelos nacionais, e estampou a tradução, virtualmente na integra, as oito páginas da seção sobre o Brasil da *História da Civilização da Literatura* – o que, sem dúvida, contribuiu para divulgar o requisitório buckliano".

Conforme aponta Skidmore (1978, p. 86), Romero, ancorado na ciência do século XIX e consolidando "sua própria metodologia" empirista acompanhada de suas deduções, estimava três a quatro séculos para o branqueamento do Brasil.

Parafraseando Renato Ortiz (1985), afirmamos que Romero vislumbra um ideal nacional, embora utópico, apoiado no futuro, ou seja, por meio do processo de branqueamento, a sociedade brasileira marchará para a sua evolução, extinguindo os grupos "inferiores" e, por sua vez, consolidará, de fato, um Estado nacional, embora não acredite existir em seu contexto. O branqueamento apresentava-se como o caminho para que a nacionalidade brasileira solidificasse e somente por meio da política de imigração encampada pelo Estado tal propositura poderia se concretizar e, ainda, Romero não tem dúvida na escolha do grupo que deve ser acomodado ao Brasil, pois, "O povo brasileiro será uma mescla áfrico-indiana e latino-germânica, se perdurar, como é provável, a imigração alemã" (ROMERO apud SKIDMORE, 1978, p. 53). Não se trata, portanto, de qualquer "tipo" de branco que deveria adentrar ao Brasil; a preferência e a esperança de Romero era o germânico.

Nesse caso, ao assimilar a metodologia e os estudos europeus, o autor de *História da Literatura Brasileira* (1888), se vale das teorias europeias enquanto ferramenta para captar a realidade brasileira. A conclusão de Romero é que o Brasil deve produzir um mestiço superior, assim, ele aposta na miscigenação como meio de branqueamento; seria pelo "acasalamento" entre os povos brasileiros que o País se tornaria branco.

Essa maneira de conceber o Brasil nos autoriza colocar Romero na constelação dos teóricos adeptos da teoria do branqueamento, pois afirmava que, "Deste imenso mestiçamento físico e moral, desta fusão de sangues e de almas é que tem saído diferenciado o brasileiro de hoje e há de sair cada vez mais nítido o do futuro" (ROMERO apud VENTURA, 1991, p. 48).

A ideologia do branqueamento, segundo Munanga (2004, p. 56), serve como mecanismo para solucionar o "problema da identidade nacional" e tem íntima ligação com uma das preocupações dos teóricos desse contexto, isto é, a mestiçagem, sendo essa ideia a expressão "da fase transitória e intermediária do pavimento da estrada que levaria a uma nação brasileira presumidamente branca". As ideias de Romero são assimiladas nas faculdades brasileiras pelos estudantes de direito, medicina e outras áreas, além de ter aprimoradas e divulgadas as pesquisas sobre o autor.

Outro intelectual importante e que se vale das teorias europeias para pensar o Brasil, é Nina Rodrigues (1862-1906). Lecionou na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1891, e funda a Cadeira de Medicina Legal na mesma instituição. Esse teórico é um dos primeiros a

estudar a cultura dos africanos no Brasil, baseado em ideologias racialistas[70]; suas pesquisas ainda servem como subsídios para auxiliar o Poder Judiciário na identificação de crimes e para qualificar o "criminoso".

Com a obra *As Coletividades Anormais* (1939), Nina Rodrigues passa a ser considerado o pioneiro nos estudos sobre "psicologia das multidões", em virtude de estudar as manifestações populares no final do século XIX. Seu objetivo foi compreender a revolta de Canudos, o "caso" Lucas da Feira e o regicida Marcelino Bispo. As manifestações populares, para Rodrigues, eram consideradas "seitas" ou epidemia de loucura. Assevera que as lideranças são a expressão da demência e a atuação dos líderes é uma doença que contamina os seus seguidores.

No capítulo dedicado a Canudos, Rodrigues tem como finalidade apresentar os fatores que resultaram na revolta a partir da biografia de Antônio Maciel, que viria a tornar-se Antônio Conselheiro. Ao iniciar seu texto, enfatiza que Antônio Conselheiro é um "simples louco" (RODRIGUES, 1939, p. 52) e a manifestação dessa doença desenvolveu-se progressivamente; o traço para identificar a loucura de Conselheiro está na sua contraposição à República, ao afirmar-se como monarquista, e no seu caráter religioso. Assim, Nina Rodrigues atribui a luta de Canudos como "loucura epidêmica".

No capítulo intitulado A Loucura das Multidões, após fazer um levantamento sobre os estudiosos da criminalidade na Europa, por exemplo, Scipio Sighele e outros, Rodrigues apresenta como resultado os estudos sobre o crânio de Antônio Conselheiro[71] e conclui que não apresentava anomalia que denunciasse traços de degenerescência, pois era apenas "um crânio de mestiço onde se associam caracteres antropológicos de raças diferentes" (RODRIGUES, 1939, p. 131). Todavia, demonstra a "degenerescência" de Conselheiro a partir da sua história, tomando como referência a hereditariedade familiar, afirmando que seus pais eram incultos, culminando no desenvolvimento de sua loucura.

Para completar seu argumento, Rodrigues propõe versões relacionadas à infância de Antônio Conselheiro: na primeira, a loucura desde criança, quando Conselheiro expressava a

[70] Ver sua obra *O Animismo Fetichista dos Negros Baianos*, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

[71] No texto apreciado, Nina Rodrigues faz a seguinte menção: "Na hora em que acabávamos nosso artigo precedente sobre esta epidemia, uma notícia telegráfica anunciava-nos a tomada de Canudos. Antônio Conselheiro havia morrido alguns dias antes, tendo sido inumado seu cadáver no santuário de uma igreja em construção. Tinha sido anunciada e prometida a ascensão celeste do profeta, havendo a crença nesta ascensão penetrado no espírito do povo. Com o fim de impedir o desenvolvimento desta fé, como também para impedir a crença na fuga de Antônio Conselheiro, as autoridades exumaram seu cadáver para estabelecerem sua identidade e precederem à autópsia. A cabeça foi separada, sendo-me o crânio oferecido pelo médico chefe da expedição, o major Dr. Miranda Curio. Encontra-se atualmente no laboratório de medicina legal da Bahia". (RODRIGUES, 1937, p. 131).

sua indocilidade, rebeldia e insubordinação à autoridade. Na segunda versão, Antônio Conselheiro, embora dissimulado, teria revelado seu caráter de docilidade após a morte de seu pai, recusando o apoio de suas irmãs. O autor de *As Coletividades Anormais* defende a tese de que a loucura é desenvolvida em pessoas predispostas, logo, o resultado da loucura efetivada pelo protagonista de Canudos é fruto do "choque emotivo, e não de maneira lenta e tardia, pela persuasão, pela insinuação, como nos delírios sistematizados" (RODRIGUES, 1939, p. 146). Nessa direção, assevera a importância dos estudos psicológicos para analisar a multidão a fim de identificar o chefe dos criminosos, revoltosos e perigosos, "cujo caso será sempre merecida uma repressão enérgica, estejam ou não em estado de multidão" (RODRIGUES, 1939, p. 152).

No texto dedicado a Lucas da Feira[72], argumenta que no Brasil não existe um povo. Em suas palavras: "Só podemos falar de um povo brasileiro do ponto de vista político. Do ponto de vista sociológico e antropológico, muito tempo se passará antes de podermos considerar unificada a população do Brasil" (RODRIGUES, 1939, p. 153).

O fundador da Cadeira de Medicina no Brasil trabalha o caso Lucas com a mesma metodologia utilizada com Antônio Conselheiro. Estuda sua biografia, seus antepassados, calcula o tamanho de sua cabeça, seus traços e conclui que Lucas era um "negro superior", por obter qualidades de chefe e de generosidade. "Não agiu absolutamente como os negros escravos que se vingavam, suicidando-se: ele tomou a ofensiva" (RODRIGUES, 1939, p. 160); nas suas deduções, presume que Lucas da Feira, em sua terra natal, era um chefe das aldeias, um herói do povo africano, porém, no Brasil, Lucas torna-se bandoleiro, chefe de um bando de criminoso e causador do terror no interior do Nordeste brasileiro, que precisava ser abatido.

O comportamento de Lucas chama a atenção de Nina Rodrigues, ao confessar todos os seus crimes; explica as razões que o levaram a se organizar em bando, além de não comprometer seus cúmplices, isto é, jamais denunciou seus amigos. Assim, Nina Rodrigues utiliza as investigações de Lombroso como referência para se contrapor à tese de que aqueles que são detidos, não resistem em fornecer informações para acusar seus associados. No caso de Lucas da Feira, a situação foi contrária. Ainda em contraposição às lições de Cesare

[72] Lucas da Feira, em 1828, teve este nome popular em virtude de pertencer à Vila de Feira de Santana; foi um ex-escravizado, que fugiu do seu senhor e se organizou com os demais companheiros para garantir sua liberdade e sobrevivência. Eles tinham a prática de extraviar mercadorias para sobreviver, além de combater a repressão do Estado. Até ser pego pela polícia, Lucas atuou durante vinte anos e, no ano de 1848, foi preso e, em 1849, enforcado. Após sua morte, Nina Rodrigues estuda seu crânio, a fim de identificar as razões da prática da "criminalidade".

Lombroso, Nina Rodrigues afirma a predisposição ao crime, isto é, que há crimes intrínsecos e extrínsecos.

O crime – intrínseco – é demonstrado a partir de um ato cometido por Lucas em que matou um amigo, que ameaçou de denunciá-lo para as autoridades; o crime – extrínseco – são aqueles ocorridos fora da comunidade.

Nina Rodrigues conclui que "Lucas era um verdadeiro criminoso, porque tinha instintos sanguinários, mas não era um criminoso nato; no máximo, um criminoso de hábito, cujas causas psicológicas não seria difícil traçar" (RODRIGUES, 1939, p. 1963). A partir dessas conclusões, o autor afirma que, embora inexistam traços "criminais" no crânio de Lucas, o fato não desautoriza os estudos da Antropologia Criminal, pois, para identificar o criminoso, são necessários estudos físicos e psicológicos. Nas palavras de Rodrigues (1939, p. 164), "É preciso, antes de tudo, fazer dos criminosos um estudo completo".

As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal é um dos livros que coloca Rodrigues no quadro da Medicina Legal e no Direito Criminal. Marcado pelas ideias de Cesare Lombroso, o texto influenciou, desde o século XIX, as áreas da Medicina e do Direito, a partir de uma análise sobre o "criminoso", fundamentada na Frenologia. Para seu autor, a raça deveria ser considerada elemento condicionante da responsabilidade penal (RAMOS e MAIO, 2010).

Segundo Nina Rodrigues (1957, p. 58), a diferença racial é um condicionante para relativizar a natureza dos crimes, pois, a "cada fase da evolução social de um povo, e ainda melhor, a cada patamar referente a evolução da humanidade, se se comparam raças antropologicamente distintas, corresponde uma criminalidade própria, em harmonia e de acordo com o seu grau de desenvolvimento intelectual e moral".

Em virtude da diferença entre os povos do Brasil, era necessário encampar leis que considerassem as diversidades. Nesse caso, os brancos e negros deveriam ser punidos de forma peculiar. Os Códigos deveriam ser aplicados em consonância com as características raciais. Apoiado no escopo *racialista*, os negros não deveriam ser tratados em igualdade com os brancos por serem, na sua concepção, biologicamente inferiores. O negro, para o intelectual Rodrigues, não tem mau caráter, mas está no patamar de uma criança, "e como na criança – mas com esta diferença que ele já atingiu a maturidade do seu desenvolvimento fisiológico –, a sua instabilidade é a consequência de uma cerebração incompleta" (RODGRIGUES, s/d, p. 125).

No raciocínio de Rodrigues, é preciso um trato para com os africanos no Brasil diferenciado, devido à sua incapacidade de receber e assimilar os direitos existentes na

sociedade. Concordava com Romero em relação à superioridade do homem branco em detrimento do negro, porém, discordando do crítico literário, afirmava que a mestiçagem seria um elemento negativo na *formação do povo brasileiro*.

Nina Rodrigues (s/d, p. 122) afirma que o negro, ao ser traficado para o "novo continente", eleva-se de patamar, pois "libertou-se dos labores embrutecidos e das misérias degradantes do seu congênere africano, adquiriu verniz pelo atrito com elementos étnicos superiores", porém, continua, "melhorou, mas não deixou de pertencer à sua raça, não é adaptável às mesmas condições sociais do ariano".

Contraditoriamente, é preciso mencionar Nina Rodrigues (1982, p. 264) como um dos pioneiros nos estudos sobre o negro/africano no Brasil. Essa argumentação consta em sua obra *Os Africanos no Brasil*[73], ao afirmar que a capacidade,

> [...] cultural dos negros brasileiros; meios de promovê-los ou compensá-la; valor sociológico e social do mestiço afro-americano; necessidade do seu concurso para o aclimatamento dos brancos na zona tropical; conveniência de diluí-lo ou compensá-los por um excedente de população branca, que assuma a direção do País: tal é na sua expressão de sua rigorosa feição prática o aspecto por que no Brasil se apresenta o problema negro.

Embora Nina Rodrigues reconheça a capacidade cultural dos africanos, a sua crença em relação ao atraso brasileiro está no número de negros, que ele denomina de "o problema negro" e, ainda, acredita que o destino do Brasil só pode ser assegurado com o aumento expressivo de brancos, como os principais protagonistas e dirigentes das instituições.

Argumenta existir no Brasil formação calcada na mistura entre os povos, porém, discordando de Silvio Romero, afirma: "Não acredito na unidade ou quase unidade étnica, presente pelo Dr. Silvio Romero: não acredito na futura extensão do mestiço luso-africano a todo o território do país: considero pouco provável que a raça branca consiga fazer predominar o seu tipo em toda a população brasileira". (RODRIGUES, s/d, p. 96).

Vemos, em Raimundo Nina Rodrigues, a crença de que a mistura não culminaria na formação de homens mais fortes e superiores, ao contrário, o amálgama entre os grupos

---

[73] O que marca Silvio Romero como primeiro autor a defender o negro objeto de ciência está no comentário ao livro de Nina Rodrigues, *Os Africanos no Brasil.* quando, numa passagem elucidativa, assevera que havia vasto campo de "material" para pesquisa em sobre a situação do negro no Brasil. Romero lastimava, dizendo: "É uma vergonha para a ciência no Brasil que nada tenhamos consagrado de nossos trabalhos ao estudo das línguas e das religiões africanas. Quando vemos homens, como Bleek, refugiarem-se dezenas e dezenas de anos nos centros da África somente para estudar uma língua e coligir uns *mitos*, nós que temos o material em casa, que temos a África em nossas *cozinhas*, como a América em nossas *selvas*, e a Europa em nossos *salões*, nada havemos produzido neste sentido! É uma desgraça. [...] Apressem-se os especialistas, visto que os pobres moçambiques, benguelas, monjolos, congos, cabindas, caçandas... vão morrendo. O melhor ensejo, pode-se dizer, está passado com a benéfica extinção do tráfico. Apressem-se, porém, senão terão de perdê-lo de todo". (ROMERO, Silvio. Estudos sobre a poesia popular do Brasil, Rio 1888, p. 10 e 11. **In**: RODRIGUES, Nina. **Os africanos no Brasil**. 1982).

formaria povos degenerados e fracos, ou, se quisermos, concebia na mistura entre os povos no Brasil um caminho para o enegrecimento e não o contrário; nesse caso, a mescla é concebida como problema e obstáculo para a consolidação da nação brasileira. Divergindo de Romero, caminha para a conclusão segundo a qual a mistura entre as etnias conduziria o Brasil a uma tragédia social. Nesse sentido, Nina Rodrigues "através das categorias científicas da sua época, eivadas de etnocentrismo, etnocentrismo que hierarquizava as raças [coloca] o negro no seu degrau mais baixo e a raça branca no seu cume". (MOURA, 1983, p. 97).

Em relação aos autores mencionados, Euclides da Cunha (1866-1909) merece ser mencionado como expressão das elites brasileiras pois, a partir de conteúdos raciais e climáticos como metodologia de investigação do povo brasileiro, buscou não somente demonstrar, mas sugerir alternativas para a modernização do Brasil.

O autor de *Os Sertões* vivenciou as transformações no Brasil tanto econômica como politicamente. Presenciou a consolidação dos portos, das ferrovias e hidrelétricas, atividades essas que estavam subordinadas à demanda da produção do café. Estudante da escola militar, além de engenheiro, teve contato com as ideologias que colocavam em questão o regime monárquico ancorado no ideário do positivismo.

Para Cunha, a República foi o modelo de organização governamental e, por essa razão, a recebeu com entusiasmo, acreditando que os problemas encontrados no seio do novo regime seriam superados. Erudito e de formação sólida, leu Augusto Comte, passando pelo darwinismo-social de Herbert Spencer e entusiasta do pensamento racial de Gobineau. Ao acompanhar a Guerra de Canudos, Euclides da Cunha passa a refletir sobre a população sertaneja e narra a resistência desse povo ao combater o exército civilizado.

A sua preocupação será com o mestiço e, embora com traços diferenciados de Gobineau, concebia a degeneração da denominada "sub-raça" como processo na história da civilização e afirmava ser o mestiço desequilibrado, comparando-o a um histérico, decaído, sem energia física dos ascendentes selvagens, sem atitude intelectual dos ancestrais superiores; impotente para formar qualquer solidariedade entre gerações opostas, com moralidade rudimentar, tornando possível pressentir o automatismo das raças inferiores. Euclides da Cunha afirma que a raça superior tende a extinguir as "inferiores", desta forma:

> A índole incoerente, desigual e revolta dos mestiços, como que derrota um íntimo e intenso esforço de eliminação dos atributos que impedem a vida num meio mais adiantado e complexo. Reflete – em círculo diminuto – esse combate surdo e formidável, que é a própria luta pela vida das raças, luta comovedora e eterna caracterizada pelo belo axioma de Gumplowicz como a força motriz da história.[...] a verdade, porém, é que se todo elemento étnico forte "tende subordinar ao seu destino o elemento mais fraco ante o qual se acha", encontra na mestiçagem um caso perturbador. A expansão irresistível de seu círculo signético, porém, por tal forma

> iludida, retarda-se, apenas não extingue. A luta transmuda-se, tornando-se mais grave. Volve do caso vulgar, o extermínio franco da raça inferior pela guerra, à sua eliminação lenta, à sua absorção vagarosa, à sua diluição no cruzamento. E durante o curso deste processo redutor, os mestiços emergentes, variáveis, com todas as nuanças da cor, da forma e do caráter, sem feições definidas, sem vigor, e as mais das vezes inviáveis, nada mais são, em última análise, do que os mutilados inevitáveis do conflito que perdura, imperceptível, pelo correr das idades. É que neste caso a raça forte não destrói a fraca pelas armas, esmaga-a pela civilização. (CUNHA, 2002, p. 75).

Embora nosso foco não seja o estudo detalhado da obra de Euclides da Cunha[74], é de suma importância a citação acima, para demonstrar a proximidade desse autor com as teorias racialistas importadas da Europa, em particular, com as de Gobineau. A mescla, tanto para Cunha como para Gobineau, é uma forma de definhamento das denominadas raças inferiores. Entretanto, ao contrário de Gobineau, Euclides da Cunha pensa uma saída para o Brasil, perspectivando vivenciar a consolidação da nação, neste caso, devido à mistura ser concebida como prejudicial e entendendo-a como um retrocesso para o Brasil, o autor de *Os Sertões* sugere como um mecanismo a eliminação dos "degenerados".

Segundo Thomas Skidmore (1978, p. 121), Euclides da Cunha também era favorável à imigração europeia ao Brasil, pois, considerava os estrangeiros mais inteligentes e defendia a tese do branqueamento como projeto de nação brasileira, visto que somente dessa forma o País viria a assumir a "feição branca". A mistura deveria ser um empreendimento, desde que houvesse um equilíbrio de gerações, sendo o branco o elemento superior entre os indígenas e africanos, embora este fosse "mais inferior" em comparação aos nativos, logo, caso houvesse uma mescla entre as etnias, Cunha preconizava que fosse realizada entre brancos e nativos, pois, os que resultavam da mistura de brancos e negros não passavam de "inferiores".

Euclides da Cunha acreditava que um dos "problemas" existentes no Brasil estaria na mistura entre as "raças" em larga escala, concepção esta que, na realidade, expressava as reflexões das nossas elites. De acordo com suas palavras:

> A mistura de raças mui diversas, na maioria dos casos, é prejudicial. Ante as conclusões do evolucionismo, ainda quando reaja sobre o produto o influxo de uma raça superior, despontam vivíssimos estigmas inferior. A mestiçagem extremada é um retrocesso. O indo-europeu, o negro e o brasílio-guarani ou o tapuia exprimem estádios evolutivos que se fronteiam, e o cruzamento, sobre obliterar as qualidades preeminentes do primeiro, é um estimulante à revivência dos atributos primitivos dos últimos. De sorte que o mestiço – traço-de-união entre as raças, – é, quase

[74]Sugiro as obras de MOURA, C. **As injustiças do Clio** - o negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte, Oficina de Livros, 1990. Idem. **Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. SODRÉ, N. W. **A ideologia do colonialismo** - seus reflexos no pensamento brasileiro. Petrópolis/RJ, Vozes, 1984. Ainda sobre Euclides da Cunha, ver LEMOS, M. A. B. **O** doutor e o jagunço – ciência, mestiçagem e cultura em Os Sertões. São Paulo: Unimar, 2000.

> sempre, um desiquilibrado... E o mestiço – mulato, mameluco ou cafuz – menos um intermediário, é um decaído, sem energia física dos ascendentes selvagens, sem a altitude intelectual dos ascendentes superiores. Contrastando com a fecundidade que acaso possua, revela casos de hibridez moral extraordinários: espíritos fulgurantes, às vezes, mas frágeis, às vezes inquietos, inconstantes, deslumbrando um momento e extinguindo-se prestes, esmagados pela fatalidade das leis biológicas, chamados ao plano inferior da raça favorecida. (CUNHA apud SKIDMORE, 1978, p. 124).

A concepção biológica do ser social, nas palavras de Cunha, induz a crença de que a mistura étnica, principalmente entre brancos, negros e nativos, degradaria principalmente a "qualidade" dos brancos, visto que, na hierarquia entre os povos, ao escopo de Euclides da Cunha, o branco é superior e não deve ser "estragado". Nessa perspectiva, Cunha sugere a entrada de imigrantes europeus porque seu anseio é vivenciar a modernização do Brasil, e a República é o caminho de seu projeto, por isso a apologia à constituição de um "povo", cuja efetivação ocorreria a partir da contribuição do branco, sinônimo de superior e civilizado; tais atributos são os vocábulos contidos no dicionário darwiniano de Euclides da Cunha[75].

No caso de Gilberto Amado, seu conservadorismo é expresso a partir do texto As Instituições Políticas e o Meio Social no Brasil[76] (1981), após fazer um balanço dos cem anos da Independência do Brasil e a consolidação da República. Ao analisar o desenvolvimento brasileiro e sua relação com os países estrangeiros, especialmente com a Inglaterra, apresenta um diagnóstico sobre a consolidação do povo. Em suas palavras:

> Povo propriamente não temos. Sem contar a das cidades que não se pode dizer seja uma população culta, a população do Brasil politicamente não tem existência. Compõem-se talvez mais de 15 milhões de habitantes desassimilados que no norte e no centro constituem os pescadores e seringueiros do Amazonas, os agregados das fazendas, os vaqueiros e campeadores do sertão, os pequenos negociantes nômades, os operários rurais primitivos sem fixidez, trabalhando um dia para descansar seis na semana, o matuto ignorante e crendeiro, vivendo numa choupana, quando não desabrigado de todo, e ainda os jagunços da Bahia, os cangaceiros de Pernambuco, os "fanáticos" do Contestado, as capangas das vilas e aldeias do interior, a multidão de pequenos artífices e trabalhadores das cidades e das roças, toda uma "gens"

[75] Outro autor que de fato contribuiu para a controvérsia sobre a *identidade nacional* e mestiçagem no Brasil que expressou, ainda, os anseios das elites brasileiras, é João Batista Lacerda (1846-1912). Teve expressiva atuação no Museu Nacional; defensor do branqueamento do Brasil, teve o privilégio de representar o País no Primeiro Congresso Universal de Raças, em Londres (1911). Diferente de Silvio Romero, em sua comunicação intitulada: Sur le métis au Brésil, Lacerda defendeu que com a mistura entre os povos, o Brasil, no ano de 2012, não teria mais negros e, de certa maneira, seria um Brasil completamente branco. Porém, sua perspectiva não foi tão assertiva, embora o sonho do *Brasil branco* ainda perdure em nossa atualidade. Sobre Batista Lecerda, ver Skidmore; Schwarcz (2007). Da mesma autora, ver o artigo intitulado Previsões São Sempre Traiçoeiras: João Baptista de Lacerda e seu Brasil Branco. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100013>. Acesso em: 5 abr. 2014.

[76] O texto foi publicado no livro *À Margem da História da República*, , Brasília: Universidade de Brasília, 1981, organizado por Vicente Licínio Cardoso, em comemoração aos cem anos da independência do Brasil. No texto, Licínio Cardoso convida os principais teóricos das elites brasileiras para avaliar a independência e a "jovem" República. Entre os intelectuais, destacam-se A. Carneiro Leão, Celso Vieira, Gilberto Amado, José Antônio Nogueira, Nuno Pinheiro e Oliveira Vianna.

> complexa, pouco produtiva, entregue à sua própria miséria e alheamento do mundo, emigrando do Ceará para Amazonas, nos Estados do norte se arrastando ao abandono de um desconforto voluntário, sem saúde, sem hábitos de trabalho, dada às superstições das raças selvagens, inúteis quase com força econômica, e tendo, na sua maioria, do Brasil, a ideia que nos deu Euclides da Cunha nos *Os Sertões*. (AMADO, 1981, p. 55).

Como vemos, Gilberto Amado afirma que, no Brasil, inexiste um povo e a população das cidades não poderia ser classificada como pessoas "cultas"; ao expor sobre as populações locais, as desqualifica, isto é, não existe a "vocação" para o trabalho, são "primitivos", descendentes de "raças selvagens". Depois de apresentar sua descrença no povo brasileiro, sugere:

> A ação política não pode deixar de exercer-se senão através de homens bem-intencionados que possam suprir pela própria energia construtiva, atividade e patriotismo – no sentido do desinteresse pessoal e da capacidade de resistência às agitações improfícuas – as insuficiências de uma população ainda incapaz de exercer os seus direitos políticos e cumprir, como responsável pelos próprios destinos, os deveres cívicos que lhe incubem. (AMADO, 1981, p. 59).

O destino do Brasil estaria, portanto, nas mãos de políticos "bem-intencionados", enérgicos, com espírito patriota, com capacidade de condução e a fim de contribuir para a construção do País, pois a população brasileira não tem capacidade de realizar tal projeto, visto que a sua incapacidade efetiva-se pela incondicional maneira de exercer as escolhas de seus representantes. Em suma, Gilberto Amado, nesse discurso, ao asseverar que no Brasil o "povo" é ignorante, propõe que o processo de condução das instituições brasileiras seja realizado pelas elites, isto é, o Brasil precisa de um "povo"; nesse caso, é necessário um governo autoritário.

Ao contrário dos autores antes apresentados, no Brasil outros pensadores, entre eles os teóricos Manoel Bomfim e Alberto Torres, cujos estudos vieram à baila a partir de 1900, colocavam em questão as teses que afirmavam a inferioridade das "raças", em especial o negro e o nativo.

Ao estudar na Faculdade de Medicina da Bahia, Bomfim produziu um compêndio escolar sobre a História da América, atividade que o motivou a estudar as razões sobre o "atraso" na América Latina. Bomfim, ao considerar a situação da América, alocou o Brasil na constelação dos países atrasados, cuja principal causa estaria na colonização que aqui ocorrera. Parte da premissa de que os colonizadores (Portugal e Espanha) na América Latina não foram capazes de desenvolver uma "industrialização" semelhante à Inglaterra e França, e como resultado os países da Península Ibérica passaram a ser dependentes, sobretudo da potência inglesa.

Contrapunha-se à tese que defendia os latino-americanos como preguiçosos e ociosos; ao contrário, elogiava os trabalhadores do novo mundo e combatia a crença sobre a biologização e inferiorização das "raças". Ao hostilizar as ideias de alguns estudiosos do Brasil, como Agassiz, por exemplo, fez a seguinte afirmação:

> Não há razão para que nos impressionemos com os conceitos de um sábio reacionário; ele andava por estes mundos com o propósito determinado de achar provas de que foi o Padre Eterno quem fez, bem separadamente, em momentos diferentes, cada uma das espécies existentes, e que elas são hoje o que eram quando saíram das mãos do obreiro lá dos céus; e sustentava que não há nenhum parentesco entre as raças. (BOMFIM apud SKIDMORE, 1978, p. 133).

Bomfim não temia combater a teoria do ariano, visto que, ao contrário daqueles que asseveravam a tese de superioridade do "branco", reconhece a contribuição cultural, dentro do processo civilizatório, mas afirma que os europeus só puderam elevar-se culturalmente em razão da contribuição dos povos não brancos. Combatia a proposição do darwinismo-social, e argumentava que as leis de Darwin teriam sido "aplicadas" de maneira enviesada, assim, denuncia os teóricos "racistas", por utilizarem a abordagem darwiniana como instrumento ideológico para justificar o controle de alguns povos sobre outros.

Segundo Skidmore (1978, p. 134), a contribuição de Manoel Bomfim para o pensamento social brasileiro foi utilizar-se do seu antirracismo como maneira de expressar o seu nacionalismo, em contraposição ao imperialismo. Para Bomfim, "Os latino-americanos tinham rejeitado o racismo não só porque fosse cientificamente falso, mas principalmente porque servia de instrumento aos estrangeiros para desmoralizá-los e desarmá-los". Dentro da sua perspectiva nacionalista,

Bomfim foi crítico em relação ao Brasil quando se tornou República e ao adotar o modelo constitucionalista espelhado nos EUA. Havia atentado para o domínio em relação ao período do imperialismo. A forma como, na América Latina, estavam sendo conduzidos seus projetos, em especial o Brasil, contribuía não para consolidar uma "nação" autônoma, mas, ao contrário, uma política beneficiária aos países monopolistas e apontava diretamente os EUA.

Assim, preconizava a diversificação da economia brasileira, visto que as economias descentralizadas favoreciam os poderes locais. Defendia a tese de que as contradições sociais no Brasil estariam no domínio de proprietários sobre os espoliados. Nesse sentido, o *despontar* do Brasil estaria na resolução das contradições que identificava.

Na mesma dimensão de Manoel Bomfim, Alberto Torres avalia os destinos do Brasil diferentemente de Romero, Rodrigues e Cunha. Responsável por formar e coordenar um grupo de intelectuais que tiveram forte influência sobre suas ideias, como Oliveira Vianna e

outros. Foi entusiasta da República e, além de exercer o cargo de ministro da Justiça, tornou-se governador do Rio de Janeiro em 1896 e integrou o Supremo Tribunal Federal (1901-1909). (SKIDMORE, 1978).

A erudição de Torres permitiu-lhe tomar contato com a perspectiva antropológica de Franz Boas, no viés da cultura; logo, seus conhecimentos o fizeram tecer críticas relacionadas à biologização do homem, além de não poupar críticas ao evolucionismo darwiniano e à crença do ariano em ser um grupo social superior às "raças" do planeta.

A forma de refletir criticamente sobre as teorias da superioridade europeia levou Alberto Torres a concluir que ideologias como o darwinismo-social e o arianismo asseguravam o poder dos países de capitalismo monopolista, pois acreditava, na linha de Bomfim, ser uma justificativa do empreendimento imperialista; a teoria da superioridade de uma raça, ancorada nas ideias de Gobineau, Lapouge, Ammon e Nietzsche – figuras que nada mais eram, segundo Torres, do que procuradores oficiosos do imperialismo germânico[77] – não passaram de um meio para "legitimar a reação dos impulsos da força, da autoridade". Essas teorias foram utilizadas para justificar a hegemonia das "raças superiores e raças colonizadoras", ancorados na ciência "para os direitos da hierarquia e da subordinação". (TORRES, 2002, p. 106-107).

Ao contrário das teses defendidas, em seu período, pelos adeptos da teoria do branqueamento no Brasil, Torres argumentava que as civilizações europeias tiveram o seu desenvolvimento civilizatório em virtude da contribuição dos povos do Mediterrâneo, demonstrando que o patamar erguido pelos europeus deveu-se aos povos classificados como *inferiores* pelos ideólogos da antropologia imperialista.

No caso brasileiro, o autor de *O Problema Nacional Brasileiro"* afirmava que não havia diferença entre os nativos e os africanos, em detrimento dos grupos sociais que aqui vieram, ou seja, todos teriam de se adaptar às terras.

> Não há motivo para crer, por outro lado, na degeneração das nossas populações. Fisicamente, o conjunto do nosso povo não tem feição menos robusta que a dos japoneses, de franceses do sul e das cidades, de espanhóis, de português do continente, ou dos chineses, que emigrados, por exemplo, para as Filipinas, formam

[77] Essa afirmação fica mais evidente numa passagem de Alberto Torres ao discorrer sobre os diversos autores que produziram conhecimento para justificar o imperialismo, ao fazer a seguinte afirmativa: "Este esforço científico, que termina com a gestação de duas ciências básicas do imperialismo, coincide com a terminação do governo de Bismarck; com o período da organização legislativa, financeira e social da Alemanha unida; com o auge das lutas do 'Kulturkamf', por outro lado, e da legislação antissocialista, por outro; com o início dos choques e das oscilações do Império, em sua experiência prática – ponto de partida da expansão do poderio naval germânicos. Para apoiar a 'política prática', defendida pela 'mão de ferro', funda-se a 'ciência prática' – sacrário das ideias que deviam impelir a força e fundar a glória da 'Deutschland uber alles', por oceanos e continentes". (TORRES, 202, p. 114).

> a aristocracia da população, tendo o mesmo caráter étnico dos japoneses. (TORRES, 2002, p. 31).

Assim, Torres conclama a população para conduzir os destinos do Brasil sem discriminar grupos, visto que não existe diferença "biológica" e todos são capazes de oferecer a sua contribuição, pois a tarefa da construção seria da responsabilidade dos grupos sociais que compõem a tessitura do povo brasileiro e, afirma: "o povo brasileiro – é a minha inteira e viva convicção – é capaz deste esforço". (TORRES, 2002, p. 42).

Ao tematizar a composição étnica do Brasil, Alberto Torres (2002, p. 125) combate a tese da superioridade hierárquica dos brancos, em especial dos alemães, visto que quem estaria na posição inferior seria o branco, conforme afirma: "Em nossa população mista o grupo de origem alemã representa parcela reduzida; o sangue holandês do norte diluiu-se nos cruzamentos; à maioria latino-celtíbera, ligeiramente tinta de germânico e um pouco mais de mouro, juntam-se uma boa fração africana, outra indígena, e muitos cruzamentos".

Quanto à situação do negro, argumentava que o Brasil não sanou a forma de trato no que se refere à discriminação e ao preconceito de cor e, ainda, a ideologia da inferioridade étnica, em especial do negro, na realidade, seria uma desculpa das elites brasileiras para não investir na educação, no combate à pobreza e no sanitarismo – questões que estavam na ordem do dia. Neste caso, os proprietários, para manter seus privilégios, atribuíam tais contradições à "questão" da raça. Assim, o problema do Brasil só poderia ser sanado ao liquidar o denominado problema, na época, "o da raça".

Nesse sentido, estamos de acordo com José Octávio Arruda de Mello (1984, p. 133) que, em artigo sobre o pensamento de Alberto Torres, afirma acreditar o autor que as transformações históricas ocorridas no Brasil – independência, abolição da escravatura, a consolidação da república – foram inconclusas, pois todas essas mudanças provocaram "profundos abalos e sérios prejuízos e danos a interesses consideráveis, não operaram nenhuma transformação radical, não fundaram uma Nação, não deram liberdade à raça negra, não constituíram uma democracia".

Torres (2002, p. 99) acreditava que o problema do Brasil não era a raça, mas a exploração estrangeira à qual o país estava subordinado, pois nosso território não passava de um espaço de drenagem de matérias para os países que monopolizavam a riqueza social em todo o mundo. Nesse caso, afirmava que o problema do Brasil não é de moralidade pessoal, tampouco de caráter individual, mas que seria necessário um caráter nacional, sem importar soluções de outras localidades. Nesse caso, advogava que o Brasil, para consolidar a nação, teria de conhecer a realidade brasileira, pois,

> não sabemos nada da nossa terra, e que temos vivido a pretender executar, sobre este solo único, um repertório de teorias exóticas. Tendo caminhado para o oceano, precisamos regressar ao centro: voamos, abandonando a terra, que implorava os nossos cuidados. Quisemos formar cabeça, antes de possuir um corpo, plantamos sementes importadas, e ainda não sabemos produzir sementes; importamos e cultivamos frutos alheios, abandonando os frutos do nosso clima.

O que está posto na crítica de Torres é a sua compreensão dos limites das elites brasileiras como incapazes de dirigir e organizar a nação, culminando "na ausência de métodos de investigação para uma investigação da realidade nacional, a fim de conhecer efetivamente suas características e as possibilidades políticas daí advindas". (ASSUNÇÃO, 1999, p. 34).

Por fim, conclui identificando que o problema do Brasil estaria em três fatores que deveriam ser combatidos: climático, culminando numa escassez de estudos do meio; ausência de impropriedade dos alimentos; e, por fim, "as causas oriundas das desigualdades sociais e pedagógicas, em especial, de uma educação para o povo". (TORRES apud MELLO, 1984, p. 138).

No caminho realizado até aqui, os autores apresentados, guardadas as particularidades, expressam o pensamento conservador das elites brasileiras[78]. E foram os primeiros teóricos que se esforçaram em responder às questões sobre a incompletude brasileira. Havia, por parte dos intelectuais apresentados, com exceção de Bomfim e Torres, a preocupação com um "tipo" de Brasil externo, ou seja, era necessário demonstrar um país moderno, símbolo de transformação, civilizado; um local que estaria no patamar dos países mais "desenvolvidos", em especial a Inglaterra e França, e, por sua vez a composição étnico/racial, na sua tessitura, era na maioria de "brancos".

Todavia, no Brasil, existia uma gama de contradições internas; a classe dominante e seus intelectuais depararam-se com inúmeros "problemas" (elencados e classificados por eles). Além dos movimentos sociais emergidos, tornou-se necessário enfrentar o aumento populacional, a composição étnica, a quantidade de imigrantes que estavam chegando no território brasileiro, sobretudo nas regiões que absorviam a mão de obra dos grupos sociais oriundos do continente europeu. Nesse quadro, surge uma nova composição na classe

[78] A discussão não se encerra com os autores apresentados, pois a controvérsia em relação ao destino do País foi alvo de reflexões de intelectuais como Gilberto Freyre, Oliveira Vianna, Caio Prado Júnior, Florestan Fernandes, Sérgio Buarque de Holanda, cada qual com a sua perspectiva e expressando a perspectiva de classe, por isso, colocados na constelação dos teóricos que pensaram a realidade brasileira. Para aprofundar o tema, ver: SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976; MUNAGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil** – identidade nacional *versus* identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

trabalhadora e suas diferentes modalidades de trabalho, desde jornaleiro, domésticos e tantos outros serviços, somando-se com o "problema" do abastecimento de água e também da "pós-abolição" de 13 de maio de 1888.

José Murilo de Carvalho (1996, p. 18) demonstra em seu estudo que os problemas a serem enfrentados, quando o Brasil torna-se República, não eram poucos, pois havia uma gama de questões que precisavam ser resolvidas e tais empecilhos obstaculizavam que se tornasse uma "nação". Carvalho elenca os problemas a serem enfrentados, especialmente no que tange à composição da população subalterna considerada perigosa:

> Eram ladrões, prostitutas, malandros, desertores do Exército, da Marinha e dos navios estrangeiros, ciganos, ambulantes, trapeiros, criados, serventes de repartições públicas, ratoeiros, recebedores de bondes, engraxates, carroceiros, floristas, bicheiros, jogadores, receptadores, pivetes (a palavra já existia). E, é claro, a figura tipicamente carioca do capoeira, cuja fama já se espalhara por todo o país e cujo número foi calculado em torno de 20 mil às vésperas da República. Morando, agindo e trabalhando, na maior parte, nas ruas centrais da Cidade Velha, tais pessoas eram as que mais compareciam nas estatísticas criminais da época, especialmente as referentes contravenções do tipo desordem, vadiagem, embriaguez, jogo.

É nesse quadro que o movimento eugenista emerge no Brasil como expressão do pensamento conservador e espelhando-se no modelo do branco cristão e civilizado. Os médicos, juristas, homens das letras, ideólogos, que acreditavam na eugenia como ciência, tinham a pretensão de racionalizar a imigração, findar a delinquência, liquidar os *degenerados*, consolidar uma política de cariz sanitária, melhorar a raça, através do branqueamento, para a construção de uma nação que representasse o progresso. Cada um à sua moda, dentro das suas perspectivas ideológicas, vão ganhar notoriedade no século XX realizando congressos, produzindo livros, teses para sanar a questão social, a fim de intervir concretamente na vida cotidiana e subsidiar o Estado com propostas para transformar suas resoluções em políticas governamentais. Purificar e modernizar o Brasil era preciso.

CAPÍTULO II – RENATO KEHL: O INTERLOCUTOR DO MOVIMENTO EUGENISTA NO BRASIL

O objetivo do presente capítulo é demonstrar Renato Kehl como principal interlocutor, propagador e articulador do movimento eugenista no Brasil. Ao tecer a sua trajetória, suas articulações e ambições, verificamos que seus empreendimentos científicos tinham como finalidade intervir e transformar a realidade brasileira a partir da sua concepção higienista de sociedade. Por isso, qualificamos Renato Kehl como interlocutor do movimento eugênico do Brasil, e um dos responsáveis pelas "conquistas eugênicas" registradas na história desse movimento, cujas ações concretas não alcançaram maior vulto em razão das debilidades características da consolidação da formação social do Brasil.

Nesse sentido, procuramos apresentar o intercâmbio de Renato Kehl com a intelectualidade brasileira e de outros países e suas reais intenções com os setores conservadores, quais sejam, o de lançar o projeto para tornar-se política de Estado visando à superação da situação na qual o Brasil se encontrava; em seguida, demonstraremos seu papel como propagandista, organizador de eventos importantes que culminou no fortalecimento do movimento.

Para Renato Kehl, o destino da humanidade estaria assegurado na efetivação da eugenia como verdadeira religião[79] dos homens, responsável pela purificação da mocidade e de toda a humanidade.

2.1 Correspondência com Oliveira Vianna e Monteiro Lobato

Inserindo-se na controvérsia sobre os rumos do Brasil, no contexto das transformações ocorridas no final do século XIX até meados do século XX, Kehl, na perspectiva biológica, estabelece diálogo com intelectuais como Sílvio Romero, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Alberto Torres, Manoel Bomfim, Azevedo Amaral, Oliveira Vianna, entre outros, nutrindo a ideia de que é um "país vitorioso".

[79] Renato Kehl acreditava que a eugenia, para obter sucesso, deveria ser propagandeada como se fosse uma religião e, nesse sentido, pulverizada por meio de diversas formas: cartaz, panfletos informativos, livros, artigos, revistas, teses e tantos outros meios. O que lhe interessava era propagar e convencer. O verdadeiro caminho para a humanidade estaria na eugenia como religião. Tivemos acesso a quantidade significativa de artigos relacionados a eugenia e religião, mas, em virtude do tempo, não teremos como apresentar a visão religiosa, especialmente a cristã, sobre a problemática da eugenia, isto é, como o movimento eugenista dialogou com a religião e vice-versa.

Dedicamos atenção, por isso, ao diálogo entre Renato Kehl, Oliveira Vianna e Monteiro Lobato, observando, porém, que a finalidade não é analisar de modo exaustivo o conteúdo das obras de Oliveira Vianna e Monteiro Lobato, pois fugiria do foco do nosso trabalho e objetivo, aqui, que é apresentar a imersão de Kehl entre os pensadores conservadores.

Entre os documentos pessoais de Renato Kehl, identificamos um cartão, sem data, de Oliveira Vianna, em que demonstra a sua afinidade com Kehl e menciona estar "desvanecido pelas suas felicitações. É que estamos dentro das mesmas ideias e caminhos com os mesmos ideais e no sentido dos mesmos objetivos". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Oliveira Vianna[80] é considerado teórico representante do pensamento conservador no Brasil, autor de uma obra arquitetônica, da qual destacamos *Raça e Assimilação (1934), Populações Meridionais do Brasil (1952)* e *Evolução do Povo Brasileiro (1956).*

A produção teórica de Vianna compõe um trajeto significativo na história brasileira, pois se concretiza em um momento em que variados autores estão pensando o Brasil, por exemplo, Azevedo Amaral, Gilberto Freyre, Alberto Torres. É um contexto no qual se vivencia a influência da Semana de Arte Moderna de 1922 e sua animosidade às produções e interpretações eurocêntricas da arte e da realidade nacional. A proposta era produzir arte, pensar o Brasil a partir da sua perspectiva peculiar e não estar atrelada à produção europeia. Oliveira Vianna, entretanto, faz um caminho inverso sobre a produção no Brasil valendo-se de autores como Gobineau, Gustave Le Bom e Vacher de Lapouge, para aplicar seus estudos à realidade brasileira.

Em sua obra *Sociologia do Negro Brasileiro* (1988, p. 23), especialmente no tópico II, O Racismo e a Ideologia do Autoritarismo, Clóvis Moura afirma que a ideologia de Oliveira Vianna é a continuação do poder moderador de D. Pedro II, cuja finalidade é ordenar a sociedade brasileira por meio da "seleção racial" e, no âmbito político, chega a elogiar teorias racistas e fascistas, pois, "esse autoritarismo de Oliveira Vianna é uma constante no pensamento social e há um cruzamento sistemático entre essa visão autoritarista do mundo e o racismo".

Em *Raça e Assimilação*, Oliveira Vianna[81] faz densa pesquisa sobre a "antropologia das raças"; tematizando a natureza dos grupos sociais do Brasil; abordando os aspectos da

---

[80]Para apreensão do pensamento ideológico e político de Oliveira Vianna, ver: VIEIRA, Evaldo. **Autoritarismo e corporativismo no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2010; PRADES, Maria Dolores. **Ideologia e política na obra de Oliveira Vianna**. Dissertação (Mestrado)- Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, 1991.

imigração; catalogando o número de casamentos realizados entre os imigrantes; além de discutir a distribuição da população no território brasileiro, e destaca a composição étnica no Brasil, isto é, o negro, o branco, o índio e o amarelo. O autor vale-se dos métodos eugenistas, como os cálculos matemáticos, área específica da Frenologia e da Fisionomia, assim como os marcos classificatórios usados com frequência pelos antropólogos da época. Por fim, Oliveira Vianna aprofunda-se na questão dos "grupos mestiços" (analisa os três censos realizados no Brasil nos anos de 1872, 1990 e 1920).

No levantamento realizado, Oliveira Vianna afirma que os dados e estudos ainda são lacunosos, pois é necessário acumular mais informações sobre a temática e argumenta que suas conclusões não são definitivas, pelo contrário, são conjecturas. (VIANNA, 1934).

O autor parte do pressuposto de que não existe igualdade entre as "raças" e, ao mesmo tempo, diz que não se pode afirmar sobre a existência de "raças superiores" ou "inferiores". Neste sentido, está "convencido de que a superioridade de uma raça é função do 'momento' e, em outro, revela-se inferior". (VIANNA, 1934, p. 244). Todavia, mais à frente, defende a tese de que as "raças são desiguais". (VIANNA, 1934, p. 244).

No capítulo intitulado O Problema do Valor Mental do Negro, do livro *Raça e Assimilação,* valendo-se da metodologia e ideologia da eugenia de Francis Galton, afirma que os negros são "inferiores" aos "arianos". (VIANNA, 1934, p. 271). E enriquece sua argumentação asseverando que "o negro, com efeito, é incapaz de competir com as 'raças' brancas e amarelas", pois, "É o que a observação demonstra e os resultados das pesquisas psicológicas experimental parecem confirmar". (VIANNA, 1934, p. 271).

Em seguida, defende que mesmo havendo negros intelectualmente destacados, não significa afirmar equidade em relação ao branco, pois "os tipos de negros intelectualmente superiores são em pequenas proporções" e, neste caso, as duas "raças são *desiguais* [destaque do autor]". (VIANNA, 1934, p. 272 - 273).

Um dos teóricos que combate a perspectiva de Vianna é Arthur Ramos. Discordava da sua crença de que nas civilizações africanas não havia autonomia e conhecimento técnico para desenvolver suas formas de organização social, política e econômica. Em resposta a Ramos, Vianna mantém a argumentação valendo-se de estudos da sua época para confirmar que os africanos alcançaram o patamar de desenvolvimento, em virtude de estabelecer contato com outros grupos sociais.

---

[81] No período em que está escrevendo esse livro, Renato Kehl lhe encaminha *Lições de Eugenia*, que é citado na obra de Vianna. Nossa argumentação ficará mais evidente no momento em que apresentarmos as cartas trocadas entre Oliveira Vianna e Renato Kehl.

Em seu raciocínio, afirma que os africanos eram incapazes de firmar civilização sem a contribuição de outros povos, em destaque, os "arianos" e semitas. Nesse caso, Vianna aloca os africanos como um grupo social *estúpido* e *ignorante* e conclui que "a existência dos grandes centros de cultura nas regiões centrais da África, é o que não ponho em dúvida; mas, que estas civilizações sejam criações da raça negra é o que me parece contestável". (VIANNA, 1934, 285).

Para Vianna, não se pode afirmar a suposta "inferioridade" nos negros, ou se os negros são iguais ou superiores a "outras raças", entretanto, retira dos africanos, como grupo social, a contribuição para o que estabelece como processo civilizatório da humanidade. Num exercício de "futurologia", chega a afirmar que "para os negros assumirem o papel de 'civilizador' em nossa sociedade, é preciso que eles se caldeiem com outras raças, especialmente as raças arianas ou semitas e que percam a sua pureza". (VIANNA, 1934, 285).

Na obra apreciada, Oliveira Vianna pondera que suas conjeturas não são concretas, porém, em *Populações Meridionais do Brasil (1952)*, deixa evidente suas conclusões, não mais por meio de julgamentos, ao contrário, nessa monumental obra, seu esforço é exaltar a "aristocracia rural" brasileira e, baseado na perspectiva eugênica, explicar a característica do Brasil por meio de um estudo minucioso que objetiva legitimar a superioridade do "ariano".

Aguerrido, Vianna condena o mestiço e não lhe poupa adjetivos. Os mestiços não mereciam respeitabilidade porque são desclassificados, pessoas de classe inferior, ralé absorvente, raça de ociosos, madracaria perigosa, degradam-se pela corrupção; vivem sob a impulsão mórbida da própria anormalidade, em suma, constitui a ralé colonial. (VIANNA, 1952).

Todos os adjetivos atribuídos, de cunho racista, por esse conservador, são fruto da miscigenação, ou seja, para o autor, os mestiços não tinham sangue do ariano ou perderam-no na miscigenação. Os arianos – a elite aristocrática rural – possuía elegância espiritual, finura e eram inteligentes. Vianna considerava a aristocracia rural, devido às suas qualidades, como "atenienses da política e das letras".

Em *Evolução do Povo Brasileiro (1956)*, Vianna tenta explicar o subdesenvolvimento do Brasil a partir da mistura de raças e afirma que as "raças inferiores", em particular a negra, deveriam ser extintas por meio da luta com as mais fortes e superiores. O processo civilizatório era tarefa da raça branca, logo, a solução para o Brasil estaria na arianização dos povos não brancos. A miscigenação não passava de uma ferramenta, um caminho para a formação da nação, e os arianos são os precursores da evolução e modernização do Brasil. (MOURA, 1990).

No livro *Instituições Políticas Brasileiras (1987),* critica o método culturalista e justifica sua opção pelo estado autoritário, argumentando que no Brasil, em virtude da constituição do "povo-massa", não há tradição "popular" no âmbito das decisões políticas. Daí a justificativa para o estado ser centralizado e autoritário. Isto é, o "povo-massa" não quer a democracia e tampouco tem a capacidade para participar das instâncias democráticas.

No âmbito das relações raciais no Brasil, Vianna argumenta estar exercendo uma autocrítica, sobretudo, sobre sua posição racista. Porém, não abandona a sua crença nas desigualdades entre as "raças", ao afirmar que "os tipos raciais são morfologicamente, os mesmos de hoje", logo, as qualidades psíquicas dos povos "naquelas épocas remotas, eram desiguais como 'primitivos', não há razão para que não o sejam hoje – desde que eles sejam da mesma raça e possuam o mesmo tipo somatológico" (VIANNA, 1987, p. 57). Mais adiante, arremata sua crença ao afirmar que "na gênese das culturas e nas transformações das sociedades – não apenas o papel de *hereditariedade individual* e do grande *homem, mas mesmo o papel da raça"* (VIANNA, 1987, p. 59, destaques do autor).

De acordo com Vanilda Paiva (1978, p. 151), está "reafirmada a sua crença não somente na desigualdade das raças humanas, mas também, dentro dela, do papel do eugenismo que – atuando através da herança individual e direta – possibilita a aparição dos grandes homens".

O primeiro contato de Oliveira Vianna com Renato Kehl dá-se após ele receber um questionário enviado por Charles Davenport solicitando informações sobre a "questão racial no Brasil". Kehl encaminha o questionário para Oliveira Vianna e Afonso Taunay.

Oliveira Vianna, ao receber a carta, responde da seguinte maneira, a Renato Kehl:

> Recebi, há tempos a sua carta e o questionário sobre a eugenia dos nossos grupos nacionais e étnicos [...]. Não lhe digo meio pensamento sobre seu questionário porque estou com um livro quase pronto, onde o seu questionário se acha respondido com detalhes completos. Se não houver embaraços ou não for forçado a desviar-me deste trabalho que estou escrevendo, espero publicá-lo dentro de alguns meses. E terá então a resposta ao questionário que teve a gentileza de mandar. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC, 1º de setembro de 1931).

Renato Kehl responde à carta de Oliveira Vianna:

> Recebi a sua atenciosa cartinha informando-me de que o questionário sobre as condições somato-físicas do nosso povo será respondido no livro que está escrevendo.
> Não seria possível me enviar apenas uma súmula para publicar no Boletim?[82]
> Remeti-lhe ontem um exemplar desta publicação na qual vem inserida a tradução de um importante trabalho sobre o cruzamento de raças. Caso não tenha recebido peço avisar-me para enviar-lhe outro exemplar. Bastará um cartãozinho ou um telefonema para 4-1655.

[82] O artigo Typos Eugenicos, de Oliveira Vianna, foi publicado no *Boletim de Eugenia*.

> Aproveito a oportunidade para dizer-lhe que desejava muito conhecê-lo pessoalmente. De longa data acompanho com muita simpatia e grande admiração a sua brilhante e laboriosa vida de publicista e sociólogo.
> Caso permita irei em Niterói.
> Conhece o meu livrinho "Lições de Eugenia"? Caso não, enviar-lhe-ei um exemplar.
> Creia-me seu amigo e admirador. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC, 4 de setembro de 1931).

Em 1934, por intermédio de Oliveira Vianna, Kehl é convidado a participar de reunião a fim de elaborar lei para regulamentar o disposto no artigo 121, parágrafos 6º e 7º da Constituição Federal de 1934, relativo ao problema da imigração e da colonização. Na carta enviada por Vianna, em 7 de novembro de 1934, lê-se:

> Tenho a honra de enviar a V. EX. toda a Legislação nossa relativa à imigração. Como dentro em poucos nos reuniremos para desempenho da missão que nos confiou o Sr. Ministro do Trabalho, pareceu-me que seria útil a V. Ex. ter em mãos as novas leis relativas ao assunto que iremos tratar. Na primeira oportunidade, terei o prazer de comunicar a V. Ex. a data da nossa primeira reunião. Creia-me sempre maior atenção e apreço, De V. Ex. Att. Admirador e patrício obrigadíssimo.
> Oliveira Vianna. (Fundo Pessoal Renato Kehl, DAD-COC).

As cartas demonstram a afinidade de ambos os ideólogos sobre as propostas eugênicas para o Brasil. Oliveira Vianna é um teórico que a burguesia brasileira reivindicou como paladino não somente por suas obras de fôlego, mas em virtude do seu cabedal e a variedade de temas em seus livros. Nesse sentido, Nelson Werneck Sodré (1994, p. 41) reconhece que "Vianna falou de tudo, ainda no que tange ao Brasil" porém, "tudo, menos história, tudo, menos sociologia, tudo, menos ciência".

Outro teórico com quem Renato Kehl manteve estreita relação foi Monteiro Lobato. Sua primeira aproximação deu-se a partir de palestra que proferiu na Associação Cristã de Moços (ACM) e foi publicada no *Jornal do Comércio*. Ao ler a conferência de Kehl, Lobato imediatamente encaminha uma carta para Kehl lamentando o fato de conhecê-lo tardiamente: "Confesso-me envergonhado por só agora travar conhecimento com um espírito tão brilhante como o seu, voltado para tão nobres ideais e servindo, na expressão do pensamento, por um estilo verdadeiramente 'eugênico', pela clareza, equilíbrio e rigor vernacular". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

No prefácio do livro de Renato Kehl, *Bio-perspectiva (1938)*, Lobato (1938, p. 9) o qualifica mais cientista do que filósofo: é o "mais acabado tipo cientista que a nossa atualidade pensante possui" e descreve como ambos se conheceram:

> Vim conhecer Renato Kehl no início da minha vida literária, certo ano em que, numa série de artigos de jornal, me pus a entender de saneamento. Fanático que já era ele da Eugenia – ou da aplicação da ciência para melhorar o mau animal humano – procurou-me com proposta para editar em volume tais artigos e prefaciá-los. Surgiu assim o 'Problema Vital', a primeira coisa, creio, que de mim saiu sob forma de livro – e com prefácio de Renato Kehl". (LOBATO, 1938, p. 17).

Na medida em que Lobato vai concluindo seu prefácio, fica mais evidente a posição em que aloca Renato Kehl, ou seja, coroando-o como um intelectual de porte. Ao discorrer sobre o convite de Renato Kehl para prefaciar seu livro, Lobato (1938, p. 17-18) faz o seguinte comentário:

> Acedi de coração – porque não havia lido a obra. Se a conhecesse, como a conheço hoje, claro que me não atreveria a tanto. Que credenciais, santo Deus, possui um humílimo literato da minha marca para apresentar ao público tão fina suma de toda uma vida de estudos sérios – obra sem irmã em nossas letras, honesta como a que mais o é, lealíssima, irreverente para com todos os tabus arrogantes, sólida da solidez germânica, construtiva em tão alto grau e tão rica de largos horizontes?

É a partir do contato que Lobato tem com os textos de Kehl que, em *Problema Vital* (1948), repensará suas produções, como, por exemplo, sua visão sobre o "Jeca". Revendo a sua posição e inflamado com as ideias relacionadas ao sanitarismo na época e, também, as ideias eugênicas se introduzindo no Brasil, ele altera sua opinião concluindo que "o Jeca não é assim; está assim". (LOBATO, 1948).

Em 1945, Lobato lança o livro *O Presidente Negro ou o Choque das Raças* (1968). O romance narra um processo eleitoral ocorrido nos anos de 2228, nos EUA, quando é eleito um presidente negro, Jim Roy. Ao ganhar a eleição, é surpreendido, em meio às comemorações, pelas articulações dos setores conservadores e racistas que o impendem de empossar seu cargo.

No romance, Lobato faz apologia à eugenia por meio da literatura, abordando questões relacionadas à formação brasileira, lastimando o fato de que, no Brasil, não houve a contribuição dos "povos" que "construíram" os EUA. No livro, a visão do homem branco norte-americano é a do "homem puro" e *modelo ideal* de homem para a nação brasileira. Lobato escreve essa obra com duas finalidades: a primeira, para obter prestígio como escritor literário brasileiro, por isso a exaltação do "povo" norte-americano e, também, para apresentar a sua perspectiva da eugenia por meio da produção literária.

Ao publicar o livro, Lobato encaminha carta para Renato Kehl e o elogia, asseverando:

> Renato, Tu és o pai da eugenia no Brasil e a tu devia eu dedicar meu *Choque*, grito de guerra pró-eugenia. Vejo que errei não te pondo lá no frontispício, mas perdoai a este estropeado amigo. [...]. Precisamos lançar, vulgarizar estas ideias. A humanidade precisa de uma coisa só: poda. É como vinha. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Nessa correspondência, fica explícita a filiação de Monteiro Lobato à ideologia da eugenia, por acreditar que, uma vez que nosso "povo" viesse a ser *podado*, o Brasil

concretizaria a esperada nação. O criador de Jeca ingressou na condição de partícipe do movimento eugenista, ao fornecer sua contribuição por meio da literatura.

Ambas as obras enriqueceram a argumentação para convencer as "elites" sobre a importância da eugenia no Brasil. Porém, a partir das suas cartas, identificam-se em Lobato oscilações quanto à perspectiva eugênica, pois há momentos em que deposita esperança no Brasil em realizar de fato a eugenia, e, em outros, passa a despertar certa descrença no êxito do movimento eugênico, conforme cartas endereçadas a Renato Kehl.

Na carta enviada em 14 de abril de 1914, por exemplo, Monteiro Lobato coloca a oposição que teve de enfrentar após ganhar repercussão, ao publicar seus livros infantis, afirmando: "A cainçalha não me perdoa ser querido das crianças e vender meus livros mais que eles. Daí tudo ser pretexto para insultos e difamações. Que gentinha ruim e miúda a nossa!". (LOBATO. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC).

Em seguida, descreve as razões que limitam a eugenia de ganhar visibilidade na sociedade brasileira: "Se com tua eugenia não concertas esta raça, tela-emos uma das mais sórdidas do mundo". (LOBATO. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). Mais adiante, na mesma carta, lamenta a censura a que tem sido subordinado:

> Há tempos recebi um folheto teu em que me citavas uma frase sobre o escuro criador de deusas e religiões. Se soubesses como essas audácias de "pensar conforme a ciência" me tem rendido prejuízos, campanhas e tricas, abrir a boca. Sabes aquela História do Mundo para as crianças? Muitos livreiros traduzem-na escondida na gaveta secreta dos livros pornográficos que a polícia proíbe. Não podem expô-la nas vitrinas nem nos balcões. Os padres não admitem. Sabes por quê? Porque dá o mundo criado evolutivamente, em vez de formado em seis dias por um velho de triângulo na cabeça, que descansou no sétimo [...]. (LOBATO. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC).

Seu pessimismo fica evidente ao demonstrar descontentamento após a vitória de Vanceslau Brás à Presidência da República e, durante o processo eleitoral, conta com a renúncia da candidatura de Ruy Barbosa, que representava o Partido Republicano Liberal, lançando o *Manifesto à Nação.* Tal evento leva Lobato a tecer o seguinte comentário:

> Mas a Revolução veio demonstrar-lhe que país que torto nasce, não endireita nem a pau. Quanto mais penso no Brasil, mais me convenço da sabedoria do Marcos Lopes, aquele barbadinho. A receita dele para acertar o Brasil é a única que me parece eficaz. Sabes qual é? Um terremoto de 15 dias, para afofar a terra; uma chuva de... adubo humano de outros 15 dias, para adubá-la. E começa tudo de novo. Perfeita, não? Adeus. Um grande abraço do teu velho amigo. Lobato. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

O descontentamento de Lobato o leva a sugerir que a consolidação de um povo brasileiro só poderá ser efetivado depois de um terremoto e processo de adubamento que culminará num "novo homem".

Após 1914, não existem informações seguras sobre a partida de Lobato para os EUA, mas é provável que os dois teóricos mantivessem contato por correspondência. Em 1929, Renato Kehl envia carta a Lobato reivindicando informações e lhe solicita viabilizar os trâmites para a publicação de alguns de seus livros nos EUA. A partir dessa carta, Renato Kehl e Monteiro Lobato rompem o silêncio e retomam reflexões sobre o Brasil:

> Caro amigo Lobato.
> Há muito tempo não tenho noticias suas, parece até que Lobato deseja esquecer dos velhos amigos. Nem um cartãozinho para dizer que ainda se lembra destes "Jecas" que por aqui ficaram. Não tenho lido nada escrito por você. Será que não sabe mais o português? Ou resolveu escrever só para o americano? Tenho lhe enviado, de vez em quando, o Boletim de Eugenia, tem recebido? Envio-lhe hoje um novo livro. Creio não existir outro idêntico no gênero. Peço lê-lo e me mandar dizer se é possível publicar em inglês aí na América. A pretensão é grande... mas quem sabe? Faço votos para a sua felicidade e todos os seus. Um grande abraço do amigo[83]. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Em 8 de julho de 1929, Lobato responde a Renato Kehl e, ao agradecer o envio do livro, reitera a admiração pelo empenho de Kehl em prol da eugenia no Brasil: "Teus livros se caracterizam por um admirável senso de oportunidade e se fossem lidos na medida necessária, grandes benefícios trariam ao feio e doente povo dessa nossa boa terra". Na mesma carta, Lobato, descrente do sucesso da eugenia no Brasil, afirma: "Infelizmente a parte da população que mais necessita das suas lições não as tomará, porque não tem dinheiro para livros, nem sabe ler...". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Na mesma carta, Lobato demonstra o atraso em que o Brasil se encontra, em detrimento da edificação da eugenia, pois, além da impossibilidade de editar o livro de Kehl *Lições de Eugenia* nos EUA, a "nova religião", que era a eugenia para Renato Kehl, está mais consolidada, visto que, nos EUA, medidas eugênicas são praticadas expressivamente. Nas palavras de Lobato:

> Não creio, meu caro Renato, que possas editar teu livro aqui. Não pode haver país onde a Eugenia esteja mais proclamada, estudada, praticada, "livrada" do que este. O número de estudos especializados que sobre tal assunto aparecem é enorme e manuais como o teu circulam aos centros e estão em todas as escolas.
> A ideia está tão adiantada que já começaram aparecer "filhos eugênicos". Um senhor da alta sociedade meses atrás ocupou por vários dias o *front page* dos jornais mexeriqueiros graças à audácia com que, rompendo contra todos os preconceitos, resolveu ter um filho eugênico segundo todos os preceitos da ciência sem ligar legalmente a nenhum homem. Escolheu um admirável tipo macho, fê-lo estudar

[83] A data desta carta não contém o dia, apenas o ano de 1929.

> sobre todos os aspectos achando *fit* para o fim que tinha em vista fez-se fecundar por ele.
> Disso resultou uma menina que está sendo criada numa *farm* especialmente adaptada para *nursery* eugênica e lá vai ela conduzindo a sua experiência de ouvidos fechados e todas as censuras da *bigotary*.
> Seu exemplo já foi imitado e dentro dalguns anos a ciência terá alguns fatos novos a estudar. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC, destaques do autor).

Em seguida, demonstra com entusiasmo os avanços daquele país; menciona a aproximação entre EUA e a Alemanha, asseverando que o "baixo nível intelectual" dos brasileiros o impede de escrever, pois quer comentar as "maravilhas" encontradas no norte da América na língua da sua nacionalidade:

> Eu, meu caro, retirei-me da ativa. Aqui permaneço, sempre embasbacado diante da grandeza deste povo, em marcha segura para a criação de algo inteiramente novo nos anais da humanidade. A razão de não escrever para aí é uma razão psicológica: é psicologicamente impossível dar com palavras velhas de uma língua velha e paupérrima como a nossa, uma vaga ideia do que é e do que está fazendo o americano. A força, a grandeza, a novidade do fenômeno americano no mundo só podem ser contadas em inglês e para alemães. Creio que no mundo alemão, cujo cérebro é o que você sabe, pode compreender a América.
> Daí a onda da imbecilidades que correm mundo sobre este país.
> É daqui que se alcança bem a humana incapacidade de compreensão dos fenômenos novos, quando não há paragens anteriores a que possam ser referidos. Acabo de verificar isso com o caso da Miss Brasil.
> Assombrei-me com o que li nos jornais do Brasil. Três repórteres que vieram com ela fantasiaram à vontade o que "eles desejariam que fosse a estadia dela aqui" e impingiram o senhor como coisa realizada. O desconhecimento e incompreensão da América no Brasil o tamanho que juro 85% dos eleitores dos nossos jornais engoliram a mistificação e ficaram convencidos que a nossa pobre menina teve recepção em Nova York [destaque do autor]. A monstruosidade dessa peta vem provar a minha tese.
> Adeus, meu caro, vou ler o teu livro logo que tenha oportunidade, completando assim as lambidelas ao acaso com que já o estreei. Adeus. Muitas recomendações ao Dr. Belisário e mande no velho camarada. (8 de julho de 1929). (Fundo Renato Kehl, DAD-DOC).

As passagens transcritas demonstram seu *"mal-estar"* com o Brasil e sua descrença no País, ao afirmar que os brasileiros são incapazes de superar o patamar no qual tem se encontrado, pois estão repletos de "imbecilidades", por isso deprecia e deixa explícito que o projeto de uma nação brasileira é inviável. Outro aspecto sobre as ponderações de Monteiro Lobato é a análise que faz das particularidades entre o Brasil e os EUA.

Para Lobato, entre as potencialidades dos EUA, destaca a eugenia como um projeto sólido, com ações concretas e realizadas como política de Estado. Por exemplo, na propaganda eugênica mediada pela educação, as leis eugênicas preconizavam a utilização da prática da esterilização não somente para a punição de "criminosos" mas também para deficientes físicos. Ainda, nos EUA, a eficiente política eugênica possibilita o encarceramento dos indesejáveis ("doentes mentais", epiléticos), somando-se com a racionalização de

casamentos, além da política de imigração dentro dos parâmetros dos eugenistas, neste caso, os classificados como “brancos lixos”, oriundos da Itália, Portugal, Espanha.

O controle da imigração eugênica seria assegurado para garantir a entrada dos “brancos puros” – ingleses, suecos, suíços, alemães, em suma, todos aqueles que não fossem dos grupos de “misturados”. Por esses e outros elementos, Lobato situa o Brasil num patamar abaixo dos EUA, considerando, ainda, que a necessidade, em primeira instância, de convencer as elites sobre a necessidade de entificação da eugenia para consolidar a nação brasileira.

Após a resposta de Monteiro Lobato, o contato entre os dois é reavivado depois de três meses, por ocasião da conferência proferida por Renato Kehl durante o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia e enviada, por Kehl, a Monteiro Lobato. Este insiste mais uma vez em demonstrar a inviabilidade de consolidar a eugenia no Brasil, ou, se quisermos, qualquer projeto de efetivação de uma nação brasileira. A carta enviada a Renato Kehl é de 9 de outubro de 1929:

> Meu caro Renato.
> Recebi tua comunicação ao Primeiro Congresso de Eugenia e li-a. Meu caro, dás-me a impressão de um D. Quixote científico, com todo o nobre entusiasmo do Manchego mas sem loucura dele, a entregar para uma legião de Panças. O que dizes é o que há de sensato, de sábio, de útil, de interessante, mas haverá quem te ouça? Haverá quem acorde? O nosso pobre país dorme o sono da lambança completa e sórdida. Não vê nada, não quer nada, procura iludir-se com um milhão de mentiras e só recompensa aos que lhe mantem e lhe lisonjeiam as fraquezas.
> O livro do Prado é terrível, é retrato fidelíssimo.
> Prado portanto deve estar muito mau visto. Falar a verdade passou a ser crime entre nós. Você vai-lhe nas águas. Diz tudo que é precioso dizer. Cuidado!
> Eles acabam te linchando.
> Nossa gente quer dopes, cocaína, ilusão. Está apodrecendo e em vez de curar-se, perfuma-se.
> É vivendo num país, como este que se pode alcançar em toda a sua extensão a miséria econômica, psíquica, biológica e moral da nossa pobre terra.
> Rasgue esta incontinente, meu caro, antes que alguém meta o nariz nela. Tudo que digo e estritamente confidencial e só pode ser dito a um espírito superior como o teu.
> Adeus. Um abraço do desiludido.
> LOBATO. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Como se vê, Monteiro Lobato não acredita no Brasil, é um “desiludido”, a possibilidade de um “despontar” é descartada, visto que Renato Kehl é apenas um *D. Quixote* lutando contra o moinho de vento, em um local ausente de organização e em que todos estão adormecidos ou dopados. A propositura preconizada por Renato Kehl, na percepção de Lobato, é um avanço e, por isso, colocado no ostracismo, sem nenhuma ventilação. Dito de outra forma, o projeto do eugenista brasileiro, almejado por Kehl, estava condenado ao fracasso devido ao atraso próprio do nosso País, em virtude de não haver uma articulação mais orgânica. Em suma, a perspectiva eugênica não seria assimilada, logo seria malograda.

Lobato nos oferece alguns elementos para pensarmos sobre o que ele se refere: trata-se da natureza das classes dominantes no Brasil, ou seja, uma classe débil, sem projeto de nação, preocupada apenas em angariar suas riquezas. É incapaz de realizar um projeto a fim de alocar o Brasil numa posição semelhante aos países avançados e civilizados que, aos olhos de Lobato, seriam os EUA, e, aos olhos de Renato Kehl, a Alemanha.

Todavia, como concretizar uma "nação" sendo que o Brasil é formado por uma classe dominante retrógada, reacionária, cuja perspectiva de efetivar uma nação está fora do seu horizonte; é uma classe dominante "fraca", em expressão de Lobato, que almeja e se realiza *dopando*, usando *cocaína*, enriquecendo as suas ilusões para esquecer a real qualidade. Ainda na expressão de Monteiro Lobato, a nossa classe dominante é de natureza miserável, fraca, mesquinha e incapaz de conduzir seu projeto de nação.

Ainda na carta acima, verifica-se que, para Lobato, o único brasileiro com espírito superior é Renato Kehl, que sobressai, pois é capacitado para a compreensão dos aspectos mencionados sobre a realidade brasileira.

Novamente se preparando para ir aos EUA, escreve Lobato a Kehl, demonstrando sua felicidade por ver a sua neta que acabara de nascer e a emoção por ter uma descendente norte-americana. Na carta, enviada no dia 13 de setembro de 1930, ele menciona:

> Estou num dia de partida hoje. Uma filha neta – a primeira, uma americanazinha nascida seis meses. [...] Como se vês, estou avô. É o cúmulo. E avô duma miss newyorkina. [...] Adeus, meu caro. Continue o inteligente e fecundo trabalho de abrir os olhos do nosso povo. Os resultados não serão aparentes em imediatos, mas um dia todos te abençoarão. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Nessa carta, além de demonstrar o seu ânimo com o nascimento de sua neta, aponta alguns lampejos de esperança em relação ao projeto da eugenia no Brasil, embora vislumbre-o em longo prazo, talvez em razão da própria debilidade referente à constituição do Brasil.

Renato Kehl e Lobato ainda trocaram duas cartas, breves, sobre livros para crianças. Comenta com Monteiro Lobato que sua cartilha havia feito muito bem para ele, pois estimula e mantém o seu "desejo de preservar na campanha pela eugenização do nosso povo", (Fundo Renato Kehl, DAD-COC), ao qual vinha se dedicando há 17 anos. Lobato responde a Renato Kehl concordando que, realmente, "aquele livro é bastante útil, e como está sendo muito bem recebido pelas crianças", tal resultado o animava para fazer outros "gêneros de ciência transformada em brinquedo". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Outras cartas entre os dois registram assuntos e temas relativos à entrega de livros um para o outro, trocando informações sobre o andamento dos projetos nos quais estavam envolvidos, nas preparações de livros, etc.[84]

Nas cartas apresentadas, verifica-se que Renato Kehl foi propagador e interlocutor com trânsito no meio da intelectualidade brasileira. Na correspondência entre Kehl e Monteiro Lobato, percebe-se, além da amizade e respeito entre os dois, o diálogo e a reflexão sobre literatura e ciência na perspectiva da construção de mecanismos e ferramentas que pudessem ser assimiladas pelas classes dominantes do País.

Os autores em tela, ao se corresponderem, trocavam impressões e expressavam as suas perspectivas, opiniões, balanços, avaliações, em relação aos possíveis destinos do Brasil, assim como a realidade que viviam. Assim, o conjunto de cartas analisadas permite afirmar que os autores expressavam cumplicidade e concordância quanto aos projetos, anseios e às ideologias aos quais se filiavam. Nesta direção, concluímos com uma afirmação que Monteiro Lobato faz, numa das cartas, a Renato Kehl:

> Cá me chegaram os dois exemplares da Bio-Perspectiva que v. me mandou. Está linda a obra. Parece uma aspirina – e é uma verdadeira aspirina para a cura de uma porção de noções erradas que temos no cérebro.
> Para cada item v. dá um punhado de ideias sólidas, irredutíveis. Quem outro no Brasil sabe pensar com essa precisão matemática?
> Adeus. E votos para que não pare com a aspirina de que precisamos.
> Do Lobato. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC, s/d).

Assim, o Brasil necessitava de *aspirina* para galgar como uma nação e, nesse caso, o arsenal teórico de Renato Kehl seria um remédio a ser assimilado por nossas elites. O pessimismo de Lobato é "superado" por um romantismo relativo à crença de que o Brasil tornar-se-ia um país semelhante ao de sua neta.

O desencanto de Monteiro Lobato em relação ao Brasil pode ser identificado justamente na ausência de organizações que viabilizassem os mecanismos para a consolidação de uma verdadeira nação brasileira, que só poderia ser garantida por meio de uma instituição capaz de solidificar o projeto que tanto ele, Renato Kehl e outros adeptos da ideologia do racismo e do conservadorismo, vislumbravam, ou seja, um país *branco*, *civilizado*, *capitalista* e *cristão*. Portanto, a ausência de uma classe dominante capaz de conduzir os projetos que culminariam numa "real nação" fez de Lobato um conservador e reacionário, incapaz de entender a particularidade e objetivação da formação social do Brasil.

[84] Cópias das cartas encontram-se anexas.

Em virtude da sua pobreza teórica, ele acreditava que, se no Brasil houvesse organizações semelhantes às norte-americanas, o país poderia despontar. Em carta enviada em 1938 para Arthur Neiva, outro eugenista brasileiro, Lobato revela seu desejo quando lastima:

> Um dia se fará justiça ao Ku Klux Klan; tivéssemos aí uma defesa dessa ordem, que mantém o negro no seu lugar, e estaríamos hoje livres da peste da imprensa carioca – mulatinho fazendo o jogo do galego, e sempre demolidor por que a mestiçagem do negro destrói a capacidade construtiva[85].

Ainda sore o pensamento retrógrado de Lobato, é sabido que desde os anos de 1903, quando estudante de direito no Rio de Janeiro, ele afirmava que o Brasil era um "país de inferiores", e lamentava que não tivesse a capacidade de consolidar uma "raça". Em 1908, comentando sobre a população carioca, diz:

> Num desfile, à tarde perpassam todas as degenerescências, todas as formas e má-formas humanas – todas menos a normal... Como consertar essa gente? Que problemas terríveis o pobre negro da África nos criou aqui, na sua inconsciente vingança! Talvez a salvação venha de São Paulo e outras zonas que intensamente se injetam de sangue europeu. Os americanos salvaram-se da mestiçagem com a barreira do preconceito racial. Temos também aqui essa barreira, mas só em certas classes e certas zonas. No Rio, não existe. (LOBATO apud SKIDMORE, 1978, p. 199).

2.2 O ambiente intelectual de Renato Kehl e a campanha eugênica na Europa e EUA

Considerando a quantidade de livros e artigos publicados em revistas e jornais; o número de conferências proferidas; as assessorias prestadas sobre a ideologia da eugenia e os aconselhamentos aos políticos entusiasmados e simpatizantes com o tema, Renato Kehl surge como um dos mais importantes e destacado representante do movimento eugenista no Brasil.

Entre as correspondências que manteve com os intelectuais e entidades representativas do exterior, em particular dos EUA, sobre temas como eugenia e nação, entre outros assuntos, destaca-se, por exemplo, as cartas com Charles Davenport, o mais autorizado representante do movimento eugenista norte-americano.

No continente europeu, travou contato com representantes da Universidade de Madri e outras instituições na Espanha; em Portugal, com representantes da universidade de Lisboa; na França; e com Eugen Fisher, um dos principais expoentes do movimento eugenista alemão. Na "cruzada eugênica", tanto no Brasil e como no exterior, Kehl era elogiado e reconhecido por seu trabalho no País. Ativistas do movimento eugenista sul-americano o tinham como referência em virtude da sua disposição em transmitir informações e conselhos.

---

[85] Ver o artigo na íntegra do autor André Nigri, Monteiro Lobato e o Racismo, in: *Revista Bravo!* Disponível em: <http://bravonline.abril.com.br/materia/monteiro-lobato-e-o-racismo>. Acesso em: 9 mar. 2014.

Entre os protagonistas do movimento eugênico na América Latina, que mantiveram correspondência com Renato Kehl, destacam-se Carlos Enrique Paz Sodán, um dos expoentes da Medicina, no Peru, com interesse particular em Saúde Pública e propagandista da História da Medicina, fundador da Sociedade Peruana de História da Medicina e criador da revista *Reforma Médica*. (CACERES, 2014).

Em carta endereçada a Renato Kehl, em 1º de novembro de 1919, afirma que o "El ejemplo de la 'Sociedade de Eugenía' tendrá que ser seguido muy pronto por el resto do continente". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC). Noutra carta, encaminha uma conferência para Renato Kehl, dizendo: "A fín de propagar el entusiasmo sobre esta cuestión de la "Eugenica" he dirijido a la Academia de Madicin de Caracas, com ocasión de mi eleicion como membro correspondente extrangeiro una comunicación sobre "Eugenizacion de la América". (SOLDÁN. Fundo Renato Kehl, DAD-COC, 11 de abril de 1919).

Em Cuba, a representação do movimento eugenista foi o Dr. Israel Castelano, especialista em Delinquência Feminina, responsável pela criação do Laboratório de Antropologia Penitenciária e contemplado com o prêmio italiano intitulado Lombroso pelos estudos sobre o assunto. Como eugenista, dialogava com Renato Kehl para quem manda seu livro *La Delinquencia Feminina em Cuba*, laureado, segundo seu autor, "com el 'Premio Lombroso', em Turin". (Carta de 3 de dezembro de 1930, Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Ainda em Cuba, outro intelectual da eugenia que mantinha interlocução com Kehl, era o Dr. V. D. Agostini, cuja correspondência mostra os trâmites para a tradução de seu livro em língua estrangeira. Na carta datada no dia 20 de agosto de 1937, Renato Kehl comenta: "De volta da Europa acho-me novamente no Rio de Janeiro, de onde tenho o prazer de dirigir-lhe o presente para confirmar a cota remetida de Berlim com autorização para traduzir o meu pequeno livro 'Lições de Eugenia'". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Na carta a Renato Kehl, no dia 17 de maio de 1937, Agostini, além de requerer mais exemplares dos livros do médico limeirense, pretende publicá-los:

> Tengo a mi cargo el Negociado de Eugenisia y Homicultura de la Secretaría de Sanidad y estoy, naturalmente, interesado em todo lo que se relacione com esas modernas ciencias.
> He tenído el gusto de ler su trabajo "Por que sou Eugenista", com el cual obsequió usted al Director de Sanidad, Dr. Ramos, y me apressuro a dirijirle esta carta por varios motivos, cuales son, 1 cómo podría obtener sus otras obras "Lições de Eugenia" y "Sexo e Civilização"; 2 Me gustaría traducir al Castellano la obrita suya que he leido (Por qué soy Eugenista) y necesitaría su venia para ello; 3 desso conocer las atividades y el funcionamento de la "Comisión Central Brasileira de Eungenisía" de la que es usted Presidente; 4 podría usted informarme de quién es el Sr. Pablo de Godoy al que cita em sus Preliminares?
> En espera ansiosa de su amable y pronta contestación, me subcribo suyo, muy atenta y respeituosamente. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

A correspondência citada demonstra a aceitação dos livros de Renato Kehl para publicação no exterior e a repercussão, conforme carta enviada no dia 2 de setembro de 1929, por Javier Morata, de Madri, e recebida por Kehl, que comemora a possível edição de seus livros na Espanha. No universo das cartas de Kehl analisadas para esta investigação, identifica-se a publicação, na Espanha, dos livros: *Porque Sou Eugenista, Educação para os Pais*; *Bio-perspectivas;* e *Tipos Vulgares*. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC). Na carta do professor Percy Alvin de Martin, de Stanford, consta solicitação para publicar os livros de Kehl, que imediatamente responde: "Em esperado segue o volume de 'Tipos Vulgares' de minha autoria, editado em Buenos Aires". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC, data: 7 de novembro de 1938).

Além da publicação de seus livros no exterior, Kehl é uma das principais referências do movimento ao fornecer informações da eugenia. De acordo com a carta enviada ao professor Dr. Guilhermo:

> O contato com eugenista colombiano através da carta datada em 1940 lê-se:
> Acabo de receber do meu particular amigo Prof. Dr. Guilermo Uribe Cuala, de Bogota, um pedido referente ao seguinte:
> Tendo sido esse professor nomeado para relatar uma tese oficial do Segundo Congresso Latino-Americano de Criminologia a ser realizado em janeiro de 1941 no Chile, tese que versará [sobre] Eugenia e Criminalidade, escreveu-me o dito professor pedindo-me que arranjasse eu biografia brasileira sobre o tema.
> Ora, sendo o Sr. Dr. Renato Kehl um dos pioneiros do estudo dessas questões no Brasil, eis que permito transmitir-lhe o pedido do Prof. Uribe Cualla, revogando-lhe enviei ao dito professor o que puder reconhecer ou, então, a mim, que me encarregarei gostosamente de fazer chegar às mãos do dito mestre colombiano o que for enviado. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

A riqueza dos contatos entre os eugenistas da América Latina, permitia a Renato Kehl ter conhecimento sobre quais das suas obras eram citadas nas publicações de livros e artigos, como principal referência do movimento no Brasil, assim como o mantinha informado a respeito das pesquisas e dos eventos eugenistas em outros países. Em contato estabelecido com Susana Solano, no dia 9 de maio de 1944:

> [...] tenho presente, recortado de uma revista de criminologia equatoriana, o seu magnífico trabalho em torno da "Constituição Perversa e a Responsabilidade", no qual tive a honra de ser citado mais de uma vez. Dia a dia vai se firmando no consenso geral a importância básica da constituição, no tocante às desordens psíquicas e, em particular, no tocante à predisposição à delinquência e à perversidade.
> O seu trabalho, minudente e claro, deixa patente a questão da personalidade do perverso, a influência das taras hereditárias, em suma, as características psicológicas, sem com isto cair na lombrosiana doutrina do perverso nato, portanto de uma constituição perversa [destaque do autor].
> Agradeço-lhe a gentileza da remessa da cópia dos votos aprovados na segunda Jornada Peruana de Eugenia, que foram, em parte, publicados no país,

> provavelmente transcritos da Revista da Liga Internacional de Proteção à Infância, de Montevidéu, que publicou na íntegra.
> Fazendo votos pela sua saúde e pelo brilho constante de sua atividade na luta pelo ideal comum da Eugenia, subscrevo-me cordialmente, seu amigo e admirador. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Esses documentos demonstram como o movimento proporcionava complexa articulação entre os médicos e todos aqueles que acreditavam na proposta de uma sociabilidade ancorada nos preceitos eugênicos e explicita o empenho dos intelectuais orgânicos do movimento para a efetivação desses ideais.

Além do continente latino-americano, Kehl mantinha intercâmbio com países cujo movimento estava a todo vapor, e que tinham recursos, condições materiais e outros aportes para a objetivação da eugenia. É o caso dos países que tiveram função expressiva principalmente na fase do capitalismo monopolista. Em particular, os EUA, França (Charles Richet, professor representante da Sociedade Francesa de Eugenia de Paris), Alemanha, Itália, Portugal e Espanha.

Essa assertiva fica evidente na carta que Kehl encaminha a Eugen Fisher, um dos principais representantes do movimento eugenista da Alemanha: "É sempre maior interesse que mantenho intercâmbio epistolar com colegas americanos entendendo que devemos tornar mais estreitas as nossas relações de cordialidade intelectual para o crescente progresso latino-americano". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

No tocante ao contato com a Espanha e Portugal, destacam-se duas cartas. A primeira é com a Liga Espanhola para a Reforma Sexual e suas Bases Científicas. Conforme carta enviada no dia 21 de maio de 1932 de Hildegart: "Recebi el primeiro volumen de los trabajos de su congresso, que me han resultado interesantismos. Desearíamo pues ahora mantener intercâmbio com su Boletin ya que nos otros emprezaremos a publicar uno breve que habra de ser muy interessante por sus trabajos científicos". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

A carta seguinte revela o intercâmbio entre Renato Kehl e a Liga Portuguesa de Profilaxia Social, datada de 25 de outubro de 1932:

> A cruzada a que V.Exa. se dedica é aqueles que olhar o futuro, procurando melhorar a humanidade, e indo, para o atingir, a própria base, a geração de corpos sãos e perfeitos, em que, portanto, as almas possam florir também sem deformar-se. Tarefa bendita e que, no íntimo, bem grata deve ser bondoso espírito de V.Exa., compensando-o amplamente de todas as canseiras e, porventura, dissabores que dela lhe advenham.
> Temos igualmente o maior prazer em saudar em V.Exa. um espírito esclarecido do Brasil, a grande pátria irmã, e, reiterando-lhe as nossas melhores congratulações pelo seu brilhante trabalho, e com a maior consideração que nos subscrevemos, de V.Exa. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

"Quinze anos são passados dos nossos primeiros esforços em prol da Eugenia no Brasil. Dez anos são decorridos da fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo. [...] Hoje já se ouve falar em eugenia, em questões eugênicas, já se proclama a imperiosa defesa eugênica da família e da nacionalidade". (KEHL, 1929, p. 07). É nesse clima que escreve *Lições de Eugenia*, e continua: "Faltava, pois, uma escrita em linguagem simples e clara, que compendiasse todas ou pelo menos as principais questões. Resolvemos tomar sobre os ombros a empreitada, já que outros, de maior competência e de mais tempo, não se decidiram realizá-la, até a presente data". (KEHL, 1929, p.8). O livro traz um apanhado geral para aqueles que buscam familiarizar-se com o significado da eugenia; em "12 lições", o autor discorre sobre temas de maior preocupação dos eugenistas.

O comentário ao livro *Lições de Eugenia*, não é um caso isolado. Trata-se de um livro que, além de sistematizar a produção de Rento Kehl sobre a ideologia da eugenia, foi encaminhado para muitos teóricos do movimento, entre eles, Eugen Fisher, um dos representantes da "cruzada eugênica" mundial. Ao ler o livro, imediatamente envia uma carta para Renato Kehl saudando-o e asseverando e elogiando o cuidado e trato que tivera ao abordar a temática; ainda afirma que acredita na sua desenvoltura, dedicação e disponibilidade para o movimento e, dessa forma, o empreendimento fará com que o Brasil alcance o resultado merecido. Fisher escreve:

> Queira receber os meus sinceros agradecimentos pela amável remessa de seu belo livro. [...] Absolutamente não há dúvida que V.s. acaba de prestar um grande serviço com este livro à Eugenia. Justamente num país como o Brasil ele é extremamente útil. Desejo que a sua campanha e que o seu belo compêndio tenham merecido sucesso. Quanto eu posso julgar por uma rápida leitura, tratou V.S. com elevação e segurança a Eugenia. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC, s/d).

No que tange aos contatos com eugenistas norte-americanos, Kehl, trocava carta com professores da Universidade de Harvard, Universidade de Stanford e outras instituições eugênicas. Kehl permutava informações com Charles Davenport, enviando dados sobre o Brasil, e obtendo documentações sobre o andamento do movimento nos EUA, sobretudo, dados sobre leis eugênicas, a consolidação de casamentos eugênicos, e tantas outras medidas efetivadas naqueles estados.

Dentre as cartas de Renato Kehl a Davenport, datada do ano de 1929, ao responder uma correspondência que o eugenista norte-americano enviou a fim de se informar como o Brasil estava resolvendo o "problema" das relações raciais, constatam-se os seguintes comentários:

> Tenho em meu poder a sua carta de 28 de fevereiro ppdo., convidando-me, em nome da Comissão de Estudos sobre Cruzamento das Raças da Federação Internacional de

> Eugenia, para dar o meu parecer sobre vários pontos referentes ao cruzamento de raças processado no Brasil. Atendendo a este honroso convite, junto à presente um ligeiro esboço sobre o meu modo de encarar este complexo assunto.
> Devo-lhe informar que o problema de raças no Brasil, apesar de estudado por vários cientistas de valor, acha-se, ainda, muito incipiente. Vários motivos têm ocorrido, extraordinariamente, para dificultar este estudo: primeiro a nossa vastidão territorial do nosso país; segundo a diversidade de cruzamentos processados nas diferentes regiões; terceiro a falta de investigação sistematizada e orientada por etnologistas competentes; quarto, devo dizer, embora constrangido, que tem concorrido para que não se interessam pelo problema, preconceitos de raça e receios de provocar melindres no seio da maioria da população que é mestiça.
> Nossas condições, com muita dificuldade, poderia responder de modo seguro, os pontos que interessam a essa comissão. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

De acordo com esta carta, vemos que Renato Kehl afirma que o Brasil carece de estudos sobre as relações raciais e a escassez referente à catalogação da temática em tela é um dos obstáculos para melhor entendimento sobre as "raças". Ainda, a vasta composição territorial brasileira seria um dos desafios a ser enfrentado, visto que havia certa carência de investimento no sentido de poder conhecer, catalogar e compreender a composição "étnico-racial".

Para Renato Kehl, a defasagem de estudiosos e motivação no Brasil era um dos fatores que colocava o nosso país carente de informações, pois havia o menosprezo dos nossos estudiosos – antropólogos, sociólogos, etc. –, culminando na efetivação de pesquisas lacunosas. Além da "má" vontade dos nossos pesquisadores, havia certo temor em constatar que o Brasil é um país cuja tessitura da população brasileira é "mestiça" e tais conclusões provocariam certos "preconceitos". Resta saber por parte de quem. Ou seria possível descobrir que o projeto de "branqueamento" no Brasil não estaria conquistando o êxito esperado por aqueles que sonhavam com um país "sem descendentes de africanos escravizados"?

Conforme as cartas analisadas, foi possível rastrear, ainda que brevemente, os caminhos traçados por Renato Kehl para apreender seu ambiente intelectual no exterior. O percurso autoriza a afirmar que o autor foi um reconhecido divulgador da ideologia do movimento eugenista. Seu empreendimento demonstra que o caminho para salvaguardar a humanidade estaria na objetivação da eugenia, não somente aqui e na América, mas no mundo inteiro, e por esse motivo a internacionalização da "cruzada eugênica" seria reconhecida como empreitada ligada com a elaboração e propagação de tais ideologias. Daí o seu empenho em trocar informações com representantes de outras localidades, almejando fortalecer o movimento.

2.3 A chegada do movimento eugenista no Brasil

2.3.1 Instituições eugênicas

No prefácio de *Casa-Grande e Senzala*, importante estudo antropológico sobre a formação social brasileira, publicado em 1933, Gilberto Freyre comenta um fato interessante do qual nos servirá para entramos na discussão que iremos discorrer. Diz o autor:

> E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação. Vi uma vez, depois de mais de três anos maciços de ausência do Brasil, um bando de marinheiros nacionais – mulatos e cafuzos – descendo não me lembro se do São Paulo ou Minas pela neve mole de Brooklyn. Deram-me a impressão de caricaturas de homens. E veio-me à lembrança a frase de um livro de viajante americano que acabara de ler sobre o Brasil: "the fearfully mongrel aspect most of the population". A miscigenação resultava naquilo. Faltou-me quem me dissesse então, como em 1929 Roquette Pinto aos arianistas do Congresso Brasileiro de Eugenia, que não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representam o Brasil, mas cafuzos e doentes. (FREYRE, 1933, p. 11).

Essa citação do autor de Casa-Grande e Senzala é uma alusão ao pensamento corrente desde o final do século XIX até meados do século XX em relação ao mestiço. Freyre faz referência ao texto que Roquette-Pinto apresentou no Congresso Brasileiro de Eugenia intitulado Notas Sobre os Tipos Antropológicos do Brasil, realizado no Rio de Janeiro em 1929. Além de tentar resolver o "problema da raça" e do sanitarismo, médicos, como representantes momentâneos do pensamento das classes dominantes, estavam preocupados também com a reprodução da força de trabalho. De acordo com o pesquisador da Casa Oswaldo Cruz Marcos Chor Maio (2010, p. 53):

> Intelectuais médicos, subsumidos à lógica das elites econômicas e políticas, teriam privilegiado o combate à febre amarela, doença que incidia sobremaneira entre os imigrantes, mão de obra estratégica na expansão econômica da virada do século XIX para o Século XX, em vez de enfrentar o problema da tuberculose que atingiria a população pobre das grandes cidades.

Os médicos pautados pela perspectiva eugênica acreditavam que as doenças e a pobreza teriam de ser solucionadas por meio de uma política ancorada nos preceitos da eugenia, que chegava ao Brasil no período da primeira República ainda de maneira embrionária, mas já fortalecida pelo *status* de ciência para enfrentar a realidade da pobreza brasileira. Segundo Mike Davis (2002, p. 395), a República brasileira "talvez tenha sido o primeiro governo em qualquer parte do mundo que esteve explicitamente comprometido em grande escala com a eugenia positiva"; de acordo com Diwan (2007, p. 96) "O ideal de uma República embasada na igualdade e na democracia criou a necessidade de formalizar e gerar

novos campos de saber para a produção de corpos constituintes de um povo homogêneo, tipicamente brasileiro".

Em 1897, o professor Souza Lima, à frente da Academia Nacional de Medicina, solicitou que fossem normatizados pelo Estado exames pré-nupciais aos tuberculosos e aos portadores de sífilis. Outros trabalhos sobre o tema da eugenia do início do século XX, foram levados à frente por Erasmo Braga, João Ribeiro e Horácio de Carvalho (KEHL, 1928).

Nos anos de 1910 e 1920, as ideias de Galton passaram a influenciar médicos brasileiros. Entre os higienistas, proliferava a ideia de acabar com a *degeneração moral e racial* da população. Alguns defendiam a tese da existência de indivíduos fortes, sadios, virtuosos; para outros, os principais causadores dos males do mundo eram os fracos, portadores de doenças mentais, imorais, criminosos e preguiçosos.

Os estudos careciam de traduções de livros publicados no exterior, em particular da Inglaterra e Alemanha, dificultando a propagação da teoria da eugenia, principalmente a de Francis Galton. A primeira tese sobre eugenia defendida na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1914, foi a de Alexandre Tepedino (1914), intitulada Eugenia que teve como objetivo sistematizar os principais pontos da teoria de Galton. (KEHL, 1928).

As ideias eugênicas só passaram a ser conhecidas pelas elites do Brasil depois das intervenções de Renato Kehl, pois a ciência dos bens nascidos chegaria ao Brasil por seu intermédio. Em suas palavras:

> Apenas um reduzido núcleo de intelectuais compreendeu o escopo da doutrina galtoniana. Recordo-me, muito bem, conquanto não as mencione, das decepções que tive ao convidar alguns colegas para fazer parte da agremiação que fundei, sob o patrocínio do Prof. Arnaldo Vieira de Carvalho, cientista ilustre ao qual São Paulo deve empreendimentos notáveis. Graças ao grande e merecido prestígio de Arnaldo Vieira de Carvalho, as minhas decepções não foram maiores e a ideia foi levada avante. A maioria dos médicos não sabia a significação e os fins da doutrina de Galton, ou mesmo nunca tinham ouvido falar na palavra eugenia. Quando lhes explicava os intuitos, muitos, sem a menos ponderação, taxavam-nos implicitamente, de utópicos. Outros aceitavam as razões apresentadas, mas recrutavam: "a ideia é boa, mas... não vale a pena". A par destes, felizmente, encontrei alguns que se manifestaram entusiastas desde a primeira hora, não podendo deixar de citar o Senador Alfredo Ellis, o Prof. Souza Lima, o Dr. Luiz Pereira Barreto e Amancio de Carvalho, os quais, espontaneamente, vieram oferecer o valioso apoio. (KEHL, 1928, p. 51).

No dia 13 de abril de 1917, em São Paulo, Renato Kehl profere a palestra[86] sobre a eugenia.

[86]A primeira vez em que Renato Kehl utilizou o termo *eugenia* foi em 13 de abril de 1917, quando convidado a participar da conferência organizada pela Associação Cristã de Moços de São Paulo. Na conferência, realizada no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, Kehl narra tal episódio da seguinte maneira: "Permitam, meus

> Foi esta conferência que me arrastou à ideia de fundar uma associação eugênica na qual fossem congregados médicos, advogados e outros interessados no estudo e difusão das questões biológicas e sociais em benefício da nacionalidade. [...] A solenidade inaugural teve lugar no dia 15 de janeiro de 1918 no grande salão nobre da Santa Casa de Misericórdia onde se reuniu a Sociedade de Medicina e Cirurgia, achando-se presente grande número de médicos da capital e do interior. (KEHL, 1928, p. 53-54).

Nesse clima, no dia 15 de janeiro de 1918, na Santa Casa da Misericórdia, Kehl funda a Sociedade Eugênica de São Paulo. Os participantes eram médicos e outros interessados em discutir a questão da nacionalidade brasileira a partir do viés biológico e do social. A Sociedade, com 140 associados, tornou-se a primeira instituição eugênica da América Latina e modelo para os adeptos do movimento eugênico, ficando atrás somente da Inglaterra, França e EUA. A influência da Sociedade estimulou a Argentina e o Peru a entrarem nessa seara, além de outros países[87].

Os sócios fundadores que assinaram a primeira Ata da Sociedade, ratificando o Estatuto de Entidade foram: T.H. Alvarenga e Xavier da Silveira (segundos secretários); Argemiro Siqueira (tesoureiro arquivista); Arthur Neiva, Franco da Rocha e Rubião Meira[88] (conselho consultivo), Arnaldo Vieira de Carvalho, Ouvídio Pires de Campos, Celestino Bourroul, Franco da Rocha, Vital Brasil, Rubião Meira, E. Rodrigues Alves, Diogo de Faria, Clemente de Ferreira, Sérgio Ferreira Filho, Victor Godino, Sinésio Rangel Pestana, Theodoro Bayma, Renato Kehl (secretário-geral), E. Vampré, Alves Lima, Caetano Duarte Nunes, Xavier da Silveira, Adolpho Lindenberg, Pinheiro da Silva, Otávio de Carvalho, Emílio Ribas, A. Vieira Bettencourt, Olegário de Moura (vice-presidente).

Para melhor situar o caráter e a personalidade dos indivíduos envolvidos na criação da Sociedade, apresentamos breve biografia sobre os principais diretores da Sociedade Eugênica

---

senhores, que vos relate, sem alarde, como teve origem em São Paulo a cruzada em prol da Eugenia. Uma tarde apareceram em meu consultório dois simpáticos americanos que me convidaram para fazer uma conferência no salão da ACM, associação da qual eram diretores. Esquivei-me por motivos de ocasião. Não houve meio de dissuadi-los. Eram insistentes e persuasivos. Acabei vencido e aceitando a prebenda. Disseram-me que voltariam no dia seguinte para saber o título da conferência e marcar a data para a sua realização. Havia tomado notas e feito rascunho para um trabalho sobre eugenia. Disse-lhes incontinenti: "podem levar o título 'Eugenia' e marcar o dia". Em 13 de abril de 1917 teve lugar a conferência, a primeira sobre eugenia, realizada no País, que foi publicada na integra no *Jornal do Comércio*, edição de S. Paulo, no dia 19 do mesmo mês. Nela, após um ligeiro exórdio, estudei a hereditariedade como fundamento da ciência de Galton, os fatores disgênicos, a doutrina de Malthus, o direito relativamente à Eugenia, concluindo num apelo aos estudiosos para a divulgação e prática das ideias e preceitos eugênicos no nosso País, para a melhoria progressiva da nacionalidade brasileira". (KHEL, 1929, p. 53).

[87] Para um estudo sobre essa temática, ver STEPAN, Nancy Leys. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina.Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

[88]Apesar de exaustiva pesquisa, não encontramos informações seguras sobre os participantes T.H. Alvarenha, Xavier da Silveira e Argemiro Siqueira.

de São Paulo. Conforme afirma Pietra Diwan (2007, p. 88-89): “Esse retrospecto biográfico é importante para entender a dimensão da rede de relações que se formou à medida que avançavam os debates em defesa da eugenia”.

Arnaldo Vieira de Carvalho (1867-1920) nasceu em Campinas, interior de São Paulo, e formou-se em Medicina, no Rio de Janeiro, no ano de 1889. Além de fundar, dirigiu o Instituto de Vacinogênico de São Paulo e incorporou-se ao Instituto Butantã, em 1925. Professor da Santa Casa de Misericórdia em São Paulo, a partir de 1897, foi um dos fundadores da Escola de Medicina de São Paulo e dirigiu a instituição entre 1913 a 1920, quando veio a falecer.

José Olegário de Almeida Moura, conhecido por Olegário de Moura, graduou-se pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, defendendo a tese *Da Insuficiência Renal. Suas Complicações Mentais* (1903). Após a formatura, mudou-se para São Paulo e atuou como médico da Santa Casa da Misericórdia. Tornou-se professor da Escola de Medicina e Cirurgia da Universidade Livre de São Paulo. Dizia Moura que “sanear é eugenizar, saneamento-eugenia é ordem e progresso. [...]; Nacionalismo é querer um Brasil sempre unido e forte, progressista, saneado e eugenizado em caminho seguro para a civilização”. (Apud Begliomini, 2014, s/p).

Outro participante do movimento eugenista foi Fernando de Azevedo (1894-1974). Crítico literário do interior de Minas Gerais, chegou a São Paulo em 1917, colaborando com o jornal *O Estado de S. Paulo*; considerado um dos maiores educadores brasileiros, ajudou a fundar a Universidade de São Paulo.

Arthur Neiva (1880-1943), médico sanitarista e de expressão no movimento eugenista, ficou famoso por viajar pelo Nordeste brasileiro, em 1912, na companhia de Belisário Penna, e por publicar em 1916 os resultados dessa viagem exploratória em saneamento no Brasil. Ainda compondo a constelação dos eugenistas, destacam-se Francisco Franco da Rocha (1864-1933): médico e fundador do Hospital Psiquiátrico do Juquery, em São Paulo e o primeiro professor de Clínica Neuropsiquiátrica da Faculdade de Medicina de São Paulo.

As relações entre tais protagonistas possibilitaram que a ideologia da eugenia tivesse maior ventilação em todo o País, mesmo porque eram ligados a diversos meios de comunicação, em especial, ao *Jornal do Comércio, O Estado de S. Paulo, Correio Paulistano,* e outros, possibilitando a divulgação do movimento. Como bem assevera Diwan (2007), a relação de parentesco entre Vieira de Carvalho e Júlio de Mesquita (1862-1927), unidos por

três casamentos, prática das elites naquele contexto[89], incentivou o acesso e a divulgação da ideologia eugenista.

Não causa estranheza que a implantação da Sociedade Eugênica de São Paulo fosse tão comemorada e contasse com a adesão das elites de São Paulo e da imprensa paulista de maior circulação, como os jornais: *Jornal do Comércio, O Estado de S. Paulo* e o *Correio da Manhã*.

Os temas abordados na Sociedade, como consanguinidade, casamento entre indivíduos da mesma família, doenças hereditárias, esterilização, internação compulsória, constituição racial da população brasileira, entre outros, ganhavam reverberação nesses jornais. A "imprensa noticiou, elogiou e registrou a formação dessa área de saber e acompanhou a discussão sobre os problemas nacionais acerca da composição racial da população brasileira". (DIWAN, 2007, p.99).

De acordo com o Estatuto da Entidade, o objetivo da Sociedade Eugênica de São Paulo era:

> a) O estudo e aplicação para conservação das questões de hereditariedade, descendência e evolução para a melhoria da espécie;
>
> b) Estudar e aplicar questões referentes ao meio, de estado econômico, da legislação, dos costumes, do valor das gerações sucessivas e sobre as aptidões físicas, intelectuais e morais;
>
> c) Estudos das ciências que se relacionam com a eugenia;
>
> d) Divulgação entre o público de conhecimentos higiênicos e eugênicos, para o bem do individuo, da coletividade e das gerações futuras;
>
> e) Concorrer para o exame pré-nupcial;
>
> f) O fundo será formado pela contribuição anual dos sócios;
>
> g) O número de participantes é ilimitado;
>
> h) A Sociedade Eugênica terá uma revista que denominará "*Annaes de Eugenia*", onde serão publicados todos os seus trabalhos;
>
> i) Produzir conhecimento, distribuir folhetos e memórias sobre assuntos eugênicos. (Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

A Sociedade estava preocupada em estudar as leis da hereditariedade, regulamentação do meretrício, dos casamentos e da imigração e técnicas de esterilização. Discutia propostas

[89] "Arnaldo Vieira de Carvalho e Júlio de Mesquita casaram seus filhos: Júlio de Mesquita Filho (1892-1963) e Marina Vieira de Carvalho; Francisco Ferreira de Mesquita (1897-1963) e Alice Vieira de Carvalho (1901-1992) e, finalmente, Judith de Mesquita (1897-1963) e Carlos Vieira de Carvalho (1898-1954). Casamentos entre a elite paulista eram muito comuns na época e não causam estranhamento a ninguém, mas servem para lembrar que, inevitavelmente, assuntos de foro público e de interesse político era discutidos e, às vezes , decididos no âmbito privado. Por esse motivo, a adesão de mais de uma centena de pessoas da elite paulistana à Sociedade Eugênica de São Paulo é tão significativa. Todos os nomes constam na Ata de Inauguração da Sociedade. Esse grupo é resultado da consolidação de uma rede de relações intensa. Isso indica que parte desse grupo já estava sensibilizada pelas questões relativas ao tema da eugenia". (DIWAN, 2007, p. 99-100).

de leis para implantar programa de exame pré-nupcial, divulgar a eugenia, estudar e aplicar as questões relativas à influência do meio, do estado econômico, da legislação, dos costumes, do valor das gerações sucessivas e das aptidões físicas, intelectuais e morais. (In: ANNAES de EUGENIA, 1919).

Após a inauguração, a Entidade ficou alocada na Rua Libero Badaró, 119. (Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). Além de reuniões ordinárias e extraordinárias, das conferências que organizou, da propaganda escrita que levou avante, ainda concorreu para a formação de núcleos eugenizadores, em diversos países da América Latina. Depois da morte de Arnaldo Vieira de Carvalho e com a transferência de Renato Kehl para o Rio de Janeiro, a Sociedade foi extinta.

No ano de 1918, os intelectuais Belisário Pena, Carlos Chagas, Arthur Neiva, Monteiro Lobato, Miguel Pereira, Vital Brasil e Afrânio Peixoto fundaram a Liga Pró-Saneamento do Brasil (LPSB). A participação desses intelectuais na Liga foi significativa. Destaca-se a de Belisário Pena (1868-1939), como vice-presidente honorário da Sociedade Eugênica de São Paulo e um dos principais intelectuais que via a eugenia como saneamento, além de defender as teses do branqueamento, da educação e reforma social como resposta para os problemas sociais no Brasil[90].

[90] Belisário Pena, além de participar da Sociedade Eugênica de São Paulo, era conservador e criticava a corrupção "política". Embora atuasse na Ação Integralista Brasileira (AIB), dizia-se um entusiasta da democracia e do igualitarismo. Foi médico e sanitarista e desde 1914 trabalhou no Rio de Janeiro como médico, em especial da prevenção e combate a malária, através de palestras e distribuindo panfletos nos locais "considerados vulneráveis" à contração da doença. Iniciou sua carreira como eugenista em 1911, pela Fundação Oswaldo Cruz e teve grande prestígio depois de realizar uma longa viagem percorrendo a Bahia, descendo pelo interior do mesmo Estado. Passou por Minas Gerais e Goiás, retornando ao Rio de Janeiro, fazendo levantamento de endemias, na busca de encontrar o vetor da doença de chagas. Uma das suas funções era visitar as comunidades onde a doença era endêmica. Constatou que as pessoas andavam descalças, pisavam nas fezes de animais, contraindo o "bicho do pé"; as pessoas faziam suas necessidades no mato e as latrinas – quando existiam - eram próximas aos poços, contaminando as águas. Nessa expedição, identificou o mosquito "barbeiro" e o levou para Carlos Chagas que descobriu a doença transmitida pelo mosquito que ficou conhecida como doença de Chagas. Belisário Penna, quando partiu em viagem para realizar a sua pesquisa, seu modo de pensar estava ancorado numa certa ortodoxia eugenista, pois afirmava que o "brasileiro era indolente". Porém, ao retornar da viagem, passou a defender a posição de que o brasileiro era doente e a superação dos problemas no Brasil não era racial e sim sanitário. Essa forma de conceber as questões no território brasileiro o fez destoar da maioria dos eugenistas e partidários da ideologia do determinismo "climático" ou "racial". Pena dialogava com Monteiro Lobato a respeito da sua tese. Nas reuniões com os médicos, discutia o equívoco da "indolência" e da "raça" afirmando que o brasileiro está doente e, para sanar as demandas em nosso país, bastava investir em botina, latrina, os remédios para combater os vermes. Suas principais ideias foram sistematizadas em seu livro *Saneamento do Brasil* (1918) o qual entregou ao presidente do Brasil Washington Luiz. Penna foi nomeado diretor do Departamento Nacional de Saúde, órgão do novo Ministério da Educação e Saúde Pública, no governo de Getúlio Vargas. (STEPAN, 2005, p. 173).

A Liga Pró-Saneamento do Brasil era composta por médicos, militares, advogados, políticos, engenheiros e todos aqueles interessados em "sanear o Brasil". Realizava intensas atividades nas instituições interessadas em "modernizar" o país, como a Sociedade Nacional de Agricultura, com sede no Rio de Janeiro; a Associação Cristã de Moços; escolas e estabelecimentos do Exército e da Marinha.

O principal objetivo da Liga era estimular, propor e formular políticas de habitação no País visando melhorar a condição de moradia das populações. Além da atuação no âmbito propositivo, a Liga tinha como intenção produzir conhecimento, divulgar pesquisas, fomentar reflexões sobre "higienização" "profilaxia" "saúde", etc., por meio de uma revista intitulada "*Saúde*. (BRITO, 2014). Os membros da referida instituição participavam de congressos sobre as temáticas apontadas acreditando que somente por meio dessas campanhas os problemas brasileiros seriam resolvidos.

A melhoria da "raça" estaria assegurada através da saúde, uma vez que, no escopo dos membros da Liga, o símbolo de progresso era a saúde e, por meio da política de saneamento, o Brasil daria um salto qualitativo no que diz respeito ao seu desenvolvimento. Assim, os partidários da Liga Pró-Saneamento defendiam que o "problema do Brasil não estaria somente no aspecto econômico", ao contrário, a determinação do pauperismo era sanitário, logo, o atraso do Brasil estaria na ausência de uma política de investimento, em particular na saúde. O impulso, a modernização e a consolidação de uma verdadeira nação dependiam, portanto, da higienização do Brasil.

Em 1922, o Brasil é representado por Gustavo Rediel no Congresso Médico Latino-Americano, realizado em Havana. Ao retornar de Cuba, articula-se com médicos, educadores, juristas, intelectuais, empresários, políticos e funda, em 1923, A Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM). Segundo Diwan (2007, p. 104), essa liga forma-se nos moldes das ligas psiquiátricas[91]. Além dos profissionais liberais indicados, uma parte expressiva daqueles que compunham o movimento eugenista atuavam em outras esferas, como

> Juliano Moreira, Diretor do Sanatório de Saúde Mental; Miguel Couto, presidente da Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro; Fernando Magalhães, professor de Ginecologia e Obstetrícia da Escola Medica do Rio de Janeiro; Carlos Chagas, "descobridor" da doença de Chagas e diretor do Instituto Oswaldo Cruz e do Departamento Nacional de Saúde Pública; Edgar Roquette-Pinto, diretor do Museu Nacional; e os psiquiatras Henrique Roxo e Antônio Austregésilo.

[91] Kehl era um dos principais expoentes do movimento eugenista no contexto analisado (décadas de 1920-1940), momento em que se consolida a LBHM, cujo médico limeirense será uma das principais figuras que dialogará e fará articulações com os integrantes da Liga.

Como as outras instituições, a LBHM era elitizada e objetivava a divulgação de temas relacionados à higiene mental e à realização de serviços para a população na área da psicologia aplicada. A LBHM defendia e elaborava trabalhos que versavam sobre a prevenção das doenças mentais, proteção e amparo no meio social e melhoria dos meios de assistir e tratar os doentes nervosos e mentais em asilos públicos. (REIS, 1994).

Na medida em que a entidade vai tomando corpo, seus objetivos se ampliam e ganham solidez; os temas abordados se diversificam e a preocupação passa a ser a defesa da mentalidade da raça, no sentido de melhoria da "raça", através do combate ao alcoolismo e aos "vícios sociais". A LBHM [92] passa a tematizar e sugerir que o Brasil adote uma política de racionalização da imigração, pois, segundo os protagonistas do movimento, era necessário selecionar a entrada de estrangeiros no território brasileiro, além de sugerir mais rigor no controle de casamentos, a fim de prevenir a união entre os considerados indesejáveis.

Passa a sugerir a efetivação de políticas de seleção e orientações "profissional, esterilização compulsória dos considerados degenerados e indesejáveis, atenção à infância para um desenvolvimento sadio e eugênico". (REIS, 1994, p. 56-57). Nenhuma dessas propostas destoava da perspectiva dos fundamentos eugênicos divulgados, por exemplo, por Gustavo Riediel que participou do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, apresentando a tese O Dispensário Psiquiátrico como Elemento de Educação Eugênica.

O movimento eugênico ao atuar em diversas frentes, caminhava sempre na direção de tangenciar a formação da nação pelo "melhoramento da raça brasileira". A nação encontraria suas possibilidades na "execução dos programas eugênicos e higienistas". (REIS, 1994, p. 57). Para tal fim, os participantes da Liga, nas décadas de 1920 e 1930, radicalizaram os preceitos eugênicos propondo a internação compulsória e outras medidas que viessem a beneficiar as ações, classificadas por eles, de práticas "antidegenerativas".

Conforme demonstrou Reis (1994), em relação à aplicação da lei de esterilização aos encarcerados nos manicômios, constata-se que, além da internação compulsória de "doentes mentais", houve a esterilização forçada daqueles que estavam cerceados nos hospitais

[92] Segundo Reis (1994, 56), no Segundo Congresso Brasileiro de Higiene Mental, lê-se o seguinte manifesto: "À Liga Brasileira de Higiene Mental deve caber a centralização e coordenação de todos os esforços, ficando encarregada de agitar permanentemente o problema, por todo o país, e propagando os meios tendentes a resolvê-lo. O Departamento Nacional de Saúde Pública e as repartições sanitárias estaduais e municipais não precisam, nem devem, por ora, organizar secções especiais de higiene mental, mas apoiar ação da Liga e cooperar nas medidas que diretamente estão dentro do programa que já executam ou que lhes incumbe iniludivelmente executar".

psiquiátricos; um dos expoentes do movimento, Juliano Moreira, reconheceria que a prática da esterilização era significativa naquele momento, embora não fosse ainda reconhecida como política de Estado. Mesmo sem o aval legal, os "doentes mentais" foram vítimas dessas ações nos manicômios. O autor sugere que, mesmo havendo divergências entre os psiquiatras, em relação à exequibilidade da aplicação compulsória, a prática, "indireta" da esterilização e, posteriormente, a legalização, seria mais plausível, pois os adeptos da esterilização acreditavam ser mais eficiente do que o relatório pré-nupcial, aplicando a medida mesmo ilegalmente.

De acordo com Arbex (2013), a quantidade de pessoas que morreu nos manicômios chega a mais de 60 mil, e 70% delas não apresentavam diagnóstico de doença mental. A ofensiva contra os "insignificantes" não pode ser entendida como fato isolado, mas objetivação do projeto eugênico no Brasil, tendo em vista que as principais figuras que atuavam nos manicômios, dirigindo, propondo políticas de encapsulamento de "doentes mentais", além de teorizarem, participavam das instituições eugênicas[93].

2.3.2 Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia

Outro evento que marca o movimento eugênico no Brasil é o Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado 1º a 7 de julho (1929), na cidade do Rio de Janeiro, na Faculdade de Medicina e no Instituto dos Advogados. O congresso teve a participação de referências intelectuais, como Renato Kehl, que fez uma conferência sobre A História da Eugenia no Brasil; Fróes da Fonseca, que proferiu a palestra Os Grandes Problemas da Antropologia*;* André Dreyfus, sobre O Estado Atual do Problema da Hereditariedade; Pacheco, com Quadros Demonstrativos das Moléstias Mentais Observadas no Hospital Juquery, de 1925 a 1928; Roquette-Pinto, com Notas sobre os Tipos Antropológicos do Brasil; e, por fim, Azevedo Amaral apresentou sua tese intitulada: O Problema Eugênico da Imigração. O evento contou ainda com a participação de intelectuais, médicos, juristas que atuavam em prol da "melhoria da raça", além de integrantes de outros países, como Cuba, Argentina, Peru.

No Esboço Histórico apresentado por Renato Kehl referente ao movimento eugênico brasileiro, com os seus representantes no Brasil, além de explanar sobre o significado da

[93] Para obter detalhes ver o livro de AEBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro**: genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. A presente pesquisa conta com o rico prefácio de Eliane Brum. São Paulo: Geração, 2013. E também o livro pioneiro nos estudos sobre a história do Juquery, da autora CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

eugenia, afirma que, apesar do apoio de entidades como a ACM e dos principais jornais diários, tais iniciativas eram ainda alguns lampejos iniciais do movimento eugênico no País. Rememora as reuniões e conferências realizadas na Sociedade Eugênica de São Paulo e os temas versados, tais como casamentos eugênicos, relatórios pré-nupciais, propostas de leis de esterilização. Assevera que no Brasil ainda existem muitos desafios para obter maior sucesso do movimento, mas deposita confiança na nação futura e conclui afirmando: "Trabalhemos, pois, para pôr moldura digna no grande quadro da natureza. Hoje poderemos dizer, com Mario Pinto Serva, um dos nossos evangelizadores, o Brasil está feito. Quando, perguntamos nós, poderemos dizer? – também o brasileiro". (KEHL, 1929, p. 58). Conclui suas preocupações retomando o contexto brasileiro de consolidação da República, das primeiras fábricas, da presença de trabalhadores estrangeiros oriundos do continente europeu, além dos sinais políticos de crise da Primeira República e deixa explícito que a eugenia seria a *consolidação de um povo* homogêneo, superior, livre das mazelas.

A apresentação do antropólogo Roquette-Pinto também destaca as questões relativas à constituição do povo brasileiro concatenado com a política de imigração e a "degeneração" do mestiço. Principia a sua tese combatendo o argumento ventilado à época que justificava a imigração no Brasil, ou seja, de que seria em virtude do déficit populacional no país, isto é, a razão dos proprietários para reivindicar trabalhadores europeus era a da insuficiência no território nacional de mão de obra para suprir as demandas da produção – soma-se a este raciocínio a tese do mestiço ser incapaz de incorporar-se ao mercado de trabalho.

Ao elogiar os métodos de pesquisas, em particular a biometria, cujo mérito Galton atribui a Karl Person, Roquette-Pinto apoia-se nos métodos de Gregor Mendel para demonstrar que a pesquisa apresentada existe há mais de 20 anos, por meio do conjunto de catalogação – feito pelo próprio Roquete-Pinto – dos grupos étnicos pertencentes ao Brasil (os brancos, isto é, italianos, espanhóis, portugueses e outras nacionalidades oriundas do continente europeu), os negros, "africanos puros", os mestiços e os indígenas. Nessa catalogação, busca demonstrar que "os mestiços não são gente moralmente degenerada". (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 124). Afirma ainda que se a mistura de branco e negro gerava famílias pouco numerosas, não se tratava de infertilidade, pois a razão estaria nas causas sociais, em especial, na educação. Logo, os mestiços estariam desaparecendo por causa das "condições sociais" e este seria mais um dos problemas a ser enfrentados. A principal causa do desaparecimento do "mestiço" seriam as condições sociais da sua vida material (a miséria absoluta) e não porque o indivíduo teria características misturadas.

À época era corrente a crença dos mestiços serem inferiores, principalmente em comparação com os homens brancos. Entretanto, os estudos de Roquette vão na direção contrária, pois: "Do ponto de vista intelectual os mestiços em coisa alguma, são inferiores aos brancos". "É verdade", afirma o Roquette, "que eles não são tão profundos, embora sejam, às vezes, mais brilhantes", concluindo que os "mestiços que recebem instrução técnica (mecânicos, operários especializados, etc.) são tão bons quanto os europeus". (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 137).

Embora tente desmontar as teses dos eugenistas referentes à inferioridade dos negros e mestiços em relação aos brancos, ele não deixa de incorrer no erro de identificar no mestiço a ausência de robustez em comparação aos brancos. Neste sentido, afirma que, do ponto de vista moral, "é preciso reconhecer que os mestiços manifestam uma acentuada fraqueza: a emotividade exagerada" condição "ótima para o surto dos estados passionais". Ainda assim, "O *problema das raças* não existe no Brasil", pois, havia as mesmas oportunidades para brancos, negros e indígenas, além de vivenciarem as mesmas condições sociais; por fim, argumenta que o problema entre os grupos sociais do Brasil "estaria no grau de instrução e de riqueza". (ROQUETTE-PINTTO, 1929, p. 138, destaque nosso).

A crença de que a deficiência – física ou mental – seria causada pela mistura entre os povos era outra polêmica enfrentada pelo antropólogo. Ao contrário dos eugenistas da sua época, Roquette-Pinto (1929, p. 146, destaque nosso) argumenta que os fatores da deficiência não são de origem racial, mas deriva de "causas patológicas cuja remoção na maioria dos casos independe da antropologia. É questão de *política sanitária e educativa*".

Para Roquette-Pinto, a expressão "mistura de raças" não tinha base científica, não passava de um conceito absurdo, pois, a mestiçagem era combinação, que, caso haja alterações, não são maléficas, como queriam os adeptos da "raça pura", atribuir os problemas existentes, tanto físicos e morais à mistura entre os povos, visando alocar características no âmbito racial; tal afirmação não passava de uma propositura *anticientífica*. Somente os que, erradamente, "confundem *raça* e *povo* desejam para este país aquela utópica unidade". (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 146, destaque nosso).

Roquete-Pinto conclui a apresentação afirmando que a "verdadeira antropologia" deve ser utilizada como principal ferramenta a serviço daqueles que se colocam como responsáveis aos destinos do país, e conclama seus antropólogos a desprezar as fantasias retóricas desanimadoras. Para ele, a antropologia deveria provar que o homem brasileiro precisava ser educado e não substituído. "O processo geral de adaptação das raças aos diferentes meios

brasilianos segue de acordo com o que a ciência pode desejar. A antropologia do Brasil desmente e desmoraliza os pessimistas". (ROQUETTE-PINTO, 1929, p. 147).

No clima de apresentação das teses no Congresso Brasileiro de Eugenia, sempre com a preocupação de elaborar propostas para o governo brasileiro, um dos colaboradores foi Azevedo Amaral[94] (1881-1942).

Na apresentação da sua tese, *O Problema Eugênico da Imigração*, faz um apanhado histórico referente ao processo de imigração no Brasil e afirma que seu principal objetivo seria discorrer sobre o "problema" tendo como centro a "questão racial". (AMARAL, 1929, p. 379).

Ao avançar na sua tese afirma que o problema no Brasil seria o de conseguir construir uma "raça nacional", isto é, "um tipo étnico novo por meio da seleção sistemática dos elementos de elite encontrados na própria população nacional e dos que forem importados de outras terras". (AMARAL, 1929, p. 330). Para o médico carioca, no Brasil a imigração deveria ser sistemática visando brecar a entrada de indivíduos ou grupos "disgênicos", uma vez que não existe uma política rígida referente à imigração, o que viria a impedir a construção de uma "raça" eugênica. Para assegurar a sua propositura, seria necessário definir meios para garantir os processos mais eficazes de escolha dos estrangeiros, "cuja entrada no país concorrerá para levantar o nível dos caracteres superiores da raça e, ao mesmo tempo, vedar o acesso ao nosso território de todos aqueles cuja influência disgênica seja reconhecida." (AMARAL, 1929, p. 331).

Em sua tese, Amaral defende a racionalização da política da imigração, com a finalidade de consolidar uma "raça superior". Valendo-se de dados históricos, enriquece o seu argumento afirmando que a imigração no Brasil, sobretudo, a partir do fim da escravização, tinha como cerne suprir a necessidade de braços para poder inseri-los nos locais de trabalho, não interessando especificar qual o campo. Com o desenvolvimento da maquinaria e o aperfeiçoamento técnico, já havia a necessidade de elaborar uma política imigratória sem que o critério fosse meramente de "braços" para a produção. Ou seja, para este teórico e

[94] Azevedo Amaral, além de ser um dos ideólogos do Estado Novo, foi um dos expoentes do pensamento social e político brasileiro na perspectiva do conservadorismo no Brasil, visto que a sua produção teórica tem um elo entre ideologia do racismo e autoritarismo. Em seu livro *Estado Autoritário e a Realidade Brasileira* (2002, p. 189), acreditava que a "adoção do princípio autoritário como postulado básico da organização estatal não contradita a fisionomia democrática". Para ele, o conceito de "Estado autoritário integra-se harmoniosamente. Aliás, as condições peculiares das sociedades contemporâneas são de molde a tornar tão necessários os governos autoritários que, se estes fossem inadaptáveis ao regime democrático, seria a democracia que teria de ser sacrificada porque o autoritarismo se tornou uma questão de salvação coletiva nas circunstâncias do mundo atual". (AMARAL, 2002, p. 189).

intelectual orgânico do futuro Estado Novo, os trabalhadores, em virtude do desenvolvimento da maquinaria, o operário (considerado por ele trabalhador superior) opera um trabalho mecânico, substituiu a quantidade de força de trabalho muscular (concebido como trabalhador inferior) que era necessária naquele momento, assim, o problema do povoamento "já não tem a premência de outrora". (AMARAL, 1929, p. 332).

A sua argumentação estava ancorada nos avanços da ciência, na saudação da política da guerra, no desenvolvimento da indústria bélica que "com armas automáticas e de grande alcance, com explosivos de alto poder destrutivo, com aviação e com recursos da guerra química permite às minorias civilizadas sobrepujarem a força das nações que contam apenas com os números". (AMARAL, 1929, p. 332).

Amaral defende a necessidade da realização, no Brasil, de uma política restritiva no que diz respeito à imigração, para que em nosso território não viessem indivíduos degenerados para estragar os "homens brasileiros". A imigração "promíscua" inflamaria o Brasil de pessoas com doenças transmissíveis obstaculizando a construção de homens eugenizados. A sua preocupação é com a formação de uma "raça superior", mas que não seja apenas uma "raça superior" fisicamente, mas aquela com os atributos intelectuais necessários à "assimilação e ao desenvolvimento da cultura, de que dependem o progresso material da civilização, e estabilidade moral da sociedade e a segurança política do Estado". (AMARAL, 1929, p. 333). Daí a sua defesa intransigente em relação à entrada de indivíduos "superiores" mentalmente, por meio de uma política sistemática de imigração.

A sugestão de uma política sistemática de imigração passa pela elaboração de estudos sobre as populações candidatas a emigrarem para o Brasil, procurando identificar a capacidade física e, sobretudo, intelectual, tanto do indivíduo como dos povos. Essa proposta é espelhada na experiência realizada nos EUA, referência para Amaral de política eugênica naquele momento, a qual o Brasil deveria imitá-lo. Além de estudos, propõe ainda que sejam implantadas no Brasil "cotas" para a entrada de imigrantes.

Ao expor a sua tese, Amaral não se constrange em defender que os grupos sociais que deveriam entrar no território brasileiro fossem os da "raça branca", embora reconheça a presença dos africanos e nativos da América na constituição do Brasil. Afirma: "nossa finalidade orienta-se no sentido da elaboração de uma civilização do tipo novo europeu e para atingir esse objetivo temos a necessidade de não agravar, com o acréscimo de elementos étnicos alheios à raça branca". (AMARAL, 1929, p. 336).

Todavia, não poderia ser qualquer branco a emigrar para o Brasil, pois, para ele, ao longo da história do Brasil, priorizou-se a vinda de imigrantes da Península Ibérica ou Italiana e que, na sua concepção, encontrava-se em declínio intelectual. Amaral anseia grupos que possam formar a civilização europeia no Brasil, de preferência oriundas da "Alemanha e aos países escandinavos, porque outras raças do norte, como os poloneses e russos são, a julgar pelos *tests* a que nos referimos, intelectual e, portanto, racialmente ainda mais indesejáveis do que os imigrantes da Europa meridional"[95]. (AMARAL, 1929, p. 336).

Por fim, conclui a sua tese, propondo dez pontos para que sejam encaminhados ao governo federal, para serem efetivadas como política de governo. Defende uma política de imigração que viesse assegurar a segurança nacional e a defesa dos interesses da "raça", a seleção dos imigrantes, portanto, deveria ancorar-se na restrição aos grupos sociais contrários aos anseios das elites "brancas", ou seja, uma política em defesa da "nossa raça". O Congresso Brasileiro de Eugenia sugeriu a participação de seus membros no processo de

[95] Segundo Clóvis Moura, o livro de Azevedo Amaral foi elaborado para defender o Estado Novo e justificar o seu autoritarismo. Os adeptos do pensamento conservador acreditavam que quanto mais civilizado mais branco seria o Brasil, visto que esta "subordinação ideológica desses pensadores sociais demonstra como as elites brasileiras que elaboram este pensamento encontram-se parcial ou totalmente alienados por haverem assimilado e desenvolvido a ideologia do branqueamento. A este pensamento seguem-se medidas administrativas, políticas e mesmo repressivas para estancar o fluxo demográfico negro e estimular a entrada de brancos "civilizados". (MOURA, 1988, p. 25). Nesta direção, Azevedo Amaral, ao tematizar a questão da política de imigração – semelhante à tese defendida no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia – faz a seguinte reflexão: "A entrada de correntes imigratórias de origem europeia é realmente uma das questões de maior importância na fase de evolução que atravessamos e não há exagero afirmar-se que o número de imigrantes da raça branca que assimilarmos nos próximos decênios depende literalmente o futuro da nacionalidade. Sob o ponto de vista econômico, valor do imigrante europeu não pode mais ser matéria de controvérsia. Uma análise retrospectiva do desenvolvimento da economia brasileira, desde o último quartel do século XIX, põe em evidência um fato que, aliás, nada tem de surpreendente porque nele apenas se reproduzia, em maiores proporções ainda, o que já ocorrera em fases anteriores da evolução nacional. As regiões para onde fluíram os contingentes de imigrantes europeus receberam um impulso progressivo que as distanciou de tal modo das zonas desfavorecidas de imigração, que entre as primeiras e as últimas se formaram deferências de nível econômico e social, cujos efeitos justificam apreensões políticas. Enquanto nas províncias que não recebiam imigrantes em massa se observava marcha lenta do desenvolvimento econômico e social, quando não positiva estagnação do movimento progressivo, as regiões afortunadas a que iam ter em caudal continua as levas de trabalhadores europeus foram cenário de surpreendentes transformações econômicas de que temos. Os exemplos mais impressionantes em São Paulo e no Rio Grande do Sul. Aliás, aconteceu entre nós o mesmo que por toda a parte onde nações novas surgem e prosperam com cooperação de elementos colonizadores vindos de países mais adiantados e habitados por povos de raças antropologicamente superiores. [...] O problema étnico brasileiro – chave de todo o destino da nacionalidade – resume-se na determinação de qual virá a ser o fator da tríplice miscigenação que aqui se opera a que caberá impor a ascendência no resultado definitivo do caldeamento. É claro que somente se tornará possível assegurar a vitória étnica dos elementos representativos das raças, e da cultura da Europa se as reforçarmos pelo afluxo contínuo de novos contingentes brancos. Os obstáculos opostos à imigração de origem europeia constituem portanto dificuldade deliberadamente criada ao reforçamento dos valores étnicos superiores de cujo predomínio final no caldeamento dependem as futuras formas estruturais da civilização brasileira e as manifestações do seu dinamismo econômico, político, social e cultural. [...] A nossa etnia está ainda longe do período final de cristalização. E, como acima ponderamos, os mais altos interesses nacionais impõem que se faça entrar no país o maior número possível de elementos étnicos superiores, a fim de que no epílogo do caldeamento possamos atingir um tipo racial capaz de arcar com as responsabilidades de uma grande situação". (AMARAL, p. 2002, 245-251).

seleção de imigrantes, em parceria com o poder público, para impedir a entrada de imigrantes indesejáveis, tendo como parâmetro os EUA. E, por fim, O Congresso Brasileiro de Eugenia "aconselha a exclusão de todas as correntes imigratórias que não sejam de raça branca". (AMARAL, 1929, p. 340).

O Congresso reuniu expressiva quantidade de militantes do movimento que acreditavam na oportunidade de sistematizar propostas para os governantes brasileiros. Havia a preocupação de não somente propor e elaborar, mas de realizar uma política social pública de Estado no sentido de solucionar os problemas identificados pelos eugenistas.

Outro aspecto que deve ser considerado é a importância desse evento, que possibilitou a troca de experiências, a socialização de pesquisas e o encontro entre os intelectuais do movimento eugenista de vários países. Os militantes estavam pensando um caminho para "regenerar" a composição do "povo brasileiro" e solucionar os problemas enfrentados, como por exemplo, do *alcoolismo, prostituição, delinquência* e a *melhoria da raça;* o Primeiro Congresso foi um local oportuno para a reflexão sobre os caminhos almejados, além de colocar o Brasil no patamar, no seio da América Latina, como pioneiro e referência em relação ao movimento eugenista.

A opção em apresentar brevemente os autores acima, teve como finalidade contextualizar o clima em que os eugenistas estavam inseridos naquele momento. Em linhas gerais, além de versar sobre temas referentes já mencionados, o Congresso recomenda também a necessidade de divulgação e do ensino especializado da eugenia. Proposta aclamada pelos participantes[96].

2.3.3 Primeiro Concurso de Eugenia e a Comissão Central Brasileira de Eugenia

A "cruzada eugênica" no Brasil, conforme apontamos, foi empreendimento visando a fornecer ferramentas para a superação das contradições no seio do território brasileiro. Para garantir a sua missão, os representantes do movimento investiam na elaboração de teses, conferências, organizações, dos quais se destacam o Primeiro Concurso de Eugenia, cuja primeira versão ocorreu em 1929, no estado de São Paulo; a formação da Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE); e o *Boletim de Eugenia*.

[96] Para aqueles interessados em apreciar as conferências e resoluções do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, ver especialmente as Actas disponíveis no sítio da Biblioteca da Fundação Oswaldo Cuz: <http://bvsfiocruz.fiocruz.br/metaiah/search.php#>.

O concurso foi articulado pelos engenheiros Pereira Macambira e Heitor Freire de Carvalho, que tiveram a ideia de uma subscrição popular, cujo resultado serviria para premiar três crianças brasileiras que se aproximassem do *ideal eugênico*. Para a realização do evento, angariaram-se fundos, que foram entregues ao Dr. Candido de Moura Campos, presidente da Sociedade de Medicina e Cirurgia. O concurso ainda serviu para homenagear a Imperatriz Leopoldina, por ocasião do centenário de sua morte, sugestão feita pelo Dr. Waldomiro de Oliveira, diretor do Serviço Sanitário do Estado de São Paulo. Tal proposta tornaria o evento mais expressivo na perspectiva das elites. Ficou a critério de Waldomiro e da comissão organizadora, o exame, a avaliação e a classificação dos candidatos.

A metodologia do concurso deu-se no seguinte formato: a) organizada a lista das crianças candidatas, de ambos os sexos, de 3 a 5 anos, com fichas preenchidas (especialmente preparadas para esse fim) e examinados, não só em relação às enfermidades físicas, como também as mentais, além de sindicância e ascendência dos inscritos; b) na primeira seleção, foram classificados 70 candidatos, novamente, submetidos a uma segunda seleção, sendo eliminados 40, por vários motivos. Submetidos a um exame cuidadoso, dos 30 finalistas, foram escolhidos 7. Finalmente a comissão classificou os seguintes: primeiro prêmio a Adenir Ferreira de Carvalho; segundo lugar ficou para Ruth de Carvalho Lopes; e, por fim, a terceira posição ficou para Rachel Celeste Bonaro (Fundo Renato Kehl, DAD-COC. In: Boletim de Eugenia). Os critérios que levaram Adenir a ser classificada como a primeira criança eugênica do Brasil foram: ter 3 anos de idade, oito irmãos, todos vivos, seis tios maternos e sete paternos, todos sadios.

Em artigo publicado no *Boletim de Eugenia*, Renato Kehl parabeniza a todos aqueles que estavam envolvidos no concurso e congratula a criança pela vitória, e a Sociedade de Medicina e o Serviço Público de São Paulo pela "brilhante execução desta valiosa prova de eugenia e prática" (Fundo Renato Kehl, DAD-COC. In: Boletim de Eugenia).

Por fim, dentro da empreitada do movimento eugenista no Brasil, outro órgão significativo foi a CCBE, criada em 1931, pela iniciativa de Renato Kehl, cujos membros, na sua maioria, eram oriundos da Saúde Pública, Higiene Mental, das Ciências Biológicas e da Medicina. Visando à concreção das ideias eugênicas no Brasil, Belisário Penna foi nomeado para o cargo de diretor do Departamento Nacional de Saúde, pois, os membros da Comissão Central viram em Penna a possibilidade de efetivação da lei nacional contra o alcoolismo.

A Comissão foi um meio de articulação do movimento eugenista no Brasil e dos movimentos eugenistas dos EUA, Alemanha, entre outros. A Comissão Central servia como

um veículo de articulação do movimento em nível mundial, sendo o Brasil o país que melhor expressava os anseios do movimento eugenista no mundo.

2.3.4 O Boletim de Eugenia

Outro veículo consolidado pelo movimento eugenista, fundado no ano de 1929, foi o *Boletim de Eugenia*, cujo objetivo foi possibilitar a apropriação por todos interessados nos temas relacionados à eugenia, genética, ao eugenismo, à eugenia e relações raciais, ao patriotismo, catolicismo e a outros correlatos. Ainda eram veiculadas informações referentes ao movimento no âmbito nacional e internacional; e à propagação de propostas de leis eugênicas e publicização das atividades realizadas pelas instituições eugênicas brasileiras[97]. As cartas de leitores, também do exterior, além de propagandas de publicações de livros sobre eugenia também eram veiculados, além de teses malthusianas sobre a impossibilidade de a produção alimentícia global atender as taxas cada vez maiores de crescimento populacional.

Era publicado mensamente, no âmbito nacional, e a direção e propriedade estava sob a responsabilidade de Renato Kehl, que publica, na primeira edição, um artigo para informar os leitores sobre perspectiva do Boletim:

> Tem os leitores o primeiro número do Boletim de Eugenia. Aparece modestamente: pequeno formato por páginas. Promete pouco. Deseja, apenas, auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de mediana cultura, desejam também, orientar-se sobre o momentoso assunto. Apresentará, para atender a todos, pequenos artigos científicos, ao lado de outros, de simples vulgarização. Tudo resumidamente, tudo em linguagem simples e clara. (BOLETIM de EUGENIA, v. I., 1929. In: Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Foi o primeiro veiculo de comunicação impresso do Brasil, de tamanha envergadura, e periódico, filiado à Liga de Higiene Mental. “Este Boletim”, diz Kehl, “receberá, com especial interesse, pequenos trabalhos e notas para nele serem publicados. Abre, pois as suas pequenas colunas a todos que desejarem colaborar na propaganda dos ideais eugênicos”. (BOLETIM de EUGENIA, v. I., 1929. In: Fundo Renato Kehl, DAD-COC). Remetido gratuitamente, bastava apenas encaminhar uma carta solicitando-o.

A tiragem inicial era de

> 1.000, passou para 250 sem contar os números que apareciam incorporados a medicamento. A distribuição era feita inteiramente gratuita embora constasse no cabeçario o preço de 5$000 por ano. Isto era para efeito da taxa postal porque toda

[97] É preciso mencionar que no *Boletim de Eugenia* eram publicadas informações referentes aos cursos realizados no exterior, inclusive os textos utilizados nas atividades ministradas pelos intelectuais obtiveram espaço no Boletim.

> publicação sem preço de assinatura é considerada propaganda comercial e paga parte dupla. (KEHL, Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

Além da distribuição mensal, Renato Kehl contava com uma lista de assinantes fixos: associações de eugenia estrangeiras, como por exemplo, dos EUA, Alemanha, França, Itália, Portugal, Espanha, Inglaterra, Cuba, Argentina, Peru, México, entre outros países; era entregue para as associações "científicas", tanto nacionais como internacionais para as pessoas de representação orgânica em suas nacionalidades. Kehl encaminhava os números do *Boletim* aos intelectuais orgânicos e às entidades do Brasil. Conforme salienta: "Fazia todo o interesse para despertar o interesse, da nossa elite, pelos problemas eugênicos enviados o Boletim e outras publicações avulsas". (KEHL, Fundo Renato Kehl, DAD-COC). O veículo eugenista teve duração de 1929 até 1933, sendo que até 1931 a circulação foi mensal e em 1932 passou a ter impressão trimestral.

No ano de 1932, Kehl vai à Europa e convida Domingues[98] para dar andamento às publicações. A carta abaixo elucida as preocupações de Kehl em relação à dinâmica do Boletim, procurando situar Octavio Domingues:

> O Boletim era distribuído mensalmente. Tinha uma lista de assinantes fixos: associações de eugenia estrangeiras, associações científicas nacionais e estrangeiras e pessoas de representação e intelectuais do país. Fazia todo o interesse para despertar o interesse, na nossa elite, pelos problemas eugênicos, enviando o boletim e outras publicações avulsas. Creio que as informações acima são suficientes para demonstrar ao amigo a possibilidade de editar o Boletim ai. Esta carta servirá de autorização ampla nesse sentido, podendo desde já dar inicio de vez em quando um ou outro artigo. Ficaria muito grato de no cabeçário do boletim declarasse que esta é uma segunda fase da referida publicação e que a mesma continuará como órgão oficial da Comissão Central Brasileira de Eugenia. Agradeço-lhe muito pelo esplendido artigo que me enviou. Veio muito a proposito. Ele será publicado, brevemente, junto a um trabalho meu, num folheto intitulado "Educação Eugênica" que desejo tinha a maior circulação possível. Espero que me de essa autorização. 17/fevereiro/1932. (Fundo Renato Kehl. DAD-COC).

Na carta seguinte lê-se:

> Mesmo após a minha volta da Europa teria muito gosto em continuar tudo nas condições ora combinamos. Como sabem, sinto-me doente e não sei se poderei

[98] Octávio Domingues foi geneticista da Escola Agrícola Luiz Queiroz, de Piracicaba, do Estado de São Paulo. Enquanto uma das principais expressões do movimento eugenista, acreditava Domingues na possibilidade da efetivação da eugenia positiva, pois, através da promoção de uma consciência voluntária em que aqueles considerados portadores de doenças hereditárias, deveriam abster-se da reprodução. Domingues era hostil ao Estado como ente promotor do controle de reprodução. Segundo Stepan (2005, p. 170): "Os pontos de vista de Domingues sobre raça e miscigenação racial são particularmente reveladores das formas como a ideologia do branqueamento interagia com a ideologia da eugenia na passagem da década de 1920 para a de 1930. Domingues interpretava a miscigenação racial não como causa de degeneração, mas como um processo de adaptação biológica necessária para que uma verdadeira civilização florescesse nos Trópicos". Para melhor apropriação da biografia e a produção de Octávio Domingues, ver STEPAN, Nancy. **A hora da eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005; ROSA, Alessandra. **Quando a eugenia se distancia do saneamento**: as ideias de Renato Kehl e Otávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933). Dissertação (Mestrado em História das Ciências Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fiocruz, Rio de Janeiro, 2005.

> mandar, mesmo futuramente, a atividade que empenhei durante tantos anos. Por isso, caso os amigos assim entendam, o Boletim poderá ser aí editado em Piracicaba, indefinitivamente. A campanha da Eugenia precisa de sangue novo, de prosélitos competentes e entusiastas. Estou certo que ela ficará otimamente orientada em mãos dos amigos. Não deixarei de auxilia-los com maior empenho, enviando sugestões, notas e colaborações. (KEHL, 1932. Fundo Renato Kehl, DAD-COC).

No mesmo ano, Domingues encaminha uma carta a Kehl, na condição de organizador do periódico: "Por este mesmo correio lhe mando alguns exemplares do "Boletim". Foi o que pude fazer, no pouco tempo que dispúnhamos, para não atrasar o número do primeiro semestre". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC). Como vemos, ainda que Kehl não estivesse diretamente na organização do Boletim, continuou a assinar o periódico e encaminhar artigos para publicação.

Em seguida, o Boletim: "Tornou-se um suplemento da revista médica intitulada 'Medicamenta', na edição Junho/Julho de 1929 (n.6-7)". (ROSA, 2005, s.p.); ao contrário das primeiras edições, que tinha o formato de quatro páginas, ganhou mais corpo, obtendo o total de oito páginas.

A chegada ao público do Boletim foi aclamada pelos principais jornais das capitais e dos estados, como: *Correio da Manhã; Estado de S. Paulo; O Globo; A Noite; Brasil Médico; Diário de Minas; Minas Gerais; Diário Nacional*. Os jornais citados eram lidos, sobretudo, pelas elites brasileiras, possibilitando a repercussão esperada. A propaganda do Boletim era uma maneira de convidar os leitores a se familiarizarem com um veículo que tinha como finalidade explicitar os ideários do movimento eugenista no Brasil.

A apreciação dos textos publicados revela potência em relação à proposta eugênica. Entre os vários artigos, elegemos o intitulado *"*Ensino da Eugenia nas escolas secundárias", de Kehl, que principia fazendo justiça à proposta do Boletim em apresentar conceitualmente a eugenia como uma ciência criada por Francis Galton, constituindo uma "ciência religião"; o objetivo de concretizar ideias e intuitos regenerativos cujo esforço é o de formar caracteres positivos, transmissíveis por herança; ao mesmo tempo preconiza a eliminação de seres indesejáveis. Tem como escopo a elevação física e moral dos homens, visando assegurar a paz na família, na sociedade, de modo geral, na humanidade.

Para que seja conhecida e apropriada pelos indivíduos, Kehl sugere que o ensino de eugenia deve ser inserido nas escolas secundárias, com enfoque no histórico sobre os ideólogos do movimento, concatenado com os fundamentos das teorias de Darwin, Lamarck, Weismann e outros. Para Kehl, o ensino secundário deve ter em seu programa os princípios

eugênicos, explicitando as leis biogenéticas, a lei de conservação do "tipo ancestral", a lei da evolução orgânica e da hereditariedade e, por fim, a lei de atavismo de Galton.

Kehl propõe como metodologia os estudos sobre hereditariedade almejando despertar o interesse da população pelas medidas de defesa e proteção sociais contra os "classificados degenerados", além de defender a difusão de conhecimentos sobre a importância da regulamentação eugênica de casamento, propagandas contra os disgênicos e, por fim, de difundir os conceitos eugênicos. (KEHL. DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano 3, n. 30).

Kehl vislumbra a implantação de um curso de eugenia no ensino secundário, desde que haja esforços do Estado e dos professores, o qual seria meio de assegurar o "progresso biológico, moral e social dos homens, devendo figurar, obrigatoriamente, no programa dos cursos ginasiais e normais, como matéria à parte ou, não sendo possível, como parte da história natural ou da higiene". (KEHL. DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano -3, n. 30).

Outro teórico que também publicou no Boletim foi Oliveira Vianna. Foram dois artigos em números diferentes; o primeiro publicado em março de 1930, ano II, n. 15, intitulado Os Tipos Eugênicos; e o segundo, em junho de 1931, ano III, n. 30, denominado O Eugenismo das Elites.

No primeiro artigo, ele principia seu texto da seguinte forma:

> Dizia Nietzsche que a humanidade não é senão um meio de que a Natureza lança mão para chegar a seis ou sete homens de gênio. Pode-se dizer igualmente que um povo – uma massa social de algumas dezenas de milhões de homens – não é mais do que um meio de que a História se utiliza para produção de uma pequena elite de tipos superiores; e um povo só é grande ou só se torna grande quando se revela fecundo na produção desses tipos. (VIANNA, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano II, n. 30, p. 3).

A partir desse trecho, todo o seu artigo tenta demonstrar como se faz para identificar um "tipo eugênico de homem superior". Ele afirma que é somente a partir de estudos das *classes superiores* que se pode julgar uma raça ou uma nação. Vianna afirma que as elites têm mais capacidades e valem mais do que milhões de uma população. A ambição é uma das qualidades inerentes às elites, ou seja, somente as aristocracias possuem desejo de riqueza e poder e, neste atributo, identifica os critérios dos "tipos eugênicos"; toda "a atividade social do eugênico busca a sua causa matriz primeira nesse fundo inato da ambição ampla e robustez". (VIANNA, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano II, n. 30,

p. 3). Desta forma, é inerente ao "tipo eugênico" a qualidade de "ser" forte e ambicioso; ele é, por excelência, "refratário sempre, por temperamento, por índole, por instinto, aos pequenos objetivos, aos pequenos senários, aos pequenos triunfos, as pequenas ideias". (VIANNA, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano II, n. 30, p. 3).

O eugênico é resultado das qualidades superiores, para usar a sua expressão, traduz-se na inteligência e no temperamento, cujas "leis ou o acaso das combinações hereditárias produzem uma superioridade autentica, aí haverá um eugênico". (VIANNA, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano II, n. 30, p. 3). Ao classificar o indivíduo eugênico como robusto, lúcido, possuidor de clarividência, capacidade de organização, imaginação e originalidade, Vianna exalta Napoleão e Mussolini, exemplos de grandiosidade de homem eugênico e conclui seu artigo afirmando que: "O conceito do superior, tal como se vê em Galton, em Nietzsche, em Taine, em Lapouge, em Le Bom, coincide assim, de certo modo com o conceito de Pareto sobre os tipos de elite. É a 'gente forte e fera', contraposta a 'gente debole eville'". (VIANNA, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano II, n. 30, p. 3).

Temos em Vianna uma concepção de eugenia que expressa de maneira explícita a natureza de classe desse ideário, pois, ao afirmar a aristocracia como "superior", a única capaz de conduzir, organizar e assegurar o andamento da "comunidade", ele está fazendo apologia do controle de um grupo social sobre o outro, isto é, controle de classe sobre outra – ambição que está no seio de seu projeto de efetivação do Estado autoritário e corporativista. Expressa a perspectiva ideológica da classe dominante das elites brasileiras, pois, somente as oligarquias devem colocar no "eixo" os destinos do Brasil.

No mesmo itinerário, no outro artigo, "O eugenismo das elites", Vianna mantém a sua posição eugênica, exaltando o papel da classe média e da classe "superior", termo utilizado por ele, em relação à condução dos destinos da sociedade, em específico, do Brasil. Somente o homem "superior" tem a capacidade de galgar posição de ordem política. Para ele, a superioridade do homem eugênico não é demonstrada ao ocupar cargos de deputado, senador ou ministro. Alocar nessas posições é pequeno para Vianna. O eugenista, os grandes homens devem ocupar os centros mais nervosos, na elite das "letras, das artes, das ciências, da grande indústria, da grande propriedade, do alto comércio." (VIANNA, 1931. DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano III, n. 30, p. 3). Esse é o lugar do eugenista, do homem superior.

Para Vianna, os únicos locais de proliferação de eugênicos são na classe média e nas superiores, por isso os exalta em todo o seu artigo, pois, a classe "inferior", não é capaz de administrar, não tem como realizar a hegemonia. Em suma, "são nas camadas superiores da sociedade – as que possuem o encargo da direção geral das atividades econômicas, das atividades intelectuais e das atividades políticas – o campo principal de concentração dos elementos eugênicos, gerados pelas matrizes étnicas do povo". (VIANNA, 1931. DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano III, n. 30, p. 3). Eis o "eugenismo das elites" preconizado por Vianna.

Os eugênicos são os gabaritados para a condução e gestão do Estado, pois a inferioridade das classes subalternas (leia-se a classe trabalhadora) não os capacita a realizar a hegemonia. Precisamos advertir que o texto em mira é de 1930, ou seja, é o contexto em que Getúlio Vargas, através da articulação das elites, sobretudo liberais, pôs fim ao pacto oligárquico por meio do poder centralizado, isto é, pela autocracia personificada por Vargas. Neste contexto, Vianna está exaltando a consolidação de um Estado forte, autoritário, corporativista, a única forma de organização política capaz de realizar a consolidação dos destinos do Brasil. Considerando as ponderações de Vianna, Getúlio Vargas e as elites que realizaram a concentração, tanto econômica como política, devem ser considerados "homens eugênicos".

Em seu artigo intitulado Cruzamento do Branco com o Preto, publicado no Boletim, o professor da Faculdade de Farmácia e Odontologia de Santos, Luiz Silva, faz a seguinte indagação: "É razoável o casamento do branco com o preto? Não, absolutamente, não". (SILVA, 1931, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano III, n. 30, p. 3). É com essa afirmação que ele principia seu artigo e segue fazendo comparações entre os brancos e negros, atribuindo aos primeiros aspectos "civilizatórios" e "superiores", argumentando que o negro tem instinto vingativo, são indivíduos ruins, medíocres, perigosos simuladores e outros atributos que, de certo modo, apresenta um ser quase que animalizado.

Assevera ainda que somente a eugenia pode prevenir casamento entre "raças opostas" e casamentos "inter-raciais", pois, em seu entender, casamento é a preservação das raças, em especial, a superior, que para ele é a "raça branca". Para Silva, a eugenia é a garantia do "reino humano, confirmando seus elementos, evitando que, pelo ativismo, possa devassar as demais espécies da escala zoológica". (SILVA, 1931, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano III, n. 30, p. 3). Comenta um episódio referente a um casamento realizado no estado do Paraíba. O padre chegando à igreja espantou-se ao se deparar com dois

casais, sendo um negro com uma branca e outro, uma branca com negro. “Tomando de uma natural revolta, gesto evidente de sua superioridade física e moral, o ilustre prelado, antes de aplicar aos dois casais as leis da igreja, aplicou, talvez inconscientemente, as leis eugênicas”. (SILVA, 1931, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano III, n. 30, p. 3).

Silva conclui seu artigo da seguinte maneira: “E, como num tablado de jogo de Damas, separa os brancos e os pretos e diz com solenidade: branco com branco, preto com preto”. (SILVA, 1931, DAD-COC, Fundo Renato Kehl. In: Boletim de Eugenia, ano III, n. 30, p. 3). São estes os temas e controvérsias que eram publicados no Boletim de Eugenia.

Sem dúvida o Boletim foi um importante veículo de comunicação entre os eugenistas e um dos caminhos para a divulgação de suas ideias, enriqueceu e estabeleceu uma teia de informações entre eles a fim de oferecer soluções para combater as contradições encontradas pelos teóricos que publicavam artigos no periódico.

Outro aspecto que precisa ser observado é que o Boletim deve ser entendido como meio de comunicação entre os eugenistas em todo o mundo, ou seja, além da publicação e distribuição em todo o Brasil, havia tradução para a língua estrangeira, em especial, a inglesa. Havia um entrelaçamento de temas, e ao mesmo tempo em que eram tratados assuntos relacionados à realidade brasileira, assuntos de âmbito internacional também eram publicados. Assim, deve ser concebido como aparato de subsídio às “elites” sobre a importância da eugenia como uma “ciência” que poderia resolver os “problemas” encontrados e identificados pelos eugenistas e pelas elites, no âmbito internacional.

Os partidários do movimento eugenista sentiam-se incomodados com os “problemas” da sociedade brasileira, mas acreditavam que a solução estaria na possibilidade da implantação da eugenia. Neste sentido, a trajetória que apresentamos foi um esforço para demonstrar que o protagonismo do médico brasileiro neste período, não um personagem preso à sua especialidade profissional, ao contrário, o *médico político* almeja “sanar” não somente os seus pacientes, mas a nação.

CAPÍTULO III – A EUGENIA: A *NOVA RELIGIÃO*

Até o presente momento, nossa pesquisa abordou as proposituras teóricas e práticas do movimento eugenista para o desenvolvimento e a resolução dos problemas sociais brasileiros. A partir das obras de Renato Kehl, apresentaremos, neste capítulo, os conceitos relacionados à ciência eugênica; a quem se dirigia seu discurso; além de mostrar os interesses expressos neste projeto.

3.1 A Ciência da Seleção Humana e seus Objetivos

Em 1923, Kehl publicou o livro *Melhoremos e Prolonguemos a Vida: a Valorização Eugênica do Homem (M.P.A.)*[99], com a finalidade de oferecer um panorama referente ao "programa eugênico", discorrendo sobre a definição da eugenia, tematizando o darwinismo social, o malthusianismo e um projeto de nação. O autor acreditava que a objetivação do ideal eugênico e a obtenção de sucesso dos homens estão na união em torno de uma "religião – de fundamentos científicos – para alcançar a felicidade de um futuro apanágio da saúde, alegria, da beleza; [...]. Esse ideal é o de Galton – essa religião é a eugenia". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 17). É nessa direção que Kehl procura definir o conceito de eugenia.

A definição de eugenia, para ele, é emblemática, "é curta, seus fins são imensos: é a ciência do aperfeiçoamento moral e físico da *espécie humana* [grifo do autor]". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 27). O problema não está em definir a eugenia, mas sim em colocá-la em prática, pois acreditava que o sucesso do projeto da *ciência do aperfeiçoamento* teria um longo caminho a trilhar no Brasil, mesmo que já houvesse uma série de realizações. Porém, em comparação com os países europeus e com os EUA, o movimento eugênico brasileiro estaria dando apenas os seus primeiros passos, devido principalmente ao parco conhecimento acumulado sobre o assunto.

Nas obras a que tivemos acesso, o autor reproduz a mesma justificativa para legitimar a ideologia da eugenia. Defende a ideia de que é uma prática que existe desde a sociedade clássica:

> Em todas as épocas o problema da regeneração humana preocupou os grandes espíritos. Desde tempos imemoriais se proclama a necessidade de preservar os homens da degeneração, entravando os fatores perniciosos; premunindo, em fim, a família e a sociedade contra o abastardamento. Séculos e séculos decorreram desde as predicas morais e higiênicas de Abraão e de Moisés; outros tantos desde quando

[99] Em virtude da quantidade de obras apreciadas, para melhor situar o leitor, optamos por abreviar os títulos a partir da primeira citação, visto que vamos mencioná-los ao longo desta pesquisa.

> Lycurgo ditou e impôs as leis que fizeram a glória de Esparta; outros, ainda, se escoaram sob normas religiosas para o melhoramento moral da humanidade. Nos tempos bíblicos criaram-se tábuas de mandamentos divinos; nos tempos gregos, ginásios e palestras; contemporaneamente, escolas e igrejas. Pastores de almas, apóstolos e filósofos, mestres, educadores e cientistas, todos se esforçaram por tornar o homem *mais homem* [grifo do autor], portanto *menos animal*, mas sadio e de melhores sentimentos, sem que se evidenciassem os resultados na altura dos esforços dispendidos. (KEHL,1923; 1929; 1930; 1942).

Segundo Kehl, a prática da eugenia existiu desde a Grécia clássica, a partir do momento em que houve a necessidade de selecionar os indivíduos que nasciam com deformidades físicas. Porém, o seu anacronismo histórico não permite identificar que a seleção de indivíduos "imperfeitos" reflete a necessidade da época grega de conservar homens que deveriam ser preparados para a guerra, ocupar-se dos assuntos políticos, em suma, que expressassem os anseios da sociedade grega.

Parafraseando Kehl (1917), na conferência proferida no dia 13 de abril de 1917 na ACM, afirma que a eugenia se fundamenta nas leis da hereditariedade, referenciada nas teorias de Lamark, Darwin e Mendel, cuja finalidade é combater os fatores disgênicos como, por exemplo, o alcoolismo, a sífilis, a tuberculose etc. Neste sentido, a eugenia seria uma ciência cuja responsabilidade é a realização da profilaxia sobre as causas da degeneração.

No seu livro de 1923, a eugenia é definida a partir da ciência de Galton, que tem como finalidade converter as ascendências das "raças" "ruins" com o objetivo de melhorá-las. Considerando a definição de Galton, a eugenia se baseia "nos estudos dos fatores suscetíveis de serem regulados pelos homens, que podem melhorar ou piorar as qualidades das gerações futuras, quer no ponto de vista físico, quer no ponto de vista psíquico". (KEHL, 1923). É a seleção racional dos homens, é o cuidado médico das crianças desde os primeiros dias de vida; é a aplicação das "ciências biológicas". (KEHL, *M.P.A.,* 1923, p. 26). Deve, para garantir o "melhoramento do ser humano", se valer dos estudos da Biologia para embasar sua validação, por esta razão que os partidários da eugenia devem conhecer o campo da biologia para compreender suas leis e aplicá-las ao homem.

No livro *Lições de Eugenia* (1929), apresenta como os termos – eugenia e eugenisia – foram refletidos entre os eugenistas e que a semântica "eugenia" passou a ser utilizada como consenso entre os adeptos do projeto, a partir dos estudos realizados pelo filólogo João Ribeiro. Ou seja, a eugenia tinha como finalidade a garantia do melhoramento dos "homens" progressivamente, aludindo uma "boa geração", a "procriação higiênica", de modo geral, enobrecer o homem fisicamente. (KEHL, *L.D.E.*, 1929). Segundo Renato Kehl, a eugenia preocupa-se em investigar, colher dos dados, catalogar, comprovar e coordenar os fatos e o

eugenismo é a aplicação das soluções identificadas. Mas Kehl defende ser desnecessário fazer tal separação, pois a eugenia já corresponde à teoria e prática (KEHL, *L.D.E.*, 1929).

Logo, o que a define é a investigação sobre o patrimônio hereditário das famílias, é a verificação das qualidades físicas e mentais de seus componentes, tendo em vista o estado da "semente germinal, que é o óleo da cadeia hereditária das gerações sucessivas". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 7).

Na obra prefaciada por Monteiro Lobato, *Bio-perspectiva* (1938), que teve como finalidade apresentar os principais conceitos referentes à eugenia em forma de "dicionário filosófico", Kehl argumenta que a humanidade encontra-se sustentada na medianidade e não nos expoentes, nem mesmo quando ótimos, para inverter essa situação, a "eugenia tem como finalidade elevar o nível da medianidade, para que o mais elevado galgue a um patamar superior, 'de bons para ótimos' eliminando os 'muito maus e péssimos'". (KEHL, *B.P.*, 1938, p. 109).

Em 1942, comemorando os 25 anos da "campanha", Renato Kehl publica o livro *Catecismo para Adultos: Ciência e Moral Eugênica* (*C.P.A.*, 1942), em que realiza uma enquete sobre temas referentes à eugenia, raça, etnia, hereditariedade, aos povos-nação, etc. É extremamente didático e de simples compreensão e foi destinado para aqueles que têm curiosidade de se familiarizar com o tema.

Kehl defende a ideia de que a eugenia deve ser classificada como uma doutrina religiosa, uma vez que todos congregassem dessa propositura em comunhão do bem comum. Todavia, nessa publicação (*C.P.A.*, 1942, p. 18), observa que não seria necessário classificar o movimento como uma seita ou credo, seus ensinamentos visam à aplicação da biologia e seus objetivos consistem em unir "os homens para a formação de uma nova mentalidade, como para a constituição de uma sociedade sã e moralizada de indivíduos fortes, belos, equilibrados, elementos de paz e de trabalho".

Fica evidente que a eugenia tem dois flancos: o primeiro tem ligação com os estudos, a eugenia como "ciência", e é a mediação entre a vida social e biológica, é por essa razão que é necessário, primeiro, catalogar informações biológicas sobre a hereditariedade para que se possa identificar as práticas humanas; segundo, a eugenia vai além dos estudos sobre o homem, visa também ao seu aperfeiçoamento, fazendo-se necessária a intervenção social, ou seja, a aplicação de medidas pelo Estado para a implantação de ações fundamentadas em conhecimentos e sistematizações, de natureza eugênica.

A eugenia consiste em favorecer a formação das qualidades e hereditariedade humanas e obstaculiza a aquisição de caracteres degenerados e transmissíveis hereditariamente.

Organizaria a sociedade humana contra os fatores de "degeneração, controlando os casamentos, evitando o matrimônio entre tarados e degenerados, vulgarizaria e aplicaria os conhecimentos uteis para a proteção individual e das raças". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 27). Para que os resultados sejam satisfatórios, é necessária a colheita e distribuição contínua e sistemática de informação. (KEHL, 1923).

Posta a definição de eugenia a partir de Renato Kehl, resta dar mais um passo a fim de captarmos toda a sua propositura. O autor não se limitou a definir o conceito de eugenia, mas também ampliou, expandindo o seu campo de reflexão para três concepções da ciência em questão: *eugenia positiva, eugenia preventiva* e *negativa.*

3.2 Eugenia: Positiva, Preventiva e Negativa

A *eugenia positiva* tem como finalidade educar sexualmente a juventude, masculina e feminina, a fim de combater a ignorância quanto às verdadeiras finalidades do casamento, gerando, assim, boas procriações. Ou seja, previne o casamento de pessoas "sãs" com "loucos" e "criminosos". Para Kehl, as degenerações são resultados de casamentos entre os "degenerados" com indivíduos tarados.

Também prepara os jovens em outros preceitos eugênicos, necessários à saúde física e mental, pois a

> [...] eugenia demonstra que é possível melhorar as condições da existência humana, impedindo a reprodução da miséria, das dores e dos sofrimentos. A eugenia positiva para obter sucesso precisa construir uma humanidade de bons animais, organizando dentro dela a "aristocracia dos eugenizados". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p.35).

Por meio da eugenia positiva estará assegurado o futuro da humanidade com homens superiores, física e mentalmente; a eugenia positiva consiste no resultado das ações referentes às duas formas de eugenia (preventiva e negativa), pois ela nada mais é do que a seleção humana, a realização de "um jardim das delícias", termo de Renato Kehl, para as gerações futuras; é a garantia do integralismo virtual da saúde, beleza e alegria. "Façamos ao menos como os gregos, raça mais bela, robusta e sã, a mais admirável de todos os tempos". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 62).

Em seu livro *Lições de Eugenia*, Kehl apresenta dados para fundamentar a importância da efetivação da eugenia positiva. Afirma que a quantidade de indesejáveis tem crescido de maneira exorbitante, principalmente em países como Estados Unidos, Itália e Alemanha. As estatísticas apresentadas pelos especialistas dos países mencionados constataram que a população de deficientes físicos, "loucos" e "fracos de espírito" aumentou; "[...] depois de

cuidadosas pesquisas, chegaram à conclusão de que os incapazes e os anormais são mais prolíficos do que os sadios e equilibrados, de modo que a humanidade aumenta, sempre, em quantidade, piorando, lamentavelmente, em qualidade". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 148).

A eugenia positiva é uma metodologia que deveria impedir o desequilíbrio entre desejados *versus* indesejáveis, sendo que o segundo é maior do que o primeiro, ou seja, os "bons elementos", cultos e sadios, estão perdendo espaço para os *feios* e *sujos*. Neste sentido, realizar uma campanha de solidariedade em defesa da regeneração humana (física, moral e mental da espécie) é tarefa dos eugenistas, por meio de casais eugenizados, com pelo menos "três, quatro filhos, para contrabalançar a quota dos indesejáveis". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 149).

O otimismo e a fé na doutrina "melhorista" são os meios para a superação da sociedade esmagada pelos deficientes. Somente a disposição pode vencer o egoísmo, ao contrário da acomodação, e a propaganda dos métodos de Galton garantirá a procriação de "bons animais". A paz na família humana e a reprodução são os ideais da eugenia positiva. Neste sentido, o programa eugênico ancorado na perspectiva da eugenia positiva tem por finalidade assegurar a reprodução dos *homens* puros, pois, somente por meio dessa prática seria possível garantir a vitória diante dos "indesejáveis" na sociedade brasileira.

Esta é a solução encontrada para a superação das contradições sociais no Brasil do início do século XX, isto é, com o surgimento das favelas, a criminalidade, prostituição etc., soma-se a esses fenômenos a ausência de um "povo" homogêneo e a proliferação da pobreza por meio da eugenia positiva é a resposta sugerida por Renato Kehl. Em nenhum momento, destaca as contradições de classes sociais e a concentração de riqueza como causadores da miséria social.

Mais uma vez, constatamos a presença do positivismo e a biologização do ser humano. Os "fatos sociais", para utilizar o conceito de Durkheim (1968), são identificados como coisa, a sociedade é identificada como um corpo orgânico cujos problemas são vistos sem nenhuma mediação. O que interessa é elaborar medidas imediatas para sanar as "desigualdades", nada deve sair da ordem.

É nesse prisma que a eugenia positiva se coloca na perspectiva de Kehl, impedir a proliferação dos "insignificantes", evitando contato com os "normais", segregação espacial, incentivo de casamentos entre os "bem nascidos". Eis o projeto da eugenia positiva: inverter e superar a quantidade dos *deformados.*

Já a *eugenia preventiva* tem como finalidade combater os fatores opostos aos do homem, isto é, evitar os "venenos sociais", para usar o termo de Kehl, que colocam em risco e

corrói a humanidade. É preciso prevenir o suicídio e combater o uso de substâncias psicoativas, tais como o álcool, a morfina e a cocaína. Visa também combater o egoísmo social, ou seja, aquelas pessoas que só pensam em "si mesmas" e aqueles que não têm o espírito de coletividade.

O cerne é enfrentar a filantropia e, para isso, faz-se necessário impedir campanhas filantrópicas, pois, segundo Kehl, ao combater o altruísmo, o Estado teria menos gastos, logo, impedir a pulverização de entidades de caridade seria um modo para reduzir a quantidade de indesejáveis. Essa forma de conceber a eugenia vai ao encontro dos anseios da principal expoente eugenista dos EUA, Margareth Sanger (BLACK, 2003), que advogava o controle de natalidade como ferramenta da eugenia e defendia a esterilização em massa das pessoas chamadas deficientes, encarceramento em massa dos incapazes e propagandeava uma política rígida de imigração.

Na esteira desta autora, Kehl afirma que os esforços caridosos eram uma forma de sustentação dos oprimidos e excluídos, assim, propõe a exclusão como alternativa aos indesejáveis, como meio de assegurar a multiplicação de seres humanos eugenizados. Dito de outra maneira, a sua contraposição à filantropia era parte constitutiva do projeto eugênico, visto que o assistencialismo, além de ampliar os gastos do Estado, fortalece a multiplicação dos incapacitados.

Todo o empreendimento eugênico preconiza assegurar a multiplicação das boas famílias, um crescimento populacional sem os "malvados", ou seja, portadores de doenças, tais como tuberculose, sífilis, etc., pois estes estariam desrespeitando a família e, mais uma vez, os doentes estariam se reproduzindo. E essa forma *de ser* é, do ponto de vista da eugenia preventiva, um ativismo antipatriota, uma afronta ao nacionalismo, uma prática desmoralizante no âmbito nacional e internacional.

A multiplicação de seres disgênicos significa, para Kehl, lesar, obstaculizar a proliferação de homens eugênicos. A *eugenia preventiva* consubstancia-se com toda a higiene e como tal consiste "na higiene profilacta do corpo e também na higiene profilacta da alma. É a parte da Eugenia que visa a organização da humanidade contra seus inimigos". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 32).

A cartilha da eugenia preventiva é, portanto, restringir o nascimento de indivíduos *anormais*, *doentes*, *degenerados*, *tarados*, por meio de exame pré-nupcial para que seja impedido o casamento entre os indivíduos inaptos, visando à boa procriação.

A *eugenia negativa*, por sua vez, é a prática da esterilização daqueles considerados perigosos à espécie humana, para isso, a interdição do casamento de "anormais" mediante a

castração desses indesejáveis. Para fundamentar esse objetivo, Kehl se vale das experiências existentes nos EUA.

Todavia, para ele, impedir a procriação dos anormais por meio da esterilização não significa proibir casamentos, como, por exemplo, de um epilético; ao contrário, "este poderá contrair matrimônio desde que se sujeite à esterilização; que absolutamente não compromete o prazer físico do consórcio sexual". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 35).

Considerando as três classificações de eugenia (preventiva, positiva e negativa) de Kehl, verificamos que o protagonista do movimento eugenista brasileiro alude à eugenia um projeto para impedir a reprodução dos degenerados, cujo objetivo é a procriação de seres humanos "belos", "puros", sem que estes tenham contato com aqueles que viria estragar os demais, é a propagação de casamentos entre os homens robustos, sem casar-se com o "seu contrário". Àqueles que são portadores de doenças mentais, venéreas, viciados, etc., teriam de ser impedidos de procriar filhos. Nos termos de Kehl, não deveriam "estragar a humanidade", para isso, seria imprescindível a esterilização prevenindo a proliferação de homens *doentes.*

3.3 Profilaxia ou Dizimação de Delinquentes, Doentes Mentais e Prostitutas?

Nos documentos apreciados, verificamos que Renato Kehl busca explicitar, a todo o momento, que o seu propósito não é o da eliminação daqueles considerados "disgênicos", uma vez que a eugenia não visa liquidar ou modificar os princípios básicos da moral humana, extinguir o amor e os sentimentos afetivos entre os sexos; a eugenia seria, no seu entender, uma ciência que viria assegurar a efetivação do verdadeiro amor, os sentimentos afetivos entre os seres humanos por meio da consolidação de "homens superiores", física e mentalmente. É a partir dessa premissa que o futuro da humanidade estaria garantido.

Todavia, para que a civilização eugenizada pudesse ser objetivada era necessária a prevenção daqueles que viessem pôr em risco a humanidade. Kehl elenca quais seriam os problemas enfrentados – do ponto de vista eugênico – para estabelecer as medidas preconizadas: alcoolismo, venenos intoxicantes, doenças epidêmicas e endemias, prostituição, delinquência, mendigos, além dos estupradores e dos portadores de doenças venéreas.

O primeiro ponto importante para Kehl é o certificado pré-nupcial, pois este seria um mecanismo de identificação do histórico de vida dos candidatos, a fim de verificar no indivíduo a presença de doenças a partir da sua ascendência, ou seja, uma vez catalogado o histórico familiar sobre doenças – tanto mental como física –, consumo de bebida alcóolica, mendicância, delinquência, prostituição, portadores de desvios de taras, etc., o avaliador

(médico preparado para tal finalidade) poderia atestar ou invalidar o exame o consentimento do casamento.

Para Renato Kehl (*M.P.A.*, 1923, p. 72),

> [...] o matrimônio entre indivíduos epiléticos, de sifilíticos, de tuberculosos causa-nos horror imaginar nesses crimes contra as esposas inocentes, contra os pobres filhos, brotos raquíticos ou monstruosos, contra uma raça, só porque a má orientação atual não nos preserva desses atentados ao sentimento e a moral humana.

O exame pré-nupcial deveria ser realizado e exigido nas políticas de Estado aos nubentes, e, uma vez identificados fatores "degenerativos", o casamento teria de ser impedido para que não se reproduzissem seres disgênicos. Daí o seu apelo ao afirmar que o "Brasil não pode deixar de considerar o valoroso exame dessa medida eugênica e de estabelecer a sua obrigatoriedade" (KEHL, 1923, *M.P.A.*, 1923, p. 82).

Os homens infectados por doenças venéreas estariam contaminando suas companheiras, o que seria evitado com exames pré-nupciais obrigatórios. Renato Kehl, incisivamente, defendia que o Brasil deveria aplicar tais medidas de forma compulsória a fim de brecar o aumento de rapazes que infectam e se infectam com doenças venéreas e muitas vezes "contraem núpcias ainda doentes contaminando a esposa e dando a vida a uma prole de raquíticos e degenerados". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p.82). Nesta direção, deveria ser impedido o casamento entre raquíticos, disformes, com estigmas distorcidos de toda sorte, "surdez, mudez, lábio leurino, histrocefalia, raquistismo, desvios ósseos, não se pode atribuir outra causa mais que o casamento de doentes, tarados e degenerados". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 83).

Para melhor familiarizar a lei, abaixo está a representação da carta sugerindo ao Poder Legislativo a realização do exame pré-nupcial e a proibição de pessoas consideradas degeneradas:

> Exm. Sr. Presidente e Exmos. Srs. Membros da Academia Nacional de Medicina.
>
> Permitam que o signatário desta representação venha ocupar a nossa atenção e solicitar o vosso valioso apoio para a realização, no nosso país, de um dos mais elevados propósitos almejados pelos prosélitos da ciência galtoniana e que é – a proteção da família brasileira pelo estabelecimento legal do exame antenupcial obrigatório e pela proibição do casamento entre indivíduos inapto á boa procriação.
>
> Dirigindo-me a esta douta Academia, o faço confiante na alta sabedoria e patriotismo dos seus ilustres membros e certo de que serão tomadas em devida conta as ligeiras considerações que apresento, em abono da referida aspiração eugênica.
>
> A vós, lídimos representantes da medicina brasileira, caba a honrosa e nobre tarefa de sugerir ao Poder Legislativo a necessidade de defender a família nacional das degenerações, pela reforma do Código Civil, na parte referente ao casamento, de modo a ficarem estabelecidas as exigências já referidas do exame antenupcial e da proibição do casamento matrimonial a todos os indivíduos degenerados e criminosos, os quais, pelo livre direito que gozam de contrair núpcias e de proliferar,

> constituem grave atento atentado às gerações presentes e tenebrosas ameaças às gerações futuras.
>
> Respeitosas saudações.
>
> Dr. Renato Kehl.
>
> Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1920". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 84).

Esses elementos são partes constitutivas do ideal eugênico, a concretização de uma humanidade de "bons animais", para usar a expressão de Renato Kehl, conforme já vimos indicados acima, contribuir para o aperfeiçoamento da moral humana pela consolidação da eugenia, positiva, preventiva e negativa, que haverá uma humanidade *superior*, tanto física como espiritualmente.

Em 5 de outubro de 1920, em seu discurso de posse como membro efetivo da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, Kehl defende que no Código Civil brasileiro fosse inserida a censura matrimonial em defesa das gerações futuras. Disse o autor:

> reconheço ao amor o direito esplendido de perpetuar a força, a beleza e a inteligência, mas não lhe reconheço o direito funesto de gerar deliberadamente a miséria, o aleijão e a dor. Isolam-se os indivíduos considerados perigosos à sociedade; devem ser, do mesmo modo isolados os indivíduos considerados perigosos para a raça. (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 86).

A ausência do exame proposto por Renato Kehl levaria à proliferação dos indesejáveis e a humanidade estaria condenada à "degeneração legal" do matrimônio, gerando indivíduos com as qualidades disgênicas, multiplicando os males e sofrimentos e sobretaxando a vida humana. Kehl tinha esperança na regulamentação do casamento, mas, em virtude do obscurecimento por parte das autoridades e daqueles que não conheciam a proposta eugênica, estes abriam espaço para a reprodução dos anormais.

Não economiza críticas aos legisladores da sua época, por não reconhecerem importância da efetivação da lei que viria a regulamentar o casamento. Em suas palavras:

> Atribui-se ao falso critério dos nossos legisladores – que continuam aferrados ao dogmatismo errôneo e anacrônico da liberdade garantidora dos interesses individuais, mesmo quando de encontro aos interesses individuais, mesmo quando se encontro aos interesses superiores da coletividade, – não ter sido ainda instituída a "censura matrimonial". Estamos inclinados a acreditar ser este o principal motivo de não ter o nosso código cogitado da proteção e aperfeiçoamento da raça pelos casamentos eugênicos, critério aliás dominante desde épocas remotas entre os povos. (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 88).

Acreditava que, uma vez elaborada, aos poucos, a lei se tornaria uma realidade no Brasil.

Cabe salientar que a sua argumentação é espelhada especialmente nas leis existentes nos EUA, que a partir de 24 de janeiro de 1890, estipulou o exame facultativo dos nubentes

abaixo da idade adulta ou curatelados, embora retrocedeu na sua lei suprimindo por completo o exame pré-nupcial.

Na conferência proferida na Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro, em 5 de outubro de 1920, Kehl encerra o seu discurso com as seguintes palavras:

> Peço venia aos ilustres consócios desta douta casa para propor que envie ao Congresso Nacional uma representação no sentido de ser incluída no Código Civil, entre as disposições do Art. 219, a exigência do exame pré-nupcial e a proibição, para o casamento, de todo individuo inapto para a boa reprodução. (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 98).

Uma vez implantado no Código Civil e regulamentada a lei do atestado pré-nupcial, Kehl acreditava que o Estado teria menos gastos públicos e o progresso do país estaria garantido. Argumentava que os parasitas, indigentes, criminosos, doentes, isto é, aqueles que não fazem nada, são pessoas que vegetam nas cadeias, hospitais e asilos. Ainda, os mendigos, que ficam perambulando nas ruas e vivendo de caridade pública, em suma, indivíduos "inúteis", que vivem do jogo, do vício, da libertinagem, do roubo e trapaças, "certamente se desvendaria a causa principal dos grandes males da humanidade, o motivo por que a terra ao invés de ser um jardim das delícias, um seio de Abrahão, não passa de um vale de lágrimas, na expressão dos poetas". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 117).

Impedindo a proliferação dos doentes, tarados, loucos, incapazes, criminosos, que ele concebia como "aberrações da natureza", o Brasil reduziria seus gastos públicos e não sobrecarregaria "pesadamente a pequena parte sadia e trabalhadora". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 118).

Sua preocupação vai ao encontro dos anseios das elites, pois, naquele momento histórico, o Brasil recebia os imigrantes, que é são a força de trabalho nas fábricas e nos setores de serviços em marcha e, ao mesmo tempo, e a conjuntura era de um país cuja escravidão havia recentemente findado, sendo os negros criminalizados em virtude da lei da vadiagem, consolidada a partir da abolição da escravatura e que perdurou até os meados do século XX. Portanto, o índice de criminalidade e tantas outras práticas presenciadas por Kehl, seriam "problemas" que só poderiam ser resolvidos com a efetivação do projeto eugênico.

Em sua obra intitulada *A Cura da Fealdade: Eugenia e Medicina Social* (1923), afirma que o "indivíduo que se aniquila em orgias é um ladrão da espécie; rouba um bem que não lhe pertence de todo: a saúde, a energia, tudo em suma, que compete legar aos pósteros. E esse atentado não constitui um delito". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 249). Logo, a propositura em relação à implantação do exame nupcial aos nubentes percorre todas as obras aqui apresentadas, pois: "Todos enfermos reconhecidamente capazes de transmitir outras doenças

graves e permanentes a descendência têm de ser excluídos do direito de construir família". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 249).

Em 1929, Kehl busca apresentar, no livro *Lições de Eugenia*, os fatores que degeneram a espécie humana. No primeiro momento, concebe a "degeneração" como desvio, "mais ou menos pronunciado, das qualidades humanas de origem do indivíduo, sob a ação de fatores e circunstâncias involuntárias, sobretudo de ordem congênita e hereditária". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 40-41). E, ao discorrer o seu texto, elenca os fatores que levam à degeneração da espécie humana, a saber: os desvios físicos, pauperismo, ignorância – esta causada pelo urbanismo –, alcoolismo, crime e doenças.

Para o autor, a situação sanitária no ambiente urbano ou rural no Brasil é extremamente debilitada, pois as regiões apresentam péssimas condições de vida, decorrentes de várias doenças como a verminose, impaludismo e outros males edemo-epidêmicos, que são os fatores que acarretam o estado de miséria e de degradação (KEHL, *L.D.E.*,1929). Estes elementos culminam em diversos fatores degenerativos e na efetivação de flagelos e na indigência generalizada no seio das coletividades modernas. Para enriquecer sua argumentação, vale-se de estatísticas referentes ao número de crianças que nascem na Inglaterra e são das classes "superiores", concluindo que estas morrem menos do que as nascidas nas classes "inferiores".

Outro aspecto que degenera a humanidade, além da pobreza e da ignorância, é o "urbanismo", que, para Kehl, é o mal do século e tem avassalado diversos países, pois as pessoas são atraídas para as metrópoles e vivem em aglomeração, expondo-se a competições na busca de sobrevivência, gerando fome, miséria; à "promiscuidade; às atribuições; à solicitação para os vícios; à vida em casas anti-higiênicas, sem conforto, sem ar nem luz". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 43).

A sua forma de biologizar as relações sociais o impede de compreender que a modernidade constitui uma forma de organização social marcada pelo modo de produção capitalista, principalmente a partir da revolução industrial que possibilitou a aglutinação dos trabalhadores na cidade sem quaisquer condições dignas de moradia, saúde e tantas outras formas de sobrevivência, culminando em condições insalubres do ponto de vista humano. Kehl não compreende que é da natureza da forma de organização social do modo de produção capitalista as cidades serem preparadas para atender as demandas dos proprietários e investidores cuja perspectiva é apenas a garantia da sua lucratividade, isto é, da produção e reprodução do capital.

Não estamos querendo reivindicar de Kehl uma visão de concreticidade, ou que ele considere o âmbito da economia em suas avaliações, pelo contrário, nosso objetivo é demonstrar que, por de traz de seu argumento, consta a expressão do pensamento conservador no Brasil, concepção esta que não passa de uma forma abstrata de refletir e sugerir caminhos para a superação dos problemas encontrados em seu contexto.

Além do urbanismo, segundo o autor, o alcoolismo sempre foi um mal para a sociedade, pois não acarreta apenas danos ao corpo, representa uma doença em todo o corpo social. É o "demônio da humanidade". Os criminosos são resultado deste, que é o amigo da criminalidade, destruidor de lares e da família, pois, a sociedade vive em desarmonia e degradação em virtude do álcool. É "a chave perversa deste grande teatro que é o mundo, onde se renovam, a cada instante, as cenas extravagantes nascidas da loucura e da degradação etílica". (KEHL, *L.D.E.,* 1929, p. 45).

Neste caso, acredita que a escola tem a função de conscientizar os educandos sobre o mal que o alcoolismo causa na sociedade, a luta antialcoólica deve ser encabeçada pelos educadores, que, por meio de sua braveza e coragem, precisam combater a causa da degeneração humana. O combate ao alcoolismo no Brasil, por meio de uma "lei seca", não teria sucesso, visto que, para Renato Kehl, o nosso país carece de uma "boa administração".

Ancorado na propositura do Dr. Severino Lessa[100] (1885-1930), sugere que seja realizada, numa perspectiva aritmética e geométrica, a redução da dosagem de álcool nas bebidas e a criação de um fundo especial direcionado à instrução, à saúde pública visando à proteção do álcool-motor. Por fim, estabelece a implantação de uma política de educação contra a bebida alcoólica, aludindo que o indivíduo desvie do possível vício.

Na mesma obra, o tema da esterilização é retomado, mas conclamando que as "classes mais instruídas" assimilem tal propositura. Ou seja, o paladino da eugenia demonstra na sua propositura a eugenia como projeto de classe, ao sugerir a esterilização para os degenerados e criminosos, além de exame de sanidade pré-nupcial para impedir a paternidade indigna e a procriação de indesejáveis.

É sintomático perceber que Kehl, na medida em que vamos seguindo seus passos, vai ampliando cada vez mais as suas crenças sobre as questões nas quais se compromete enfrentar. No caso da degeneração, a sua perspectiva torna-se mais refinada, em particular a criminalidade, como verificamos em *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização* (1933), no qual enfatiza: *"Enquanto o problema da regeneração humana não for encarado sob o ponto de*

[100] Lessa foi médico e fundador da Sociedade Fluminense de Medicina e Cirurgia.

vista biológico, teremos de encontrar sempre os maus embates sociais e individuais, as crises e ameaças a paz na família, na sociedade e entre as nações". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 15, grifo do autor).

Essa forma de conceber a criminalidade baseia-se no argumento do fundador da *Agencia Federal de Investigação (FBI)*, John Edgard Hoover (1935-1972), ao afirmar que a propriedade nos EUA está sendo ameaçada em virtude da criminalidade que deve ser combativa por meio de medidas eugênicas e, novamente, argumenta que a causa da delinquência é resultado da competição, do industrialismo e do urbanismo, fatores estes que provocam um desequilíbrio mental e moral dos habitantes daquele país. Nesse sentido, afirma:

> A ideia da degeneração humana pelas medidas eugênicas propagou-se em todos os países, entre todas as esferas políticas e administrativas mais adiantadas, tornando-se dia a dia mais séria a preocupação da salvação nacional ditada por medidas pela nova vitoriosa doutrina de Galton. (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 18).

No capítulo II do livro *Sexo e Civilização* (1933), no intuito de comprovar que a eugenia é o caminho para solucionar o "problema da degeneração humana", Renato Kehl faz um levantamento exaustivo por meio de estatística – um dos métodos primordiais de eugenia – aludindo demonstrar quais as consequências do vício, além de debater as leis naturais. Todo o seu empreendimento vai no sentido de demonstrar que educação, religião e meio social são efêmeros e servem apenas para contribuir na proliferação de indesejáveis para a espécie humana, visto que a filantropia, além de contrariar a seleção natural, culmina na multiplicação dos "fracos" e para o abastardamento do gênero humano. A educação é insuficiente, uma vez que o indivíduo sequer tem noção de conhecimento sobre a importância da descendência em relação às gerações futuras, em suma, os meios para evitar a degenerescência humana sem a eugenia apenas contribui para a "mediocrinização e, depois, para a completa inferiorização da humanidade". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 45).

Defende a tese da segregação dos "inaptos", que só pode ser concretizada, segundo ele, em um país organizado, com uma população consciente das leis eugênicas, porém, parte da ideia de que, no Brasil, como havia pouco conhecimento referente à política eugênica, era necessário solidificar as medidas por meio impositivo, em suas palavras:

> Não obstante a dificuldade de aplicação, seria para desejar que, no nosso país, fossem ensaiadas medidas capazes de concorrer para os mesmos fins, sobretudo no tocante á obrigatoriedade do exame e registro de todas as crianças anormais que frequentam as escolas, afastando-as do convívio das normais, dando-lhes ensino adequado e asilando em colônias especiais pelo tempo que for necessário, as que se mostrarem perigosas ou incompatíveis para a vida em completa liberdade. (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 185).

Em *Aparas Eugênicas* (1933), defende que a esterilização deve ser instituída como medida eminentemente eugênica, cujos resultados são positivos a exemplo dos outros países. Eliminar o "peso morto" da sociedade é uma tarefa da esterilização compulsória, pois:

> São esses resíduos humanos os causadores da miséria, do infortúnio de tantas famílias, em cujo seio se reproduzem degenerados de toda sorte, cretinos, idiotas, criminosos, malandros, bêbados, e toda a *caterva* [grifo do autor] de indesejáveis que trazem a sociedade em permanente estado de exsudação mórbida e criminal. A esterilização permite que certos lares se formem ou se mantenham, que outros progridam, vivendo seus elementos do próprio esforço e desfrutando vida normal, de todo impossível no caso de um ou dos dois cônjuges apresentarem doença hereditária, ou debilidade mental. Um casal sem filhos poderá subsistir, mas será incapaz de arcar com as responsabilidades de filhos, somato e psiquicamente indesejáveis. Casos há em que um dos esposos deve ser internado num asilo ou no hospital e no entanto poderá viver no convívio da família, desde que submetido à esterilização. (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 190-191).

Para obter sucesso em seu projeto, Kehl sugere dois caminhos ao Estado: o primeiro seria a adoção de providências para assegurar a esterilização compulsória aos indivíduos sob a guarda do poder público, mediante audiências públicas; o segundo seria a autorização dos hospitais, particulares e públicos, para a regulamentação adequada, a fim de aceitar pacientes voluntários para a esterilização eugênica. Entre os que não possuem recursos para realizar tal operação, as despesas deveriam ser arcadas pelo governo. Para o autor, se tais medidas fossem consolidadas, as medidas compulsórias seriam desnecessárias.

O que está em questão na propositura de Kehl não é a redução de gastos para o Estado, visto que não aceita ser problema o investimento em políticas governamentais de esterilização, porém, seu projeto é encapsular aqueles que não estão no padrão do "tipo" civilizado de trabalhador, isto é, vislumbra o impedimento da proliferação de seres *disgênicos*.

Outro aspecto que deve ser ressaltado tem a ver com os métodos aconselháveis para as mulheres e aos homens. Às mulheres pobres, propõe que seja realizada a esterilização por meio da cauterização galvânica dos orifícios tubários ou a vaporização do útero. Para o homem, não da classe média e rica, preconiza a intervenção operatória cruenta, isto é, vasectomia.

Nesse sentido, a esterilizações seriam realizadas nos casos identificados de "defeitos hereditários", anomalias ou doença de um filho; "defeito" hereditário no germe-plasma materno; e defeitos hereditários na ascendência paterna ou na maior parte dela. (KEHL, *A.E.*, 1933).

Após reivindicar-se partidário da esterilização compulsória, apresenta um "Sumário justificativo das indicações":

> a) Esterilização de alienados e de perversos instintivos; b) esterilização de grandes criminosos e de miseráveis; c) esterilização *econômica* [grifo do autor], no caso de casais incapazes de fornecer, pelo próprio esforço, os meios necessários para garantir a subsistência e a educação dos filhos; d) esterilização *social* [grifo do autor], afim de reduzir as despesas progressivas que a coletividade é forçada a sustentar com asilos de débeis mentais e inaptos ao trabalho, cada vez em maior número; e) esterilização *obrigatória*, imposta por doenças mentais; f) esterilização *voluntária*, praticada, habilmente, por indivíduos com doenças físicas, por exemplo, em tuberculosos (mãe afetada e com lesão perigosa para ela, no decurso da gravidez e do parto e para a sua progenitura), por mulheres após repetidos partos, havendo perigo de vida, cuja morte deixará na orfandade os filhos.
> Em síntese, são estas as principais indicações para a medida eugênica que, mais cedo ou mais tarde, será adotada também no Brasil. (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 194).

Kehl acredita que esterilização compulsória deve ser realizada pelo poder judicial, pois, ao identificar a presença de doenças etc., pelo histórico familiar, e sugere que tais medidas não podem ser tomadas de forma "radical". A esterilização não "cumpre estudar cada espécie e prevenir os interessados dos riscos que correm para o próprio benefício e dos filhos". Todavia, "as *previsões* [grifo do autor] instintivas, origem da delinquência e da criminalidade, não pode originar dúvida quanto à necessidade de impedir a sua procriação; [...]. Por elas se vê que nem todas as doenças são capituladas de hereditárias e que a esterilização sistemática de todos os alienados não deve ser admitida". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 195).

Com essas colocações, o projeto eugenista de Renato Kehl abre espaço para captarmos mais um dos elementos que constitui tal prospectiva, trata-se da "limitação do casamento e a procriação racional". Ao encampar o casamento eugênico, a esterilização dos inaptos, ao mesmo tempo, deve ser realizado o controle de natalidade e, como sempre, os países pioneiros na prática do controle de natalidade serão os do continente europeu. Nesse caso, ele destaca medidas existentes na Alemanha, cuja prática anticoncepcional ocorre por orientações nas repartições públicas, tanto aos homens, como para as mulheres.

Essas ações são uma maneira para retardar casamentos, sem causar danos econômicos para a família, e impedir matrimônios disgênicos, evitando contato com prostitutas, prevenindo a proliferação de doenças venéreas, além de permitir a organização de lares, futuramente prolíficos. A união entre "jovens" acadêmicos, homens e mulheres, uma vez escolhendo casarem-se entre si, satisfatoriamente, culminará não apenas na proliferação de "proles" superiores, mas na extinção das "inferiores".

O que está posto no projeto de Kehl é a exclusão dos indesejáveis. É categórico, ao afirmar que, na sua perspectiva, está comprometido com a "qualidade" e não com a quantidade, e, antes de qualquer coisa, ele assevera que sejam divulgados, em especial às "classes inferiores", os métodos anticoncepcionais". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 199). A eugenia

deve assegurar o sucesso culminando na criação de seres "superiores", mas, para isso, tem de combater a "estupidez das proles numerosas, geradas *à la diable*, pelos incapazes da boa procriação e pelos que não têm recursos para educar e alimentar os seus frutos, espuriamente gerados". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 199). Assim, "nascerão menos crianças, mas morrerão menos, e as que vierem ao mundo serão produtos selecionados, fortes, robustos e belos". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 261).

Considerando os apontamentos realizados acima, podemos concluir que o projeto eugênico tem como finalidade reduzir a espécie humana – reduzir, leia-se, eliminar pobres –, por meio da segregação, do encarceramento e da esterilização do ponto de vista eugênico. Assim, a esterilização trará resultados, não de forma imediata, pois, num longo processo, ou seja, com um trabalho duradouro, a humanidade será melhorada, logo, esta é uma auxiliar na redução dos degenerados e garante a pulverização de indivíduos física, moral e intelectualmente sadios; é necessário "lançar mão da esterilização, sem prescindir, porém, da prática dos demais preceitos ditados pela eugenia positiva, preventiva e negativa". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 127). Por fim, a esterilização é a melhoria eugênica da raça[101].

3.4 A Educação e Sanitarismo (Saúde) e a Objetivação do Eugenismo

Neste tópico demonstraremos a concepção sanitarista e a crença kehliana na educação como ferramenta para a realização da eugenia, especialmente da positiva e negativa, em que educação tem papel relevante.

Faz-se necessário retomar a distinção entre "eugenia" e "eugenismo". No *Boletim de Eugenia*, Kehl (KEHL, Fundo Renato Kehl, DAD-COC, In: Ano I, n. 10, 1929) publica um artigo explicitando a complementariedade entre eugenia de eugenismo. Afirma a eugenia como uma "ciência" que "investiga o patrimônio da hereditariedade das famílias, aprecia as qualidades físicas e mentais de seus componentes, tendo em conta o estado da 'semente' germinal que é o elo da cadeira hereditária das gerações sucessivas." (KEHL, Fundo Renato Kehl, DAD-COC, In: Ano 1, n. 10, 1929, p. 3). O eugenismo é "tudo quanto se pratica para

[101] É preciso advertir que o objetivo desta pesquisa não é tematizar a questão da loucura e tampouco a política de encarceramento, pelo contrário, a finalidade é demonstrar que a proposta de encarceramento das pessoas consideradas anormais teve maior vulto a partir das propostas dos ideólogos do movimento eugenista. Em relação à loucura, o leitor interessado pode consultar: HEGEL, Wilhem Friedrick. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969. v. III; SAMPAIO, Benedicto Arthur. Psiquiatria possível ou impossível? **Revista Temas de Ciências Humanas**. São Paulo, n. 9, 1980. Sobre o estudos de Hegel referente à loucura, ver: OYUAMA, Maurício. **Razão triunfante**: notas sobre a visão da loucura nos escritos de Hegel. Disponível em: <http://www.historia.uff.br/cantareira/v3/wp-content/uploads/2013/05/e09a02.pdf>. Acesso em: 16 dez. 2014.

favorecer os propósitos da Eugenia. Os preceitos de higiene, educação; o saneamento, as medidas legais, tudo enfim que visa proteger e melhorar a situação dos indivíduos, ipso-fato irá defender e melhorar a espécie". (KEHL, Fundo Renato Kehl, DAD-COC, In: Ano I, n. 10, 1929).

Em seu artigo intitulado "Higiene e Eugenia" (1956), defende que aos poucos as pessoas cultas e sensatas viriam a reconhecer a importância das leis biológicas como base para a permanência da vida e acresce, de modo promissor, "a adoção do ensino da ciência e da moral eugênicas em muitas escolas. [...]. Sua execução depende da vontade do povo e esta vontade de sua educação". (Material avulso, In: Fundo Renato Kehl, DAD-COC, KEHL, 1956).

É nesta classificação que o projeto de educação e o sanitarismo são inseridos, pois, acreditava que a educação deveria ser realizada por meio da conscientização e de divulgação da ideologia eugênica. Concebia-a em três frentes: (1) politização das "elites"; (2) propagação da eugenia por meio da produção de conhecimento, como artigos, livros e eventos sobre a temática, logo, o trabalho de difusão de ideias é fundamental no processo educativo; (3) política de Estado, ou seja, a ideologia deveria ser difundida nas escolas, universidades e em outras instâncias do poder público.

É a partir desses anseios que Kehl propõe a orientação de cariz educacional, encampando as discussões sobre os "bons" modos, forma de "melhor comportamento", os cuidados, inclusive higiênicos, devem ter sempre como pano de fundo a perspectiva eugênica. Escreveu dois livros, como suporte pedagógico: *A Fada Hygia* (1925), conhecido como o primeiro livro de sobre "higiene"; e a *Cartilha de Higiene*[102].

Esses trabalhos são publicados em um contexto privilegiado de investimento na política educacional. São materiais didáticos direcionados aos ensinos primário e secundário e, ainda, sobre educação, sanitarismo; logo, serviriam como ferramenta de conscientização ancorado na ideologia da eugenia. Segundo Kinoshita (2013, p. 12): "Os manuais escolares surgem, nesse contexto, como instrumento para auxiliar a educação dos indivíduos, visando fortalecer os corpos e afastá-los dos males causados pelas péssimas condições sanitárias e pelos hábitos sociais considerados viciosos".

[102] Ao que tudo indica, data do ano de 1936, porém a edição a que tivemos acesso, segundo a história deste material, teve sua reedição intitulado *Alfabeto da Saúde* (1985).

Quando *A Fada Hygia*[103] é publicado, Kehl ocupava a função de inspetor sanitário e, no primeiro mês de 1925, conforme constatamos nos arquivos, os principais jornais e órgãos divulgaram notas saudando-o, a saber. Da Academia Brasileira de Letras, o Dr. Osório Duque Estrada faz o seguinte comentário: "Não tenho senão palavras de incitamento e de aplauso ao novo trabalho com que se vai recomendar à administração de todos os bons brasileiros o já conhecido e festejado autor da 'Eugenia e Medicina Social' e da recente obra 'Melhoremos e Prolonguemos a Vida'; no *Jornal do Comércio:* "É um livro ao mesmo tempo encantador pela amenidade do estilo e pela simplicidade da frase. É trabalho de grande mérito"; e por fim, o comentário do Dr. Carneiro Leão (diretor-geral da Instrução Pública): "Este livrinho é um belo serviço prestado ao Brasil". (Fundo Renato Kehl, DAD-COC). Ainda, é necessário afirmar que o livro contou com o apoio da Diretoria de Instrução Pública do Distrito Federal e do Estado de São Paulo.

Na pesquisa realizada por Kinoshita, constam dois recortes que ilustram que a repercussão do referido livro extrapolou o âmbito do estado de São Paulo, como, por exemplo, "em algumas bibliotecas de Minas Gerais, mais precisamente na biblioteca do Grupo Escolar do Rio Branco", e ainda, consta a existência do livro no "acervo pessoal de uma professora do ensino primário da Paraíba. Esses dados mostram que o manual não circulou somente nos escritórios jornalísticos, entre médicos, intelectuais e outros profissionais mas que, de fato, pode ter chegado a algumas escolas primárias brasileiras". (KINOSHITA, 2013, p. 125).

Em seu livro *A Fada Hygia,* elogia Oswaldo Cruz, principal responsável pela extinção da febre amarela e a peste no Rio de Janeiro, congratula seu sogro Belisário Penna, considerado um dos principais higienistas do Brasil e, além das dedicações, sugere algumas palavras às mães e aos professores, sobre a carência existentes no ensino público em relação ao ofício da higiene nas escolas, argumentando ser uma das falhas no "sistema educativo". (KEHL, *A. F. H.,* 1925, p. 5). Defende que a educação deve ter sentido mais pleno do termo para elevar a cultura e o espírito do corpo, contribuir para o robustecimento do caráter, na elevação do civismo, "bases essas indispensáveis para formar um povo de cidadãos conscientes de seus deveres e gerações futuras de homens equilibrados" (KEHL. *A. F. H.,* 1925, p. 5). As crianças deveriam ser submetidas ao conhecimento em seu cotidiano, pois a educação é uma tarefa realizada do dia a dia, neste caso, a higiene tem de ser uma prática

[103] Em relação ao histórico do livro e sobre os "manuais" eugenistas ver em especial KINOSHITA, Carolina Toshie. **Um D. Quixote científico a pregar para uma legião de panças**: os manuais escolares de higiene à sombra da eugenia (1923-1936). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

educativa. A educação higiênica é o caminho para o combate da ignorância e dos males existentes, assim como é a sua tarefa a defesa da saúde, melhorar e preparar a constituição física das crianças, para a evolução física e intelectual.

Aos mestres e às mães cabe a tarefa de transmitir seus conhecimentos às crianças e aos jovens. O livro, no entender de Renato Kehl, é um material cuja finalidade é educar as crianças, para a obediência e "civilidade", e afirma que a potencialidade das crianças em assimilar tais fundamentos é grande, mesmo que elas tenham 5 ou 8 anos de idade. Em suma, a educação plena deve ter seu sucesso a partir de um modo satisfatório de ensinar e de convencer.

No âmbito metodológico e didático, o propósito do livro é aconselhar as crianças, por meio de frases curtas e de fácil entendimento, acompanhado de breves considerações sobre higiene. Kehl sugere que o professor leia um capítulo por dia às crianças, buscando identificar o que foi entendido e evidenciando as dúvidas referentes aos temas versados. Apela aos professores a cooperação nesta empreitada, pois o sucesso de uma educação higiênica do povo e a sua regeneração são a garantia do progresso do povo brasileiro; é tarefa das mães, dos professores, ancorados no patriotismo e consciência nacional encampar a consciência sanitária. (KEHL, *A.F.H.,* 1925, p. 10). Assim, conclui a sua introdução conclamando todos a tomar esse projeto em nome de uma nova espécie humana, em suas palavras: "O vosso dever é, pois sublime, e a vossa responsabilidade incomensurável". "O Brasil de amanhã está nas nossas abençoadas mãos". (KEHL, *A.F.H.*, 1925, p. 10).

O livro está estruturado em capítulos sobre a higiene, saúde, as doenças, as prevenções na contração de doenças contagiosas e orientações para garantir mocidade com qualidade. Todas as indicações são retratadas por meio de histórias, cuja principal personagem é a Fada Hygia, ou, se quiser, "a fada da saúde" que ensina as pessoas sãs a conservar a vida.

Para ilustrar a qualidade do livro, vejamos uma citação que mostra o cuidado que o nosso autor teve no trato referente aos conceitos versados ao longo de seu texto:

> A higiene (assim se chama a arte de conservar a saúde) ensina os homens a evitar as doenças, as pestes, contribuindo, dessa maneira, para que vivam mais tempo e mais felizes. A higiene, meus amigos, é a nossa maior amiga e protetora. Ela é, como um anjo bem fazê-lo, zeladora de nossa vidas. Sempre alerta, dá-nos conhecimentos, meios e coragem para combater os nossos piores inimigos, isto é, as doenças.
> -Todos vocês, devem, pois, tê-la na maior consideração, aceitar os seus conselhos e nunca desobedecê-los.
> - Vai ela, agora, falar.
> - Atenção. (KEHL, *A.F.H.*, 1925, p. 16).

Renato Kehl tece seu texto com uma metodologia para entreter as crianças, conclamando-as para refletir sobre a importância da saúde e da higiene, versando sobre vários temas. De acordo com Kinoshita (2013, p. 133):

> o autor trata detidamente de cada componente da vida do individuo: o ar, a água, o alimento, a habitação, o asseio do corpo, os exercícios físicos, (que podemos considerar como brincadeiras), os maus hábitos, os bons hábitos, o sono, as vestes, os micróbios, as doenças, os vícios, os vermes intestinais, o mosquito, os animais peçonhentos.

Outro aspecto que deve ser considerado é o contexto em que o livro foi produzido, ou seja, 1925, quando o Brasil está vivenciando as epidemias, doenças como a tuberculose, entre outras. É um Brasil com um contingente expressivo de pessoas vivendo em moradias precárias, sem saneamento básico, em condições insalubres e sem condições mínimas de uma vida digna, sem "direitos elementares" para sobreviver. Entretanto, o material plasma com o ideário não somente "higiênico", mas com certa carga eugênica. Neste contexto, o livro de Kehl, do ponto de vista conceitual e metodológico, é a prática do eugenismo difundida para as crianças como ponto de partida para a resolução de problemas sociais.

Assim, os "problemas" do contexto nacional, miséria e pobreza, são abordados como consequência dos próprios pobres, ou seja, em todo o livro, o pauperismo é atribuído às próprias pessoas, uma vez que elas (os pobres) sem orientação, do ponto de vista higiênico, podem contrair todo tipo de doença. Essa forma de moralizar a miséria e o pauperismo está presente em toda a obra, por exemplo, nos conselhos dados pela "fada da saúde", como o que diz que "as vestes merecem os mesmos cuidados de asseio que o corpo" e mais adiante: "Pelas vestes se pode julgar o indivíduo esmerado, de fino trato ou, ao contrário, o desmazelado, lambão, o sujo ou o grosseiro sem educação"; e continua: "Mais vale uma roupa grossa, remendada e limpa, que outra de seda e suja". E conclui afirmando que: "A pobreza não impede a limpeza". (KEHL, *A.F.H.,* 1925, p. 99). Essa forma de tematizar a pobreza era uma ação presente naquele período, para não mencionar em nossa atualidade, pois, atribui ao "esfarrapado" a culpa não ter condições de obter vestimentas que garantam melhores condições de se aquecer de maneira digna.

O livro contém informações válidas, como orientações sobre os cuidados higiênicos etc., todavia, as questões levantadas são descoladas da realidade brasileira, conforme constatamos. É um país de extrema pobreza com descaso exorbitante por parte do poder público; estamos nos referindo a um Brasil que não havia completado sequer meio século da abolição da escravatura, logo, nos obriga a refletir as condições desse país, que ainda estava "elaborando", pensando, propondo a consolidação e um "determinado povo". É nessa

perspectiva que o livro é utilizado, isto é, como instrumento de conscientização do "povo" no viés eugenista.

Entusiasmado com o sucesso de seu livro educativo, Renato Kehl elabora outro empreendimento com a mesma finalidade: encampar a educação eugênica de forma pedagógica, interligando-a com o sanitarismo, considerando temas da cotidianidade. Trata-se da *Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde*[104], elaborada em parceria com o ilustrador e caricaturista Francisco Acquarone (1900-1959), pintor, ilustrador da obra D. Quixote, trabalhou nos jornais *O Globo, O Jornal, Don Casmurro, A noite, O malho, as ilustrações brasileiras e entre outros*[105] (KINOSHITA, 2013).

O livro foi elaborado a pedido também dos educadores, na mesma perspectiva do anterior, embora com o número de páginas menor (apenas 50 páginas, considerando o prefácio). Faz-se necessário mencionar que, nessa cartilha, Renato Kehl trabalha com textos mais curtos, investindo em imagens destacando os temas abordados no livro.

No prefácio, Kehl acentua que o objetivo do livro é possibilitar a formação de *bons hábitos*, num viés pedagógico, em particular para a "primeira infância, e para alcançar resultados ótimos, é mister que a educação tenha em vista a tendência natural de as crianças se interessarem pelo que lhes agrada e de melhor aceitarem o que compreender". (KEHL, *A.D.S.*, 1985, p. 5).

O livro versa sobre a história de três irmãos que exercem atividades preventivas de cariz higiênico:

> Yolanda, Zenaide e Xisto são três irmãos bem educados.
> Levantam-se cedo todos os dias.
> A primeira coisa que fazem é tomar um banho frio.
> Eles sabem que o asseio do corpo é indispensável à saúde e que só os gatos tem medo de água fria.
> Depois do banho vão ao quintal para respirar ar fresco.
> Aspiram e expiram lenta e profundamente pelo nariz, levantando e baixando os braços.
> Fazem isto 8 a 10 vezes seguidas, todas as manhãs, porque este exercício é muito bom para a saúde. [...]. Os três irmãos sabem portar-se direitinho.
> - Qual de vocês quer se parecer com eles?
> - Basta imitá-los. Eles não umedecem as pontas dos dedos na saliva para virar as páginas do livro; nem levam o lápis, a caneta e outros objetos à boca, porque lhes foi ensinado que isto não deve fazer, quem é educado e asseado. (KEHL, *A.D.S.*, 1985, p. 7-9)

---

[104] Advertimos que o livro ao qual tivemos acesso foi uma reedição e obteve a mudança de título de *Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde* para *Alfabeto da Saúde*. Rio de Janeiro, 1985. Exceto o título, o texto continua o mesmo da primeira edição.

[105] Esta rica parceria entre Renato Kehl e o Francisco Acquarone pode ser melhor apreciada na pesquisa de Carolina Toshie Kinoshita – **Um D. Quixote Científico a pregar para uma legião de Panças**: Os Manuais escolares de higiene à sobra da eugenia (1923-1936). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

A visão pedagógica estava ligada à perspectiva da alfabetização. Ao apresentar uma temática, Kehl parte do "alfabeto" como, por exemplo, ao mencionar *ar* para a sobrevivência dos seres humanos ele destaca a letra "a" e discorre sobre outras palavras ligadas à saúde e derivada da vogal: A de **Ar**, **Água**, **B** de **Banho**, e assim apresentados temas de A a Z.

Outro elemento, válido também para *A Fada Hygia*, são os personagens das ilustrações: todos são "brancos", "civilizados"; um livro com ilustração de mundo de brancos, nenhuma das pessoas nos desenhos se aproxima de grupos de outras etnias.

Podemos captar indícios sobre o *projeto eugênico* de nação brasileira, isto é, por meio de um material educativo, elucidando os caminhos para superar a condição de miséria e pauperismo, os protagonistas não refletem a realidade em nosso País, ao contrário, é sempre o "branco", assemelhando-se às culturas de tradição típica europeia. Tal argumentação abre espaço para refletirmos sobre os materiais didáticos em nossa atualidade, visto que na sua maioria, ainda há uma ausência de outros grupos em relação aos "brancos" que sempre são veiculados tanto nos livros didáticos, bem como nos meios de comunicação.

Por fim, um fator que está contido nos dois livros apontados é a pobreza, ou seja, todos os "problemas" a serem enfrentados. Em nenhum momento, o autor identifica as contradições como resultado da luta de classes, ao contrário, permanece preso na forma biológica e positivista de compreensão da sociedade, as questões podem ser superadas por meio da moral. Isto é, se o indivíduo ler e colocar em prática as orientações contidas no livro, a situação de miséria será sanada, basta ter "boa vontade" para superar as adversidades, em suma, não interessa se existe ou não condições materiais para superação é só "querer" que o indivíduo muda a realidade.

Não precisamos avançar em relação à prospectiva da educação eugênica de Renato Kehl. O intento foi demonstrar a sua preocupação na divulgação da eugenia a partir de livros pedagógicos, aclamados pelas elites do Brasil. O empreendimento demonstrado confirma a perspectiva do movimento eugenista no País, cuja finalidade era pulverizar a ideologia da eugenia na sociedade brasileira, não importando o local, seja nos meios de comunicação, nas instituições públicas ligadas a políticas e à medicina, bem como nas escolas primárias.

Concordamos com Kinoshita (2013, p. 163), quando afirma que "com vistas a introjetar normas higiênicas, para, aos poucos, preparar e fortalecer as crianças para a assimilação das concepções eugênicas, que deveriam ocorrer no ensino secundário", a perspectiva de Renato Kehl foi, conforme já mencionada em outras passagens, a de forjar "seres humanos eugenizados", ou uma "espécie humana melhorada", uma legião de "mocidade".

Kinoshita (2013, p. 164) levanta um aspecto sobre a reedição, em 1985, da *Cartilha de Higiene: Alfabeto da Saúde*, publicada na década de 1930:

> As ações eugenistas praticadas na Alemanha aterrorizavam o mundo, sendo posteriormente negadas e condenadas. Ao localizar o *Alfabeto de saúde (*1985) deixamos uma porta entreaberta para novas pesquisas. E inúmeros questionamentos que envolvem a (re)publicação do manual ligado ao movimento eugenista, em plena década de 80, quando aparentemente esses ideais foram silenciados.

Em 1929, em *Lições de Eugenia*, Renato Kehl, lastima sobre o estado de miséria física que se encontra a população brasileira, embora a campanha pela higiene e pelo sanitarismo trouxesse resultados expressivos, pois possibilitou convencer os gestores públicos, aqueles classificados por ele de "classe dos intelectuais", o setor religioso e, por fim, "a classe dos farmacêuticos", termo utilizado por Kehl, em prol da campanha, que traduzia o espírito patriótico. Os avanços foram significativos, basta verificar as estatísticas referentes às demografias sobre o sanitarismo, que demonstram a queda de doenças tais como ancilostomose, o impaludismo e a sífilis, que foram "entravadas, energicamente, na sua ação destruidora, bem assim, alguns outros males de caráter endemo-epidêmico". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 206). Assim, Renato Kehl não tem dúvidas de que o Brasil tornou-se melhor, porém, ainda, em sua perspectiva, há muito o que fazer, caso a "propaganda, os trabalhos e o entusiasmo não arrefecerem". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 206).

Kehl acreditava que a campanha eugênica deveria ser ampliada, em suas palavras:

> Torna-se indispensável que ela seja previamente preparada e reforçada pela colaboração anuente do público, e esta, em grande parte, só é conseguida após inteligente propaganda persuasiva, desenvolvida pela imprensa e pelos conferencistas. Ao professorado cabe magna parte nos resultados definitivos, porque são eles que criam, indelevelmente, no espírito atilado e permeável das crianças e dos jovens a "consciência sanitária", formando gerações sucessivas de indivíduos esclarecidos em relação à própria saúde de sua descendência. (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 206).

Kehl clama pela garantia da educação eugênica como uma necessidade social, pois a educação do povo é de fundamental importância para a assimilação dos ditames da saúde eugênica. A realização do "verdadeiro Brasil", para ele, só será alcançada quando for estabelecida uma "consciência cívica, quando todos os brasileiros souberem zelar a saúde física e psíquica, quando todos os brasileiros, em fim, se tornarem aptos para o trabalho e para a cidadania". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 206).

Novamente, vemos a preocupação com a realização de uma cidadania plena e de um "tipo" de trabalhador moldado pela educação higiênica, ou seja, pelo eugenismo. Daí a responsabilidade dos professores na tarefa de educar os indivíduos, ou seja, de escolas

públicas ou privadas, a tarefa de educar os indivíduos, não importando a classe, idade e sexo, em relação à saúde e aos cuidados higiênicos. Ele arremata sua argumentação asseverando a importância da "regeneração racial", pois torna-se necessário ampliá-la em seus propósitos "melhoristas de orientar os indivíduos, não só para o bem deles próprios como para a sociedade, acrescentando a educação eugênica". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 207).

Ao longo de seu texto, Kehl identifica na educação o método de viabilização das ideias eugênicas para melhorar as "proles" e, somente a partir de um método moral, na crença de que os homens venham a se preocupar com a posteridade e a "responsabilidade" com a coletividade e, ainda, um método legislativo e econômico, visando ao estabelecimento de leis e medidas capazes de assegurar a "multiplicação menos rápida das proles inferiores, a fim de que as das linhagens superiores as sobrepujem" (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 209). É necessário afirmar que seu plano educacional engloba orientação tanto no âmbito da saúde, como nas relações sexuais, somando-se os cuidados do casamento para que não seja realizada a união entre eugênicos e disgênicos.

Em *Sexo e Civilização: Aparas Eugênicas* (1933), Kehl destaca a Primeira Conferência Pan-Americana de Eugenia, realizada em Havana, em 1927, a qual aprovou o "ensino obrigatório de eugenia em todos os estabelecimentos de ensino secundário e superior" e o "Congresso de Educação, realizado em Curitiba, nesse mesmo ano, onde aprovou idêntica proposta". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 211). O seu argumento é reforçado ao mencionar a prática do ensino de eugenia nos EUA, nas universidades da Inglaterra, tendo cadeiras especiais em Cambridge, em Munich, e de quase todas as universidades da América do Norte. (KEHL, *A.E.*, 1933).

Kehl propõe um esquema denominado "as bases de um programa para o ensino de eugenia" (KEHL, *A.E.*, 1933), com a finalidade de apresentar a definição de eugenia, considerando o aspecto teórico, prático e individual; em seguida, apresenta um esquema para o "ensino das medidas propostas pela Eugenia" (KEHL, *A.E.*, 1933); por fim, propõe outro esquema nomeado por ele de "esquema dos remédios propostos". (KEHL, *A.E.*, 1933), em que preconiza quinze tópicos asseverando medidas que levem em consideração os casamentos eugênicos, propostas de esterilização de "anormais e criminosos" e tantas outras.

É necessário frisar que esse livro, *Aparas Eugênicas*, de 1933, oferece pista referente à produção teórica do nosso autor. É um momento em que Renato Kehl acumulou bastante conhecimento sobre eugenia, pois foram realizados vários congressos internacionais sobre o tema e que contou com número expressivo de organizações eugênicas, cursos em

universidades renomadas em todo o mundo, leis de caráter eugênico. As experiências vivenciadas por ele permitiram-no apresentar o projeto eugênico de maneira mais adensada.

Todavia, continua suas lamentações, principalmente quando se refere à educação, ferramenta indispensável para a construção do ideário eugênico, mas aludindo à importância da formação dos educadores, visto que para ele o malogro sobre a eugenia no âmbito educacional é responsabilidade dos pedagogos que, em sua maioria, não se apropriaram dos conhecimentos sugeridos.

Além de propor escolas como locais privilegiados de pulverização das ideias eugênicas, a fim de consolidar "elites eugênicas" e uma legião de "indivíduos apenas intelectualmente superiores", Kehl sugere dois "modelos de escolas": *escola-lar* e *escola-lar-eugênica* (KEHL, *A.E.,* 1933, p. 219).

À *escola-lar* preconiza a realização de uma consciência de *comunidades* escolares, visando à formação de "indivíduos" disciplinados, em especial na escola. Deve formar alunos com espírito de coleguismo e disciplina corporativa; em suma, tem de consolidar um aprendizado de espírito comunitário, integrando pais, mestres, perspectivando a criação de uma verdadeira comunidade (KEHL, *A.E.*, 1933).

Em relação à *escola-lar-eugênica*, defende a consolidação de *elites* de classes, cujas pessoas sejam selecionadas segundo a sua vocação, considerando, sobretudo, o histórico familiar dos alunos a partir da história dos pais e avós. Uma vez verificado o histórico dos familiares, identificando, assim, no passado, pessoas sadias e inteligentes, com valores morais e com "boas capacidades", estaria garantida a proximidade com os preceitos eugênicos (KEHL, *A.E.*, 1933).

Uma vez consolidadas as escolas propostas por Renato Kehl, a educação no Brasil, para ter sucesso, deveria ainda levar em consideração uma gama de itens os quais resumimos da seguinte forma (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 220-221):

- Aproximar o lar do educando e a escola, no sentido garantir trocas mútuas (escola-lar, escola-exemplo, escola-cooperação);
- Educar no sentido de conseguir um livre, agradável desenvolvimento das disposições naturais, das forças do corpo e do espírito, da vontade e da inteligência, para que os jovens possam servir, eficazmente, a eles próprios a coletividade;
- Educar para a simplicidade; uma educação moral, aludindo ao desenvolvimento da personalidade, e tendo como fito a disciplina externa (relação com o meio social), considerando a disciplina interna, caracterizando um homem livre;

- Educação intelectual para desenvolver as capacidades criadoras, produtivas, e uma educação social para formar homens independentes, mas sociáveis, no sentido de despertar e de formar consciência de que o homem deve visar o bem comum, justo, belo e verdadeiro;
- Educação para o trabalho, cujo escopo é o cultivo da vocação, fomento e autoatividade;
- Educação para os prazeres sadios, pelo gosto da arte, coros e concertos;
- Educação coeducativa, que seria a educação sexual no âmbito moral, da infância até a puberdade, com separação dos sexos;
- Educação patriótica, visando amor à terra, à bandeira, aos grandes homens, tendo como fito o amor aos homens e o horror a guerra. Ainda, no que tange à educação patriótica, que fossem realizadas festividades elegendo cinco homens exemplares da nacionalidade;
- Nesta escola, os professores serão os *mestres escola da família;*
- Cada escola será um lar, onde o professor casado terá de residir com os discípulos, de 5 e no máximo 12 integrantes. A escola grupo consistirá em escola-master ou escola geral.

Os pontos apresentados sintetizam a proposta de educação e visão de escola preconizada por Renato Kehl, que acreditava que as suas proposituras, uma vez objetivadas, produziriam "verdadeiros homens", visto que ele reclamava a ausência de uma

> elite culta, orientada, saudável e disciplinada em nosso país, quando encontrado (homens de elites!) eram nos "cacos de uma sociedade individualista e tresmalhada, alguns homens dignos, porem baldados e de iniciativa, de combatividade mas em compensação, triste compensação, cheios de indulgencia e de – paciência. (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 223).

Por essa razão, acreditava que a educação teria um papel fundamental para a realização do projeto eugênico, pois, somente com ela é que seria efetivada a eugenia no Brasil, por meio de homens cultos, límpidos. A eugenia seria uma maneira de aperfeiçoar os homens, daí a sua conclusão em relação ao projeto de educação eugenista, ao frisar de maneira otimista: "Formemos, pois, a nossa 'elite', que tudo o mais temos a sobrar!". E continua: "É por assim pensar que preferimos, a 1.000 escolas para alfabetizar, 1 boa escola para educar". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 223).

É sabido que as propostas eugenistas de educação iniciam-se de maneira mais incisiva a partir da década de 1920 e toma maior vulto com o Governo Vargas, em especial a partir da consolidação do Ministério da Educação e Saúde, cuja figura mais emblemática foi Gustavo

Capanema, que mantinha íntima relação com os pensadores conservadores como, por exemplo, Oliveira Vianna e outros, subsidiando com elementos a efetivação de um projeto de educação no Brasil, cujo pano de fundo era consolidar o "homem eugênico" brasileiro almejando atender as necessidades do desenvolvimento industrial.

Vargas consolidou uma educação de cariz eugênica concatenado com as proposituras pedagógicas de Kehl, desde a difusão dos valores morais e patrióticos aos estudantes, a transmissão do amor à pátria e o respeito às tradições, enfim valorização da pátria e da família. Isto é, após a Revolução de 1930, efetivaram-se políticas administrativas para a reforma educacional, a fim de assegurar a universalização do ensino no Brasil, pois: "A expansão levou as escolas públicas, com sua mensagem eugênica, branqueadora e nacionalista, aos bairros pobres e racialmente mistos". (DÁVILA, 2006, p. 33).

Conforme asseverou em seu estudo sobre a presença da educação eugênica no Brasil, Dávila (2006) afirma que os eugenistas brasileiros viam nas escolas um local privilegiado para combater os "degenerados", ou, se quisermos, consolidar "homens eugenizado" com espírito nacionalista. De modo geral, os projetos de educação para o Brasil a partir das primeiras décadas do século XX – considerando as reformas de Afrânio Peixoto, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Gustavo Capanema – estavam ancoradas no viés eugenista[106].

Havia uma ânsia em realizar escolas eugênicas, nos moldes de um Brasil mais europeu, por isso educadores do ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, até "o psicólogo infantil Manoel Lourenço Filho, o compositor Villa-Lobos, o autor de diversos livros didáticos de história Jonathas Serrano e o antropólogo Arthur Ramos, todos abraçavam explicitamente essa visão de raça. Naturalmente, para eles o futuro do Brasil era branco". (DÁVILA, 2006, p. 25-26).

---

[106] Em relação à objetivação da eugenia no âmbito da educação ver em especial: DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**. Política social e racial no Brasil – 1917-1945. São Paulo: Editora Unesp, 2006. Neste livro, Dávila apresenta um episódio elucidativo sobre a concepção de homem eugenizado de Capanema quando encomenda uma estátua que seria alocada em frente ao prédio do Ministério da Saúde e Educação no Rio de Janeiro, cujo projeto, ao ser apresentado pelo arquiteto, fora objeto de controvérsia em virtude de não representar "O Homem Brasileiro", pois a arte viria a reproduzir um "homem mestiço", ao contrário daquilo que almejava o gestor do Ministério, pois, "tudo o que Capanema esperava que o Brasil deixasse para trás". (DÁVILA, 2006, p. 49). Ainda na perspectiva da eugenia e educação, ver: FILHO, Sidney Aguilar. **Educação, autoritarismo e eugenia**: exploração do trabalho e violência a infância desamparada no Brasil (1930-1945). 2011. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011. Por fim, a pesquisa de Mauro Castilho Gonçalves: Educação, higiene e eugenia no Estado Novo: As palestras de Savino Gasparini transmitidas pela Rádio Tupi (1939-1940). **Cadernos de História da Educação**, v. 10, n. 1, jan./jun. 2011. O autor analisa os discursos proferidos por Savino Gasparini, na Radio Tupi/RJ (nos anos de 1937-1945). Gasparini, de formação médica, foi membro da equipe técnica do Ministério da Educação e Saúde. As suas palestras versavam temas, como por exemplo, saúde e higiene.

Ainda no âmbito da consolidação da perspectiva de Kehl, é preciso mencionar que, em 1936, ele foi convidado a participar de uma sessão solene no Salão nobre da Câmara Municipal de São Bernardo do Campo, relacionada à ratificação da lei municipal intitulada a Campanha Eugênica, de autoria do vereador e farmacêutico Fioravante Zampol[107].

Apenas para elucidar, basta verificar o artigo 1º da Lei: a) o "combate ao alcoolismo"; b) Combate à sífilis e outras moléstias venéreas; c) Propaganda "Pró-exame Médico Pré-nupcial; d) Propaganda contra o matrimônio dos tuberculosos, hansenianos e tarados; e) Conselhos Gerais de Eugenia; f) Educação física; g) Amparo à maternidade. A proposta de lei preconizava ainda a publicidade sobre a eugenia nas escolas, instituições; consolidação de clubes eugênicos; estudos e observações dos conselhos de eugenia a fim de serem publicados na imprensa local; além de propor a aquisição por parte do município de livros e trabalhos relacionados à ideologia da eugenia, disponibilizando-os aos médicos do município e aos demais interessados e que os materiais adquiridos fossem colocados à disposição das bibliotecas públicas. Faz-se necessário frisar que a lei foi elaborada com base nas proposituras de Renato Kehl. Conforme carta recebida pelo vereador Zampol, Kehl avaliou o projeto e ainda fez seus devidos comentários a fim de enriquecê-la mais ainda[108].

Neste tópico, acompanhamos a propositura de Renato Kehl sobre a aplicação prática da eugenia, por meio da educação e do sanitarismo. Somente com o sanitarismo as doenças podem ser evitadas e impedir o "aumento das degenerações da nossa gente rural e até mesmo urbana – *infeliz". (*KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 40). Assim, "educar são desígnios da eugenia, que – com um programa mais amplo que a medicina social, visa não só o indivíduo a coletividade presente, com a descendência futura". *(*KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 43).

3.5 A mulher do ponto de vista eugênico

Ao estudarmos de maneira mais detida o movimento eugenista, identificamos que os seus principais protagonistas eram homens renomados, grandes estudiosos, inclusive reconhecidos em nível mundial, tanto pela "comunidade" médica como em outras esferas da

[107] A proposta de lei e os discursos no evento tanto de Renato Kehl, bem como do proponente da referida lei – Fioravante Zampol –, podem ser consultados no Departamento de Arquivos da Fundação Oswaldo Cruz – Sala de Consulta.

[108] A carta abaixo comprova a nossa argumentação: "Digníssimo vereador da Câmara Municipal de São Bernardo. Por intermédio de gentil portador recebi a comunicação do benemérito trabalho que V.S. está desenvolvendo nesse município, em prol dos ideais eugênicos. Recebi também o recorte do 'Estado de São Paulo' que reproduz o projeto de Lei apresentado por V.S. cuja leitura acabo de fazer com muito interesse. É com maior fusão que apresento as minhas felicitações pelo seu projeto que, poste em prática, trará inestimáveis benefícios para a formação eugênica das novas gerações". (Fundo Renato Kehl – DAD-COC).

produção do conhecimento, em particular, no âmbito da Biologia, Sociologia e Antropologia. Porém, o fato de os "intelectuais orgânicos" terem preeminência masculina não significa afirmar que não houve mulheres que atuaram e produziram teoricamente o movimento, como é o caso da americana Margareth Sanger, reconhecida nos EUA e entre outros países e aqui no Brasil, inclusive, referência para Renato Kehl validar a sua argumentação sobre o papel e a condição da mulher na sociedade brasileira, que não passou ilesa no movimento, ao contrário, ocupou lugar central em seu arcabouço teórico, no qual anuncia o "tipo ideal de mulher" – a eugênica – e ocupou lugar central no movimento, sobretudo, pela atuação das próprias mulheres.

Desta forma, comparativamente, os homens tiveram maior visibilidade quanto ao sucesso de suas produções no âmbito do grupo seleto daqueles que se colocaram a serviço da "cruzada eugenista[109]", porém, não sem a resistência das mulheres.

O que nos autoriza afirmar que havia mulheres atuantes neste movimento foi uma das cartas do acervo de documentos pessoais de Renato Kehl (Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). Trata-se de uma carta da militante do movimento anarquista no Brasil, Maria Lacerda de Moura[110] (1887-1945), encaminhada a Roquete-Pinto, reivindicando a sua participação no Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, realizado no Rio de Janeiro, em 1929.

Em sua carta, Lacerda de Moura reivindica o direito de defender a sua tese intitulada "A emancipação feminina". Nesta carta tece o seguinte comentário:

> Inútil pensar em Eugenia, em defesa da espécie, se a mulher é escrava social do preconceito sexual, através da monogamia hipócrita. [...] e na lista dos inscritos não vi um só nome de mulher! Um congresso de eugenia só de homens é prova de que estamos muito distantes da solução do problema. (Maria Lacerda de Moura, 25 de maio de 1929. In: Fundo Renato KEHL, DAD-DOC).

Ao consultarmos as atas do Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, verificamos que, ao que tudo indica, a participação de Maria Lacerda de Moura não foi aprovada, pois seu nome não consta nas atas. Lacerda Moura tematiza e politiza a questão da participação das mulheres no congresso. É categórica quanto ao seu posicionamento crítico sobre a condição da mulher como de "escrava social do preconceito sexual", da "monogamia hipócrita" e de "um congresso de eugenia só de homens", ou seja, um congresso que, justamente, corrobora um modelo de mulher criticado por Lacerda Moura, mas necessário para a consolidação de

[109] Esta afirmação fica evidente nas "Actas e Trabalhos" referentes ao Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia, cujas teses e conferências foram realizadas somente por homens.

[110] Para mais informações sobre Maria Lacerda de Moura, ver o artigo de Margareth Rago: "Entre o anarquismo e o feminismo: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabri." Disponível em: <http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf>. Acesso em: 30 abr. 2014.

um modelo de mulher eugênica defendido, por exemplo, por Renato Kehl, conforme será demonstrado a seguir.

Renato Kehl, em sua produção, buscou tematizar a "questão da mulher" e, na *Revista da Semana*[111], escreveu uma quantidade expressiva de artigos referentes às mulheres que preconizam "modelos de mulheres", tratam de um "tipo ideal" de cabelo, o cuidado com a "nudez", as formas e os comportamentos que as mulheres deveriam ter para se "tornar" uma mulher "padrão". Ou seja, a forma de conceber a mulher estava intimamente ligada com o ideário eugenista.

Em *A Cura da Fealdade* (1923), *Melhoremos e Prolonguemos a Vida* (1923), *Formulário de Beleza* (1927) e *Lições de Eugenia* (1929), Kehl aborda as questões referentes à mulher no viés eugenista, ou seja, como deve se portar, quais os procedimentos que deve adotar para "escolher um bom marido", como deve adquirir "bons costumes", em suma, a mulher eugênica é aquela que não expresse a "fealdade", deve ter um tipo "específico de cabelo", o modelo de mulher "bela" seria a mulher "jovial", de cabelos longos, lisos, cuja feição deveria se aproximar ao estereótipo da "mulher branca".

A figura patriarcal de Renato Kehl também pode ser identificada nas suas obras, visto que nas dedicatórias não faz nenhuma menção a sua esposa, pelo contrário, sempre dedica aos colegas e, principalmente, ao seu sogro Belisário Penna.

Em *Melhoremos e Prolonguemos a Vida,* assevera que o mundo está positivamente em ebulição: "Reis perdem a coroa, príncipes emigram, povos escravizados desmancham-se em cortes revolucionárias enquanto governos se democratizam a ferro e fogo. Um caos!". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 231). Para o autor, em meio a essa fervura, um grande movimento se nota nas "fileiras femininas. A mulher começa a reagir seriamente, contra o predomínio, contra a submissão imposta, desde muitos séculos, pelo homem. Diligencia nivelar-se a ele, não só no lar, como na rua, nas fábricas, nas academias e nos governos". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 231). Kehl pondera que a luta da mulher por direitos na vida social é remota, mas afirma que os resultados são satisfatórios, inclusive já se fazem sentir na sociedade, pois, "ultimamente a mulher começou a abrir novos caminhos e vastos horizontes nas suas pretensões. Já domina no lar, vence na rua, atinge nas fábricas e academias, situações iguais as do homem". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 232).

[111] Ao pesquisar os documentos pessoais de Renato Kehl, não obtivemos outras informações sobre a *Revista da Semana*, porém, devido à natureza dos textos serem direcionados aos "assuntos femininos", nos parece que o público desta revista era majoritariamente feminino.

Para Renato Kehl, a mulher está quase vitoriosa, resta apenas alcançar o patamar de cidadã, já realidade em outros países. Nada mais justo, para usar uma expressão de Kehl, a mulher exercer funções que são preponderantes pelos homens, por exemplo, ser "labradora", cientista, etc., "mas de permeio a estas justas aspirações, surgem outras, absolutamente, inconvincentes: as preocupações modernas de certas mulheres de se masculinizarem". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 233).

O temor de Kehl em relação à ascensão da mulher o leva a conclusões que casa com o ideário do movimento eugenista:

> Há enorme incongruência no programa de algumas sufragistas que o título de adquirirem o direito do voto – argumentando com bombas de dinamite – se apegam a ambição desmedida de se transformarem em homens de calças, colete e gravata. O Programa destas originais não é abrir às mulheres as portas de todas as carreiras, em torna-las aptas a todos os trabalhos, no manejo de maquinas ou no cultivo da inteligência. O Programa feminista, maximalista, é fazer a mulher masculinizada para concorrer com o homem e em todas as liças da "Struggle for life". As que aspiram esta finalidade absurda, um novo gênero humano, que Alexandre de Albuquerque denominou muito prioritariamente de neutro – "Num ser intermédio entre o homem e a mulher, ser estranho, indeciso, meio termo, com corpo de mulher e alma de homem". Mas, esse critério, de uma minuciosa extrema esquerda, não prevalece. A própria mulher, com sensatez que caracteriza, mui naturalmente, está reagindo contra os dislates de algumas sonhadoras, que pretendem, nem mais nem menos, que criar, na humanidade, uma classe interessantíssima de "assexuada". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 233).

Renato Kehl concebe dois "tipos de feminismo": o bom" e o "ruim". O bom feminismo é aquele aceito para o lugar estabelecido pela mulher, cuja perspectiva é elevá-la para além do patamar em que ela se encontra, no seio da família e na sociedade. Assim, o *bom feminismo* contribui para a consolidação de "boas mães", boas esposas, em suma, deve contribuir para a preservação da mulher na posição de companheira do homem, gabaritada para ganhar a vida com o trabalho, caso seja necessário, e "cultivando talentos, se o tiver". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 233).

O *mau feminismo* é a contraposição aos ditames preconizados acima. Renato Kehl (1923) combate a argumentação das "mulheres extremistas", que afirmam serem os homens contrários ao progresso e à liberdade feminina, pois, para ele, não passa de um engano conceber o homem dessa maneira. "A mulher é a rainha enquanto o homem é o rei da criação. Portanto, dentro deste critério – lógico – cada uma das partes se equivalem". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 235). Considerando que existe uma igualdade entre o homem e a mulher, para o nosso autor, isto significa que a mulher nunca se "masculinizará, da mesma maneira que o homem nunca se afeminará, salvo raríssimas exceções, que, aliás, não podem deixar de se abrir na regra geral". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 235). Na perspectiva de Kehl, tal monta não

exclui a mulher de ter uma vida social e política a fim da garantir os mesmos direitos que os homens.

Buscando historicizar a mulher, argumenta que desde a época primitiva ela não se dedicou às atividades "humanas" em comparação aos homens, sobretudo, ao trabalho intelectual, logo, "a mulher nunca poderá ser, ao mesmo tempo, boa literata e boa mãe". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 240). Neste caso, "quem faz versos, não gosta de choro de crianças. O vagido infantil não se harmoniza com os sons da lira, nem mesmo das gaitas". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 240-41).

Ao construir uma série de argumentações em relação à mulher e comparando-a com o homem, afirma a necessidade de se verificar cientificamente que a mulher é "definitivamente incapaz de nivelar-se ao homem" (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 241). E tece o seguinte argumento, que no seu entender é de cariz "científico":

> Em primeiro lugar, a timidez da mulher a torna inferior sem o ser. Em segundo lugar a cultura masculina vem se fazendo há séculos, ao passo que o adestramento feminino data de muito pouco tempo. Em terceiro lugar o critério masculino nem sempre é justo aquilatar o valor de uma obra de origem feminina. A mulher tem o cérebro idêntico ao homem e poderá desdobrar o seu psiquismo na mesma produção. Mas será que não o faça: a espécie humana seria prejudicada se todas as mulheres quisessem intelectualizar-se. A mulher, por ser mulher, não vence o homem pelos dotes, intelectuais, vence-os pelas suas qualidades morais e físicas. Aprimorai-vos, pois, leitoras amigas, e contai sempre com a vitória nos lances de amor – porque sois o sexo forte – neste terreno (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 242).

No raciocínio de Kehl, o que leva a mulher a ser "inferior" é a sua timidez, e devido ao homem "cumprir" um papel histórico na sociedade, isso faz com que a mulher não ocupe funções expressivas na sociedade. Outra preocupação é a de que caso a mulher venha a ocupar uma posição intelectual de destaque, os homens e a sociedade como um todo seriam prejudicados, mas, na perspectiva do autor, a mulher não conseguiria galgar ao ponto de se equiparar aos homens, pois, a sua submissão a este já está comprovada.

Ignorando a luta das mulheres por equiparação dos direitos sociais e contrário à subordinação aos ditames de uma sociedade masculinizada, as suas conclusões em relação à "inferioridade" são a de que a condição atual da mulher não é resultado da sociedade patriarcal, que tem íntima ligação com a divisão social do trabalho e cuja finalidade é a de assegurar um modo de organização social que sustenta o poder do homem sobre a mulher; pelo contrário, a situação na qual as mulheres se encontram é derivado de características biológicas e hereditárias e não social, tal perspectiva o leva a argumentar a impossibilidade da superação da mulher em detrimento do patriarcalismo.

Em *A Cura da Fealdade* (1923), especialmente no capítulo VII – intitulado "A perfeição plástica feminina" –, abandona a controvérsia sobre a questão da emancipação da

mulher e propõe discutir a "questão da mulher" do ponto de vista eugênico, buscando apresentar qual seria o modelo ideal de mulher a partir do corpo. A mulher teria de ser "perfeita", ausente de deformidades; a "beleza da mulher, não se restringe, porém, em possuir belas formas, proporcionabilidade canônica das partes". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p.77).

As mulheres para serem belas devem ser fortes, educando seu organismo para aprimorar a sua modelagem (morfogênese), por meio de exercícios físicos (ginásticas), pois o robustecimento do corpo terá resultados satisfatórios, além de prevenir-se de vícios, de atitudes contrárias aos "bons costumes", corrigindo os descuidos que a mulher adquiriu em seu período de infância. São essas condições que podem assegurar a consolidação de mulheres "belas".

As causas às moças "feias", *desgraciosas,* estão ligadas às "taras mórbidas, a descuidos pessoais". A pele, para ser fresca, fina, rosada, os cabelos longos e sedosos, as carnes firmes, os seios sólidos, não dispensam certos cuidados, fáceis e ao alcance de qualquer pessoa medianamente culta. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p.79) Neste caso, além de atribuir um "modelo", um "tipo específico" na forma do corpo de mulher, para Renato Kehl, a beleza é adquirida devido aos cuidados pessoais, ou seja, ser "bonito" ou "feio" depende dos cuidados que as pessoas têm com o corpo.

Kehl destaca aspectos da mulher, por exemplo, para ele a mulher "ideal" não deve passar da altura de um metro e setenta centímetros. Ao longo de seu texto, ele vai tematizando uma gama de atributos para que a mulher seja perfeita. Não é necessário acentuar as suas recomendações, até porque já temos elementos suficientes para captar a sua propositura referente ao "tipo ideal de mulher".

Na conclusão de seu texto, Kehl faz uma dicotomia entre mulher perfeita *versus* imperfeita. Conforme os pontos abaixo, a mulher perfeita seria:

> i) simetria das duas metades do corpo; ii) situação mais baixa do meio do corpo; iii) peso do corpo normal; iv) pele lisa e elástica; v) desenvolvimento muscular e regular; vi) articulações finas; vii) fendas palpebrais retas; viii) lábio superior arqueado; ix) dentes perfeitos e bem dispostos. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p.84).

Um corpo assimétrico, altura de um metro e setenta, peso em excesso, pele ressecada, dentes imperfeitos e outras formas do corpo contrárias aos critérios estabelecidos por Kehl, são os elementos que tornam a mulher imperfeita.

Em seu livro *Formulário de Beleza: Fórmulas Escolhidas* (1927), Kehl segue os mesmos passos, pois busca oferecer inúmeras orientações para que as mulheres possam ser ou continuar bonita. Como sempre, os exercícios físicos são primordiais para as mulheres, o cuidado com o corpo a fim de não provocar certa "deformidade" são alguns de seus

conselhos. Todavia, é nesse livro, na esteira de *A Cura da Fealdade* que ele tematiza o entendimento daquilo que seria a "beleza mulher". Uma jovem que aparentemente demonstrar certos encantos não é sinônimo de beleza, ao contrário, ser bela "implica reunir num corpo de deusa as formas magnificas de Afrodite". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 15). Para o pensador limeirense, são raras as mulheres com harmonias nas linhas, esbeltes de talhe, delicadeza de contornos, pele rosada e fina, além de qualidades no que tange a saúde e robustez.

Para Kehl, o ideário de mulher "perfeita" não vem das mulheres veiculadas em revistas de modas, que por sua vez "apresentam suas páginas figuras disformes, com pernas finas e tortas, pés minúsculos e pescoço de cisnes, além de outras deformidades apreciadas como ideal feminino na concepção estulta de tarados". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p.16). Argumenta que ser bela não é exibir o corpo disforme, não é vestir-se de maneira indecente, não é expor e comportar-se com gestos obscenos e tentadores à sexualidade e à moral, para usar as suas expressões. Ao contrário, a nudez para ele não é obscena, desde que esta esteja em consonância com a sua espiritualidade, pois, "obscena é a fealdade, é a deformidade, que o nu põe a mostra". Obscena é a preocupação de ostentar formas, com fito de provocar a cupidez do outro sexo. (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 18-19). Não é encobrindo as partes íntimas do corpo que a beleza está assegurada, ao contrário, são as fealdades que devem ser escamoteadas, "impedindo insolências e atitudes licenciosas". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 19).

O ponto de referência de beleza da mulher são as "mulheres suecas", visto que elas são educadas, a "proeminência dos seios, a amplidão dos quadris, o volume exagerado dos glúteos não constituem músculos – expressão da força, base da beleza, garantia de longa mocidade". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 19).

Kehl preconiza que para a mulher chegar à plena beleza deve seguir quatro recomendações primordiais para manter o corpo em forma: o esqueleto, a musculatura, a gordura e a pele. O primeiro tem de ser resistente e proporcionado; a segunda deve ser forte a fim de desenvolver e assegurar a regulação e distribuição da membrana serosa a fim de controlar a gordura para que não seja acumulada em certas regiões; o terceiro tem a ver com a gordura, devendo ser indispensável para romper relevos e reentrâncias; e, por fim, a pele tem de ser elástica, firme e sem pregas, forte para manter a forma e solidez das partes do corpo, em especial os seios. (KEHL, *F.D.B.*, 1927).

Uma vez estabelecidas as recomendações do corpo, uma das práticas que devem ser realizadas são ginásticas, mas sem o uso da força, ao contrário, são os movimentos delicados, centrados para cada parte do corpo, que asseguram a saúde e a perfeição, garantindo a beleza do corpo feminino. "A cultura física da mulher é essencial não só para a própria beleza como

para a regeneração física da humanidade". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 20). Para além de eugenista e se colocando enquanto um "esteta", Kehl sugere a necessidade de ginástica entre as meninas e jovens mulheres, pois, este é o único recurso para que seja alcançada a "verdadeira beleza feminina". O equilíbrio das partes e a harmonia do corpo são fundamentais. Assim, conclui seu texto afirmando que são "as mulheres fortes que fazem uma raça forte; são as mulheres belas que garantem a beleza de uma raça forte". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 20).

Após tecer vários comentários sobre os cabelos cumpridos e lisos enquanto padrão de beleza, os rostos como parâmetro de beleza seria o "rosto grego". Afirma que o segredo da beleza "tem a sua chave no patrimônio hereditário que recebemos de nossos maiores e, como redoma protetora, os cuidados higiênicos a ela dedicados desde a infância até a velhice". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 33).

O olhar e os olhos também são parâmetros da beleza feminina. A mulher deve ter um trato especial no olhar, "saber olhar", seduzir o outro, porém, do ponto de vista antropológico, a "cor básica do olho é o azul esverdeado que se encontra em todos os olhos". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 35). "Quais, leitora amiga, os olhos de sua preferência?", indaga Renato Kehl. E responde: "Para mim são os azuis nas louras, os verdes nas morenas, os castanhos escuros em todas as moças bonitas, sejam elas louras ou morenas". (KEHL, *F.D.B.*, 1927, p. 37).

Kehl objetiva apresentar um modelo padrão de beleza próximo aos padrões europeus, em especial aos países nórdicos, ou seja, as mulheres, do ponto de vista eugênico, têm de se assemelhar ao "tipo" específico das mulheres "brancas", no qual o seu corpo, cabelos, olhos e formas de comportamentos terão de ser o padrão de mulher, "a mulher eugenizada", é a que garante o futuro e o aperfeiçoamento da espécie humana. Eis a receita do nosso paladino da eugenia no Brasil.

Em *Lições de Eugenia*, prioriza apresentar a função biológica da mulher em face da conservação da espécie humana (KEHL, *L.D.E.*, 1923). Afirma que a influência da mulher é incisiva no tocante ao futuro da espécie, desde a robustez, passando pela beleza, o elemento decisivo para o aprimoramento biológico da "espécie humana". A mulher é o reservatório das energias e potências da "espécie", ao passo que o homem é a potência ativa. Desde Adão e Eva, a influência da mulher foi decisiva em comparação ao homem.

Nesse texto, argumenta que a mulher é responsável pela transmissão dos caracteres de seu descendente, desde o ato de gerar o filho até os principais tratos, no amamento, no carinho e na educação. Nesse sentido, a mulher tem de ser "perfeita", não pode ter nenhuma

anormalidade, para que o seu descendente herde os atributos cedidos pela mãe. Portanto, "fica evidente a importância da mulher no tocante à conservação e melhoria da espécie, e quanto devemos esperar dela para os ideais de Galton, isto é, para o progresso somato-psíquico da humanidade". (KEHL, *L.D.E.*, 1923, p. 223).

Vimos que para Renato Kehl a mulher "ideal-bela" é a mulher doméstica nos preceitos da eugenia, pois a mulher deve ter seus direitos assegurados, de cidadã, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar seus atributos "históricos" que é o de cuidar do lar, gerar seus filhos, criá-los e transmitir os valores morais ancorados nos preceitos ideológicos da eugenia. É necessário ter o cuidado com o corpo, manter-se em forma por meio de exercícios físicos, demonstrando a sua beleza; escolher um "bom marido"; e aceitar a condição na qual foi atribuída.

Ainda, a mulher eugênica deve ser o parâmetro para as outras mulheres, ou seja, *ser branca*, cabelos louros e longos, traços que estejam dentro do modelo "sueco", educada e tantos outros atributos apontados, seria o espelho para as mulheres. Esse seria o *modelo* eugênico de uma mulher perfeita.

Todavia, esse modelo proposto por Kehl seria para qual mulher e de qual classe social? A mulher parametrada de Kehl é a das elites, das classes dominantes, pois é sabido, do ponto de vista eugênico, que a sua sugestão para as mulheres pobres, isto é, as mulheres insignificantes, é a: "salpgectonia ou melhor, a extraperitonização dos ovários ou a inclusão do pavilhão das trompas no ligamento largo" (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 35). Para as mulheres que considera disgênica, causadora da pobreza, o mau da sociedade, propõe a esterilização como proteção da raça, para que não haja o "nascimento de anormais e monstros" (KEHL, *M.P.A.*, 1923, 75).

3.6 Civilização, Darwinismo Social, Malthusianismo e Neomalthusianismo

O arcabouço teórico de Renato Kehl é acompanhado de críticas (românticas) à sociedade moderna. Para ele, a humanidade precisava passar por transformações para assegurar "novos homens". Foi um crítico da Primeira Guerra Mundial, em virtude de ter possibilitado uma "varredura" de homens "puros" e edificou "homens" disgênicos[112]. Sua crítica à guerra não é a de colocar em questão o papel do capitalismo monopolista, de criticar

[112] A crítica de Renato Kehl a guerra pode ser identificada na seguinte forma: "Chegamos a uma época de progresso aos saltos, em que muito nos procuramos com a memória dos nosso semelhantes e em que, por lubre contraste, mais se tem concorrido para desgraça dos mesmos. Haja vista, a tremenda guerra a pouco desencadeada, na qual sucumbiram talvez 20 milhões de homens fortes, que constituam a elite da Europa, as epidemias que lhe sucederam e a miséria que atualmente assola o mundo inteiro". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 119).

as primeiras experiências de campo de concentração na África, em especial na Namíbia. Kehl não capta as causas da guerra como resultado das lutas entre os capitalistas monopolistas que, desde o final do século XIX, partilhou o continente africano para drenar e expandir riquezas. Em última instância, a crítica à guerra é romântica porque não há preocupação com os milhões de seres humanos que foram dizimados tanto no interior como fora do continente europeu, seu descontentamento tem como pano de fundo a expressão conservadora em relação aos "fortes" homens que morreram na guerra.

Nesse contexto, Kehl formulará suas críticas à "civilização" moderna. Tematizando com Spengler a tese referente ao declínio da civilização ocidental, Kehl deposita na eugenia a solução para a superação da decadência ocidental. Afirmava que a "Civilização será corrigida pela eugenia", "é a base para o progresso da evolução humana" (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 18).

Para Kehl, o único caminho para o progresso e sucesso da humanidade estaria na eugenia, pois as guerras, as propostas societárias, tais como comunista, democrática ou liberal, não seriam plausíveis uma vez dissociadas do projeto eugênico. O autor de *Melhoremos e Prolonguemos a Vida* (1923, p. 20) assevera que é "para a ciência da seleção humana que devemos apelar, porque nela se baseiam as esperanças".

No seu entender, a civilização mudou por completo os verdadeiros instintos da seleção natural, transformou os ideais da humanidade e interferiu na marcha selecionista da espécie (KEHL, *M.P.A.*, 1923). Os mais fortes foram os que garantiam a vitória benéfica entre os homens, pois a evolução desde o período neolítico até a nossa atualidade tem colocado a espécie humana numa posição superior aos demais animais. Todavia, a "civilização fez que o homem da caverna passasse a habitar palácios; fez que o código da natureza fosse abrigado e substituído pelo código do sentimentalismo humano". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 22).

A civilização, na lente de Renato Kehl, afastou os seres humanos das leis naturais, pois esta não conhecia a dor, a piedade e o amor, nesse caso, a natureza só conhecia a vida, sendo o teatro a vida *de lutas* culminando na vitória dos fortes sobre os fracos. Em virtude da civilização, a existência dos mais aptos é absolutamente nula, isto porque a querela – entre os aptos e não aptos – tem sido travada de forma desleal, no qual os mais fracos estão sobrepondo-se aos mais fortes.

Para Kehl, até as "épocas atrás, viviam os que tinham direito a vida, proclamavam os fortes, sãos, sadios. Concorria ao banquete da vida a elite física da humanidade". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 22). Hoje, no estágio da civilização, todos estão participando do banquete, para usar a denominação de Kehl, em especial os *degenerados* de toda ordem; os *fracos* estão

parasitando os fortes, e concomitante, fortes e fracos estão se misturando, resultando num abastardamento total da humanidade.

O "humanismo" da civilização transformou os verdadeiros intuitos seletivos próprios da natureza, provou a estagnação da humanidade favorecendo a proliferação dos degenerados e criminosos. Entretanto, a civilização ao trazer tais implicações à sociedade, contraditoriamente, nos deu o seu principal mediador, entre a vida social e biológica, neste caso, o remédio da eugenia.

A eugenia é a principal ferramenta solucionadora das contradições existentes na sociabilidade. A partir do eugenismo, a seleção será realizada não mais em atirar os degenerados na arena, ou, se quiser, por meio de doutrinas neodarwinianas.

Ao criticar a civilização e propalar o seu remédio (a eugenia), Kehl aproveita o ensejo para explicar os propósitos eugênicos e tece críticas as doutrinas neodarwinistas. As

> doutrinas neodarwinianas por tentar aplicar leis biológicas ao social, neste caso ela erra pois, que não devemos dar esmola ao pobre, socorro ao doente, asilo aos incapazes. Chegamos perdoe-nos a maldade de pensamento, quase a achar razoável a eliminação dos doentes e fracos pelo abandono a sua própria sorte. Chegamos a concordar com Haeckel que a seleção médica é o processo pelo qual a humanidade degenera sob influência da medicina. (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 24).

Se para o darwinismo social, as contradições, as desigualdades sociais e as diferenças entre os "povos" eram naturalizadas, cuja ausência de intervenção deveria ser uma prática essencial para os adeptos ao darwinismo, para a eugenia, ao contrário, é uma forma de intromissão, pois era necessário consolidar um instrumento para interferir diretamente na sociedade. Os fracos, doentes, insignificantes, "inferiores" deveriam sofrer a interdição dos eugenistas. "Chegamos mesmo à crueldade de pensar quanto pior melhor; que a degeneração é um processo eliminatório de primeira ordem, desde que não intervenham processos protecionistas para prolongar a vida de um doente, que pela lei darwinista não tem direito a ela" (KEHL, M.P.A., 1923, p. 25). Sendo assim, a eugenia, produto dessa civilização criticada por Renato Kehl, é o único ente garantidor da felicidade suprema, precavendo a humanidade das espécies bastardas, assegurando a marcha ininterrupta da humanidade.

No intuito de oferecer mais substrato à teoria eugênica, Renato Kehl afirma que a eugenia é a expressão do neomalthusianismo, pois o controle de natalidade nada mais é do que um suporte para brecar a multiplicação dos *indesejáveis;* a restrição de nascimentos dos infelizes é o caminho que todos os partidários da eugenia devem conclamar; o controle de natalidade não deve ser realizado apenas pela esterilização, mas por meio de métodos anticoncepcionais e, em certos casos, aos indivíduos casados. O neomalthusianismo tem de

ser aplicado aos indivíduos portadores de doenças transmissíveis, aos membros que tiveram parentes com histórico de qualquer doença ou portadores de comportamentos "desviantes". Uma vez estabelecidos os critérios de restrição de nascimentos aos inaptos, o "neomalthusianismo nestes casos nada tem de condenável ou imoral". (KEHL, 1923, *M.P.A.*, p. 121).

Entretanto, para Kehl, os resultados em relação ao controle de natalidade são relativos, pois, para ele, um dos desafios para a efetivação do neomalthusianismo é o convencimento tanto das mulheres como dos homens, visto que a proposta de *castração* dos indesejáveis é resistida por aqueles que não entendem a sugestão eugênica. Ainda que a esterilização envolva operações delicadíssimas, existe uma inclinação a não adaptação daqueles que não tem informação sobre a propositura referente à restrição de nascimentos de "degenerados". Neste caso, em razão de haver dificuldades para convencer os candidatos ao matrimônio com perspectiva de resultado êxitos faz-se necessário infligir a medida compulsória, pois: "de um modo permanente e em vasta escala, não poupando mesmo os indivíduos que apresentam superficialmente normalidade, e que, no entanto intrinsicamente são defeituosos". (KEHL, 1923, *M.P.A.*, p. 124).

Para encorpar sua propositura neomalthusiana, o autor de *Melhoremos e Prolonguemos a Vida,* além de combater o darwinismo-social, pretende defender-se das acusações contra aqueles que sugerem a esterilização compulsória. Em seu artigo intitulado "Da eugenia e o futuro do Brasil: carta aberta" (1924), publicado no jornal *O Norte,* afirma: "Não sou partidário do malthusianismo, como não sou da esterilização". Mais adiante, arremata o seu argumento, ao dizer que a "prática malthusiana e da esterilização só é concebível e aconselhável aos indivíduos incapazes para as boas procriações e isso mesmo dentro de certas restrições que não vem apelo referir". (KEH. In: documento avulso: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC).

Em outra ocasião, sustenta que a eugenia não prega "o extermínio desumano das vidas inúteis, ela não quer a criação de uma inquisição nova com autos de fé contra a gente digna de eliminação". (KEHL, 1923, *M.P.A.*, p. 132). Para ele, a proposta eugênica não está casada com os preceitos do darwinismo, ou seja,

> não se aplica que atiremos aos campo de batalha milhões de homens fortes, moços belos e cheio de vida, ceifados na carnificina, e que ao mesmo tempo cuidemos de prolongar a vida de indivíduos irremediáveis, alcoólatras em último grau, avariados que já chegaram ao estado de ruina, idiotas ou imbecis, sem cura possível, internados nos recolhimentos, asilos e hospitais. (KEHL, 1923, *M.P.A.*, p. 133).

Ancorado na ciência de Francis Galton, Kehl afirma que a seleção eugênica é racional, sendo assim, o neomalthusianismo é para os doentes, degenerados, amorais e criminosos e a proliferação dos homens fortes, sadios e belos, estão dentro dos preceitos galtonianos, ao contrário dos "feios", que são o escopo da eugenia, nesse caso, negativa. A proposta neomalthusiana não é desumana, pois, a "esterilização é de efeitos indultáveis e claros". (KEHL, 1923, *M.P.A.,* p. 127). A eugenia tem como mira tirar dos inaptos o direito de procriar, de povoar o solo com "gente somática e fisicamente anormal". (KEHL, 1923, *M.P.A.,* p. 133).

A crítica à civilização e ao darwinismo social está presente em seu livro *A Cura da Fealdade* (1923). Para o médico eugenista, a civilização nos ofertou indivíduos bons e ruins, além de perverter a seleção natural, criou a filantropia protegendo os indivíduos inaptos interferindo na "coletividade", impedindo a liberdade de outros, ou seja, a filantropia concorreu para a permanência dos doentes. Ao passo que o darwinismo social seria o ideal para combater os perigos apontados por Kehl, porém, este é desumano e impraticável, ao contrário da eugenia, que seria a substituição do darwinismo, pois é ultrapotente, somente a eugenia pode assegurar o futuro da humanidade. Dessa forma, novamente, temos a crítica à filantropia, concebida por Kehl como produto da sociedade civilizada.

A civilização é responsável pela criação artificial referente ao ambiente em que vivemos, criou o urbanismo e, concomitante, nos deu os vícios, as doenças e degenerações. Além disso, faz-se necessário, na perspectiva de Renato Kehl, combater as mazelas existentes e encarar a velocidade, a vida agitada, os prazeres requintados, a hipertrofia do sexualismo, os álcoois de todos os sabores, enfim, as dificuldades criadas pela civilização, responsável pelo aumento das lutas desleais.

Não precisamos avançar nas questões abordadas acima, visto que presenciamos em Renato Kehl uma crítica romântica à civilização cuja saída preconizada está na objetivação da eugenia enquanto proposta de civilização dos males identificados pelo nosso autor. A crítica à civilização, ao darwinismo social e a *(re)tomada* do malthusianismo estão presentes nos livros a que tivemos acesso – *Melhoremos e Prolonguemos a Vida; A Cura da Fealdade; Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização;* e *Lições de Eugenia*.

Renato Kehl acreditava que a eugenia deveria ser implantada enquanto política de Estado e uma vez catalisada pelos responsáveis em efetivar a eugenia, os métodos como "esterilização compulsória", principalmente, com o sucesso da eugenia, não seriam uma prática obrigatória. Acreditava que, em 500 anos, não haveria mais a necessidade de práticas malthusianas, o mundo iria encontrar-se "despojado dos "parasitas" animais, vegetais e

humanos, dos amorais, dos incapazes; não haverá mais prisões, nem asilos, porque nele só viverá gente física e psiquicamente prefeita". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 281). Ao fazer suas previsões, lamenta não poder voltar à terra para vivenciar a concreção de seu projeto e conclui seu texto dizendo: "Talvez seja uma felicidade! Quem nos garante contra uma desilusão? – dirá o pessimista" (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 281). Nesse sentido, Kehl era um otimista, ou, se quisermos usar a sua expressão, *melhorista*.

CAPÍTULO IV – A COMPOSIÇÃO ÉTNICA DO BRASIL E O PROJETO DE POVO EM RENATO KHEL

4.1 Miscigenação, Raça e Branqueamento

Neste tópico, considerando o ponto discutido anteriormente sobre a *importação das teorias europeias "racialistas" para o Brasil*, no primeiro capítulo desta pesquisa, alocamos Renato Kehl como um dos teóricos que também incorporou a "biologia" como meio de explicação das relações raciais e da história da humanidade, metodologia assimilada do Conde de Gobineau. Veremos que os temas da miscigenação, raça e branqueamento estarão plasmados no projeto de nação brasileira, trabalhados aqui de forma conjunta e articulada, considerando que Kehl busca abordá-los num "vai e volta".

Primeiramente, cabe mencionar o reconhecimento kehliano da heterogeneidade étnica (indígena, africanos, brancos e amarelos) na formação social e cultural brasileira. Aceita o processo de mistura entre esses grupos sociais de maneira intensa, concluindo que não existem grupos propriamente "puros". Valendo-se da metodologia antropológica de seu período, entende que a mescla entre os grupos culminou na consolidação de outras "categoriais", tais como moreno, mulato, mameluco e caboclo.

As principais obras do autor em que aborda a composição étnica do povo brasileiro são: *Melhoremos e Prolonguemos a Vida* (1923)*; A Cura da Fealdade* (1923)*; Lições de Eugenia* (1929)*; Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização* (1933)*;* e *Catecismo para Adultos* (1945). Kehl se debruça nessa temática e apresenta sua catalogação em relação à composição dos grupos sociais; no primeiro momento, centra a análise na mistura étnica e afirma que, mesmo havendo a mescla, o brasileiro não é degenerado e o cruzamento entre as "raças" tem sua raiz nos três "troncos" principais de caldeamento de outros sangues, cujo representante, o tipo forte, resistente, valente e patriota, é denominado de "caboclo". (KEHL, *M.P.A.*, 1923, p. 42).

Para Kehl (1923), o problema do Brasil não estaria na mistura étnica, embora reconheça traços de "inferioridade" nos mestiços e afirma que os caboclos "são – sem vermes nem maleita, sem sífilis nem intoxicação alcóolica, – podemos dizer, o padrão do homem eugenizado, e com ele, resistente as grandes fadigas, as intempéries, à fome, não há muitos na terra". (KEHL, *M.P.A.,* 1923, p. 42). Uma vez isentos de doenças e de todas as mazelas que

afetam o indivíduo, o mestiço não será um "degenerado", tampouco um problema para o Brasil.

Assim, enaltece o mestiço, concebido como caboclo, afirmando que devido a sua saúde, desbravou os nossos sertões, sustentou e preservou a soberania da nação brasileira. O nosso povo, no raciocínio de Kehl, livre das doenças, não estaria numa posição "inferior" em comparação com outros países do mundo e, valendo-se da perspectiva de Alberto Torres, argumenta que o problema encontrado no Brasil está em não ter reconhecidas as prevenções que as pessoas devem tomar em relação à saúde. Dito de outra forma, para ele, uma vez consolidada uma política de sanitarismo, o mestiço estaria livre de seu atraso; sanando o "problema" da saúde com uma política sanitária agressiva, o Estado que os deixou num patamar de "inferioridade", este poderia ser o protagonista para a superação de um mestiço disgênico. A insignificância do caboclo estaria nesses males, de modo que curado, isto é, eugenizado, "ele está apto para sustentar com brilhantismo a nossa soberania política e social". Nesse caso, ainda que se apoie nas teorias racialistas importadas, Kehl discorda das teses de Arthur de Gobineau e Le Bon, os quais afirmavam que o mestiço brasileiro expressa a tessitura de um "povo degenerado". (KEHL, *M.P.A.,* 1923).

Kehl afirma que o caminho para o Brasil estaria na construção de uma política de salvação nacional, relacionada com "a campanha de saneamento e combate ao analfabetismo e a pobreza." (KEHL, *M.P.A.,* 1923, p.44). Tais medidas de proteção e criação de uma nacionalidade mais sã, vigorosa, inteligente estariam asseguradas, uma vez o Brasil prevenido dos males sociais e políticos que ameaçam o povo brasileiro; "curar os mesmos e acautelar os poucos que são hígidos, perfeitos, robustos, sempre há, graça aos deuses, alguns nestas condições, para a perpetuação sadia da nacionalidade brasileira". (KEHL, *M.P.A.,* 1923, p. 42). São essas proposituras que devem ser traduzidas enquanto um projeto de "nação" brasileira.

Em *A Cura da Fealdade,* amplia sua reflexão em relação à miscigenação, raça e nação. Para introduzir o tema, apresenta dois capítulos: "O homem e o meio ambiente" e "Os elementos étnicos constituidores da população Brasileira".

Numa perspectiva climática, Kehl afirma que o Brasil é um território de temperatura propícia para a habitação de qualquer população, independentemente da natureza *étnica,* e defende a tese de que a degeneração de uma "raça", para utilizar seu termo, não se dá em virtude de fatores antropológicos, como querem alguns antropólogos; ao contrário, para ele, são as doenças que degeneram os indivíduos ou grupos.

Constatamos que, para Renato Kehl, a saída para a entificação de um "homem novo" está na higienização, na instrução e na saúde, uma vez expelidas as doenças e a degeneração do povo brasileiro, em nosso país será consolidado um *"tipo específico"*, um novo homem brasileiro nascerá:

> Parte respeitável da população rural e mesmo urbana, traz impressa, indelevelmente, evidentes sinais de degeneração, tomados erroneamente, como caracteres antropológicos da raça. Foram as doenças que criaram o "caboclo degenerado" que na literatura indígena se cognominou "Jeca tatu". Este felizmente, não representa senão a caricatura grotesca do brasileiro cacogenizado, fadado a desaparecer, para dar lugar ao verdadeiro tipo nacional, forte, robusto e perfeito, quando a instrução e a higiene fizerem o milagre da degeneração nacional. E esse milagre, estou certo, realizar-se-á dentro de tempo relativamente curto, graças aos esforços, que não se esboçam mas se evidenciam. (KEHL, *A.D.*F., 1923, p. 166).

Para enriquecer sua crítica ao determinismo climático, Kehl argumenta que as doenças que degeneram os homens não são causadas pelo clima, ao contrário, a ausência de política social pública seria a sua verdadeira causa. Assim, a decadência dos habitantes brasileiros pode vir a ser superada pela "atenção pública e governamental para as causas de atraso e degeneração nacional". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 166).

Após apresentar os dados sobre as doenças causadas pelos vermes intestinais, sífilis, doença de chagas e outras, afirma que, em consequência desse estado de morbidez, é que "os nacionais são, na quase generalidade, feios, esqualitos, fracos, minguados, não podendo competir com os estrangeiros que aportam as nossas plagas" (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 167).

No capítulo XIV, "Elementos étnicos constituidores da população brasileira", a discussão sobre a composição do "povo" brasileiro é mais encorpada. O Brasil, para Kehl, é um país que não passa de um "laboratório racial" que desenvolve uma intensa assimilação entre os grupos "étnico-raciais"; considera o país novo, com imigração ampla, e, essa *forma de ser* do país resulta em que se apresente um caráter constitutivo da formação do povo brasileiro, tornando difícil a classificação original.

Segundo Kehl, existe no Brasil uma "multidão heterogênea" de povos, desde os portugueses, italianos, alemães e, por fim, os assim chamados "aborígenes autóctones e os negros vindos da África". Os "indivíduos dessas raças diversas misturam-se, cruzam-se, resultando uma numerosa coletividade de mestiços". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 171). Tal afirmativa refere-se ao curto espaço de tempo após a colonização, e o caldeamento entre esses grupos faz com que a não existência de uma "raça brasileira" seja natural, "porque a mistura étnica, até agora processada, ainda não se apresenta homogênea, estável, não tem feição característica e original". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 171).

Ao contrário das tematizações precedentes, Kehl abandona a discussão étnica e racial por meio do sanitarismo e clima e se aproxima de uma visão de cariz "antropológica", isto é, com preocupação relacionada à composição do povo brasileiro e, a partir dessas conjecturas, passa afirmar que no Brasil levará tempo para objetivar um padrão nacional e, para tanto, faz-se necessária não somente a compreensão desta heterogeneidade, mas consolidar soluções para a superação do "problema" identificado.

Assim, o autor não tem outro caminho a não ser propor o branqueamento para o Brasil:

> De acordo com as regras da evolução e com os fatos que se vão evidenciando, e certo prognostico, de que a futura raça brasileira será branca, pela desassimilação, pela depuração, que se vai lentamente operando, isto é, com a eliminação dos caracteres recebidos das raças negra e salvicola. Aliás esse fenômeno se vem observando claramente, desde muito tempo, e se acha muito bem representado no belo quadro de Parreiras, onde se vê, de um lado uma velha negra – se avó – de outro a filha – mulata – que se apresenta nos braços um filho branco. Que isto dizem que três gerações foram o bastante para a despigmentação negra da pele, do produto de um mestiço da raça ariana com a etíope. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 172).

A perspectiva de Kehl vai ao encontro dos teóricos do conservadorismo no Brasil, desde Romero, passando por Lacerda até Oliveira Vianna. A diferença em relação às ideias de Batista Lacerda é que, em Kehl, não há uma data precisa no que tange à eliminação, em particular do negro, conforme preconizava Lacerda; mas, ao mesmo tempo, o anseio dele plasma em virtude de sua crença de que os grupos étnicos, em especial negros e os nativos, serão eliminados do país pelo processo de miscigenação.

No caso de Oliveira Vianna, o branqueamento dar-se-á por meio da assimilação, que no fundo tem íntima ligação com a perspectiva da mistura entre os grupos étnicos. Isto é, vemos em Kehl, ao contrário da obra anterior, não a exaltação em classificar o Brasil enquanto um país mestiço e que não inveja os outros países, mas a ânsia em impulsionar a mistura para que o branco venha a se tornar homogêneo. Somente por esse viés é que o Brasil cristalizará um "povo" sólido.

Ainda no capítulo apreciado, Kehl tenta apresentar as características do povo brasileiro se valendo da metodologia antropológica, naturalizando a sua perspectiva em relação ao destino do Brasil. Classifica os mestiços da seguinte maneira: o mameluco é o mestiço de branco com o nativo; o mulato é a mescla entre brancos e negros; em relação à hibridez entre negros e nativos, classifica como zambo ou caboré; já o cariboca é a mistura entre o cafuzo com o nativo, que na sua perspectiva são "tipos secundários". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 172).

Ao apresentar as classificações, afirma que os principais troncos étnicos são três: os portugueses, que vieram construir o nosso país na condição de colonizador; o índio, entendido

como “autóctone”, que por meio do cruzamento entre eles culminou no tupi; e, por fim, o negro – importado da África, representado pelos mandigas, iorubas e tantos outros grupos étnicos oriundos do continente africano. (KEHL, *A.D.F.*, 1923).

No entender de Kehl, o lusitano é de “raça forte” e, para além de ser o colonizador do Brasil, é a eles que devemos o que “fomos e que somos”. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 173). Os nativos, denominados por Kehl de “gentios”, reconhecidos como os donos da terra, pois, “não se sabe se vieram da Ásia, pelo estreito de Behring, se são descendentes dos fenícios”. (KEHL, *A.D.F.*, 1923).

Ancorando-se em Oliveira Vianna, afirma que a “imigração dos nativos para a América deu-se por causa da falência de Babel”. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 173). Os negros vieram para o Brasil em virtude da “ganância dos exploradores de carne humana, amontoados nos navios negreiros, caçados nas costas da África”. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 173). Por fim, aceita e defende a tese de que os povos que vieram para o Brasil misturados, sendo esta determinação um fator histórico, embora considere que alguns conservaram a sua “pureza”. Todavia, assevera as *impurezas* encontradas nas “etnias”, inclusive nos europeus, em seu contexto, afirmando que “corre sangue de negros”. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 174).

Dos pontos apresentados, podemos afirmar que a sua reflexão tem elo com a nossa história oficial, ou seja, a formação social do Brasil não é resultado de uma empresa, em especial, da colonização, período que inicia o contexto do mercantilismo, base da acumulação primitiva do capital, da consolidação do modo de produção capitalista, marcado pela violência e crimes a fim de abastecer o mercado europeu. A constituição do Brasil foi um processo natural. Em nenhum momento apreende as determinações sociais referentes à constituição brasileira como um processo de desdobramento do período que marca a época moderna.

No que toca à questão da mestiçagem, retoma o tema da seguinte maneira:

> Em relação ao valor dos mestiços, as opiniões divergem muito; para alguns cientistas, eles são considerados tipos inferiores de raça considerada pura. Nivicov entende serem os cruzamentos indispensáveis para sustentar e argumentar o vigor de uma raça. E a este proposito diz, que dado o caso de uma raça mais perfeita pôr-se em contato com outra menos perfeita, a primeira teria tendência de subjugar a segunda; os homens de raça superior preferirão cruzar-se com as mulheres superior e os homens e mulheres da raça inferior com as mulheres e homens da raça superior. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 174).

O médico limeirense reconhece que existe divergência entre os cientistas, ao tematizarem a miscigenação, porém, afirma que no contato entre os grupos considerados “superiores” com os “inferiores” tende a predominar os fracos e, neste caso, a escolha de um homem forte e com uma mulher “superior” viabiliza a permanência de um grupo

supostamente “superior”. Logo, há na sua argumentação a naturalização da relação entre os indivíduos “superiores” e como o padrão de relação é o não contato entre “inferiores” com “superiores”, todos aqueles que almejam ser “superiores”, mais vigorosos, têm inclinação a desejar casar-se com o indivíduo “superior”; o progresso dos *homens* estaria assegurado por meio da relação entre os “superiores”.

O autor de *A Cura da Fealdade* afirma que todas as “raças” estariam sujeitas ao progresso, em maior ou menor grau. Porém, considera existir exceção aos descendentes de africanos escravizados. Em suas palavras: “[...] em relação à raça negra, que parece-me, é de grau intelectual um tanto inferior a todas as outras. O fato de se contarem, entre indivíduos de raça negra, exemplos de inteligência brilhante, não jugo capaz de abalar essa crença ou melhor essa verdade. São exceções e raríssimas que não servem para invalidar a regra”. (KEHL, *A.D.F.,* 1923, p. 175).

Novamente vemos sua aproximação com a crença de Oliveira Vianna, conforme constatamos (no tópico que dedicamos a este autor). A suposta “inferioridade” do negro é inerente, em comparação aos outros grupos étnicos, mesmo que existam aqueles que se destacam no âmbito “intelectual”. Kehl é enfático em afirmar a “inferioridade” aos negros não como algo especulativo, mas embasado na ciência, com s*tatus* verdade. Neste sentido, mesmo tendo em nossa história figuras de destaque, seja na literatura, na engenharia etc., ele não se convence que a realidade das condições em que os indivíduos se encontram são determinadas por fatores econômicos, culturais, sociais e materiais e determinadas pelo aspecto “biológico”, como quer o autor.

Insistindo na discussão, Kehl retoma o tema da mescla entre os grupos étnicos afirmando que a “ideia de Novicov de que os cruzamentos são indispensáveis para o revigoramento de uma raça, pode ser uma realidade quando elas não têm caracteres muito diferenciados, como por exemplo, entre as raças distintas. Já não considero a mesma coisa, quando se dá entre as raças distintas, como entre branca e a preta ou entra esta e a amarela”. (KEHL, *A.D.F.,* 1923, p. 175).

Portanto, constatamos que Renato Kehl é enfático em contrapor-se a não relação entre brancos e negros, ou melhor, entre os grupos étnicos. Pelo contrário, os cruzamentos devem ser efetivados entre os mesmos grupos para manter sua “originalidade”; por outro lado, o vínculo entre grupos *distintos*, em seu entendimento, estraga os grupos, em especial aos brancos.

Essa perspectiva, embora Renato Kehl não a mencione, tem íntima ligação com a tese de Nina Rodrigues, pois, conforme demonstramos, o autor de *As Raças Humanas e a*

Responsabilidade Penal no Brasil, em contraposição a Silvio Romero, não acreditava que a mistura seria benéfica ao branco, ao contrário, viria a deteriorar esse grupo. Expressa a sua opinião ao sugerir o não relacionamento entre os grupos sociais, buscando prevenir a *permanência* dos brancos no país.

Por outro lado, não se constrange em afirmar que:

> No Brasil observou-se intenso cruzamento entre as raças que o habitam; se aceitarmos a ideia de Novicov, de que as raças superiores subjugam as inferiores, como o aumento crescente dos descendentes do tipo superior e o desaparecimento gradual da raça inferior, em tempo verificará a extinção das raças negras e selvícola. Desse modo, as fronteiras etnográficas se deslocarão em proveito da branca, considerada superior, porque mais prendada fisicamente. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 175).

Considerando as palavras de Kehl, a solução para consolidar o "povo" brasileiro está feita: basta cruzarem brancos e negros para que este seja extinto no Brasil. Essa é a equação, pois, se os brancos são, em seu entendimento, superiores aos negros e aos nativos, logo, o cruzamento não seria um estrago do branco, uma vez que o *télos* seja eliminar aqueles que não são brancos, até porque, no entender do teórico do movimento eugenista, os brancos são superiores mental e fisicamente. A miscigenação é concebida como projeto *inteligente* de extinção do negro, ou seja: "Sendo o Brasil um cadinho de cruzamentos, pode-se afirmar que ele está avançando para o aperfeiçoamento do seu povo, até constituir uma raça forte, vigorosa e intelectualmente superior". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 175).

Essa posição será defendida em artigo publicado no *Boletim de Eugenia*, intitulado "Questões de Raça" (KEHL, in: *B.D.E.*, ano I, n. 6-7, 1929, p. 3). Kehl acredita que no cruzamento entre brancos e negros, de maneira gradual, pela morte do grande número de mulatos e caboclos, a população brasileira "modifica-se rapidamente, tomando um aspecto acentuadamente 'europeu'". (KEHL, in: *B.D.E.*, ano I, n. 6-7, 1929, p. 3). Receia que o resultado da mistura entre branco e negro gere indivíduos feios, apresentando, com frequência, "os vícios dos seus ancestrais. Apresentam grande instabilidade de caráter e constituem elementos perturbadores do progresso nacional, sob o ponto de vista étnico e social".

É interessante notar que o pensamento de Kehl, levado até as últimas consequências, revela a sua preocupação relacionada à constituição de uma "nação brasileira" e explica a sua concepção negativa sobre os negros. Ou seja, suas argumentações demonstram que ele é um teórico contrário aos africanos no Brasil. Essa forma de pensar a nação está presente no momento em que o autor tematiza a mestiçagem exemplificando o mestiço de negro com o branco como um "tipo de ser inferior"; por outro lado, os mestiços do índio com o branco

"são superiores" aos mulatos – de branco com o negro – fisicamente, mais bem "conformados e mais fortes; fisicamente muito mais inteligentes vivos e de caráter equilibrado". (KEHL, in: *B.D.E.*, ano I, n. 6-7, p. 3).

Valendo-se da perspectiva de Vianna, Kehl afirma que o Brasil "vem sofrendo, desde os seus primórdios anos de colonização, as consequências dessa mestiçagem dos tipos brancos, pretos e índios". (KEHL, in: *B.D.E.*, ano I, n. 6-7, p. 3). E arremata a sua crença:

> Sou otimista relativamente ao futuro étnico do Brasil. Tenho a firme crença de que o processo de cruzamento, de seleção natural, bem assim a entrada crescentes europeias modificarão, para melhor, o estado geral da população, quer sob o ponto de vista físico: - já se delineia, claramente, o caminho da futura consolidação étnica. (KEHL, in: *B.D.E.*, ano I, n. 6-7, p. 3).

Kehl, na crença de que o negro no Brasil seria extinto em um curto tempo, e, ainda ancorado no comentário de Roosevelt[113], quando este elogia as políticas raciais no Brasil, por

[113] Trata-se da vinda do presidente norte-americano Theodore Roosevelt ao Brasil, em 1913-14, no interior do Mato Grosso. Em 1914, escreve um artigo para a *Revista Outlook*, traduzido e publicado no *Jornal Correio da Manhã*, afirmando que: "No Brasil [...] o ideal principal é o branqueamento da questão negra pelo desaparecimento do próprio negro, gradualmente absorvido pela raça branca. Não quer isso dizer que os brasileiros sejam ou venham a ser o povo de mestiços que certos escritores, não só franceses e ingleses, mas americanos também, afirmam que são. Os brasileiros são um povo branco, pertencente à raça do Mediterrâneo, diferenciando-se das gentes do Norte, somente como delas diferem, com seu esplêndido passado histórico, as grandes e civilizadas velhas raças de espanhóis e italianos. A evidente mistura de sangue índio adicionou-lhe um bom, e não um mau elemento. A enorme imigração europeia tende, década a década, a tornar o sangue preto um elemento insignificante no sangue de toda a nação. Os brasileiros do futuro serão, no sangue, mais europeus ainda do que foram no passado e diferençarão de cultura somente como os americanos do Norte diferem". (SKIDMORE, 1974, p. 85). Mais adiante, no mesmo livro, Skidmore (1978, p. 92-93) demonstra quais as impressões que o presidente Roosevelt fez no momento em que estava no Brasil: "A grande maioria dos homens e das mulheres que encontrei, expoentes do mundo das atividades políticas e industriais e das realizações científicas, mostravam um pouco mais de sangue negro do que mostrariam pessoas de grupos semelhantes numa capital europeia. Não só há, em algumas classes, considerável infiltração de sangue negro – com uma tendência paralela para a desaparição do tipo negro puro – mas esse processo é aplaudido calorosamente pelos mais autorizados estadistas do país. A opinião que esposam, tão diversa da nossa, pode ser melhor traduzida pelo que um deles – de sangue branco puro – me disse:
Naturalmente, a presença do negro é o verdadeiro problema, e problema muito sério, tanto no seu país quanto no meu. A escravidão é um método intolerável de resolvê-lo, e tem de ser abolida. Mas como o problema permanece a necessidade de encontrar outra solução. Vocês nos Estados Unidos conservam os negros como elemento inteiramente separado, e tratam-nos de maneira a infundir neles o respeito de si mesmos. Permanecerão como ameaça à sua civilização, ameaça permanente e talvez, depois de mais algum tempo, crescente. Entre nós, a questão tende a desaparecer porque os próprios negros tendem a desaparecer a ser absorvidos. O negro puro diminui constantemente. Poderá desparecer em duas ou três gerações, o que se refere aos traços físicos, morais e mentais. Quando tiver desaparecido, estará seu sangue, como elemento apreciável, mas de nenhum modo dominante, em cerca de um terço do nosso povo; os dois terços restantes serão brancos puros. Admitindo que a presença do elemento racial negro represente um leve enfraquecimento de um terço da população, os outros dois terços do nosso povo; os dois terços terão, ao contrário, força integral. E o problema negro terá desaparecido. No seu país foi toda a população branca que guardou a força racial de origem, mas o negro ficou, e aumenta de numero, com o sentimento cada vez mais amargo e mais vivo do seu isolamento, de modo que a ameaça que representa será mais grave no futuro. Não tenho por perfeita a nossa solução, mas julgo-a melhor que a sua. Fazemos face, vocês e nós, a alternativas diferentes, cada qual com as suas desvantagens. Penso que a nossa, a longo prazo e do ponto de vista nacional, é menos prejudicial e perigosa eu a outra, eu vocês, nos Estados Unidos escolheram". (SKIDMORE, 1978, 95).

resolver o "problema da raça preta e índia" (KEHL, *A.D.F.*, 1923) por meio da mistura, ao contrário de seu país que por meio da elaboração da lei de segregação étnica, culminando na conservação de afro-americanos, em completa separação e certa hostilidade, tendendo a "constituir um grave perigo, que se agrava dia a dia". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 175). Após o referido comentário, Kehl comemora o destino do Brasil no que tange à composição étnica e, comparando aos EUA, afirma que o "negro desaparecerá fatalmente no Brasil e, ao contrário, multiplicar-se-á indefinitivamente nos Estados Unidos da América do Norte[114]". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 176).

Conforme apontamos, ao referendar a mistura enquanto um projeto de branqueamento, Kehl, de forma ambígua, assevera que a mescla entre os grupos não pode ser benéfica, assim, faz a seguinte indagação: "mas esse cruzamento, essa mistura de sangues tão diversos, não seria prejudicial à raça branca, não lhe provocará uma degeneração qualquer? Penso que sim." (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 176).

Defendendo a mistura entre brancos e negros como um caminho para a deterioração do primeiro, pontua um aspecto que já era objeto de questionamento em seu contexto: o preconceito aos "mestiços". Defende a ideia de que o combate à mistura entre os grupos sociais não significa ausência de preconceitos, em especial aos indivíduos resultantes de mistura entre brancos e negros, pois, afirma existir preconceitos, inclusive entre eles; mas, assevera Kehl (*A.D.F.*, 1923, p. 177):

> é indubitável a sua inferioridade étnica. Os mulatos são mestiços que, para serem híbridos, falta-lhes apenas a inferioridade, que não apresentam. Eles, portanto, nem de longe podem comparar-se aos mestiços, por exemplo, da raça saxônica com a latina. Estes trazem caracteres muito próximos; são oriundos do mesmo tronco ariano. Já não é a mesma coisa para os mulatos, mestiços de tipos de caracteres antagônicos que constituem elemento racial inferior.

Acredita que os mestiços, em particular os pertencentes ao continente americano, são inferiores àqueles mesclados da saxônia, visto que os mestiços daqui são inferiores por possuírem "caracteres" de um grupo social que traz consigo a inferioridade desde a sua formação, isto é, porque são resultado da união entre grupos "inferiores".

Ainda, na tentativa de um estudo ancorado num método antropológico, Kehl entende que o mulato é resultado da fusão de duas energias "hereditárias" diversas, é um produto

[114] Kehl, nesse texto, a fim de argumentar a ineficiência do projeto norte-americano em solucionar o "problema" étnico naquele país se apoia em estatísticas e apresenta os seguintes dados: "Segundo as estatísticas que tenho em vista, entre 1760 e 1860, a população negra subiu de 767.000 para 4.450.000, isto é, sextuplicou em setenta anos. Entre os anos 1860 e 1900 os negros alcançaram a cifra de 4 milhões e meio para nove milhões, ou dobraram em quarenta anos. Eis aí uma população imensa, formada em tempo relativamente curto, e que aumenta sem cessar". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 176).

intermediário, é a ponte que servirá para transpor para uma das duas fronteiras, que nele se encontra uma representação. Afirma não ser "aconselhável a mistura da raça branca com a preta, como de coisas diversas cuja mistura não resulta nada de estável, de superior, as duas coisas misturadas. Sou pela conservação dos tipos branco, preto, amarelo, cada um de *per si* [grifo do autor], misturando-se cada um entre si". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 176).

Kehl acredita que evitar a mistura entre os grupos é um caminho para a preservação das "raças", assim, o "cruzamento" deve ocorrer com os povos do mesmo grupo social, pois, somente por meio desse aconselhamento é que os grupos poderão se manter vigorosos, vivos e fortes. Cada um deve travar relação com os seus semelhantes, os "brancos" entre estes e assim por diante.

Como não é de se estranhar, busca embasar seus argumentos em teóricos como Agassiz, Darwin, Spencer e outros que defendiam a existência de diferenças entre as "raças" brancas, negra e amarela. Vejamos: "desaconselho a fusão das mesmas, que dão produtos de energia intelectual e física inferior". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 177).

Não contente, Kehl, valendo-se da sua metodologia de buscar explicitar cada vez mais sua propositura no sentido de convencer o leitor, estabelece sete critérios para solidificar seus argumentos contrários ao contato entre os grupos sociais:

> i) Cada raça deve esforçar-se para se manter estável, impedindo a mescla de sangues que modifiquem a sua pureza, a sua natureza intima;
> ii) O renovamento de sangue pelo cruzamento poderá ser útil quando ele for feito dentro da mesma raça;
> iii) O cruzamento realizado estre as raças diferentes, como entre a branca e a preta, Dá origem a produtos denominados "mestiços", que correspondem, até certo ponto, aos híbridos. Verdadeiramente os híbridos são produtos de uniões entre espécies e mestiços entre as raças;
> iv) O "mestiço", resultante de mistura de raças diferentes, representa um tipo intermediário no qual se instalam a desarmonia e o desequilíbrio orgânicos, consequentes do "conflito" de caracteres incompatíveis. E estes caracteres são incompatíveis que se esforçam para eliminar uns aos outros e só restabelece a paz, resultando uma variedade nova após uma série de cruzamentos bem dirigidos e a respectiva anulação dos caracteres antagônicos;
> v) O mestiço, ao invés, pois, de ser um produto superiorizado, é um produto não consolidado, meio caminho dos dois elementos que o constituíram. Estes, isoladamente, têm seus caracteres físico-psíquicos estáveis, harmônicos e compatíveis;
> vi) O mulato, o mameluco e o cafuzo são tipos plasticamente feios na sua generalidade. Conhecem-se mulatos e mulatos belos, mas como exceção e não como regra;
> vii) Em suma, o cruzamento entre as raças, é um elemento perturbador da evolução natural e portanto não constitui meio de aperfeiçoamento étnico. Os que sustentam o contrário não fazem com fundamento científico. Sob o ponto de vista eugênico contrariando toda e qualquer união de raça, isto é, entre indivíduos da raça branca com a negra, da branca com a selvagem, da branca com a amarela e assim por diante. Os mestiços, colocados em paralelo com os representantes das raças não cruzadas, sem mesclas, não resistem a termos de comparação; só a falsa visão poderá aceitar a sua igualdade ou sua superioridade. (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 176).

Verifica-se que a sua concepção de humanidade é dividida entre "raças" diferentes, isto é, os homens são divididos em "espécies" diferentes. Europeus, africanos, orientais e nativos são "espécies" que têm em si diferenças. Ancorado na biologia/eugenia, que, no seu entendimento, é uma ciência que o autoriza a chegar às suas conclusões, assevera (apoiando-se em Broca) que a combinação entre os grupos sociais seria uma prática contrária aos preceitos da eugenia e, assim como os animais, cachorro, minhoca, macaco, girafa etc., não se misturam, os homens deveriam atuar da mesma maneira, ou seja, não se misturando entre si. O "cruzamento" é um meio de estragar os grupos sociais; a mistura de sangue é plausível uma vez que seja realizada entre os grupos da mesma "raça".

No raciocínio de Kehl, os homens são colocados no mesmo patamar dos animais irracionais, pois, ausentes de qualquer mediação concreta, prática do positivismo, não produzem suas relações sociais, por meio do trabalho, não produzem linguagem, cultura, religião, em suma, não são seres que *fazem* e *sabem que fazem*. Ao contrário, são seres, para ficarmos na expressão da "biologia", orgânicos, logo, equiparados com os animais, instintivos apenas e, portanto, não devem se relacionar com os demais. Eis a concepção eugênica kehliana sobre a essência do ser social.

Para o autor, o mestiço é chamado de híbrido, originando uma "espécie" singular, que, por sua mistura, caso seja realizada entre brancos e negros, gera um inferiorizado; é um *ser desarmônico,* "desiquilibrado" tanto no aspecto físico como no psicológico. O estímulo à mestiçagem só pode ser impulsionado aos indivíduos da mesma "raça"; os mestiços são feios, na perspectiva de Kehl, logo, o cruzamento entre as "raças" é uma afronta à natureza humana.

Observando de maneira mais precisa as colocações de Kehl, vemos que na realidade o que está proposto é uma sociabilização para os "brancos", de preferência saxônicos, pois, conforme aponta, a mistura entre brancos e negros, de brancos com os nativos e asiáticos, além de ser um atentado à humanidade, mostra que, por detrás da sua argumentação, está a apologia da existência de "brancos" como grupo social que deveria habitar a Terra.

Considerando a questão levantada anteriormente – em relação à consolidação de um "povo brasileiro" –, fica explícito que o desejo de Kehl é a consolidação de um povo "eleito": o *branco,* parâmetro não somente de representação, mas o desejo de objetivação da nação brasileira.

Em 1929, retoma o tema na obra *Lições de Eugenia,* em particular no capítulo intitulado "O Brasil e as raças negras e selvícola". Principia seu texto afirmando que a nacionalidade no Brasil está desequilibrada, devido à incompletude do "povo", desde a formação da "nossa nacionalidade se vem passando à revelia de nossa intervenção dirigente"

(KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 188). A heterogeneidade dos grupos étnicos não é capaz de incorporar e assimilar os valores sociais culminando na criação de problemas "nacionais graves e momentos que não têm escapado aos espíritos observadores nossos e estrangeiros". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 188).

No texto aqui avaliado, Kehl retoma novamente o tema da composição étnica no Brasil, na esteira de *A Cura da Fealdade*, reforça sua concepção sobre o Brasil como laboratório e mantém a sua crença na eliminação dos grupos sociais não brancos almejando a constituição da nacionalidade por meio do branqueamento à custa de "muito sabão de coco ariano!". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 188). Defende, novamente, que não há preconceito étnico-racial na sua propositura, ao contrário, afirma que "são dignos os brancos como os pretos ou amarelos, quando eles são dignos. Considero todos seres humanos merecedores, igualmente, das nossas atenções". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 189). Sustenta que a diferença entre os grupos está na "cútis", por "serem mais, outros menos dotados de pigmento melânico; alguns originários dos povos greco-latinos, germânico ou eslavo, outros de povos indo-africanos ou indígenas". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 189).

No ano de 1933, em *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização*, passa a fazer uma análise referente à constituição do "povo" brasileiro a partir do senso de 1872[115], ao reconhecer que havia uma quantidade significativa de africanos no Brasil em comparação aos brancos, e sugere a limitação da natalidade do negro, argumentando que os africanos são uma massa de "inferiorizados" e que devem ser impedidos de multiplicarem-se.

Kehl anseia, sempre de maneira otimista, que o impedimento em relação aos nascimentos de descendentes de africanos no Brasil deve ser uma prática, sobretudo, aplicada por meio de uma política de Estado. Para ele, faz-se necessária uma política de equilíbrio entres os grupos sociais pertencentes à nacionalidade, pois, com a multiplicação de negros e, concomitantemente, de amarelos, os brancos continuarão em desvantagem. Em suas palavras:

> Há quem prognostique o desaparecimento da raça branca, avassalada pela procriação desenfreada de pretos e amarelos. Não vemos este pessimismo, porque, a restrição em quantidade é compensada pelo aumento da qualidade. Pretos e amarelos terão de chegar ao mesmo ponto em que estamos ou se transformarão em canibais. Segundo informação de uma revista leiga, também na Índia e na China já se iniciaram as práticas do *controle* [grifo do autor] da procriação, graças a atividade de alguns adeptos do neomalthusianismo, ingleses e americanos. (KEHL, A.E., 1933, p. 93).

[115] Caso o leitor queira apropriar-se dos dados referentes ao censo de 1872, sugerimos o *site* do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <http://www.brasil.gov.br/governo/2013/01/censo-de-1872-e-disponibilizado-ao-publico>. Acesso em: 22 maio 2014.

Nesta perspectiva, sugere que seja realizada uma campanha entre as *classes superiores*, termo do nosso autor, no sentido de estimular a procriação de brancos para que o déficit seja sanado. Por meio de um trabalho a longos passos, os "inferiorizados" serão ultrapassados pelas *elites eugenizadas*.

Em seguida, de forma repetitiva, faz o mesmo diagnóstico apresentado nos trabalhos citados acima (*L.D.E*. e *A.D.F*). Traçando um quadro relacionado à composição dos grupos étnicos no Brasil, embora enfatizando a temática da miscigenação, fazendo a mesma sugestão, isto é, a eliminação dos negros, conclama os eugenistas a consolidar um movimento contrário a mistura entre brancos, negros e nativos, acusando aqueles que estabelecem relações inter-raciais de cometerem "aberrações individuais ou traições de momento, fazem com que um branco procure uma preta ou uma branca aceite um preto". (KEHL, *A.E.,* 1933, p. 201).

Como vemos, o nosso autor é enfático em defender a segregação "biológica" entre brancos e negros e, ao mesmo tempo, contrapõe-se àqueles que acreditam na miscigenação como caminho para consolidar a nacionalidade brasileira, tendo em vista que para ele O mestiço tem o "valor físico e mental inferior". Na esteira das teorias de O. Vianna, em especial o seu livro "Raça e Assimilação" e na teoria de Gregor Mendel, conclui que o "critério biológico está indiscutivelmente de pé, apoiado em autoridades insuspeitas e de renome mundial". (KEHL, *A.E.,* 1933, p. 202).

> Não nos é possível, em curto espaço, considerar o *valor físico* dos mestiços, confrontar o seu valor com os tipos brancos, europeus; *o valor psíquico,* dos mesmos, em relação aos tipos nórdicos ou aos próprios japoneses homozigóticos; *o valor mental, o valor eugênico,* psicológico, como estatístico quanto às consequências do *cocktail* de raças feito no nosso país. Vale a pena percorrer a galeria dos vultos proeminentes da história brasileira e dar um balanço relativo a importância dos de origem europeia e dos que surgiram de "mistura" raciais. Esse balanço demonstraria à evidência, irretorquivelmente, que o grande mal do Brasil é um "mal de raça". Felizmente, entretanto, o *tempo,* e o grande remédio "tempo", curará este mal! Tempo e a inexorável seleção natural. (KEHL, *A.E.,* 1933, p. 203-204).

Novamente insistimos sobre os argumentos de Renato Kehl sobre o mestiço, considerado incapaz, inferior, insignificante em relação ao padrão de ser "humano branco"; a mistura entre as "raças" deve ser compreendida por todos aqueles que acreditam na consolidação da nação brasileira, e, mestiços, negros, nativos e amarelos, são aos olhos do nosso autor um problema. Por esta razão, de maneira contraditória, não afirma que o "problema" do Brasil estaria na raça e, ao mesmo tempo, deposita a sua crença na consolidação de um país branco e civilizado, do ponto de vista eugênico.

Contrariando as análises de Roquette-Pinto, Kehl conclui, ancorado, principalmente nas investigações de Nina Rodrigues, que, além do impedimento da mistura entre "brancos e negros", era necessária a implantação do controle de natalidade dos grupos "inferiores".

Sob o aparato axiológico da neutralidade científica, oculta-se, no discurso kehliano, uma verdadeira apologia do genocídio do negro brasileiro, pois, se por um lado contrapõe-se à mistura, porque esta estraga o "homem branco", por outro lado, sugere o controle de natalidade, tendo o Estado como elemento central da política de dizimação sistemática do africano no Brasil. Não são estranhas em nossa atualidade as políticas de esterilização das mulheres negras praticadas nos hospitais públicos, a taxa de mortalidade de jovens negros e o encarceramento em massa de negros[116].

Em 1945, Kehl publica o *Catecismo para Adultos,* no qual trata de uma série de temas e questões elaboradas por ele mesmo, os quais se propõe a responder. Aponta algumas definições importantes para aprofundarmos a sua perspectiva de projeto eugênico. No capítulo V, intitulado "Raças, povos e classes", faz uma distinção entre o conceito de raça, povo e etnia.

Também influenciado pelo discurso antropológico, exige que não se confunda ou se identifique raça com povo ou nação, pois a primeira se define como um "conjunto de seres que se distinguem dos demais de sua espécie pelo posso de caracteres análogos e transmissíveis por hereditariedade. Em termos concisos: raça é um complexo definido, dentro da unidade biológica da espécie". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 55).

Em relação ao povo, é um "aglomerado de formação natural que fala a mesma língua e que assimila os elementos a ele agregados sob a influência dos sentimentos de dignidade e das aspirações comuns". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 54). Já etnia é a "identidade psicológica de coletividade, isto é, de hábitos, de costumes e de cultura". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 55). E o que constitui os fatores que fazem manter um grupo étnico é a "afinidade eletiva, processada

---

[116] Em relação à taxa de mortalidade da população negra no Brasil, ver especialmente: Mapa da violência 2012. A cor dos Homicídios no Brasil (Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_cor.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2014); Mapa da violência 2012. Os novos padrões da violência homicida no Brasil. (Disponível em: <http://mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf>. Acesso em: 2 dez. 2014). GOMES, Luiz Flavio. (Disponível em: http://atualidadesdodireito.com.br/iab/artigos-do-prof-lfg/populacao-carceraria-cresceu-68-em-apenas-seis-meses/>. Acesso em: 2 dez. 2014). Milton Soares Ribeiro. (Disponível em: <http://infodiretas.com/exterminio-de-jovens-negros-segundo-a-anistia-internacional/>. Acesso em: 6 dez. 2014). Homicídios de Jovens Negros: análise e contexto – Campanha "Juventude marcada para viver" – Observatório das Favelas, 2012; OLIVEIRA, Denis de. Extermínio da população da periferia, uma ação política pensada nos anos de 1980. **Revista Fórum**. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/quilombo/2013/03/18/exterminio-da-populacao-da-periferia-uma-acao-politica-pensada-nos-anos-1980/>. Acesso em: 7 dez. 2014).

entre os elementos hereditariamente compatíveis, e o seu oposto, a "deformidade" instintiva, com relação aos elementos geneticamente diferentes". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 56).

A partir dessas respostas, podemos nos aproximar da sua preocupação de combater a mistura entre as etnias, pois, uma vez estabelecida, as etnias passam da concepção de *ser formados* para *(de)formados*. Logo, afirma que "todos os fatores que perturbam a seleção e facultam a sobrevivência de biótipos hereditariamente deficientes, concorrem para a progressiva decadência dos povos como raça." (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 54).

Contraditoriamente, afirma que no Brasil existe um povo brasileiro e uma psicologia nacional que o autoriza a comprovar uma única etnia. Esta afirmação pode ser identificada em virtude do contexto em que ele escreve seu livro, ano de 1945, período que completa os quinze anos de Getúlio Vargas no poder. Sabemos que o ditador Vargas construiu, na perspectiva das elites brasileiras, especialmente a liberal, a ideia de um Brasil homogêneo a partir da sua política de centralização autoritária para impulsionar a modernização brasileira. No clima do governo Vargas, havia a crença quanto à formação da "nação" brasileira, pois, segundo os argumentos do getulismo, havia um "povo brasileiro", uma "cultura brasileira". Assim, Kehl, ao afirmar a existência de uma nação, provavelmente está empapado de tais crenças.

Defende que a nacionalidade é um conceito "político de nação ou povo que habita um país que se constituiu historicamente e se mantém por influxo da ideia do sentimento de pátria". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 55).

Sobre a existência do preconceito racial, faz a seguinte afirmação: "Não existe, propriamente, tal preconceito; existe, sim, a tendência natural para as raças se segregarem. É um instinto biológico de autodefesa que pode, entretanto, com o convívio repetido enfraquecer-se". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 61). Em razão de seu pensamento estar plasmado no viés biológico, vemos em Renato Kehl não a existência da segregação étnico-racial, ao contrário, as "raças", devido a sua tendência de não se relacionar com as demais, ou seja, o instinto da não mistura é algo natural, portanto, afirmar a separação entre os grupos sociais como uma prática discriminatória ou preconceituosa não seria afirmação verdadeira.

Em virtude de seu pensamento estar intimamente ligado à "biologização" das relações sociais, Kehl não concebe a política de segregação étnico-racial como prática seletiva de certos grupos, resultado das contradições de classes sociais e a separação entre brancos e negros reflexo da ideologia estruturante de dominação de classe, que potencializa a competição no interior da classe trabalhadora e em consequência da alienação e do estranhamento, tendo como pano de fundo a expressão do racismo e a discriminação.

Insiste no argumento de comparar o ser humano a uma espécie de vegetal, pois, concebe os seres humanos como uma espécie de *sebe*, ou seja, os grupos têm uma tendência em não ser influenciados por outros que podem causar danos aos vegetais cultivados; "o preconceito racial ou de cor pertence a uma categoria dos lugares comuns que se afirmam no consenso geral por força da repetição". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 61-62).

Ao transferir as relações sociais para o universo biológico, afirma que, "do ponto de vista da biologia, não existe esse preconceito". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 61); o que se verifica é a prevenção para não causar deformidade entre o grupo "saudável", logo, aqueles que querem manter a sua mocidade e por sua vez "antipatizam uns com os outros e também não se odeiam; apenas não *querem* no sentido da atração copulativa". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 62).

Na esteira da sua argumentação, sustenta não existir preconceito racial, mas um "imperativo do instinto defensivo e natural de preservação contra a heterozigocia". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 62). Não se deve, ao escopo de Renato Kehl, insistir na classificação de tal monta em racismo ou preconceito, quando se trata de "instinto superior e defensivo cujo objetivo este de impedir o processo disgenético". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 62).

Para o autor, existe uma tendência natural de as "raças" preservarem suas linhagens "raciais", "que só desaparece ou claudica quando, como dissemos, o instinto de conservação sofre um *handicap* ou traição de impulsos acidentais". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 62). Assim, acredita que os grupos sociais não devem se relacionar e, ao mesmo tempo, possuem a legitimidade de manter a sua reprodução sem interferência de grupos que não sejam da mesma "linhagem", e, caso isso ocorra, isto é, uma vez as etnias misturando-se umas com as outras, aparentemente diferentes, devem ser entendidas como traição.

Essa forma de conceber a relação entre os brancos e negros está presente no artigo "Raças e Etnias" (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC), que versa sobre a composição dos grupos sociais no Brasil, porém, argumenta não existir raça no Brasil; pelo contrário, o que há no seio do "povo brasileiro" são várias "raças". Renato Kehl afirma que o "problema racial, propriamente dito, é eminentemente psicológico". E mais adiante diz que "Toda gente é uma ciosa da "sua raça". Quando um branco defende a raça branca, está no seu direito". O que as pessoas não devem fazer é agredir as outras "raças".

Para Kehl, a criação do termo racismo teve como principal objetivo "espantar os timoratos, esquecidos, entretanto, de que cada um é racista a seu modo. Os que mais incitam e se excitam são os que menos compreendem a questão ou que maldosamente a contravertem, a fim de criar a exacerbação de ânimos". (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). O termo racismo é um conceito criado não para denunciar a divisão racial do trabalho;

não é compreendido como arma ideológica de dominação da classe que se apropria da riqueza socialmente produzida; em última instância, não é identificado como mecanismo de segregação no interior da classe trabalhadora, ao contrário, é "usado astucioso elemento de provocação". (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). Além de ser um construto psicológico, é uma forma de estabelecer conflito entre os "grupos diferenciados".

A fim de solucionar os "conflitos", propõe que todos devem ter orgulho da sua "raça", pois, todas elas têm a sua função e o seu valor: "Nestas condições, todo branco deve sentir satisfação em ser, do mesmo modo que o amarelo, vermelho e o preto". (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). Para o médico limeirense, pertencemos todos ao mesmo tronco, de acordo com os preceitos biológicos, assim cada um deve defender a sua "raça sem deprimir a raça alheia". (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC).

Na medida em que avança no seu texto, argumenta que, se os sociólogos, antropólogos defendem a superioridade do branco, isto não quer dizer que seja uma expressão racista, ao contrário, eles estão no seu "direito". (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). Argumenta que os eugenistas defendem o melhoramento da "espécie humano", seja o branco, o negro, amarelo ou vermelho. Porém, assevera: "Pelo fato de os brancos terem contribuído em maior extensão e profundidade para o progresso do mundo, não se pretende chegar à conclusão impertinente de que os elementos de outras raças não tenham contribuído, em seu tempo, em seu lugar e a seu modo, para o bem comum". (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). Como vemos, reconhece a contribuição de todos os povos para o mundo, mas afirma que os "brancos", deram a maior contribuição.

Essa forma de conceber o processo civilizatório o leva a pensar que toda a produção realizada pelos seres humanos foi feita sem o contato com os demais, ou seja, se concordarmos com Kehl, podemos afirmar que as criações humanas não tiveram cooperação em nível mundial entre os homens; pelo contrário, foram realizações sem a participação mútua entre a genericidade humana. Temos em Kehl um parco conhecimento em relação à produção humana, dos pontos de vista da Antropologia, Sociologia, História e Filosofia, isto é, para as quais os homens desenvolveram suas civilizações a partir do contato e intercâmbio estabelecidos entre os seres humanos, sejam os povos egípcios, greco-romanos, do oriente, etc.

Renato Kehl finaliza seu artigo afirmando que as questões de raça e etnia envolvem sentimento e, nesse caso, impõe-se o respeito mútuo. "O planeta aí está para o usufruto de todos os homens. Cada um que exalte o valor de sua raça, sem cair no erro de criar melindres, de estabelecer preconceitos inamistosos". E continua: "Como homens, vejamos nos nossos

semelhantes outros homens que lutam, que sofrem e que terão, como nós, igual destino". (Documento avulso. In: Fundo Renato Kehl, DAD-DOC). É por este caminho que Kehl, pretensamente, acredita que sejam resolvidas as contradições referentes às desigualdades étnico-raciais.

Na mesma linha, no texto *Catecismo para Adultos*, defende que os adeptos do movimento eugênico não devem ser alocados enquanto preconceituosos e contra uma determinada "raça", ou seja, a eugenia não tem "preferência ou simpatias por uma raça e antipatias por outra, bem assim não desconsidera, como disse em "Porque sou eugenista", os produtos oriundos de mesclas heterogênicas, embora os desaconselhe do ponto de vista étnico". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 63).

Embora sejam reconhecidas, Kehl parte do pressuposto de que a eugenia defende não somente o melhoramento da espécie, mas também assegura os grupos homogêneos, mesmo reconhecendo a inexistência de grupos "puros" pelo fato "de as raças não serem *etnicamente puras*, não se deve inferir que não haja inconveniência nas misturas indiscriminadas". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 63).

Ainda assim acredita que os grupos não devem mesclar-se para garantir a sua preservação; defende que a não relação entre os grupos "diferentes" não pode estragar-se, visto que a mistura é uma maneira de putrefação, referindo-se ao grupo de *brancos*. Kehl conclama que todo grupo étnico deve "defender a sua especificidade antropológica, evitando a heterogamia, porque cada um possui qualidades adstritas, às origens e às circunstâncias biológicas, mesológicas e sociais, que precisam e devem ser respeitadas em benefício próprio". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 64). Em *Catecismo para Adultos*, ancorado não somente na Biologia, mas na Antropologia, afirma que os traços étnicos são mantidos em virtude do não contato de um grupo com o outro e, caso haja a mistura, acreditava que ao invés de assegurar a eugenia, a mescla seria uma *disgenia*, pois os instintos de preservação não podem ser desconstruídos. A miscigenação é "responsável pela extraordinária variedade de tipos, com estranha diversidade de formas de olhos, de narizes, de orelhas, de cabelos, de lábios, de cores, de estaturas e de temperamentos". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 65).

O impedimento da mistura é uma forma de preservar e estipular qual será a tessitura de uma determinada "raça". Em suas palavras:

> Numa população mesclada e em permanente metabolismo, fica-se impossibilitado de predizer quais os tipos predominantes das futuras gerações, ao contrário do que acontece com as populações que não sofrem a mesma influencia, e cujos elementos são, geralmente, de aspecto somático-psíquico harmônico e constante, pela repetição dos caracteres hereditários comuns. (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 65).

Admirado com a controvérsia da miscigenação, propõe que seja incentivada a mistura no Brasil para que o "povo" seja clareado, pois, a partir do cruzamento entre as "raças", a tendência seria uma eugenização, ou, se quisermos o termo do nosso autor, por meio do eugenismo se efetivaria uma população homogênea, visto que para ele uma "nação só é verdadeiramente rica e próspera quando possui homens de linhagem hereditariamente sadia, esteios da nacionalidade e produtos de riquezas." (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 73). Eis o projeto de "povo" de Renato Kehl, pois, "quanto mais próspera uma nação, quanto mais elevado o índice das famílias" de "bem dotados". (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 73). Por essa razão, o seu anseio em selecionar os grupos sociais, fortalecer as "linhagens" que devem assegurar a sua pureza, o que na realidade nada mais é do que branquear o Brasil.

Assim, conclui a sua argumentação da seguinte maneira:

> A consanguinidade exerce função inversa à miscigenação. Enquanto esta multiplica e dispersa os valores genéticos, aquela concentra e reduz as variedades. Acontece, entretanto, que a disseminação de taras e a *seleção à rebours* tornaram a consanguinidade nociva, devendo, portanto, ser evitada. Como arma de dois gumes presa ser bem manejada pelos eugenistas. É mister, antes de permitir qualquer união consanguínea, examinar, detidamente, não só os indivíduos como, sobretudo, as prováveis propensões mórbidas e as taras psicopáticas das famílias em apreço. De tudo que dissemos resume-se, pois, que o matrimonio entre consanguíneos, por si só, não é prejudicial; há sempre, porém, probabilidade de os maus caracteres hereditários (recessivos) se conjugarem, assumindo desenvolvimento desastrosos; daí serem desaconselhados tais metrônomos. Quanto mais próximos os pais, tanto mais fácil será a coincidência do encontro do fator recessivo, responsável pela anomalia a surgir nos filhos. (KEHL, *C.P.A.*, 1945, p. 55).

A mistura, para Kehl, exerce uma função contrária ao individuo do ponto de vista consanguíneo e ao transmitir os caracteres genéticos, transplantam valores antissociais, como por exemplo as taras, delinquências e tantos outros. Kehl preconiza que para ser realizada qualquer união entre os indivíduos, principalmente de etnias diferentes, faz-se necessário exame a fim de identificar se há nos proponentes à união, aspectos, em seu entender, degenerativos aos homens, pois, por meio de tal metodologia, o individuo estará precavido de qualquer elemento que venha a danificá-lo. Diagnosticando no indivíduo histórico familiar disgênico, é necessário que seja impedido de consolidar famílias, pois, uma vez casando-se e multiplicando-se com pessoas eugenizadas, o atentado à humanidade estará sendo praticado. O impedimento entre mistura de etnias é uma maneira de garantir a permanência entre os grupos límpidos, puros, longe de qualquer perigo de deformação. A miscigenação é a causa, no entender de Kehl, das anomalias encontradas na sociabilidade. É nessa perspectiva que o projeto da eugenia deve se encampado.

Neste tópico apresentamos, de maneira exaustiva, as principais proposituras de Renato Kehl acerca da composição étnica do Brasil, concatenando com a sua concepção de

miscigenação, raça e branqueamento. O intuito foi expor as suas preocupações em relação aos temas – raça, miscigenação e branqueamento – como instrumento para a consolidação de um grupo social que seria o espelho da nacionalidade brasileira.

Ao mergulharmos na tessitura de sua proposta de povo, observamos que o seu conceito de raça era concebido a partir de uma visão biologizada do ser humano e, ao mesmo tempo, acreditava na existência de diversas "raças", com caracteres diferentes, quando, na realidade, segundo as ponderações que apresentamos no primeiro capítulo, tal conceito não passa de uma construção social e ideológica e serve para escamotear as contradições entre as classes sociais, favorecendo os interesses dos grupos que, na busca em assegurar os seus privilégios de classes e os seus empreendimentos, consolidaram o conceito de raça cujo fito era fundamentar ideologicamente, que existe diferenças significativa entre os seres humanos, quanto ao seu histórico biológico-hereditário.

Observamos em Kehl a crença na existência da consolidação do "povo" brasileiro a partir da efetivação de uma só "raça", a formação de um Brasil eminentemente "branco e civilizado", cujo principal empasse para a realização da nação seria os negros e os grupos não brancos, por isso sugere sua extinção.

Embora a miscigenação fosse um "problema" em relação à perpetuação de uma suposta "raça pura", Kehl defendia a mistura entre brancos, negros, nativos e amarelos como único caminho possível para a efetivação de um grupo homogêneo, sempre na sua perspectiva, o "branco"; a miscigenação seria saída para o branquear. O Brasil teria de ser branco por meio do caldeamento e por meio da assimilação dos grupos "inferiores" e o incentivo à mistura dos grupos, e, em algumas gerações, o país estaria livre dos não brancos.

Por fim, o projeto de povo em Renato Kehl, na realidade, expressava, em seu contexto, a preocupação das elites brasileiras que desde o seu nascedouro tinham como perspectiva, além de resolver o "problema" da raça, construir o Brasil a sua semelhança. (HOFBAUER, 2006; MUNANGA, 2004; MOURA, 1988; VIOTTI DA COSTA, 1986; SKIDMORE, 1974).

4.2 Os dilemas da imigração e a proposta eugênica

Neste tópico procuramos demonstrar que os eugenistas, em especial Renato Kehl, buscaram elaborar sugestões para a racionalização da política de imigração no Brasil, em particular num viés eugenista. É sabido que os dilemas da imigração foi uma das questões enfrentadas pelas elites brasileiras, principalmente no processo de transição do trabalho compulsório para o trabalho livre. Para além de suprir a demanda de mão de obra para o

mercado de trabalho, era necessário estimular a vinda de imigrantes que estivessem dentro da perspectiva da consolidação de um "tipo" de um povo que expressasse o ponto de vista da classe dominante. O processo de imigração foi uma questão espinhosa a ser resolvida, tema de exaustivas pesquisas no âmbito da historiografia brasileira.

O conjunto referente à historiografia sobre o tema da imigração é vasto e nos auxilia a apreender o processo da passagem do trabalho escravizado para o trabalho livre (MOURA; 1988; VIOTTI DA COSTA, 1986; BEIGUELMAN, 1978; JÚNIOR, 1972). A imigração é parte constitutiva da história do Brasil, desde o processo de colonização, com a chegada dos colonizadores, ao traficarem africanos com o objetivo de abastecer o mercado europeu e impulsionar a grande indústria, prática que possibilitou o enriquecimento dos países europeus, em particular a Holanda, e, posteriormente, com a vitória do monopólio do tráfico de africanos, a Inglaterra. Conforme indica Eric Williams (1975), o comércio de africanos escravizados foi um negócio que possibilitou o enriquecimento e o desenvolvimento do capitalismo.

De modo geral, a consolidação do Brasil deu-se a partir do processo de imigração, exceto os nativos que já habitavam o território, a grande massa da nossa população constitui-se de "europeus e africanos que afluíram no curso destes quatro séculos da evolução brasileira". (JÚNIOR, 1972, p. 233).

A política de imigração estrangeira deu-se no contexto das mudanças econômicas do Brasil, em particular, com os interesses da Inglaterra em extinguir o comércio de africanos para estabelecer o trabalho livre e expandir seu comércio para além do continente europeu. Todavia, é sabido que o caráter conservador e reacionário das elites, especificamente, os fazendeiros, os senhores de engenho, de modo geral, a classe dominante brasileira, empreenderam a extinção do tráfico de africanos paulatinamente. Basta acompanharmos o processo das leis consolidadas até findar definitivamente a escravização de africanos (Lei Eusébio de Queiroz, 1850; Lei do Ventre Livre, 1871; Lei do Sexagenário, 1885; Lei Áurea, 1888, abolição de escravatura no Brasil).

Os proprietários escravagistas não queriam perder seus investimentos econômicos e, para assentar o trabalho livre, houve muitas resistências desde 1830, quando a Inglaterra, por meio de suas políticas, interferia na economia brasileira, em particular, nas propostas de extinção do tráfico de africanos[117]. Nesse contexto, no ano de 1840, o senador Nicolau Pereira

[117] Conforme demonstrou Paula Beiguelman (1978, p. 21): "A política repressiva inglesa à época em que o comércio negreiro para o Brasil se encerrou visava exclusivamente a assinatura de um tratado consignado a pesquisa de indícios – cuja inoperância para afetar estatisticamente o tráfico, aliás, já se podia antecipar.

de Campos Vergueiro introduziu os primeiros imigrantes portugueses, estabelecendo 90 colonos na fazenda de Ibiçaba, no Município de Limeira. (BEIGUELMAN, 1978). O objetivo de Vergueiro foi implantar uma política de povoamento europeu, a fim de assegurar os interesses da grande lavoura.

De acordo com Beiguelman (1978), em 1847, o Brasil recebeu 423 colonos oriundos da Alemanha. Esse investimento foi realizado no âmbito privado, isto é, patrocinado pela firma Vergueiro & Cia., sem o financiamento do Estado brasileiro, ou seja, houve uma política de financiamento de imigração de trabalhadores estrangeiros com um "sistema de parceria". Os trabalhadores estrangeiros, ao chegarem às colônias, deparavam-se com a estrutura montada para trabalhar e, ao produzir as mercadorias, recebiam um salário.

De acordo com Azevedo (2004, p. 51):

> Até então a experiência com a imigração reduzira-se à fundação de colônias pelo governo geral, onde colonos, em geral suíços e alemães, congregavam-se como pequenos proprietários e produtores de gêneros de primeira necessidade para o abastecimento de cidades e vilas próximas. Mas, em São Paulo, pretendia-se provar que os imigrantes também poderiam ser aproveitados como trabalhadores livres a serviço da grande propriedade, acenando-se assim com a possibilidade de num futuro próximo substituir o escravo nas lides rurais.

Nesse contexto, dois elementos devem ser destacados: o primeiro é questão da propaganda sobre o Brasil, pois os estrangeiros acreditavam que estavam contribuindo para a construção do continente americano, estavam vindo para a "terra das oportunidades". Porém, quando chegavam às fazendas, deparavam-se com condições sub-humanas nos locais de trabalho e moradia. Além disso, havia uma dependência do imigrante em relação aos empregadores, pois, para garantir a sua subsistência, eram obrigados a fazer dívida com os empregadores; somando-se a isso, tinham ainda a dificuldade para receber os seus salários, visto que os fazendeiros estavam imbuídos da "cultura" escravagista e tratavam os imigrantes quase como trabalhador escravizado.

Esse tratamento aos trabalhadores imigrantes motivou o despertar de um espírito de resistência contra as condições de sobrevivência e as formas de trabalho no Brasil. Desta forma, os colonos (e aqui entra o segundo elemento) construíram uma visão estereotipada dos imigrantes, taxando-os de "ociosos", pois, segundo os proprietários, havia "certa animosidade para o trabalho" e outras desqualificações atribuídas aos imigrantes. Essa forma de conceber

---

Entretanto, essa exigência, em si pequena, assumiu tal relevância que acabou fornecendo o terreno onde encontraria expressão, no plano político, um passo já inscrito estruturalmente, uma vez preenchidas condições determinadas. Ou seja, uma vez amadurecido, o problema do encerramento da especulação em escravos encontra no contexto das relações agro-brasileiras o conveniente já preparado quadro que traz à tona".

os trabalhadores imigrantes perdurou até o momento em que o Estado passou a financiar o tráfico de imigrantes; assim, os fazendeiros de café transferiram a visão estereotipada do imigrante para o trabalhador africano, que passou a ser o "preguiçoso", "vagabundo", etc.

Para Clóvis Moura (1988), somente depois da proibição do tráfico de africanos, com a Lei Eusébio de Queiroz, de 1850, é que se inicia de maneira mais expressiva a imigração no Brasil, num total de 121.747. É a partir desse clima que principiam os primeiros lampejos em relação à substituição do trabalhador nacional pelo trabalhador estrangeiro.

Com a consolidação da Lei do Ventre Livre, em 1871, amplia-se a política de imigração e no mesmo ano constitui-se em São Paulo a Associação Auxiliadora da Colonização, cujo principal representante foi Francisco da Silva Prado, que, por meio dessa política, pode aumentar seus lucros; em 1886, é criada a Sociedade Promotora da Imigração, cujo vice-presidente era Martinico Prado (MOURA, 1988). Teve grande sucesso, chegando a importar para o Brasil cerca de 126.415 imigrantes. Foi extinta em 1895, após o Estado adotar medidas para financiar a vinda de imigrantes.

Cabe salientar que o segundo tráfico, expressão cunhada por Clóvis Moura (1988), foi realizado de 1851 até 1927, quando o Brasil não mais precisou da mão de obra imigrante. Os motivos que levaram o Brasil a adotar uma política de imigração estão intrinsecamente relacionados com os interesses da burguesia cafeeira, visto que havia uma demanda em nível mundial pelo café e, ao mesmo tempo, os fazendeiros, em virtude das leis de extinção do trabalho escravizado, encontraram na política de imigração de trabalhador estrangeiro um meio para angariar e garantir seus lucros, até porque os fazendeiros ao optar pelo trabalho dos imigrantes perceberam neste *negócio* um investimento mais barato.

Segundo Costa (1986, p. 59):

> Nos meados do século, quando as primeiras tentativas de introdução de imigrantes nas fazendas de café, os fazendeiros haviam financiado as passagens, mas pouco a pouco, a partir dos anos setenta, o governo provincial chamou a si essa responsabilidade. Nos anos 80, o governo despendeu somas vultosas com a imigração, sendo que as maiores quantias foram as relativas aos 1884/85 e 1885/86. A partir do momento em que o Estado começou a financiar as passagens dos imigrantes, os riscos envolvidos na experiência foram socialmente divididos por todos, mas os benefícios couberam diretamente aos fazendeiros. A partir de então, estes puderam enfrentar a transição para o trabalho livre mais facilmente.

Os investimentos relacionados à política de imigração eram de grande vulto para beneficiar os fazendeiros de café. Não se tratava apenas de suprir a necessidade de mão de obra, conforme argumentavam os proprietários; o que estava em jogo era como os fazendeiros iriam escoar a sua produção de mercadoria – neste caso o café – e, ao mesmo tempo, não ter prejuízos ao alforriar o trabalhador africano. A política de branqueamento estava latente,

principalmente com o fim da escravidão em 1888 e com a consolidação da primeira República em 1889, que, além de ser o sinônimo de modernidade, viabilizaria a "nação" brasileira, leia-se: "branca", civilizada, capitalista e cristã.

É neste itinerário que a utilização da força de trabalho dos ex-escravizados será rejeitada, pois, não se tratava de "incapacidade intelectual" do negro[118], como trataram alguns estudiosos sobre o tema, mas da ampliação de capital, no caso dos fazendeiros, e concomitante, colocar em prática a política de embranquecimento no Brasil. Foi esse sistema mercantil, conforme demonstrou Moura (1988, p. 91), que se desenvolveu "em cima da importação do trabalhador europeu, determinou a exclusão do negro, e do trabalhador nacional de modo geral, de uma integração como mão de obra capaz de dinamizar o surto de desenvolvimento econômico que surgiu com o *boom* da economia cafeeira". Daí a criação dos estereótipos em relação ao negro, tais como "vagabundos", "sem interesse em trabalhar" e tantos outros consolidados a partir daí.

As oligarquias se beneficiaram dessa política até o final da década de 1920, quando a dinâmica econômica entraria em outro patamar, pois os interesses que passariam a ser hegemônicos são os dos industriais, visto que a demanda pelo café em nível mundial declinara e, portanto, a força de trabalho estrangeira não seria necessária para tal finalidade. É nesse contexto que os eugenistas vão elaborar as suas propostas relacionadas à política de imigração, ao preconizarem níveis de racionalização na escolha de imigrantes.

Inicialmente, Kehl reproduz a visão dos precursores do movimento da imigração, apologizando a vinda dos trabalhadores europeus; em outro momento, busca interligar a política de imigração com as condições sanitárias do Brasil. Os imigrantes eram solução para a absorção da força de trabalho, visto que os trabalhadores brasileiros, na sua visão, não tinham condições de saúde para realizar os serviços existentes. Assim, os imigrantes europeus estariam numa condição privilegiada por obterem preferência no mercado de trabalho. Os imigrantes chegam com "saúde e robustez, cheios de vida e de ânimo para o trabalho". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 167). E, portanto, os trabalhadores nativos do Brasil estão em

[118] Crenças como essas não fogem à regra a pensadores de estatura como o de Celso Furtado, alvo de críticas de Clóvis Moura (1988, p. 82), que ao demonstrar as razões que obstaculizaram o negro de obter acesso ao mercado de trabalho afirma, que as razões não são de incapacidades intelectuais, muito pelo contrário, foi construído um projeto para impedir o negro de acessar o mercado de trabalho, sobre tudo posterior a escravidão. Neste sentido, escreve Moura ao criticar o pensador de *Formação Econômica do Brasil*: "Pelo pensamento de Celso Furtado, a culpa da segregação (marginalização) dos ex-escravos (e aqui está embutida a imagem dos negros e não-negros) e componentes da massa de mão de obra nacional transformada em excedente, foi decorrência do seu atraso mental, fato que conduziu ao entorpecimento da economia do país". No caso do texto de Celso Furtado, alvo das críticas ver em especial *Formação Econômica do Brasil*, Rio de Janeiro, Fundo de Cultura, 1959, em especial a página 166.

desvantagem, e os trabalhadores estrangeiros passam a ser priorizado no setor de serviços, bem como nas indústrias. A *inferioridade* (física) dos brasileiros, na lente de Kehl, "sem constância, iniciativa, resistência e disciplina e outras qualidades requeridas para o sucesso no comércio, na indústria, na lavoura, vão aos poucos entregando as nossas riquezas e patrimônio". (KEHL, *A.D.F.*, 1923, p. 168).

Em Renato Kehl, a política de imigração era uma medida que seria superada com a cura do "povo" brasileiro, ou seja, por meio de uma política de saúde, o brasileiro se livraria dos seus males e poderiam chegar ao mesmo patamar dos imigrantes, visto que, uma vez eugenizados, estariam aptos para entrar no mercado de trabalho.

Em *Lições de Eugenia* (1929), exatamente dois anos após o encerramento dos investimentos imigratórios no Brasil, Kehl escreve um texto intitulado "Eugenia e Imigração", no qual considera o Brasil um país da Terra Prometida ou Canaan do século XX (KEHL, *L.D.E.,* 1929). Ao apresentar os aspectos geográficos do Brasil, afirma que a imigração tende a aumentar, porém, assevera que "teremos de desviá-la, dificultando a entrada de certos imigrantes, como já se faz a América do Norte" (KEHL, *L.D.E.,* 1929, 192). Ou seja, a entrada de imigrantes no Brasil, na percepção dos eugenistas, deveria ser, preferencialmente, de brancos ingleses, escandinavos – mesmo porque para os eugenistas dos EUA os italianos, portugueses e espanhóis não passavam de "brancos lixo".

Os governantes (e as elites) do período não validaram uma política de imigração de cariz eugenista desde o início, logo, o descuido possibilitou a entrada no Brasil de "maus elementos alienígenas para a formação da nacionalidade brasileira." (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 192). Visando amplificar seu argumento, afirma que, no Brasil, desde o período monárquico até o republicano, entrou a "escória social de várias nações europeias" (KEHL, *L.D.E.,* 1923, p. 193-94). Vinham boçais e ordinários, para utilizar os seus termos; o País recebeu elementos nocivos, interferindo na química racial e proporcionando o cruzamento entre brancos, índios e negros (KEHL, *L.D.E.,* 1923); devido à exigência de mão de obra, não foi criteriosa a vinda de imigrantes, resultando na transfusão de "maus sangues nas veias do nosso povo" (KEHL, *L.D.E.,* 1929, p. 194).

Descontente com a imigração, lastima: "No Brasil, infelizmente, tem tido entrada franca os cretinos e os mentecaptos, os epiléticos e até os doidos, por complacência ou porque conseguem escapar à fiscalização dos portos" (KEHL, *L.D.E.,* 1929, p.194). A imigração sem critérios traria graves perigos, sobretudo, para a nacionalidade.

Selecionar os "bens dotados" para entrar no Brasil deveria ser um dos critérios dos homens de governo e, por meio da política seletiva, tanto física, como mentalmente, inclusive

com exame nupcial. Existem algumas "raças" que não nos "convém", afirma não ser contrário à política de imigração, todavia, argumenta: "somos, sim, de opinião *que não devemos, absolutamente, facilitar, fomentar,* a entrada espontânea dos que aqui vierem para colaborar conosco no progresso do país" (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 195).

E arremata, indicando quais os grupos deveriam ser impedidos de entrar no país: "Referimo-nos, sim, às raças negra e asiática. Como já esclarecemos, somos contrários ao cruzamento da raça branca com a preta ou amarela, única e exclusivamente, por motivos eugênicos, sem outro qualquer motivo ou preconceito de superioridade e inferioridade". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 196).

A proposta de Renato Kehl em relação à imigração está intimamente ligada a sua proposta de política de branqueamento, ou, se quisermos, a de tornar o Brasil "branco", dentro da sua previsão. Por essa razão, posiciona-se contrário à entrada de imigrantes africanos ou asiáticos, porque não possuem características civilizadas, não são disciplinados. Conclui:

> Não nos inscrevemos entre os partidários de ideias extremadas, muito menos em questões de raça. Não há povos "eleitos": há povos com característicos diversos, em alguns nota-se a predominância de certos caracteres que os tornam mais ou menos "civilizados", "disciplináveis", progressistas, enquanto noutros se observa a predominância de caracteres que os tornam mais ou menos "brilhantes", "improvisadores" "boêmios". (KEHL, *L.D.E.*, 1929, p. 196).

O sonho de Kehl é um Brasil branco e, nesse sentido, a eugenia é uma ferramenta eficaz para a racionalização da política de imigração brasileira. Portanto, permitir a entrada de grupos que não sejam brancos dificultará a concretização da branquitude no Brasil.

No livro *Aparas Eugênicas*, capítulo VIII, "Eugenia Construtiva", em particular no tópico "Imigração *e seus perigos*", o autor contabiliza o número de pessoas existentes no mundo, que à época eram 2 bilhões, sendo 900 milhões na Ásia, 500 milhões na Europa, 220 milhões na América, 150 milhões na África e 7 milhões na Austrália e Oceania (KEHL, *A.E.*, 1933). A partir desses dados, afirma que "as perspectivas futuras não se apresentam, pois, muito favoráveis para a *civilização ocidental".* (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 206).

Kehl reclama sobre a questão do controle *mundial* e afirma que o mundo desde a era cristã foi governado pela "raça branca", ou pelos menos "tem-lhe cabido o *bastião* de mando, o *controle* do movimento político, econômico e social do planeta". (KEHL, *A.E.*, 1933, p. 206). Todavia, com a migração em grande escala, segundo suas previsões, muitos países ficarão completamente mestiçados, com a predominância dos elementos asiáticos. (KEHL, *A.E.*, 1933).

Em relação ao Brasil, Kehl afirma que, caso não haja uma política de imigração voltada para os brancos, a ameaça de a população brasileira permanecer mestiça perdurará. E

ainda, a política de racionalização de imigração será benéfica não apenas para branquear o Brasil, mas para poder combater a onda de "criminalidade" encontrada no território brasileiro. Portanto, a política de imigração seletiva é um caminho para que não se estrague o homem branco, visando também impedir que seja "estragado" o andamento da consolidação do "povo" brasileiro. Esta propositura fica evidente na carta enviada a Xavier de Oliveira:

> É um crime de lesa-pátria permitir a entrada de indistinta, anárquica, em massas, de imigrantes sobretudo asiáticos, no nosso país. A tanto equivale transformar o Brasil em uma verdadeira "Sapucaia" de raças.
> Precisamos que alguém se levante com energia e diga estas coisas, sem rebuços, para ver se ainda se consegue demover os responsáveis pela administração do errado passo que vai dar. O povo do Irak é um dos mais atrasados do mundo, composto de tribos nômades, ignoráveis, turbulentas. Será crível admitir que recebemos este rebotalho das mais ínfima espécie no nosso território? Para mim trata-se de caso inconcebível de ignorância ou interesses inconfessáveis. Não se entope [grifo do autor] um país com povos de raças heterogênicas e inassimiláveis e, mesmo, que fossem assimiláveis. Um país não é um laboratório para experiências de cruzamentos. Temos a obrigação de deixar para os nossos filhos e netos um futuro tranquilo do ponto de vista racial e sociológico.
> Como esperar esse futuro, introduzindo povos que aqui se enquistarão ou que mesclarão para dar nascimento a uma população cujos característicos não é difícil de prever, serão maus? Isto de se dizer, relativamente aos japoneses, que são muito inteligentes e dóceis, não é motivo bastante para considerá-los favoráveis para o nosso povoamento. Há razões mais sérias e muito mais complexas, especialmente eugênicas, e que, por infelicidade, ninguém leva em consideração. Sou radicalmente contrário a tais imigrações em massa – tenho razões suficientes, após estudos e observações de muitos anos, para assim opinar. Não me deixo levar apressadamente, como fazem muitos de nossos homens de responsabilidade, por simples simpatias de momento ou por outro qualquer motivo que a razão e o patriotismo não justificam. Peço-lhe, pois, que com denodo de bata, enquanto é tempo, contra este crime lesa-pátria.
> Não desejo que meus filhos e netos tenham, um dia, de empunhar armas para defender o maior de todos os patrimônios, que é o de ser cidadão desta grande e bela terra,
> Cordial abraço do colega, amigo e admirador. (Kehl, Fundo Renato Kehl DAD-DOC).

O aspecto que deve ser apontado é o seu ódio contra os imigrantes não brancos, ou seja, com o incentivo não seletivo de imigrantes, o Brasil passaria em um momento não muito distante, por uma guerra civil em defesa da pátria. A exacerbação nacionalista de Kehl expressa o ideário de uma gama de intelectuais de sua época, que acreditavam na consolidação da nação brasileira sem a contribuição de outros grupos sociais, pois a efetivação da "nação" brasileira deveria contar apenas com a contribuição de imigrantes "brancos".

Renato Kehl não é tímido em relação a sua proposta de política de impedir imigração de não brancos para o Brasil, considerando que muitos políticos, de acordo com Skidmore (1978, p. 216), hesitavam em "assumir publicamente posições racistas ostensivas como a de

aprovação de uma barreira de cor absoluta"[119]. A perspectiva de Kehl foi expressa pelo deputado paulista Teotônio Monteiro de Barros, que defendeu num pronunciamento a sua posição em favor da lei – de imigração – com a esperança de branquear o Brasil, argumentando que, ao contrário dos Estados Unidos, estava contribuindo para o "desaparecimento da mancha negra no sangue branco" (SKIDMORE, 1978, p. 218).

Outro aspecto que precisa ser mencionado: para entrar no Brasil, os imigrantes deveriam assimilar a cultura e concorrer para formação da nacionalidade brasileira, isto é, teriam de contribuir para consolidação do espírito nacionalista e da pátria. É nesse intuito que Kehl preconiza a política mais seletiva de imigração. Essa propositura, conforme abordamos em outro momento, foi manifestada na tese de Azevedo Amaral, que propunha a vinda somente de brancos, para contribuir na constituição do "povo brasileiro".

No final da década de 1930 para os anos de 1940, o então presidente Getúlio Vargas se pronuncia a respeito da política de imigração. Em seu estudo sobre a ideologia de Getúlio Vargas, em especial no Estado Novo, Lívia Cotrim (1999) analisa a gestão de Vargas, por meio dos seus discursos, e apresenta, de maneira breve, as proposituras do presidente gaúcho, em relação à política de imigração no Brasil.

Segundo a autora, Vargas afirma que os "imigrantes são bem-vindos, desde que deixem assimilar, de modo a evitar a formação de 'quistos-raciais'" (COTRIM, 1999, p. 207). Mais adiante, já em 1937, assevera: "Essa atitude, tão delicada e viril [impedir a entrada de agitadores], não implica desejo de isolamento, egoísmo inamistoso, falta de solidariedade humana. [...]. Podem entrar os que queiram engrandecer-se conosco [...]. O que queremos é que nos ajudem e nos respeitem [...]" (VARGAS apud COTRIM, 1999, p. 207).

No período da Segunda Guerra Mundial, Vargas preconiza a sua política de imigração da seguinte maneira: "A imigração europeia tem sido benéfica ao progresso econômico do país. A política de aparente restrição, que estamos praticando, é, no fundo, de simples regulamentação da entrada de imigrantes, de acordo com as condições de trabalho nacional e as exigências de natureza social e política" (VARGAS apud COTRIM, 1999, p. 208).

A preocupação de Vargas casa com a proposta eugênica, pois, além de assimilar e contribuir para a cultura brasileira, o Estado deveria estabelecer quotas apenas para a entrada de homens "laboriosos", e a preocupação em "distinguir, entre os imigrantes, aqueles que seriam 'agentes forasteiros'" (COTRIM, 1999, p. 208).

[119] Skidmore (1976) afirma que, no ano de 1934, a Assembleia Constituinte adere à proposta de 1930 referente ao artigo 121, seção 6, que assegurava cotas nacionais para a entrada de imigrantes ao Brasil num percentual de 20% para cada país sem exceder a quantidade pelo menos nos últimos 50 anos.

Por fim, na passagem seguinte, vemos expressar cada vez mais as sugestões eugênicas para os imigrantes no Brasil:

> A entrada de imigrantes continua adstrita ao regime de quotas [...]. Queremos homens válidos e laboriosos e repudiamos os elementos moral e fisicamente indesejável, os de atividade parasitária, os sem ofício, os desenraizados e incapazes de fixar-se, de constituir família brasileira, de amar a terra adotiva e por ela sacrificar-se. Não devem procurar o Brasil os que professam convicções em desacordo com as nossas – os internacionalistas. (VARGAS apud COTRIM, 1999, p. 208-09).

Kehl delineia o seu de povo, ou seja, preconiza a vinda de elementos "desejáveis", dispostos a fortalecer a família e amar a pátria brasileira. O representante do Estado Novo não estava alheio à discussão de seu contexto, visto que Renato Kehl foi convidado por Oliveira Vianna para compor a comissão de assuntos referentes à política de imigração no Brasil, isto significa que a política realizada por Vargas tem elo com a propositura dos eugenistas, daí a utilização dos conceitos eugênicos, como por exemplo, "elementos moral e fisicamente indesejáveis", "parasitários", "sem ofício", "desenraizados", "incapazes", não devem adentrar o Brasil. Eis o vocabulário de Getúlio, que não é inocente, e ao mesmo tempo carrega uma ideologia e um projeto de "nação", cujo escopo extrapola o aspecto étnico-racial.

Concluímos este tópico apresentando a proposta de imigração do "ponto de vista" dos eugenistas, em especial, de Renato Kehl; demonstramos que o projeto de "nação" em Kehl só pode ser objetivado caso se considere, sobretudo, uma questão candente em seu contexto, a política de imigração no Brasil. O autor aqui apreciado acreditava que a "nação brasileira" só poderia se concretizar caso os elementos da imigração fossem analisados sob a ótica da eugenia, daí o seu empreendimento em tematizar o "problema" da imigração para contribuir para a formulação da nacionalidade brasileira. Foi com este intuito que optamos por apresentar a visão dos eugenistas e suas sugestões para *racionalização* da política de imigração no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstrados os contornos referentes ao movimento eugenista no Brasil, a partir de seu principal expoente, Renato Kehl, constatamos que seu principal objetivo era fornecer subsídios para a concretização de um projeto de povo brasileiro, sendo necessário, para isso, enfrentar e resolver as questões relacionadas ao sanitarismo, à educação, delinquência, pobreza, prostituição, raça, imigração e mestiçagem. A eugenia era a ferramenta primordial para disponibilizar os meios de superação dos problemas.

Para concluir este trabalho, resumiremos os elementos centrais do pensamento de Kehl, concatenando-os com o contexto no qual ele está inserido. Tal percurso será de suma importância para reforçar a nossa defesa de que Renato Kehl é a principal expressão do movimento eugenista brasileiro e da América Latina.

Conforme apontamos, o pensador limeirense está inserido num momento em que as elites do Brasil estão tematizando qual o destino necessário que o país deveria trilhar. É no bojo das questões referentes à abolição da escravatura e da República que Kehl vai se propor à tarefa de convencer as elites a assimilarem a ideologia da eugenia para consolidar um movimento em nível nacional. É, pois, neste quadro, que a sua produção torna-se parte constitutiva da expressão do pensamento conservador brasileiro.

Em seu livro, *Os intelectuais e a organização da cultura* (1979), Gramsci (1978, p. 7) afirma que "Todos os homens são intelectuais". Considerando essa ideia do pensador italiano, podemos inferir que Kehl exerceu uma função social e ainda, segundo Gramsci, compartilhava de uma determinada concepção, defendida "uma linha consciente de conduta moral", contribuindo, assim, para "manter ou para modificar uma concepção de mundo, isto é, para promover novas maneiras de pensar". (GRAMSCI, 1978, p. 8).

Todavia, Renato Kehl não deve ser considerado um "intelectual orgânico", em virtude de não ter concretizado uma teoria política sólida para orientar as elites do Brasil. O seu objetivo foi dispender esforços para efetivar uma sociabilidade a partir dos seus próprios anseios; as iniciativas científicas almejavam intervir e transformar a realidade brasileira a partir de sua própria concepção higienista de sociedade. Portanto, neste referencial, consideramos que Kehl foi um interlocutor e propagador do movimento eugenista brasileiro.

Verificamos na produção de Kehl que a sua preocupação central não era a de construir um povo, pois, acreditava que o Brasil já estava construído. Contudo, o seu esforço está em

oferecer elementos para a consolidação de um povo e, nesse sentido, cabia à eugenia, apresentar estudos sobre as condições do país e disponibilizá-los para serem efetivados.

Kehl foi um dos teóricos e propagandista do movimento que mais escreveu livros e artigos sobre a temática, além de ser o principal responsável por construir uma rede do movimento eugênico no sentido de difundir tais ideários e fomentar a criação de instituições estatais (e não estatais) eugênicas para conscientizar as elites sobre a pertinência de se implantar no Brasil políticas para impedir a reprodução de pessoas indesejáveis, sugerindo a criação de leis, elaborando relatórios sobre exames pré-nupciais, esterilização compulsória de doentes mentais, delinquentes e criminosos. Em suma, acreditava que os "feios" deveriam ser freados na sua reprodução.

O protagonista do movimento, ao tematizar a composição do povo brasileiro, apostava no ideário do branqueamento, visto que o "homem branco" representava o símbolo de civilidade e do "povo" brasileiro. Por meio da mistura étnico/racial e o incentivo da imigração estrangeira de brancos, chegaríamos a ser um país majoritariamente de brancos, de homens "superiores" e "puros".

Outro elemento que deve ser ressaltado tem a ver com a controvérsia referente ao papel do Estado e das instituições. No horizonte de Kehl, o Brasil carecia de homens capacitados para exercer funções público-administrativas, tal precariedade se constatava nas eleições, cujos representantes eram de mandatários de uma minoria de eleitorado na maioria das vezes bisonho e complacente (KEHL, 1917). Defendia que deveria haver escolas preparatórias para gerar grandes administradores, munindo-os de conhecimentos de biologia, assim as questões sociais seriam resolvidas por gestores competentes. Para Kehl, a carência de conhecimento era um dos pontos centrais para se legislar, pois esta tarefa cabe aos homens cultos, munidos de desejos patrióticos, com leis contundentes de imigração e regulamentação casamentos eugênicos, proteção às mães, à infância etc.

Defende, como outros teóricos do conservadorismo, um Estado forte e centralizado, pois, como o Brasil ainda não possuía um "povo" homogêneo, havia a necessidade de o Estado ser gestado por pessoas capazes de conduzir os processos e realizar as políticas de eugenia. Para Kehl, a solução, fosse de caráter comunista, democrática ou socialista, só poderia ser exitosa caso estivesse ancorada na eugenia. De fato, essa forma de reflexão política é típica da manifestação da *forma de ser* do *pensamento conservador* que tem seu marco desde o período da escravidão, passando pelas transformações do Brasil Império até a consolidação da República e que vai repercutir nos governos de Getúlio Vargas e constitui o

momento do estabelecimento do golpe de 1964. Eventos que desde 1900 o médico limeirense pôde presenciar[120].

Sendo assim, Renato Kehl é um dos intelectuais que expressa a natureza do *pensamento conservador brasileiro*, pois é favorável à conciliação do "novo" com o velho, mediado pela eugenia, isto é, conserva os traços de dominação de classe sem favorecer os setores subalternos, ausentes de qualquer avanço democrático ou distribuição de terras ou rendas. É preciso ressaltar que o precursor do movimento eugenista no Brasil foi um entusiasta do Império e comemorava ter nascido nesse contexto; todavia, acreditava ser necessário garantir a efetivação de um novo Estado que efetivasse o eugenismo, por meio de administradores competentes e honestos. O novo e o verdadeiro Estado brasileiro seriam assegurados pelo *corporativismo eugenista* instituído.

No que diz respeito ao pensamento conservador, é sabido que a sua manifestação tem raiz na querela entre as classes sociais no seio do continente europeu, em especial, da ofensiva da burguesia através dos embates travados com o movimento operário, como as lutas de 1848 e a Comuna de Paris 1871. Tais embates fizeram com que as burguesias se tornassem reacionárias, conservadoras e antidemocráticas, e identificaram nos trabalhadores o potencial revolucionário. A saída foi combater e reprimir os movimentos operários e *pari passu* recolonizar os continentes africano e asiático construindo as bases políticas e econômicas dos poderes coloniais no final do século XIX. Para efetivar seu projeto, a burguesia vitoriana, tanto no interior e fora do berço do capitalismo, agiu como trem sem freio se valendo da ideologia antidemocrática e aristocrática de paladinos do conservadorismo, como Gobineau e Nietzsche, para ficarmos apenas nestes teóricos.

Considerando as ponderações realizadas por Alberto Torres, este tinha razão ao afirmar que os intelectuais do Brasil não fizeram outra coisa a não ser reproduzirem as teorias dos referidos autores. Porém, Torres não teve a dimensão de que tais teorias eram a expressão do conservadorismo e que, no Brasil, delineou-se de forma peculiar, principalmente a partir dos processos de transição do trabalho escravizado para o trabalho livre.

Nesta perspectiva, a produção de Kehl é permeada de elogios aos teóricos do pensamento conservador europeu, por exemplo, ao rebelde aristocrata Nietzsche, Gobineau e Leonard Darwin. O médico político é, na esteira dos ideólogos do conservadorismo brasileiro

[120] Após um longo período de atuação em nome do projeto eugênico, Renato Kehl (1950; 1940), passou a publicar artigos sobre caridade, crianças abandonadas, assistência social e tantos outros temas; em relação aos seus livros, é sabido que produziu uma gama de textos bibliográficos sobre psicologia e caráter. De todo modo, em seus textos, mesmo sem a utilização do conceito de "eugenia", suas investidas ainda perduraram na mesma toada.

e da Europa, a expressão da ideologia antidemocrática que preserva a desigualdade, através da "ciência", para legitimar a biologização do *ser* travestido de uma aparência racional.

Neste quadro, Gyorgy Lukács (1979; 1959; 2009) é um dos principais teóricos que oferecem subsídios para captarmos as determinações sociais em relação à biologização como *mistificação* das relações sociais. De maneira assertiva, Lukács (2009, p. 34) afirma que atribuir caráter científico à biologia é, antes de tudo, "um mito, como se constata claramente já em Nietzsche: a sua 'raça de senhores' tem fundamentação romântica e moral. A biologia, aqui, não passa de um ornamento místico". Kehl, no empreendimento de oferecer substratos para o Brasil, valeu-se, sobretudo, de "métodos" das ciências naturais, oriundos de um marco político-social, mistificado que se traduz na teoria racista[121].

Por fim, resta apontarmos algumas reflexões sobre a perspectiva de Kehl da temática referente ao conceito de "raça", considerada como "categoria biológica". Por essa razão, ele defendia que os grupos sociais, isto é, brancos, negros, nativos e amarelos, deveriam ser classificados como "seres" distintos. A mistura culminaria na degeneração dos grupos, em especial, dos brancos (perspectiva defendida por Gobineau). Assim, sugere que os grupos étnicos deveriam manter relações apenas entre os mesmos para manter as "qualidades étnico-raciais".

Empapado das ideias ventiladas em seu contexto, Kehl acreditava que a miscigenação deveria ser incentivada para branquear a "nação" brasileira, e afirma que a opção pela não mistura deveria ser compreendida como uma prática "biológica" e natural entre os "seres", e isto não geraria preconceito e tampouco racismo por parte daqueles que se recusassem a se misturar outros grupos. É sabido que, mesmo contextualizando Kehl em seu tempo, as discussões relacionadas, sobretudo, ao conceito de raça, puderam ser acompanhadas, mas as suas conclusões estão aquém das discussões sobre a existência ou não das raças, como por exemplo, a que foi realizada pela Unesco na década de 1940, conforme mencionado na introdução desta pesquisa.

---

[121] Na mesma direção, Lukács (1979, p. 49), ao tematizar a filosofia nietzschiana, afirma: "É impossível subestimar aqui a influência decisiva de Nietzsche na evolução do conjunto do pensamento imperialista; poder-se-ia mesmo dizer que ele criou o arquétipo da mistificação. Sem nos querer estender longamente sobre os temas principais desses mitos, insistiremos no papel que neles desempenham o corpo e a carne. Nietzsche rompe efetivamente com a espiritualidade abstrata e a moral pequeno-burguesa da filosofia oficial. Sua teoria do conhecimento e sua moral afirmam e defendem os direitos do corpo, sem fazer nenhuma concessão ao materialismo filosófico. Ora, o aspecto filosófico de um corpo assim privado de toda matéria só pode ser mítico. Aí está um elemento desse biologismo particular e dessa psicologia que repousam em pretensas bases biológicas. E toma em Nietzsche o lugar de uma concepção social. Essa introdução está completa e por assim dizer coroada pela perspectiva mítica da evolução da humanidade, pela aceitação do imperialismo, pela criação de uma aristocracia nova e pela negação do socialismo, ao qual opõe seu mito biológico. Todas as bases filosóficas do racismo encontra-se assim preparadas".

É sabido que o limeirense tinha conhecimento sobre a temática em tela, todavia, em virtude de seu ideário do branqueamento, não adere às sugestões da Unesco e mantém sua perspectiva de conceber as relações sociais balizadas na “biologia”; não se trata apenas de mera falta de conhecimento sobre a temática, pois tanto Kehl como outros intelectuais de seu contexto estavam atualizados nas discussões sobre diversas temáticas, porém, devido ao círculo da intelectualidade, expressão do pensamento conservador, assumir a propositura “não racista” significaria aceitar a tese da não existência de várias “raças" e, consequentemente, colocaria em questão sua crença ideológica, política e societal. Daí a sua insistência na crença na existência das “raças”.

A biologização das relações sociais seria o ponto de partida e de chegada de Renato Kehl, para o Brasil e para a humanidade, que deveriam ser eugenizados a fim de ficar livre dos disgênicos, para, aí sim, construir uma humanidade pura, límpida, capaz de assegurar o futuro do planeta.

Tais argumentações reforçam a tese da função social da ideologia no movimento eugenista, pois não estamos querendo confirmar se a proposta dos eugenistas, em especial a de Renato Kehl, era “positiva” ou “negativa”, ao contrário, buscamos apresentar a ideologia posta como resultado das contradições sociais – que os eugenistas rotularam como “problemas” – da qual a eugenia é eleita como solução pelos partidários do movimento. Neste caso, esta cumpre uma função social em virtude de ter o seu nascedouro a partir da realidade social, e mais, os seus adeptos, em especial Renato Kehl, estavam convencidos de que o caminho a ser trilhado para o Brasil e seu sucesso estaria na implantação do projeto eugenista.

É neste quadro que a política eugênica transforma-se em ideologia, pois os seus partícipes, ao se convencerem do projeto ideológico, passam a empreender uma prática no sentido de pulverizar tais ideias, acreditando na possibilidade da ampliação do movimento, conforme demonstramos nesta pesquisa, a consolidação de leis eugênicas, os movimentos de encapsulamentos dos denominados loucos, indesejáveis às instituições manicomiais; a efetivação do racismo mediante segregação espacial de negros nas favelas, nos locais menos favorecidos; a prática escolar, também foi um local privilegiado de “higienização”/eugenização, além de contribuir para a dominação das populações pertencentes a classe trabalhadora; a criminalização dos pobres (e não da pobreza), como prática da eugenia. Por essa razão que defendemos a tese de que a eugenia é racista, higienista, conservadora, anti-humana, em suma, expressão do conservadorismo da classe dominante, daqueles que precisam construir formas e meios para garantir seus privilégios de classe.

Buscamos apresentar a manifestação da ideologia do racismo, por meio da eugenia como expressão do pensamento conservador e manifestação da propositura das elites brasileiras. Resta-nos refletir como a eugenia tem se manifestado em nossa atualidade, visto as elevadas taxas de encarcerados, que coloca o Brasil ocupando o terceiro lugar em população carcerária, além dos relatórios oficiais, em especial, sobre a taxa de assassinatos de jovens negros no país, entre tantos outros problemas sociais da nossa atualidade (vide nota 112 da presente pesquisa).

Se compararmos o contexto histórico vivenciado por Renato Kehl com a nossa atualidade verificamos rapidamente que intelectuais, imprensa e instituições públicas e privadas não utilizam mais os termos eugenia ou movimento eugenista, mas as propostas eugênicas ainda perduram na prática social devido à preservação e ao predomínio das ideologias conservadoras entre as nossas elites destacando-se, só a título de conclusão, a reatualização de projetos e leis referentes a políticas de internação compulsória, hiper-exploração nos meios de comunicação sobre o uso e abuso de drogas; às ações de profilaxia social no social âmbito da saúde; à medicalização infantil, entre outras questões, que sobretudo, atingem diretamente os setores denominados, atualmente, denominados vulneráveis ou em situação de risco, quais sejam os descendentes de africanos escravizados no Brasil, os indígenas, ciganos, os brancos empobrecidos, em suma, a classe trabalhadora na sua totalidade.

REFERÊNCIAS

AMADO, Gilberto. Instituições políticas e o meio social no Brasil. In: CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). **À Margem da História da República.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1981. Tomo I.

AMARAL, Azevedo. **O Estado autoritário e a realidade nacional**. Disponível em: <http://bdjur.tjce.jus.br/jspui/bitstream/123456789/118/1/AMARAL,%20A%20O%20estado%20autorit%C3%A1rio.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2014.

AMARAL, F. Pompêu do. Explosão Demográfica: a impostura e suas implicações. **Revista Temas de Ciências Humanas**, n. 6. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai** – A África na filosofia da cultura. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ARBEX, Daniela. **Holocausto brasileiro – genocídio**: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil. São Paulo: Geração, 2013.

ARRUDA MELLO, Octávio de. Alberto Torres e o conceito de raça no Brasil. **Revista Ensaio**, n. 13. São Paulo: Editora Ensaio, 1984.

ASSUNÇÃO, Vânia Noeli Ferreira de. **O satânico Doutor Go**: A ideologia Bonapartista de Golbery do Couto e Silva. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. **Onda negra, medo branco**: o negro no imaginário das elites no século XIX. São Paulo: Annablume Editora, 2004.

_____. **Anti-racismo e seus paradoxos** – reflexões sobre cota racial, raça e racismo. São Paulo: Annablume, 2004.

BACON, Francis. Novum Organum. **Os Pensadores**. São Paulo: Editora Abril, 1979.

BLACK, Edwin. **A guerra contra os fracos** – A eugenia e a campanha norte-americana para criar uma raça superior. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

_____. **IBM e o Holocausto**: A aliança estratégica entre a Alemanha Nazista e a mais poderosa empresa americana. Rio de Janeiro: Editora Campus Ltda., 2001.

BEIGUELMAN, Paula. **A formação do povo no complexo cafeeiro**: aspectos políticos. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1977.

_____. **Pequenos estudos de ciência política**. São Paulo: Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais, 1973.

BERNARDO, João. **Labirintos do fascismo**. Tese (Doutorado – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, 1998.

_____. **Natureza e Nazismo**. Disponível em: <http://www.afoiceeomartelo.com.br/posfsa/index.php?id=Autores&aut=Biondi,%20Aloysio>. Acesso em: 25 ju. 2014.

BRITTO, N. **Oswaldo Cruz**: a construção de um mito na ciência brasileira. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1995. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/t7/pdf/britto-9788575412893-02.pdf>. Acesso em: 4 abr. 2014.

CACERES, Uriel Garcia. **Las três musas de Carlos Enrique Paz Sodan**: Polymatheia, Hygeia y Clio. Disponível em: <http://sisbib.unmsm.edu.pe/bvrevistas/rev_academia/1998_n1/pdf/a04.pdf>. Acesso: 6 mar. 2014.

CARVALHO, José Murilo de. **Os bestializados** – o Rio de Janeiro e a República que não foi. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado**: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

CHIAVENATO, Júlio José. **As lutas do povo brasileiro**: do "descobrimento" a Canudos. São Paulo: Editora Moderna, 1992.

COTRIM, Lívia Cristina de A. **O ideário de Getúlio Vargas no Estado Novo**. Dissertação (Mestrado em Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

COSTA, Emília Viotti da. **Da Monarquia a República** – momentos decisivos. São Paulo: Editora UNESP, 1998.

_____. **Abolição**. Rio de Janeiro: Editora Global, 1986.

CONT, Valdeir Del. Francis Galton: eugenia e hereditariedade. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008.

COMAS, Juan. Os mitos raciais. **Raça e Ciência**, v. I. São Paulo: Perspectiva, 1960.

CUNHA, Maria Clementina Pereira. **O espelho do mundo**: Juquery, a história de um asilo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

DARMON, Pierre. **Médicos e assassinos na Belle Époque**. São Paulo: Paz e Terra, 1991.

DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais**: clima, fome e imperialismo na formação do Terceiro Mundo. Rio de Janeiro: Record, 2002.

DIWAN, Pietra. **A raça pura** – uma história da eugenia no Brasil e no mundo. São Paulo: Contexto, 2007.

DARWIN, Charles. **Origem das espécies**. São Paulo: Editora Escala, 2009.

DÁVILA, Jerry. **Diploma de brancura**: política social e racial no Brasil 1917-1945. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DUNN, L.C. Raça e Biologia. **Raça e Ciência**, v. II. São Paulo: Editora Perspectiva, 1960.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa**: Ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Editora Globo/S.A., 2005.

FILHO, Sidney Aguilar. **Educação, autoritarismo e eugenia**: exploração do trabalho e violência à infância desamparada no Brasil (1930-1945). Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2011.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. São Paulo: Círculo do Livro, 1933.

GALTON, Francis. **Heredary Genius**. Disponível em: <http://galton.org/books/hereditary-genius/text/pdf/galton-1869-genius-v3.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2014.

GALTON, Francis. **Herencia y eugenesia**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

GOBINAU, Athur de. L'Emigration au Brésil. In: RAEDERS, Georges. **O inimigo cordial do Brasil**: o Conde de Gobineau no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

GÓES, Weber Lopes. **O Pensamento de Arthur de Gobineau no seio do caleidoscópio da ideologia do racismo**. Monografia (Especialização em Ciências Sociais – Economia Mundo: Arte e Sociedade) – Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Centro Universitário Fundação Santo André (CUFSA), Santo André, 2011.

GILROY, Paul. **Entre campos**: nações, culturas e o fascínio da raça. São Paulo: Annablume, 2007.

GONÇALVES, Mauro Castilho. Educação, Higiene e eugenia no Estado Novo: As palestras de Savino Gasparini transmitida pela Rádio Tupi (1939-1940). **Cadernos de História da educação**, v. 10, n. 1, jan./jun., 2011.

GRAMSCI, Antônio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

HAHYVA, Helga da C. **O inimigo do século**: um estudo sobre Arthur de Gobineau (1816 – 1882). Tese (Doutorado em Sociologia) – Instituto Universitário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

HEGEL, Wilhem Friedrick. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas em Epítome**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1969. v. III.

HENRIQUES, Luiz Sérgio. Comte e a decadência ideológica. **Revista Temas de Ciências Humanas**, São Paulo: Livraria Ciências Humanas, 1979.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **A era do capital**: 1848 – 1875. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

JÚNIOR. Caio Prado. **Evolução Política do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1972.

KEHL, Renato. **Conduta –** Conceitos e preceitos éticos para jovens e adultos de ambos os sexo. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1958.

KEHL, Renato. **Alfabeto da saúde**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1985.

_____. **Catecismo para adultos**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1942.

_____. **Psicologia da personalidade –** Guia de orientação psicológica. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1940.

_____. **Bio-perspectivas**. Livraria Francisco Alves: São Paulo, 1938.

_____. **Aparas eugênicas**: sexo e civilização, São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1933.

_____. **Lições de eugenia**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1929.

_____. **Formulário de beleza**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1927.

_____. **Fada Hygia**. São Paulo: Livraria Francisco Alves, 1925.

_____. **Melhoremos e prolonguemos a vida**. São Paulo: Francisco Alves, 1923.

_____. **A cura da fealdade**. São Paulo: Monteiro Lobato, 1923.

_____. **Blastomycóse**. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1915.

KLINEBERG, Otto. **As diferenças raciais**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1966.

KINOSHITA, Carolina Toshie. **Um D. Quixote científico a pregar para uma legião de panças: os manuais escolares de higiene à sombra da eugenia (1923-1936)**. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

KI-ZERBO, J. Teorias relativas às "raças" e história da África. KI-ZERBO, Joseph (Ed.). **História Geral da África**. Brasília: UNESCO, 2010. v. I: Metodologia e pré-história da África.

LEMOS, Maria Alzira B. **O doutor e o jagunço**: ciência, mestiçagem e cultura em Os Sertões. São Paulo: Unimar, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. **Raça e Ciência**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1960. v. I.

LUKÁCS, Gyorgy. A concepção aristocrática e concepção democrática do mundo. **O jovem Marx e outros escritos de filosofia**. Rio de Janeiro: Editora UFRS, 2009.

LUKÁCS, Gyorgy. **Existencialismo ou Marxismo?** São Paulo: Editora Ciências Humanas, 1979.

_____. **El Asalto a La Razón**: La trayetotia del irracionalismo desde Schelling hasta Hitler. México Buenos Aires: Fundo de Cultura Económica, 1959.

LOBATO, Monteiro. **O presidente negro ou O choque das raças**: Romance Americano do Ano 2228. São Paulo: Brasiliense, 1964.

_____. Prefácio. **Renato Kehl**. Bio-perspectivas – Dicionário Filosófico. São Paulo, Livraria Francisco Alves, 1938.

_____. **Problema Vital**. São Paulo: Brasiliense, 1948.

MATTOSO, Kátia M. Queirós. **Presença francesa no movimento democrático baiano de 1798**. Bahia: Editora Tupã, 1969.

MAIO, Jair de Souza Ramos e Marcos Chor. Entre a riqueza natural, a pobreza humana e os imperativos da civilização, inventa-se a investigação do povo brasileiro. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Orgs.). **Raça como Questão – História, Ciência e Identidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre a população**. Disponível em: <file:///C:/Users/Web/Downloads/Thomas%20Malthus%20-%20ENSAIO%20SOBRE%20A%20POPULA%C3%87AO.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2014.

MÉSZÀROS, István. **O Poder da ideologia**. São Paulo: Editora Boitempo, 2004.

MOURA, Clovis. **Dialética radical do Brasil negro**. São Paulo: Editora Anita Ltda. 1994.

_____. **As injustiças de Clio**: O negro na historiografia brasileira. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1990.

_____. **Sociologia do negro brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

_____. **Brasil**: as raízes do protesto negro. São Paulo: Global Editora, 1983.

_____. **Introdução ao pensamento de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

MUNAGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil** – Identidade Nacional *versus* Identidade Negra. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004.

OLIVEIRA, Francisco de. **A economia da dependência imperfeita**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

PATTO, Maria Helena Souza. **Estado, ciência e política na Primeira República**: a desqualificação dos pobres. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-40141999000100017&script=sci_arttext>. Acesso em: 6 jan. 2014.

PASQUO, Paula Lipko & Federico di. De cómo la biología asume la existencia de razas en el siglo XX. **Scientle Studia**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 219-33, 2008.

PAIVA, Vanilda. Oliveira Vianna: Nacionalismo ou Racismo? **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

PICHOT, André. **A sociedade pura**: de Darwin a Hitler. Porto Alegre: Instituto Piaget, 2000.

_____. **O eugenismo**: geneticistas apanhados pela filantropia. Lisboa: Instituto Piaget, 1995.

PRADES, Maria Dolores. **Ideologia e política na obra de Oliveira Vianna**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

RAEDERS, Georges. **O inimigo cordial do Brasil**: o Conde de Gobineau no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. (Org.). **D. Pedro II e o Conde de Gobineau**: correspondências inéditas. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1938.

RAGO, Margareth. **Entre o anarquismo e o feminismo**: Maria Lacerda de Moura e Luce Fabri. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/agora/pdf/margarethrago.pdf>. Acesso: 30 abr. 2014.

REIS, José Roberto Franco. **Higiene mental e eugenia**: o projeto de "regeneração nacional" da Liga Brasileira de Higiene Mental (1920-30). Dissertação (Mestrado) – Instituto de Filosofia e Ciências e Letras, Universidade de Campinas, Campinas, 1994.

RODRIGUES, Nina. **O Animismo fetichista dos negros baianos**. Rio de Janeiro: UERJ Editora, 2006.

_____. **Os africanos no Brasil**. São Paulo: Editora Universidade de Brasília, 1982.

_____. **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, s/d.

RODRIGUES, Nina. **As coletividades anormais**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1939.

ROSA, Alessandra. **Quando a eugenia se distancia do saneamento**: as ideias de Renato Kehl e Otávio Domingues no Boletim de Eugenia (1929-1933). Dissertação (Mestrado em História das Ciências Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ, Rio de Janeiro, 2005.

SACARÃO, Germano da F. **Biologia e sociedade**: o homem indeterminado. Portugal, Publicações Europa-América, 1989. v. II.

SANTOS, Gislene Aparecida dos. **A invenção do ser negro**: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros. São Paulo/Rio de Janeiro: Educ, FAPESP, Pallas. 2002.

SAMPAIO, Benedicto Arthur. Psiquiatria possível ou impossível? **Revista Temas de Ciências Humanas**, 9. São Paulo, 1980.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870- 1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Espetáculo da Miscigenação. **Estudos Avançados**. <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9652>. Acesso em: 20 jan. 2014.

_____. Previsões são sempre traiçoeiras: Batista Lacerda e seu Brasil branco. **História, Ciência, Saúde** – Manguinhos. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-59702011000100013>. Acesso em: 5 abr. 2014.

SODRÉ, Nelson W. **Ideologia do colonialismo**: seus reflexos no pensamento brasileiro. Petrópoles: Editora Vozes, 1984.

SOUZA, Valdeir Sebastião de. **Política biológica como projeto**: A "Eugenia Negativa" e a construção da nacionalidade na trajetória de Renato Kehl (1917-1932). Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde) – Casa Oswaldo Cruz/Fiocruz. Rio de Janeiro, 2006.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

STEPAN, Nancy L. **A hora da Eugenia**: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

SMANIOTTO, Edgar Indalecio. **Eugenia e literatura no Brasil**: apropriação da ciência e do pensamento social dos eugenistas pelos escritores brasileiros de ficção científica (1922 a

1949). Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual de São Paulo “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Marília, 2012.

SWEEZY, Paul M. **Teoria do desenvolvimento capitalista**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

TAYLOR, Frederick Winslow. **Princípios de administração científica**. São Paulo: Editora Atlas S/A, 1963.

TEPEDINO, Alexandre. **Eugenia** – Esboço. Tese (Doutorado) – Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1914.

TORT, Patrick. Darwin lido e aprovado: últimas reflexões sobre a antropologia darwiniana. **Revista Crítica Marxista**, n. 11. São Paulo: Boitempo. 2000.

TORRES, Alberto. **O problema nacional brasileiro**. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/torresb.html>. Acesso em: 14 maio 2014.

VIANNA. Oliveira. **Instituições políticas brasileiras**. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 1987.

_____. **Evolução do povo brasileiro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1956.

_____. **Populações meridionais do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria José Olímpio Editora, 1952. v. I.

_____. **Raça e assimilação**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934.

VIEIRA, Evaldo. **Autoritarismo e corporativismo (Oliveira Vianna e Companhia)**. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

VEIGA, Luciano Mendes de Faria e Cynthia Greve. **Infância no sótão**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1999.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O universalismo europeu**: a retórica do poder. São Paulo: Boitempo, 2007.

WILLIAMS. Eric. **Capitalismo e escravidão**. Rio de Janeiro: Americana, 1975.

Fontes documentais

AMARAL, Azevedo. O problema eugênico da imigração. **1º Congresso Brasileiro de Eugenia**, Rio de Janeiro de 1929. Casa Oswaldo Cruz/FIOCRUZ – Departamento de Arquivo e Documentação – Sala de Consulta.

GALTON, Francis. Heredary Genius. A história da família e genealogia. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano II, n. 16, 1930.

KEHL, Renato. Higiene e eugenia. In: FUNDO RENATO KEHL. DAD-COC. **Documentos avulsos**, Rio de Janeiro, 1956.

_____. A eugenia e a reforma do ensino. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano III, n. 28, 1931.

A Eugenia e a reforma do ensino. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano III, n. 28, 1931.

_____. Crescei e multiplicai-vos. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano II, n.18, 1930.

_____. O nosso Boletim. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, v. I, n. 1, 1929.

_____. Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, v. I, n. 5, 1929.

_____. Concurso de beleza. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, v. I, n. 5, 1929.

_____. Questões de raça. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 6-7, 1929.

_____. Eugenia e eugenismo. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 8, 1929.

_____. Educação e eugenia. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 9, 1929.

_____. Que é eugenia? **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 10, 1929.

_____. A eugenia no Brasil. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 11, 1929.

_____. Esterilização para o aperfeiçoamento humano. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano I, n. 12, 1929.

KEHL, Renato. A Eugenia no Brasil. **1º Congresso Brasileiro de Eugenia**, Rio de Janeiro de 1929. Casa Oswaldo Cruz/FIOCRUZ – Departamento de Arquivo e Documentação – Sala de Consulta.

KEHL, Renato. O Grande amigo da Criminalidade. In: FUNDO RENATO KEHL. DAD-DOC. **Documentos avulsos**, **Jornal A Pátria**. 1927.

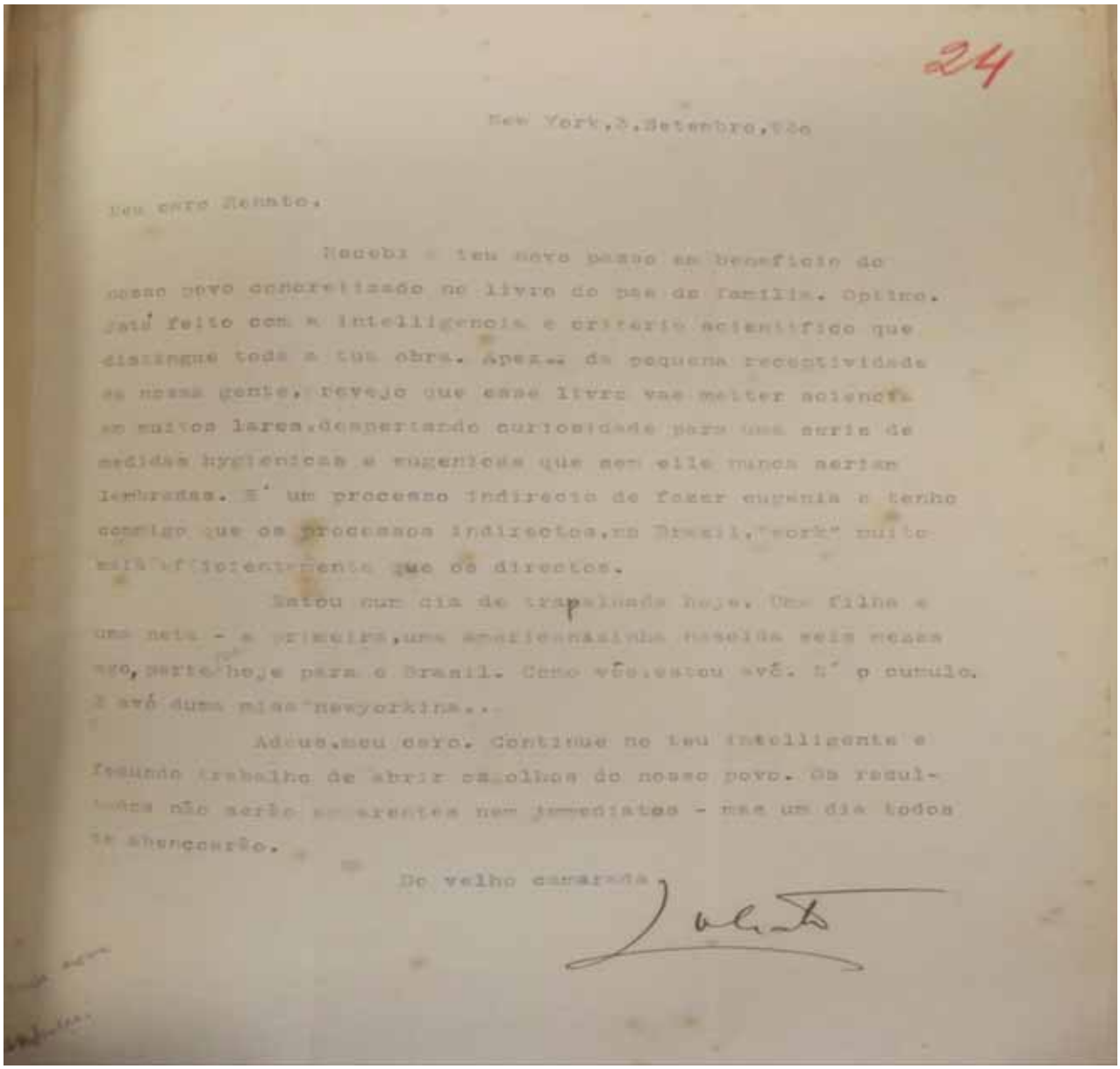
_____. Raças e etnias. In: FUNDO RENATO KEHL. DAD-DOC. **Documentos avulsos**. Rio de Janeiro, s/d.

ROQUETTE-PITTO, Edgard. Nota sobre os tipos antropológicos do Brasil. **1º Congresso Brasileiro de Eugenia**, Rio de Janeiro, 1929. Casa Oswaldo Cruz/FIOCRUZ – Departamento de Arquivo e Documentação – Sala de Consulta.

SILVA, L. Luiz. Cruzamento do branco com preto. **Boletim de Eugenia**, Rio de Janeiro, ano III, n. 30, 1931.

ANEXOS[122]

ANEXO A – CARTAS



24

New York, 3 Setembro, 32

Meu caro Renato,

Recebi o teu novo passo em beneficio do nosso povo concretizado no livro do pae de familia. Optimo. Tudo feito com a intelligencia e criterio scientifico que distingue todas a tua obra. Apesar da pequena receptividade da nossa gente, revejo que esse livro vae metter sciencia em muitos lares, despertando curiosidade para uma serie de medidas hygienicas e eugenicas que sem elle nunca seriam lembradas. E' um processo indirecto de fazer eugenia e tenho comigo que os processos indirectos, no Brasil, "work" muito mais efficientemente que os directos.

Estou num dia de trapalhada hoje. Um filho e uma neta - a primeira, uma americanazinha nascida nesta cidade, parte hoje para o Brasil. Como vês, estou avô. E' o cumulo. E avô duma miss newyorkina...

Adeus, meu caro. Continue no teu intelligente e fecundo trabalho de abrir os olhos do nosso povo. Os resultados não serão nem urgentes nem immediatos - mas um dia todos lhe agradecerão.

Do velho camarada

Belisário

[122] Todos os documentos anexados foram gentilmente cedidos pelo Departamento de Arquivo e Documentação – Casa Oswaldo Cruz / **Fiocruz** – dos arquivos pessoais do FUNDO RENATO KEHL. DAD-DOC – Sala de Consulta.

Meu caro Lobato

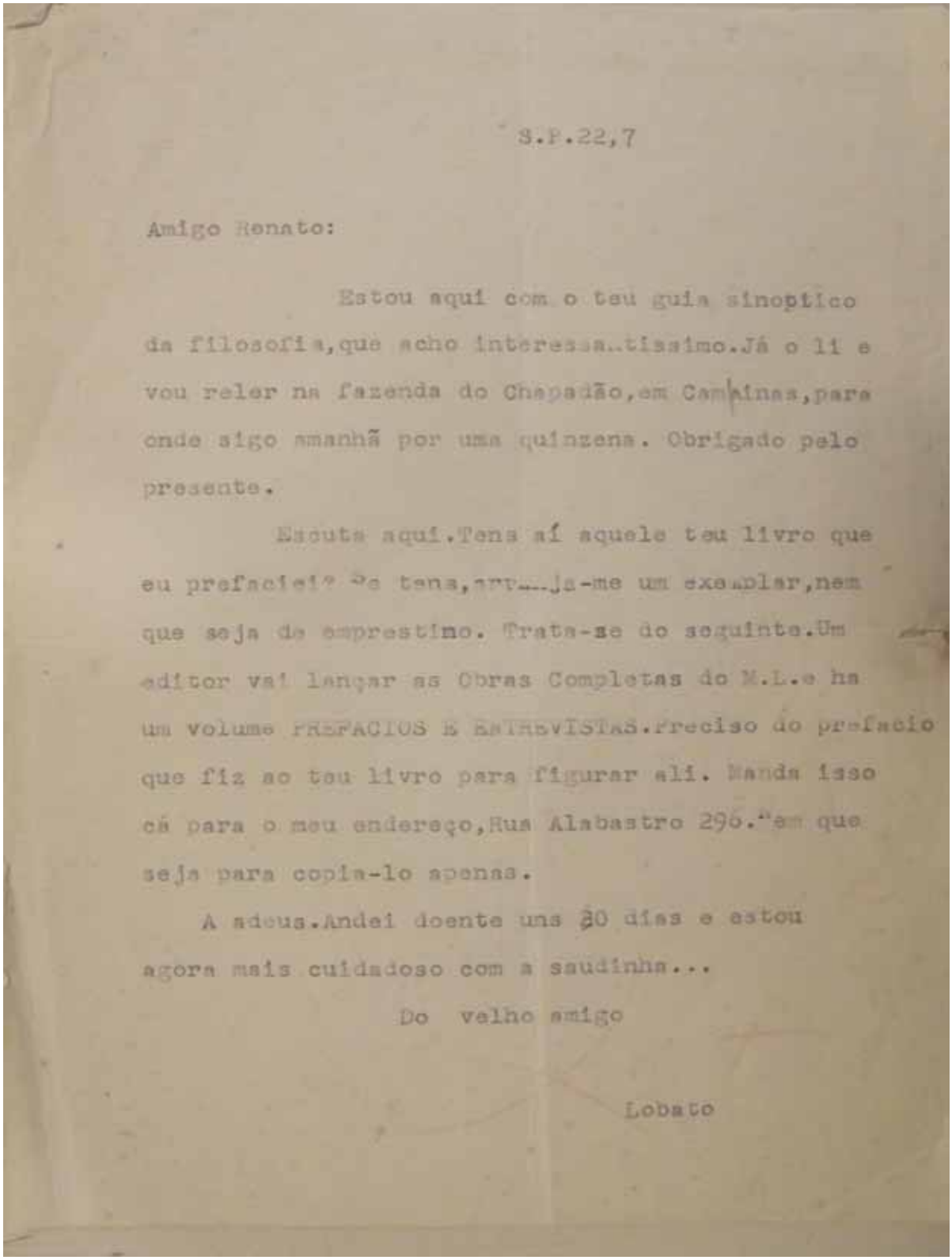
A sua carta encheu-me de alegria. Não calcula como me faz bem receber noticias suas e recordar o bom tempo da nossa convivencia em S. Paulo. E Voê. já é avô! Como corre o tempo! Ainda ha poucos dias, completando o meu 41º anniversario, tive nitida impressão da disparada da vida: fui apresentado a uma joven de 18 annos que eu, como parteiro novato, assistira nascer! Precisamos tomar cuidado, Lobato, do contrario chegaremos aos 80 annos sem perceber! A sua cartinha fez-me bem, ainda mais, por que veio estimular o meu desejo de perseverar na campanha pela eugenização do nosso povo, á qual me dedico ha cerca de 17 annos. Muito e muito obrigado pela sua benevola apreciação ao Livro do Chefe de Familia.

Faço sinceros votos pela sua felicidade e de todos os seus.

Um saudoso abraço do

Renato

Peço tomar nota do meu novo endereço
Caixa Postal, 2926
R. Smith de Vasconcellos, 63
Rio de Janeiro



S.P.22,7

Amigo Renato:

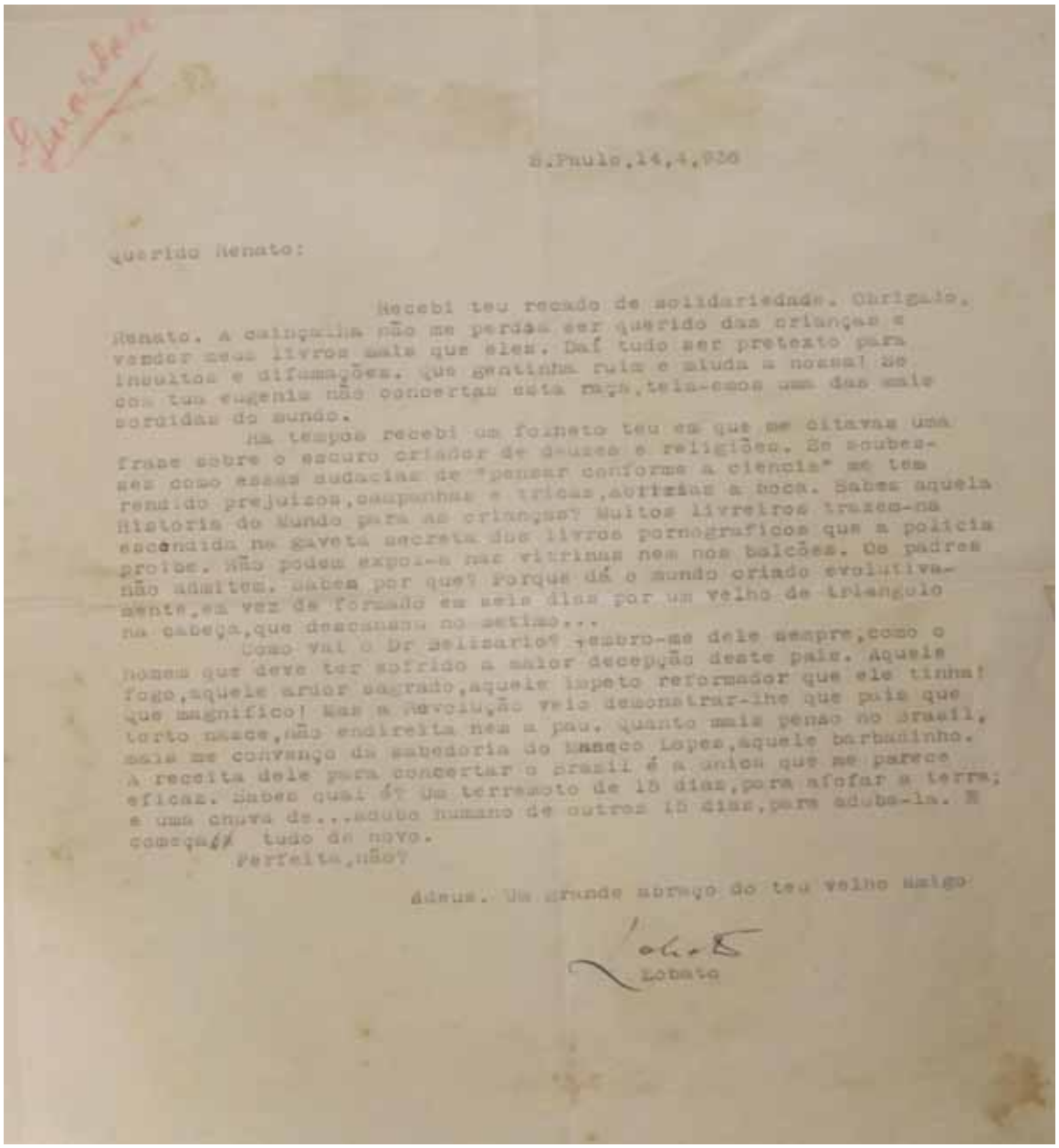
Estou aqui com o teu guia sinoptico da filosofia,que acho interessa..tissimo.Já o li e vou reler na fazenda do Chapadão,em Campinas,para onde sigo amanhã por uma quinzena. Obrigado pelo presente.

Escuta aqui.Tens aí aquele teu livro que eu prefaciei? Se tens,arr...ja-me um exemplar,nem que seja de emprestimo. Trata-se do seguinte.Um editor vai lançar as Obras Completas do M.L.e ha um volume PREFACIOS E ENTREVISTAS.Preciso do prefacio que fiz ao teu livro para figurar ali. Manda isso cá para o meu endereço,Rua Alabastro 296.Em que seja para copia-lo apenas.

A adeus.Andei doente uns 30 dias e estou agora mais cuidadoso com a saudinha...

Do velho amigo

Lobato



S.Paulo,14,4,926

Querido Renato:

Recebi teu recado de solidariedade. Obrigado, Renato. A calunia não me perde ser querido das crianças e vender seus livros mais que eles. Daí tudo ser pretexto para insultos e difamações. Que gentinha ruim e miuda a nossa! Se com tua eugenia não concertas esta raça,tela-emos uma das mais sordidas do mundo.

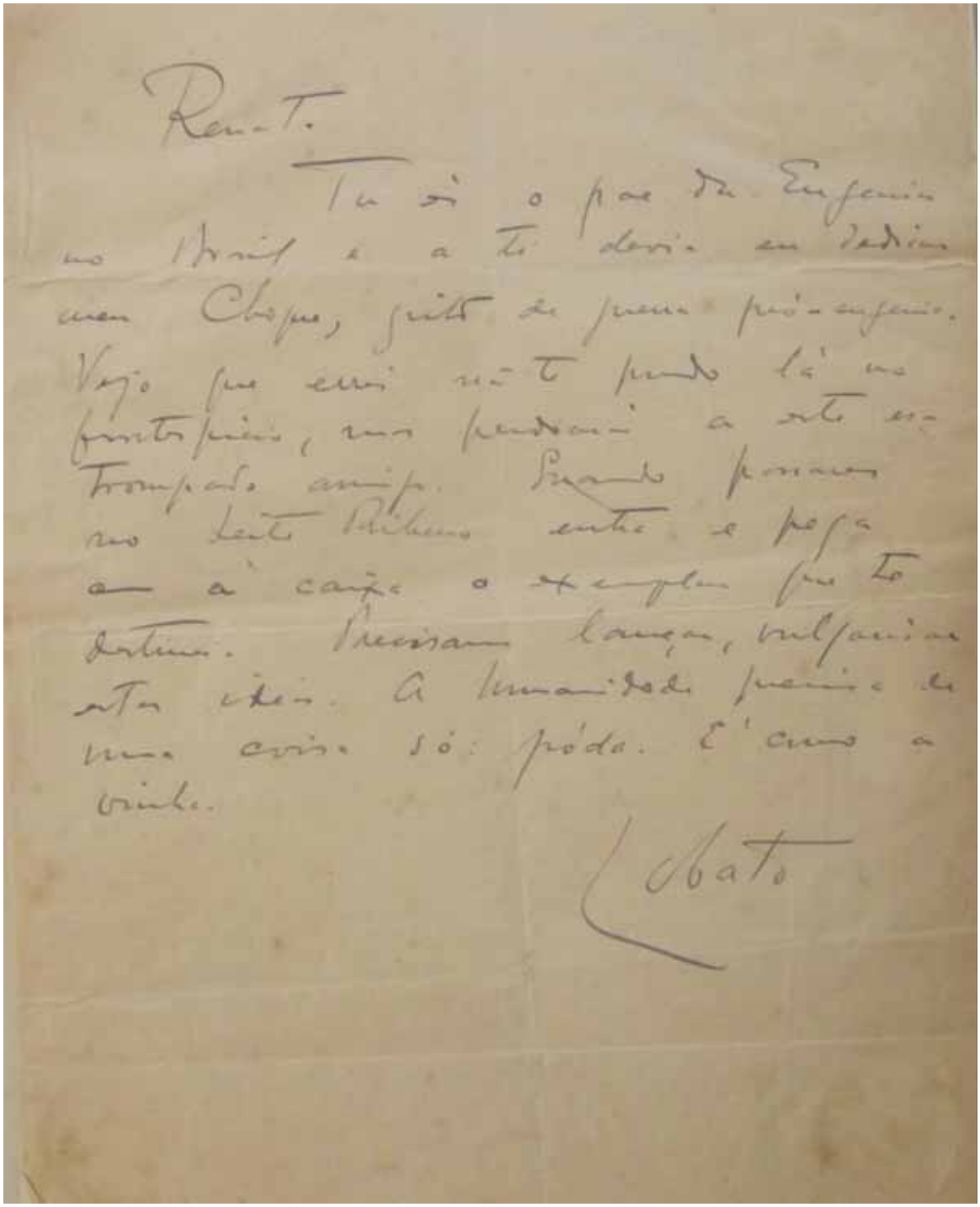
Ha tempos recebi um folheto teu em que me citavas uma frase sobre o escuro criador de douzes e religiões. Se soubesses como essas audacias de "pensar conforme a ciencia" me tem rendido prejuizos,canpanhas e tricas,acrizias a boca. Sabes aquela Historia do Mundo para as crianças? Muitos livreiros trazem-na escondida na gaveta secreta dos livros pornograficos que a policia proibe. Não podem expol-a nas vitrinas nem nos balcões. Os padres não admitem. Sabem por que? Porque dá o mundo criado evolutivamente,ao vez de formado em seis dias por um velho de triangulo na cabeça,que descansou no setimo...

Como vai o Dr Belisario? Lembro-me dele sempre,como o homem que deve ter sofrido a maior decepção deste pais. Aquele fogo,aquele ardor sagrado,aquele impeto reformador que ele tinha! Que magnifico! Mas a revolução veio demonstrar-lhe que pois que torto nasce,não endireita nem a pau. Quanto mais penso no Brasil, mais me convenço da sabedoria do Manoco Lopes,aquele barbadinho. A receita dele para concertar o Brasil é a unica que me parece eficaz. Sabes qual é? Um terremoto de 15 dias,para afofar a terra; e uma chuva de...adubo humano de outros 15 dias,para aduba-la. E começar tudo de novo.

Perfeita,não?

Adeus. Um grande abraço do teu velho amigo

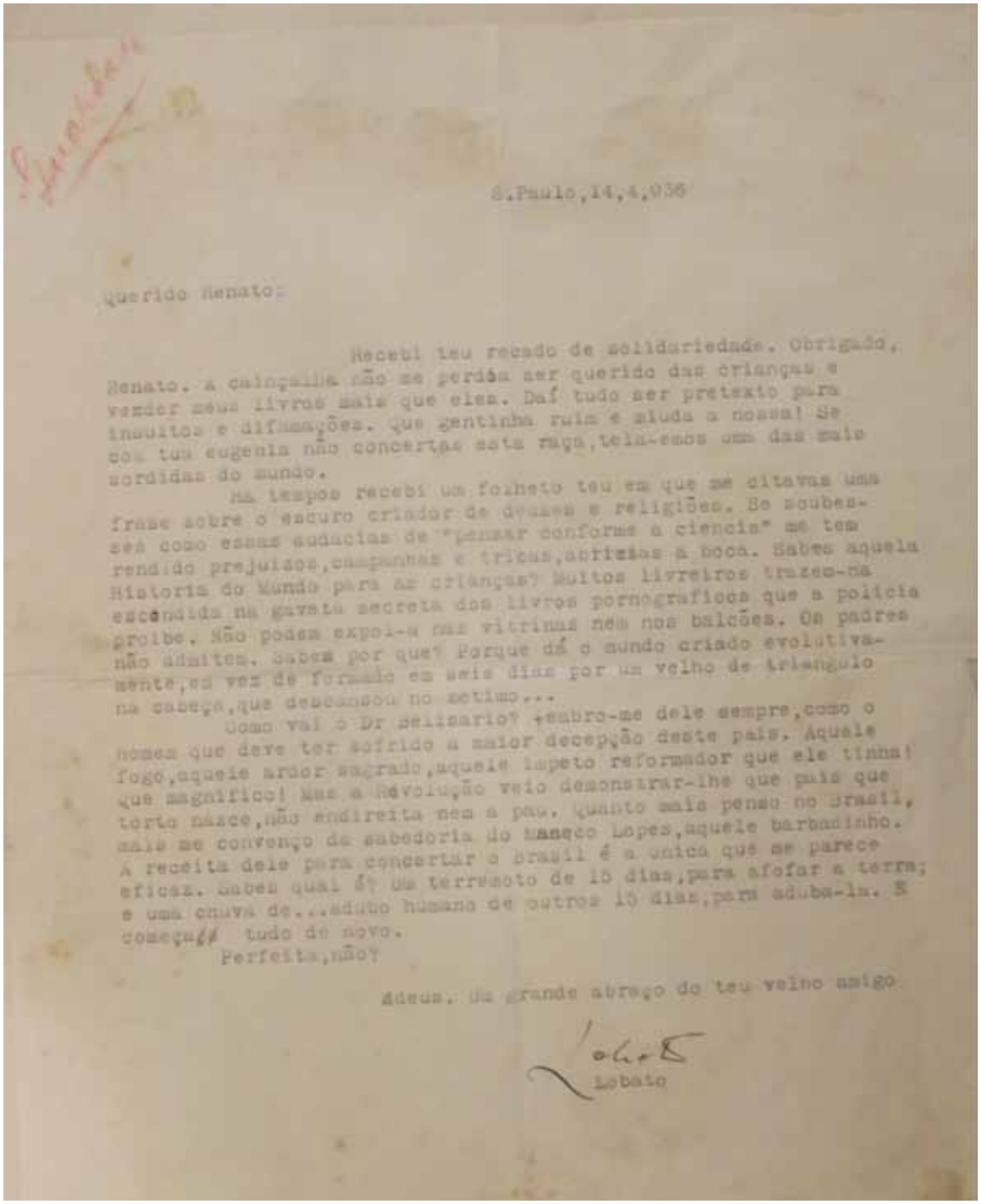
Lobato



Rua T.

Tu és o par da Eufrosina no Brasil e a tua dança em Sedição em Chopin, feita de puras pós-angústias. Vejo que ainda não tendo lá no fundo, nos tendões a arte do trompete amiga. Quando poderemos ter Bilhões entre o peso e a caixa e explodir fora do destino. Precisamos loucura, vulcânica em nós dois. A humanidade precisa de uma coisa só: pródiga. É como a vida.

Mato



S.Paulo,14,4,936

Querido Renato:

Recebi teu recado de solidariedade. Obrigado, Renato. A canalha não se perdoa ser querido das crianças e vender seus livros mais que elas. Daí tudo ser pretexto para insultos e difamações. Que gentinha ruim e miuda a nossa! Se com tua eugenia não concertas esta raça,tela-emos uma das mais sordidas do mundo.

Ha tempos recebi um folheto teu em que me citavas uma frase sobre o escuro criador de deuses e religiões. Se soubesses como essas audacias de "pensar conforme a ciencia" me tem rendido prejuizos,campanhas e tricas,arrepias a boca. Sabes aquela Historia do Mundo para as crianças? Muitos livreiros trazem-na escondida na gaveta secreta dos livros pornograficos que a policia proibe. Não podem expol-a nas vitrinas nem nos balcões. Os padres não admitem. Sabem por que? Porque dá o mundo criado evolutivamente,ao vez de formado em seis dias por um velho de triangulo na cabeça,que descansou no setimo...

Como vai o Dr Belisario? Lembro-me dele sempre,como o homem que deve ter sofrido a maior decepção deste pais. Aquele fogo,aquele ardor sagrado,aquele impeto reformador que ele tinha! Que magnifico! Mas a Revolução veio demonstrar-lhe que pais que torto nasce,não endireita nem a pau. Quanto mais penso no Brasil, mais me convenço da sabedoria do Manoco Lopes,aquele barbadinho. A receita dele para concertar o Brasil é a unica que me parece eficaz. Sabes qual é? Um terremoto de 15 dias,para afofar a terra; e uma chuva de...adubo humano de outros 15 dias,para aduba-la. E começar tudo de novo.

Perfeita,não?

Adeus. Um grande abraço do teu velho amigo

Lobato

57

Rio de Janeiro, 4 de Setembro de 1931

Meu illustre amigo Dr. Oliveira Vianna

Recebi a sua attenciosa cartinha informando-me de que o questionario sobre as condições somato-psychicas do nosso povo será respondido no livro que está escrevendo.

Não seria possivel me enviar apenas uma summula para publicar no Boletim?

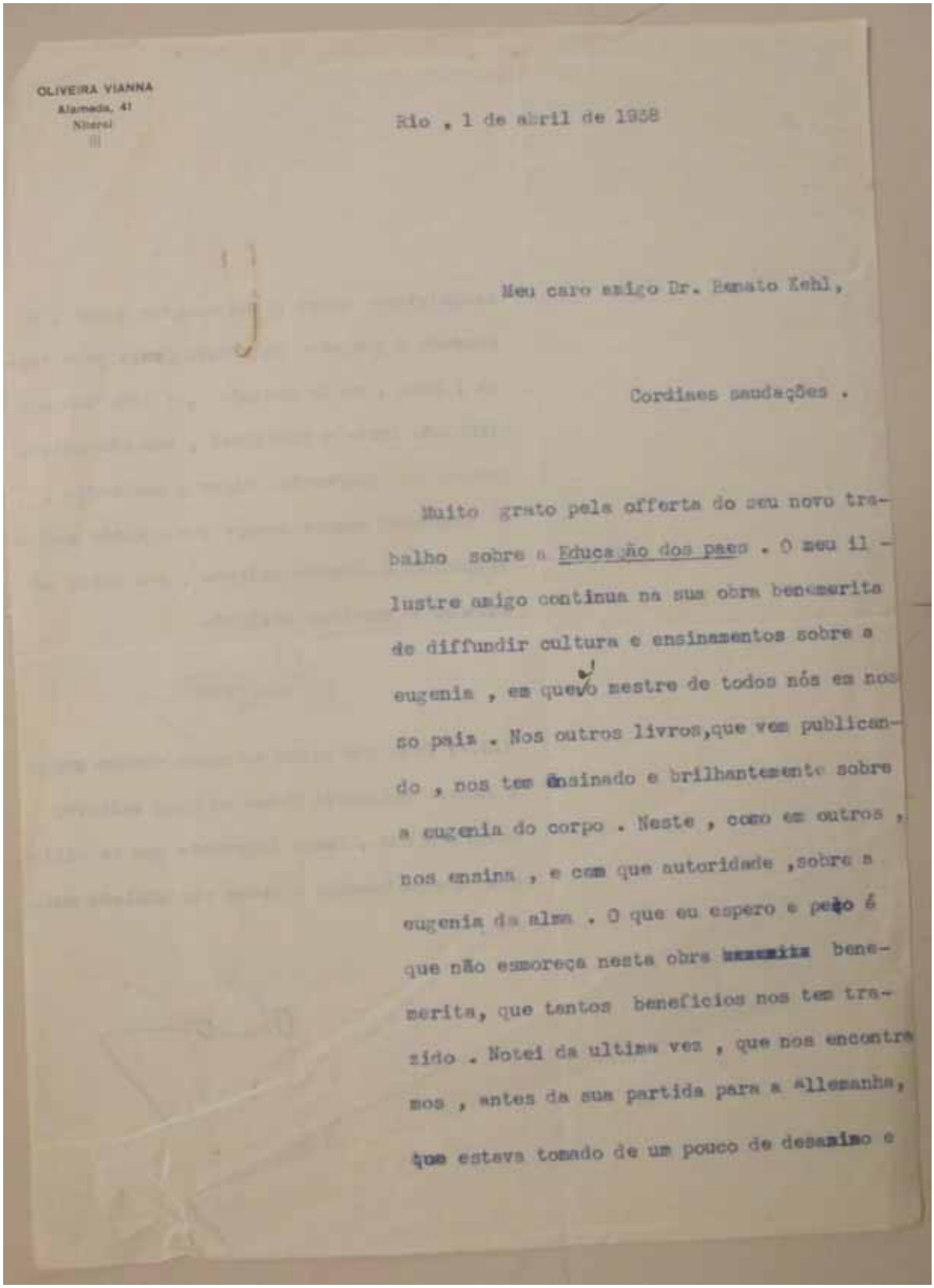
Remetti-lhe hontem um exemplar desta publicação na qual vem inserida a traducção de um importante trabalho sobre cruzamento de raças. Caso não tenha recebido peço avisar-me para enviar-lhe outro exemplar. Bastará um cartãosinho ou uma telephonema para 4-1655.

Aproveito a opportunidade para dizer-lhe que desejava muito conhecel-o pessoalmente. De longa data acompanho com muita sympathia e grande admiração a sua brilhante e laboriosa vida de publicista e sociologo.

Caso permitta irei um dia visital-o ahi em Niotheroy.

Conhece o meu livrinho "Lições de Eugenia?" Caso não, enviar-lhe-ei um exemplar.

Creia-me seu amigo e admirador



OLIVEIRA VIANNA
Alameda, 41
Niterói

Rio , 1 de abril de 1938

Meu caro amigo Dr. Renato Kehl,

Cordiaes saudações .

Muito grato pela offerta do seu novo trabalho sobre a Educação dos paes . O meu illustre amigo continua na sua obra benemerita de diffundir cultura e ensinamentos sobre a eugenia , em que é mestre de todos nós em nosso paiz . Nos outros livros,que vem publicando , nos tem ensinado e brilhantemente sobre a eugenia do corpo . Neste , como em outros , nos ensina , e com que autoridade ,sobre a eugenia da alma . O que eu espero e peço é que não esmoreça nesta obra benemerita benemerita, que tantos beneficios nos tem trazido . Notei da ultima vez , que nos encontramos , antes da sua partida para a Allemanha, que estava tomado de um pouco de desanimo e

scepticismo sobre o seu esforço ; mas , a verdade é que não ha motivo para tanto ; pois , neste dominio , a idéa tem uma diffusão lenta e invisivel , mas não nulla, embora as apparencias digam o contrario .

Creia-me sempre sempre com a minha melhor sympathia e sincera amisade , seu maior admirador e servidor obrigado

Oliveira

N.B.-: Peço que envie ao nosso commum amigo e mestre Belisario Penna os meus melhores cumprimentos . Tenho impressão que os ultimos acontecimentos o devem ter abalado muito .

Oliveira

Rio de Janeiro, 20 de Agosto de 1937.

Ilmo. Snr.
Avante Sampol
Digníssimo Vereador da Camara Municipal

São Bernardo
Estado de São Paulo.

Atenciosas saudações.

Por intermedio de gentil portadora recebi a comunicação do benemerito trabalho que V.S. está desenvolvendo nesse municipio, em prol dos ideais eugenicos.

Recebi tambem o recorte do "Estado de São Paulo" que reproduz o projeto de lei apresentado por V.S., cuja leitura acabo de fazer com muito interesse. É com a maior efusão que apresento as minhas felicitações pelo seu projeto que, posto em pratica, trará inestimaveis beneficios para a formação eugenica das novas gerações.

Em vista de ter chegado ontem de viagem da Europa, limito-me a estas poucas palavras, esperando oportunamente poder renovar de viva voz o entusiasmo que me despertou sua belissima iniciativa.

Devido aos atropelos naturais de quem chega de viagem, não pude ainda estabelecer a data em que irei a São Paulo, o que não poderá ser antes de duas ou tres semanas.

Fazendo votos para que seu projeto encontre todas as facilidades, subscrevo-me com toda a consideração e elevada estima,

patricio e admirador,

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO BERNARDO

ESTADO DE SÃO PAULO
(BRASIL)

Gabinete do Prefeito

São Bernardo, 26 de abril 1938

Ilmo. Snr. Dr. Renato Kehl

Pela presente venho agradecer a remessa do livro "A Educação dos Pais" de autoria de Vossa Senhoria

Evidencia-se dessa leitura, o ótimo e bem elaborado trabalho digno de figurar em toda bibliotéca familiar.

Ao enviar-lhe o meu sincero elogio, cumpro um dever, e subscrevo-me com um cordial abraço.

Prefeito Municipal

„A Educação do Pais". (A acção educadora dos medicos). von Renato Kehl. Mitglied der Academia de Medicina. Rr. Renato Kehl, dessen Name allen denjenigen geläufig ist, die sich mit der wichtigen Frage der Eugenik befassen, fasst hier das schwierige Problem der Kindererziehung von einer Seite an, die grösste Beachtung verdient. Er geht von dem Standpunkte aus, dass die Erziehung der Kinder mit der Erziehung der Eltern beginnen muss und dass hierbei dem Arzte ein entscheidender Einfluss zusteht. Es ist ein Werk, das jedermann lesen sollte, der es mit der richtigen Erziehung unseres Nachwuchses, von dem letzten Endes die Zukunft des Landes abhängt, ernst meint.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
GABINETE CIVIL

Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1938

Ao Sr.Dr.Renato Kehl.

O PRESIDENTE GETULIO VARGAS incumbiu-se de transmitir-lhe agradecimentos pela oferta dos seus trabalhos BIBLIA DA SAUDE e SEXO E CIVILIZAÇÃO. Aproveito a oportunidade para agradecer o exemplar que me dedicou do seu livro - BIO-PERSPECTIVAS - e enviar-as minhas

Cordiais saudações.

Luiz Vergara
Secretario da Presidencia

Nº 4146-10-1941.

CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Secretaria: LARGO DA CARIOCA 5 — Edificio Carioca — 8º andar S/813/814
Telefone 22-2989 — Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 20 de outubro de 1941.

Ilmo. Snr.
Dr. Renato Kehl
Rua Macedo Sobrinho,8 Gavea
CIDADE

Cumprimos o grato dever de comunicar a V.S. que a diretoria da Cruzada Nacional de Educação, em Granja, no Estado do Ceará, acaba de instalar uma escola noturna á qual denominaram escola "Renato Kehl" em homenagem ao illustre educador de Eugenia.

É professor voluntario dessa escola o Snr. Francisco Saraiva de Oliveira.

Congratulando-nos com V.S. pela merecida homenagem apresentamos as nossas

Cordiais Saudações

Dr. Gustavo Armbrust
Presidente

ER/KBC

Centro Academico XI de Agosto

Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Nº Com.Red. São Paulo, 20 de Setembro de 1938.

Exmo. Snr.
Dr. Renato Kehl

Rio de Janeiro

Cordeais saudações

Recebi por intermedio da snrta. Branda Fischman o livro que V.Excia. teve a amabilidade de oferecer-me.

Sensibilizou-me sobremaneira a beleza e a espontaneidade do seu gesto. Conhecia-o já através de artigos esparsos lidos alhures.

Estou lendo com o maximo prazer o seu magnifico livro "Six-Perspectivas" e me acho seduzido pela fórma homeopatica como V.Excia., no dizer de Monteiro Lobato, condensou cientificamente problemas filosoficos. As suas definições de termos empregados a todo o instante pela generalidade das pessôas sem conhecimento exato do significado, abriram-me novas perspectivas.

Ha muita cousa que existe latente em nós, mas que só descobrimos depois que os analistas dos sentimentos - da alma - nos revelam.

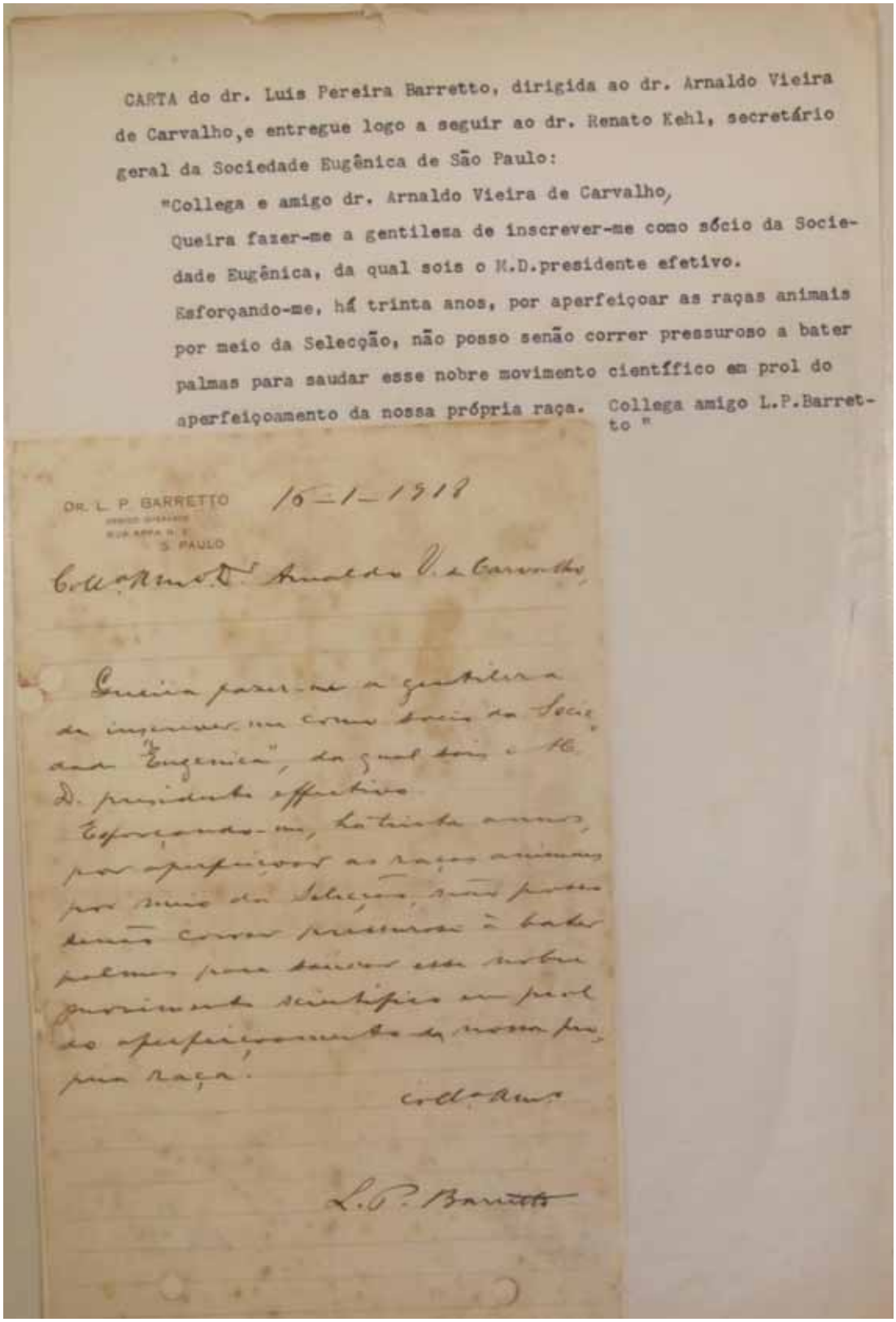
É a impressão que me está causando o seu livro, onde, a cada nova definição filosofico-cientifica que leio, encontro facetas do meu carater, do meu temperamento, das minhas tendencias...

Agradeço-lhe, pois, o seu reportorio esplendido de perspectivas da vida, e, com prazer, darei, na Revista "XI de Agosto", a minha modesta apreciação sobre o mesmo.

Subscrevo-me, respeitosamente, ás suas prezadas ordens.

Antonio Calvo

Antonio Calvo
Rua São Bento, 2oo - 4º and. - s.78
São Paulo



CARTA do dr. Luis Pereira Barretto, dirigida ao dr. Arnaldo Vieira de Carvalho,e entregue logo a seguir ao dr. Renato Kehl, secretário geral da Sociedade Eugênica de São Paulo:

"Collega e amigo dr. Arnaldo Vieira de Carvalho,

Queira fazer-me a gentileza de inscrever-me como sócio da Sociedade Eugênica, da qual sois o M.D.presidente efetivo.

Esforçando-me, há trinta anos, por aperfeiçoar as raças animais por meio da Selecção, não posso senão correr pressuroso a bater palmas para saudar esse nobre movimento científico em prol do aperfeiçoamento da nossa própria raça. Collega amigo L.P.Barretto "

DR. L. P. BARRETTO
SÃO PAULO

16-1-1918

Coll.mo Dr. Arnaldo V. de Carvalho,

Queira fazer-me a gentileza de inscrever-me como socio da Sociedade "Eugenica", da qual sois o M. D. presidente effetivo.

Esforçando-me, ha trinta annos, por aperfeiçoar as raças animaes por meio da Selecção, não posso senão correr pressuroso a bater palmas para saudar esse nobre movimento scientifico em prol do aperfeiçoamento da nossa propria raça.

Coll.mo Am.o

L. P. Barretto

Em 19 de Outubro de 1935.

P/SN/192.41

I Congresso da Federação Latina das Sociedades Eugenicas.

Senhor Presidente,

Tenho a honra de accusar o recebimento do officio de 8 do corrente, pelo qual pede Vossa Senhoria a designação de uma pessôa que represente a Commissão Central Brasileira de Eugenia na reunião preliminar do I Congresso da Federação Latina das Sociedades Eugenicas.

2. Em resposta, cumpre-me communicar a Vossa Senhoria que, satisfazendo o seu pedido, enviei, pelo correio aéreo, instrucções ao Primeiro Secretario de Embaixada Carlos Alves de Souza Filho, Encarregado de Negocios do Brasil no Mexico, afim de que exerça a representação alludida.

Aproveito a opportunidade para apresentar a Vossa Senhoria os protestos da minha perfeita estima e consideração.

Secretario Geral.

Ao Senhor Doutor Renato Kehl,
Presidente da Commissão Central Brasileira de Eugenia.

Copias - P.a guardar

UNIVERSIDADE DE S.PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIENCIAS E LETRAS
CAIXA POSTAL, 2925

São Paulo, 3 de Agosto de 1938.

Exmo. Snr.
Dr. Renato Kehl
Rua Macedo Sobrinho, 8
Rio de Janeiro.

Meu eminente confrade:

Tive o gosto de receber por intermedio do consulado português nesta cidade o exemplar que V.Excia. se dignou ofertar-me do seu admiravel volume "Bio-Perspectivas" - Dicionario Filosofico, cuja leitura estou fazendo com toda a simpatia e todo o apreço. Agradeço reconhecidamente a V.Excia. a sua gentileza e felicito-o pela obra realizada, de tão grande elevação de idéias, tão bem fundada no solido saber e tão impregnada de experiencia e observação. Como sou um devoto das idéias puras e como creio que só a inteligencia trouxe o homem da caverna pre-historica ao seculo XX, considero benvindas todas as obras que, como a de V.Excia., encaminham o publico para o respeito da inteligencia, para a confiança nela e em todo o esforço de compreensão.

Apresento a V.Excia. os meus cumprimentos cordiais e da mais distinta consideração e sou muito atento, venor. e obdo. admirador

aaa.- Fidelino de Figueiredo

Rio de Janeiro, 2 de Fevereiro de 1933.

Meu caro amigo Dr. Antonio Emilio: -

Atenciosas saudações.

Desculpe-me só agora escrever-lhe esta cartinha. Desde que cheguei da Europa tenho estado numa "roda viva", como se diz na giria carioca. Estive em visita ao seu cunhado, com o qual muito me simpatisei. Ele está com projeto de ir a Europa, descançar um pouco. Julgo que ele está bem necessitado de repouso, pois a vida aqui no Rio de Janeiro é estafante, principalmente nestes meses de verão.

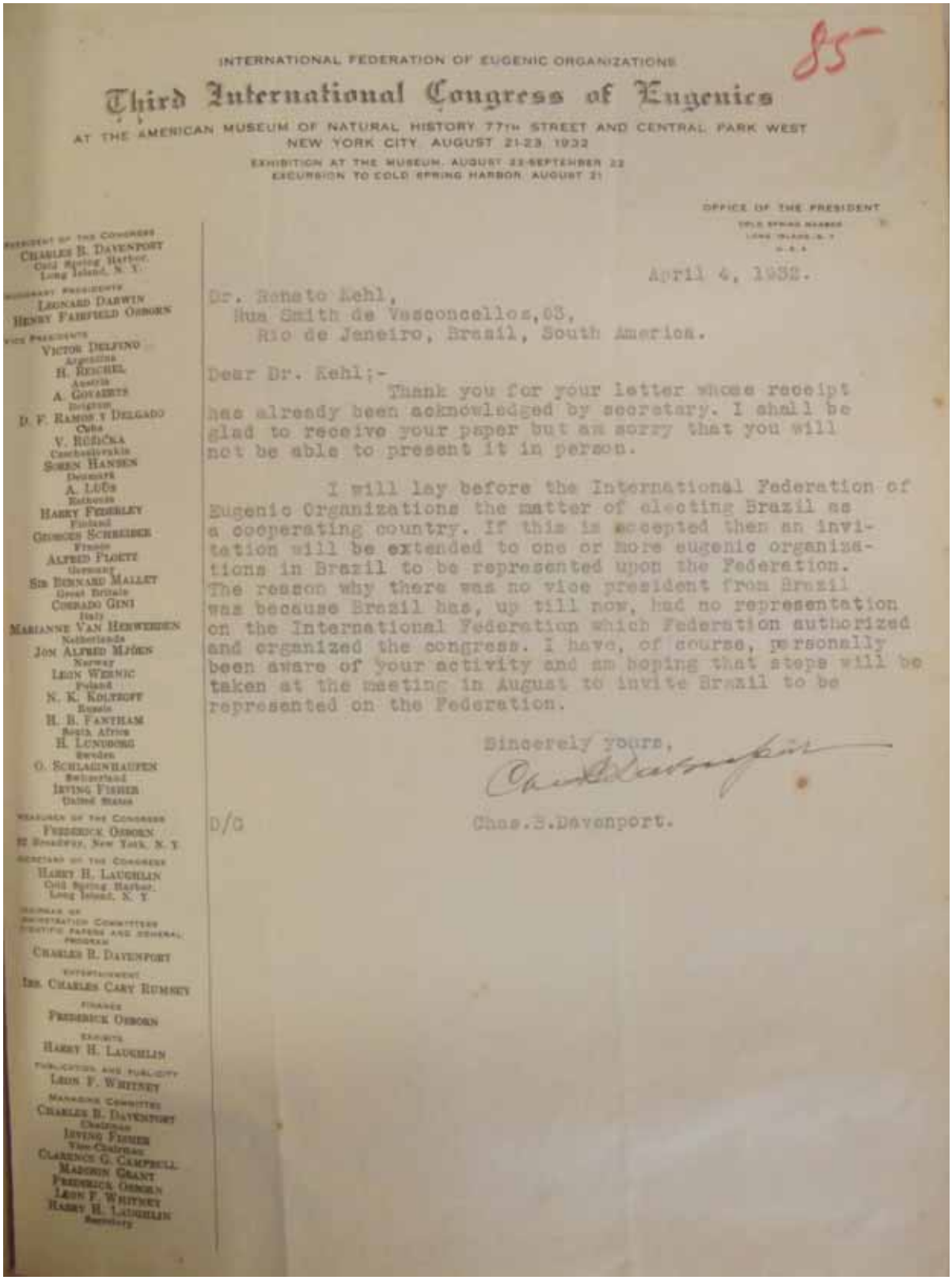
O "Syndicato Medico Brasileiro" mostrou-me a carta que o amigo lhe dirigiu, a respeito da minha estadia no Porto. Não sei como agradecer as suas honrosas expressões, a meu respeito.

Com o Dr. Belisario Penna, meu sogro, tenho conversado varias vezes sobre a sua pessôa. Dei-lhe varias publicações da "Liga de Profilaxia Social", para que ele ficasse conhecendo a sua extraordinaria e patriotica atividade. Ele me prometeu enviar-lhe algumas publicações. Vejo em ambos grande identidade de temperamento, com a diferença apenas da idade.

Estamos precisando de um Antonio Emilio brasileiro para ensinar o carioca a andar calçado. Ainda ha muita gente aqui que anda "de pé no chão". Não só por isto, naturalmente, para muitos outros problemas sociais de vulto. Nao tenho tido noticias do Prof. Mendes Corrêa nem de outros amigos que ahi deixei.

Envio-lhe, pelo presente correio, um exemplar do meu livro "Bíblia da Saúde", que prometí quando ahi estive. Mais tarde enviar-lhe-ei o livro "Sexo e Civilisação", que vai entrar para o prelo nestes dias.

Fazendo votos pela sua saúde, subscrevo-me, cordialmente, seu amigo e colega muito grato,



INTERNATIONAL FEDERATION OF EUGENIC ORGANIZATIONS

Third International Congress of Eugenics

AT THE AMERICAN MUSEUM OF NATURAL HISTORY 77th STREET AND CENTRAL PARK WEST
NEW YORK CITY, AUGUST 21-23, 1932

EXHIBITION AT THE MUSEUM, AUGUST 22-SEPTEMBER 22
EXCURSION TO COLD SPRING HARBOR, AUGUST 21

85

OFFICE OF THE PRESIDENT
COLD SPRING HARBOR
LONG ISLAND, N. Y.
U. S. A.

April 4, 1932.

Dr. Renato Kehl,
Rua Smith de Vasconcellos,83,
Rio de Janeiro, Brasil, South America.

Dear Dr. Kehl;-

Thank you for your letter whose receipt has already been acknowledged by secretary. I shall be glad to receive your paper but am sorry that you will not be able to present it in person.

I will lay before the International Federation of Eugenic Organizations the matter of electing Brazil as a cooperating country. If this is accepted then an invitation will be extended to one or more eugenic organizations in Brazil to be represented upon the Federation. The reason why there was no vice president from Brazil was because Brazil has, up till now, had no representation on the International Federation which Federation authorized and organized the congress. I have, of course, personally been aware of your activity and am hoping that steps will be taken at the meeting in August to invite Brazil to be represented on the Federation.

Sincerely yours,

Chas.B.Davenport.

D/G

PRESIDENT OF THE CONGRESS
CHARLES B. DAVENPORT
Cold Spring Harbor,
Long Island, N. Y.

HONORARY PRESIDENTS
LEONARD DARWIN
HENRY FAIRFIELD OSBORN

VICE PRESIDENTS
VICTOR DELFINO
Argentina
H. REICHEL
Austria
A. GOVAERTS
Belgium
D. F. RAMOS Y DELGADO
Cuba
V. ŘEŘICHA
Czechoslovakia
SOREN HANSEN
Denmark
A. LUDS
Estonia
HARRY FEDERLEY
Finland
GEORGES SCHREIBER
France
ALFRED PLOETZ
Germany
SIR BERNARD MALLET
Great Britain
CORRADO GINI
Italy
MARIANNE VAN HERWERDEN
Netherlands
JON ALFRED MJÖEN
Norway
LEON WENNIC
Poland
N. K. KOLTSOFF
Russia
H. B. FANTHAM
South Africa
H. LUNDBORG
Sweden
O. SCHLAGINHAUFEN
Switzerland
IRVING FISHER
United States

TREASURER OF THE CONGRESS
FREDERICK OSBORN
82 Broadway, New York, N. Y.

SECRETARY OF THE CONGRESS
HARRY H. LAUGHLIN
Cold Spring Harbor,
Long Island, N. Y.

CHAIRMAN OF ADMINISTRATION COMMITTEES
SCIENTIFIC PAPERS AND GENERAL PROGRAM
CHARLES B. DAVENPORT

ENTERTAINMENT
IRA CHARLES CARY HUMSEY

FINANCE
FREDERICK OSBORN

EXHIBITS
HARRY H. LAUGHLIN

PUBLICATION AND PUBLICITY
LEON F. WHITNEY

MANAGING COMMITTEE
CHARLES B. DAVENPORT
Chairman
IRVING FISHER
Vice-Chairman
CLARENCE G. CAMPBELL
MADISON GRANT
FREDERICK OSBORN
LEON F. WHITNEY
HARRY H. LAUGHLIN
Secretary

EL MINISTRO DE CUBA

Rio,10 de Agosto del 1939.

Sr. Dr. RENATO KEHL.

Le pido disculpa por no haber acusado antes recibo de sus dos valiosos libros,tan generosamente dedicados;pero no quise limitarme a un mero acto de cortesia ni leerlos con precipitacion indigna de su mérito y tema.
Ya los he leido,y releido muchas de sus páginas,con vivo deleite y provecho.Y lo felicito por la riqueza de documentacion y por el rumbo generoso de ambos trabajos,que honran a la bibliografia brasilera.
Cuenteme entre sus lectores amigos,y reciba con estas lineas los mejores votos para su persona y sus empresas,de su afimo,

A. Hernandez Catá.

STANFORD UNIVERSITY

DEPARTMENT OF HISTORY

STANFORD UNIVERSITY, CALIFORNIA

April 8, 1940.

Illmo. Sr. Dr. Renato Kehl,
Caixa Postal 2926,
Rio de Janeiro, Brazil.

My dear Dr. Kehl:

A thousand thanks for your air mail letter of March 25, together with the transcript of your biography. I have duly noted the typographical errors in my own version, and shall see that they are corrected in the manuscript now in the hands of the press.

You will be interested to know that I am hoping to revisit Brazil late in 1941. It is my intention to apply for one of the recently established exchange professorships. If my application is accepted, I should be prepared to give a course in Portuguese on the diplomatic relations of the United States. It would be my hope to offer such a course in one of your universities for your academic year March-November, 1942. I need hardly tell you that should I have the good fortune of returning to your country, I should look forward to the great pleasure of meeting you personally.

With all good wishes and kindest regards, I am

Sincerely and cordially yours,

P. A. Martin

ANEXO B – BOLETIM DE EUGENIA

BOLETIM DE EUGENÍA

MENSAL

EDITADO em propaganda do Instituto Brasileiro de Eugenia | JANEIRO DE 1929 | VOL. I — NUM. 1 | Direcção e Propriedade DR. RENATO KEHL

O NOSSO BOLETIM

Instituto Brasileiro de Eugenia

Têm os leitores o primeiro numero do Boletim de Eugenia. Apparece modestamente: pequeno formato, poucas paginas. Promette pouco. Deseja, apenas, auxiliar a campanha em prol da Eugenia entre os elementos cultos e entre os elementos que, embora de mediana cultura, desejam, tambem, orientar-se sobre o momentoso assumpto. Apresentará, para attender a todos, pequenos artigos scientificos, ao lado de outros, de simples vulgarização. Tudo resumidamente, tudo em linguagem simples e clara.

Depois da publicação dos Annaes de Eugenia, em São Paulo, não appareceu no paiz qualquer outra publicação especializada sobre esta sciencia. O Boletim será, pois, a primeira deste genero, com caracter periodico. Filiado á Liga de Hygiene Mental, incluirá, certamente, no seu programma, tudo quanto se referir a este ramo de intima connexão com os propositos da sciencia de Galton.

O "Boletim de Eugenia" precede nesta Capital a fundação de um Instituto Brazileiro de Eugenia, que terá logar, opportunamente, sob os auspicios do director desta e dos Professores Ernani Lopes, J. Porto-Carrero, Murilo de Campos e Heitor Carrilho.

Já é tempo de possuirmos uma aggremiação nacional de eugenistas. Até bem pouco tempo seria difficil tal emprehendimento. Os eugenistas brasileiros eram em tão pequeno numero, que não chegavam, talvez, a meia duzia. De algum tempo a esta parte, os proselytos se multiplicaram como por encanto. Effeito, talvez, de algum milagre!

Este Boletim receberá, com especial interesse, pequenos trabalhos e notas para nelle serem publicados.

Abre, pois, as suas pequenas columnas a todos que desejarem collaborar na propaganda dos ideaes eugenicos.

PROPOSITOS

A julgar pelo interesse crescente evidenciado entre os elementos cultos de nosso paiz, desde o inicio da cruzada de propaganda em prol da bella doutrina do aperfeiçoamento physio-psychico da especie humana, é de admittir-se que se tornem cada vez mais numerosos os proselytos do galtonismo no Brasil. Raros, porém, os que lhe dedicam verdadeiro, ou ao menos, digno de exhortação, amor. Limitam-se, em geral, a investigações scientificas, que descrevendo simples trabalhos de divulgação. Em artigos da imprensa diaria, em revistas, em obras apparecidas, encontram-se, a verdade, a miude, referencias encomiasticas á doutrina de Galton e que comparecem se apresentarem, de algum modo, se aprofundarem, de algum modo, aprofundarem o comprehendimento em seus transcendentes intuitos.

E' necessario, entretanto, que a Eugenia, a exemplo do que se faz em outros paizes, desperte ainda mais interesse, mais series preoccupações, seja mais cultivada e applicada, porque, indubitavelmente, é a chave magna da regeneração humana.

Vendemos ter em seus designios o estudo e applicação das questões da hereditariedade, descendencia e evolução, bem como as questões relativas ás influencias do meio economicas e sociaes, cuja dentro da sua esphera investigar o papel representado pela educação, costumes, civilização, immigração, mestiçagem, e todos os demais factores que atuam sobre os nossos descendentes. — Não o fito não só de divulgar novos conhecimentos e de abrir outros campos de investigação, como de estabelecer valiosos ensinamentos e regras praticas para a regeneração continua da especie.

Aperfeiçoar as qualidades e reduzir ao minimo as imperfeições humanas, eis, em synthese, o ideal eugenico, que embora systematizado ha pouco nosso por Galton, já se esboçara a espiritos pertencentes de outras eras. Platão nas paginas da Republica, Eschylo, Sophocles, Euripedes, Aristoteles, foram os principaes precursores de Galton, de Pearson, de Davenport, de Grüber e de tantos outros que nos nossos dias se esforçam para realizar o grande emprehendimento do homem normal reconhecendo ao velho e conhecido aphorismo de Juvenal: "mens sana in corpore sano".

Nesse aphorismo se acha, como que resumida, toda a doutrina de Galton e, como disse Raspail no seu livre "De la santé et de la maladie": mens sana in corpore sano, eis o homem modelo, o homem forte, o homem justo; mens sana in corpore vili, — eis o homem doente e soffredor; mens non sana in corpore sano, — eis o homem triste, melancholico e deficiente, que se torna máximo no louco; mens non sana in corpore non sano — eis a agonia, o preludio da morte".

A concepção eugenica de aperfeiçoar a humanidade, favorecendo o nascimento de seres robustos e bellos, remonta, como deixei claro, de muitos seculos. Lycurgo teve-a quando determinou que se lançassem ao Eurotas as crianças raquiticas e degenerescentes. Platão, quando pregou a necessidade do exame prenuptial dos nubentes, que devem apresentar-se desde de uma justa com o corpo são, attestando pelo seu estado de saude a garantia de uma prole perfeita e vigorosa; e Aristoteles, como se verifica percorrendo as paginas de sua Politica.

Mas, para nosso fundo'ra definite a concepção de Galton. A primeira equivale á selecção empirica, cruel muitas vezes, em desaccordo com o sentimento de moral e de humanidade; a segunda é a selecção scientifica, fundada em preceitos humanos e juridicos com a razão, que preside as nossas acções, em relação aos nossos semelhantes.

Sobre esse fundamento e fraternal assumpto e, perseverando nos

BOLETIM DE EUGENÍA

MENSAL

EDITADO em propaganda do *Instituto Brasileiro de Eugenia*

MAIO DE 1929

VOL. I — NUM. 5

Direcção e Propriedade
DR. RENATO KEHL

Pelo aperfeiçoamento da nacionalidade

A 1.ª Brasileira Eugenizada

Convidado pelo Dr. Waldomiro de Oliveira, director do Serviço Sanitario de São Paulo, fui assistir á entrega dos premios aos vencedores do primeiro Concurso de Eugenia, pela primeira vez realizado no Brasil e, talvez, em todas as Americas.

Coube-me a honra de entregar o galardão destinado á primeira brasileirinha considerada officialmente eugenizada.

Como disse em entrevista concedida ao «O Estado de São Paulo», a São Paulo coube a primazia na fundação da primeira Sociedade Eugenica criada no continente sul-americano e a prioridade na cruzada em pról da sciencia de Galton. Era natural, portanto, que em São Paulo désse logar o primeiro Concurso de Eugenia. Exultei com a sua realização. Ella tem alta significação como exemplo e emulação para o *fenomeno de paternidade digna* e como testemunho de que a propaganda do aperfeiçoamento eugenico esta dando resultados evidentes e valiosos para a nossa terra e para a nossa gente.

Um dos mais importantes problemas da sciencia de Galton consiste na selecção dos «bem dotados», isto é, na escolha dos melhor prendados physica, psychica e mentalmente. Dessa selecção derivam varias consequencias de valor: em primeiro logar, concorre para augmentar o interesse publico, fazendo com que os paes se esforcem no tocante á constituição de proles sadias e bellas; em segundo logar, serve para a organização de um ensaio de patronagem da futura elite nacional de eugenizados. Baseando-se [illegible] com premissas elementares para [illegible] estudos relativos á [illegible] aperfeiçoamento social e [illegible] os conhecimentos de raça etc.

No presente concurso [illegible] as possibilidades de victoria apresentadas pelos filhos: pesando os elementos individuaes e hereditarios com que contavam os filhos para o concurso; discutindo, em familia, os «pros» e os «contras»; estudando os antepassados, procedendo a uma devassa na vida de cada um, orgulhando-se ou revoltando-se contra as suas qualidades ou defeitos physicos, psychicos e mentaes.

Este interesse, por si, bastaria para justificar a repetição do certamen

Manoel [illegible] 1.º premio do 1.º Concurso de Eugenia realizado em São Paulo, sob a iniciativa do Serviço Sanitario do Estado.

ridade.

O julgamento foi executado com todas as regras. Uma commissão escolhida pelo Dr. Waldomiro de Oliveira e composta dos Drs. Candido de Moura Campos, Clemente Ferreira F. Figueira de Mello, Garcia Braga, Dalmazio Azevedo e Octavio Gonçalves observou o maximo rigor na

Cuidar do aperfeiçoamento eugenico e cultivar as boas qualidades do povo e fortalecimento integral do paiz.

Para a alma humana, um corpo sadio é um asylo; um corpo doente é um carcere. — Bacon.

A Eugenização é um capital posto a juros a longo prazo pelos patriotas esclarecidos, de vistas largas e de espirito atilado.

selecção dos concorrentes inscriptos. Obedeceu ella o seguinte criterio: a) organizada a lista dos candidatos, menores dos dois sexos, de 0 a 5 annos, foram os mesmos fichados (ficha especialmente preparada para esse fim) e examinados, não só em relação ás enfermidades physicas, como mentaes, abrangendo a syndicancia a ascendencia dos inscriptos; b) na primeira selecção foram classificados 70 candidatos, os quaes foram, novamente, submettidos a uma segunda selecção, sendo eliminados 40, por varios motivos. Submettidos a um cuidadoso exame os 30 escolhidos foram reduzidos 7, dos quaes, finalmente, a commissão classificou os seguintes: 1.º premio Ademir Ferreira de Carvalho; 2.º Ruth de Carvalho Lopes, 3.º Rachel Celeste Bonaro.

A Ademir conta 5 annos, tem 8 irmãos vivos, 6 tios maternos e 7 paternos, todos sadios.

Como disse na entrevista supra citada, a idade estipulada não me pareceu muito feliz. Seria melhor que o concurso fosse para crianças na edade escolar. Uma verdadeira selecção eugenica deveria comprehender somente individuos em completo desenvolvimento somato-psychico. Entretanto, esta minha restricção em nada pretende diminuir o valor desse bello emprehendimento, que teve de subordinar-se ás condições estipuladas pelos idealizadores do concurso e doadores dos premios.

Parabens á «primeira brasileirinha eugenizada» e a seus paes, que devem estar radiantes com a victoria da

BOLETIM DE EUGENÍA

SEPARATA DA "MEDICAMENTA"

EDITADO EM PROPAGANDA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EUGENIA
Caixa Postal 2924 - Rio de Janeiro - Brasil
Assig. annual do Boletim avulso $8000

JUNHO-JULHO DE 1929
ANNO I NS. 6-7

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE
DR. RENATO KEHL
R. Smith Vasconcellos, 68 (Agua Ferrea)
Caixa Postal 2924 - Rio de Janeiro - Brasil

BOLETIM DE EUGENIA
E
"MEDICAMENTA"

Acceitando o offerecimento amavel e generoso do Theophilo de Almeida, collega illustre e dos mais distinctos, com o qual tenho a honra e o prazer de manter as melhores relações de amizade desde os tempos academicos, não hesitei em incorporar o meu modesto "Boletim" como supplemento da "Medicamenta", uma das mais acatadas e apreciadas revistas medicas brasileiras.

Dilatam-se, assim, os horizontes vividos pela nossa propaganda em prol da sciencia de Galton, porque, além da tiragem independente e bilateral de mil exemplares, o "Boletim", incorporado á "Medicamenta", irá alcançar todos os leitores deste orgão de publicidade que se espalham de norte ao sul do paiz.

O "Boletim de Eugenia" continuará de propriedade e sob a responsabilidade do seu fundador, o qual agradece o nobre gesto de Théo. de Almeida, antigo proselyto e agora um dos benemeritos da cruzada eugenica no Brasil.

B. K.

Aspecto Juridico da Maternidade Consciente

Por

LUIZ JIMÉNEZ DE ASUA

Catheratrico de Direito Penal na Universidade de Madrid

(Trechos de uma conferencia realisada no "Primeiro Curso Especial Hespanhol", organisado pela "Gaceta Medica Española").

I — Eugenia e Selecção

A pratica e defesa da selecção e da Eugenia são cousas velhas seculares. Os brahmanes tinham o costume de matar ou abandonar nas selvas as crianças que, dois mezes após o nascimento, lhes pareciam de má indole. Os espartanos, segundo relata Plutarco em **Vidas Parallelas** de Lycurgo e de Solon, davam a morte ás criaturas desprovidas de vigor ou aleijadas, por considerál-as carga inutil para o Estado. Entre os celtas havia medidas, não só de selecção, como de verdadeiras praticas de euthanasia, condemnando á morte tanto as crianças disformes e monstruosas como os velhos valetudinarios.

Por descripções de viajantes antigos e modernos sabemos que o sentimento de dever filial impellia os mangegetas, sardos, slavos e scandinavos a precipitar a morte de seus pais enfermos que tivessem chegado a uma extrema velhice. Parece que ainda em nossos dias conservam semelhantes costumes os naturaes da Terra do Fogo, das ilhas Fidji, da Nova Caledonia, os battas, os tschuktschi, os vamtchadales.

O empirismo cruel destas praticas não póde reviver em nossos dias de humanitarismo e caridade; mas a prescripção selectiva e eugenica revive na hora actual nos povos mais cultos. O que os allemães e os norte-americanos chamam "hygienisar as raças" é um designio que me parece sobremaneira importante e sobre cuja ultima ha em ingles e em allemão copiosa bibliographia.

Antes de entrentar particularmente o aspecto juridico da Eugenia, quero lançar meu parecer sobre a eugenismo.

Na actualidade a Eugenia apparece como um conceito certo, comquanto não simples de actuar na pratica. Presentemente, julgo mais efficaz procurar melhorar a humanidade por meios indirectos, que, sem que vão ao fim seleccionados em minha recta, obterão um rendimento mais sensivel que os methodos directos, simplistas em excesso.

A educação sexual, comprehendida em suas mais extensas accepções, que ensine ao homem o verdadeiro ideal viril e á mulher o authentico fim feminino, que torne mais homens os varões e mais femininas as mulheres, como pode com elegancia Gregorio Marañon em seu livro **Tres ensaios sobre a vida sexual**; a lucta contra o donjuanismo e a prostituição regulamentada, e o combate contra o desdobramento do amor, que leva os homens á polygamia, depositando na esposa o carinho puro e reservando para as amantes os arrebatamentos da paixão, parecem-me um programma mais digno da humanidade, que esses outros processos demasiadamente ingenuos ou desmesuradamente prematuros de que me occuparei em seguida.

A Eugenia apresenta dois grandes sectores que penetram na area juridica: a **sanidade da progenie** e a **maternidade consciente**. O homem de Direito, no primeiro sector, ajudará do valor da lucta contra as enfermidades sexuaes, o typo delictuoso do contacto venereo e a utilidade do certificado medico prenupcial; no segundo aspecto deve dictar uma sentença sobre os meios de pôr limites á maternidade inconsciente, jul-

BOLETIM DE EUGENÍA

SEPARATA DA "MEDICAMENTA"

EDITADO EM PROPAGANDA DO INSTITUTO BRASILEIRO DE EUGENIA
Caixa Postal 2418 - Rio de Janeiro - Brasil
Assig. annual do Boletim avulso 5$000

JUNHO-JULHO DE 1929
ANNO I NS. 6-7

DIRECÇÃO E PROPRIEDADE
DR. RENATO KEHL
R. Smith Vasconcellos, 68 (Agua Feerraz)
Caixa Postal 2418 - Rio de Janeiro - Brasil

BOLETIM DE EUGENIA
E
"MEDICAMENTA"

Acceitando o offerecimento amavel e generoso de Theophilo de Almeida, redega illustre e dos mais distinctos, com o qual tenho a honra e o prazer de manter as melhores relações de amisade desde os tempos academicos, não hesitei em incorporar o meu modesto "Boletim" como supplemento da "Medicamenta", uma das mais acatadas e apreciadas revistas medicas brasileiras.

Dilatam-se, assim, os horizontes visados pela minha propaganda em prol da sciencia de Galton, porque, além da tiragem independente e habitual de mil exemplares, o "Boletim", incorporado á "Medicamenta", irá alcançar todos os leitores deste orgão de publicidade que se espalham de norte ao sul do paiz.

O "Boletim de Eugenia" continuará de propriedade e sob a responsabilidade do seu fundador, o qual agradece o sobre grato de Theo. de Almeida, antigo proselyto e agora um dos baseemeritos da cruzada eugenica no Brazil.

R. K.

Aspecto Jurídico da Maternidade Consciente

Por

LUIZ JIMÉNEZ DE ASUA

Catheratico de Direito Penal na Universidade de Madrid

(Trechos de uma conferencia realisada no "Primeiro Curso Eugenico Hespanhol", organisado pela "Gaceta Medica Espanola")

I — **Eugenia e Selecção**

A pratica e defesa da selecção e da Eugenia são certas vezes seculares. Os brahmanes tiveram o costume de matar ou abandonar nas selvas as crianças que, dois mezes após o nascimento, lhes pareciam de má indole. Os espartanos, segundo relata Plutarco nas **Vidas Parallelas** de Lycurgo e de Solon, davam a morte ás criaturas desprovidas de vigor ou aleijadas, por consideral-as cargo inutil para o Estado. Entre os celtas havia medidas, não só de selecção, como de verdadeiras praticas de euthanasia, condemnando a morte tanto as crianças disformes e monstruosas como os velhos valetudinarios.

Por descripções de viajantes antigos e modernos sabemos que o sentimento do dever filial impellia os massagetas, saedos, slavos e scandinavos a precipitar a morte de seus paes enfermos que tivessem chegado a uma extrema velhice. Parece que ainda em nossos dias conservam semelhantes costumes os naturaes da Terra do Fogo, das ilhas Fidji, da Nova Caledonia, os battas, os tschuktchi, os vismtchadatez.

O empirismo cruel destas praticas não póde reviver em nossos dias de humanitarismo e caridade; mas a preoccupação selectiva e eugenica revive na luta actual nos povos mais cultos. O que os allemães e os norte-americanos chamam "hygienizar as raças" é um designio que me parece sobremaneira importante e sobre cujo thema li em inglez e em allemão copiosa bibliographia.

Antes de enfrentar particularmente o aspecto juridico da Eugenia, quero lançar meu parecer sobre o eugenismo.

Na actualidade a Eugenia apparece como um conceito certo, comquanto não simples de actuar na pratica. Presentemente, julgo mais efficaz procurar melhorar a humanidade por meios indirectos, que, sem que vão ao fim seleccionados em minha recta, obterão um resultado mais sensivel que os methodos directos, simplistas em excesso.

A educação sexual, concebida em suas mais extensas accepções, que ensine ao homem o verdadeiro ideal viril e á mulher o authentico fim feminino, que torne mais homens os varões e mais femininas as mulheres, como pede com elegancia Gregorio Marañon em seu livro **Tres ensaios sobre a vida sexual**; a loeta contra o donjuanismo e a prostituição regulamentada, e o combate contra o desdobramento do amor, que leva os homens á polygamia, depositando na esposa o carinho puro e reservando para as amantes os arrebatamentos da paixão, parecem-me um programma mais digno da humanidade, que esses outros processos demasiadamente ingenuos ou desmesuradamente prematuros de que me occuparei em seguida.

A Eugenia apresenta dois grandes sectores que penetram na area juridica: a **sanidade da progenie** e a **maternidade consciente**. O homem de Direito, no primeiro sector, ajudará do valor da luta contra as enfermidades sexuaes, o typo delictuoso do contacto venereo e a utilidade do certificado medico pre-nupcial; no segundo aspecto deve dictar sua sentença sobre os meios de pôr limites á maternidade inconsciente, jul-

APPARECERÁ EM JULHO PROXIMO UMA NOVA REVISTA:

"ANNAES BRASILEIROS DE MEDICINA E CIRURGIA"

PUBLICADOS PELA

SOCIEDADE DE MEDICINA E CIRURGIA DO RIO DE JANEIRO

Director — PROF. A. AUSTREGESILO

Revista mensal de grande tiragem, em que serão publicadas todas as communicações, discussões, conferencias, actas e actos da Sociedade, e terá ainda outras secções interessantes de analyses em resumos, noticiario, etc.

Mande desde já o seu pedido de assignatura:

BRASIL. — Por anno ..... 25$000 ESTRANGEIRO — Por anno ..... 25$000

Redacção — AVENIDA MEM DE SA, 197 — Rio de Janeiro

Prothese Dentaria, J. M. Vieira Salgado, br. 20$000

LIVRO DO CHEFE DE FAMILIA

Pelo DR. RENATO KEHL

FAZIA-SE SENTIR a falta de um livro para o REGISTRO DE FACTOS E DATAS DE FAMILIA. Muita gente lastima não possuir dados e noticias de antepassados, porque os paes não tiveram o cuidado e o trabalho de tomar os assentamentos necessario em occasião opportuna. O resultado é isso que ahi vemos: PESSOAS QUE IGNORAM OS NOMES DOS PROPRIOS AVÓS E DE OUTROS PARENTES DE SANGUE. Para resolver este problema, tornando facil e methodico os assentamentos, o Dr. Renato Kehl, conhecido publicista e eugenista patricio, organisou um LIVRO ESPECIAL PARA REGISTRO DE FACTOS E DATAS DA VIDA INTIMA DA FAMILIA, INTITULADO **"LIVRO DO CHEFE DA FAMILIA"**. Trata-se de uma obra utilissima, que ensina a estabelecer, entre outras cousas, a arvore genealogica, de modo que os nossos caxote, com um pouco de bôa vontade, poderão legar aos filhos MUITAS INFORMAÇÕES UTEIS que elles por inadvertencia dos seus progenitores, não tiveram a ventura de receber.

PREÇO: 25$000 — REGISTRADO MAIS 1$000

Com um bonito estojo mais 6$000.

Pedidos á "MEDICAMENTA"
— Caixa Postal 2325 — Rio de Janeiro,
enviando a importancia em cheque,
vale postal ou sob registro com
valor declarado.

Filha da Saude, Dr. Renato Kehl, br. 12$, em 1925 ..... 14$000 ..... 20$000

Discursos, da 2ª série, Prof. Fernando Magalhães, br. ..... 4$000

Elementos de Pediatria, Prof. W. Birk trad. do Dr. Martinho da Rocha Jr., 2ª ed., 1929 ..... 25$000

Formulario de Therapeutica Infantil, Prs. H. Kleinschmidt, trad. dos Drs. Martinho da Rocha Jr. e J. Martinho da Rocha, 2ª ed. bras. — 1926 ..... 10$000

Diccionario de Synonymos Galenico-Pharmaceuticos, Phco. V. Lucas ..... 15$000

Noções sobre a thiotera parenteria dos bertmas, Drs. Affranio Peixoto e Amoroso Braga, br. ..... 20$000

Medicina Legal, Dr. Afranio Peixoto, enc. ..... 15$000

"DICCIONARIO DE SYNONYMOS"

PHCO. VIRGILIO LUCAS

346 Paginas — Preço — 15$000

Climatologia e Nosologia do Ceará, A. Carvão Gonçalves, 2 vol. br. 45$000, enc. ..... 38$000

Formulario da Bellezas, Dr. Renato Kehl, brochado 12$000, enc. ..... 14$000

Semiotica Obstetrica, Dr. Humberto Cavalcanti, br. 15$000, enc. ..... 22$000

Clinica Cirurgica, Dr. Augusto Paulino Soares, br. 20$000, enc. ..... 25$000

Soro (O Sangue), Prof. Mauricio Medeiros, br. 15$000, enc. ..... 14$000

Primeiro Congresso Nacional das Praticas, Prof. F. Magalhães, br. 20$000, enc. ..... 25$000

Elementos de Hygiene, Dr. Afranio Peixoto, 2 volumes, enc. ..... 20$000

Clinica Medica, 2 vols., Dr. Clementino Fraga, br. 45$000, enc. ..... 55$000

:: Annaes Brasileiros de Dermatologia e Syphilographia ::

REVISTA TRIMESTRAL

(Orgão da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Syphilographia)

Director — Oscar da Silva Araujo — Secretario — JOAQUIM MOTTA

ASSIGNATURAS

Anno — Brasil ..... 12$000 Anno — Estrangeiro ..... 15$000

Numero atrasado ..... 2$000 Numero atrasado ..... 2$500

As assignaturas são annuaes e começam sempre em Janeiro, podendo a importancia ser enviada em vale postal ou em carta registrada com valor declarado. Para os assignantes do Rio de Janeiro a cobrança será feita no local indicado mediante carta dirigida á Redacção.

REDACÇÃO — Todo correspondencia deve ser enviada á Rua Frei Caneca, 24 — Rio de Janeiro

ADMINISTRAÇÃO — Todos assignantes e collaboradores poderão tratar egualmente á R. Frei Caneca 24. Phone 2-4311

TODOS ESTES LIVROS ESTÃO A' VENDA NA REDACÇÃO DA "MEDICAMENTA"

BOLETIM DE EUGENÍA

SEPARATA DA "MEDICAMENTA"

REVISTA PARA MEDICOS E PHARMACEUTICOS

PUBLICAÇÃO OFFICIAL DA COM. CENTR. BRAS. DE EUGENIA
Assig. annual do Boletim avulso 5$000
Caixa Postal 2516 - Rio de Janeiro - Brasil

MAIO DE 1931
ANNO III N. 29

DIRECÇÃO E REDACÇÃO
DR. RENATO KEHL
R. Smith Vasconcellos, 65 (Aguas Perreas)
Caixa Postal 2026 — Rio de Janeiro

SEREI UM INDIVIDUO NORMAL?

Quantas pessoas fazem intimamente esta pergunta: — "Serei um individuo normal?" E a pergunta tem toda a razão de ser, tal a fregoeza do emprego que se dá, actualmente, aos termos anormal, degenerado e psychopatha.

Muitas ficam, pois, na duvida quanto ao seu estado.

Existem varios trabalhos sobre o assumpto, escriptos por scientistas preoccupados em estabelecer um typo padrão que sirva de termo de comparação. Alguns estudaram a normalidade morphologica, outros a psychologica, e outros ambas, ou somato-psychica. Um dos trabalhos mais conhecidos é o "Homem normal" de Quêtelet, já antigo, porém considerado classico. A questão é muito difficil e complexa, muito mais difficil de resolver do que foi estabelecer o metro para unidade basica do systema metrico decimal.

O homem normal não póde ser simplesmente um type convencionado, mas um individuo que apresente, de facto, taes caracteres somaticos e psychicos que, bem avaliados e cotejados, facam-no em condições de ser collocado na média (M) de uma curva de variação.

Será para isso necessario conhecer a vocidade dos seus caracteres, quer do ponto de vista individual, quer do de uma dada população, para definir a sua normalidade dentro da referida collecticidade. Imagine-se estabelecer a média da altura, do peso, da capacidade thoracica, etc., e, ao mesmo tempo, a média das suas condições physiologicas, psychologicas e mentaes, tendo em conta temperamento e constituição!

Os individuos, na sua totalidade, são variações. Ter-se-á de analysar e classificar taes variações para encontrar a média (M) ou o homem médio normal.

Um individuo póde apresentar um ou mais caracteres anormaes, tendo todos os demais regulares, como se verifica, via de regra, sendo por isso passivel de uma classificação favoravel na tabella da normalidade.

Homem normal absoluto é variavel ou mesmo não existe. Nestas condições, temos de acceitar, como tal, o homem: 1.º) — cujos orgãos se apresentem tão bem constituidos que nossos conhecimentos e experiencias nada revelem de irregular; 2º) — cujos orgãos funccionem com tal harmonia que nada apparentem de estranho no seu trabalho; 3º) — cuja vida psychica e mental esteja em permanente estado de equilibrio, sem quaesquer elevações ou descaidas nas suas manifestações.

Não é, pois, facil estabelecer, com rigor absoluto, os limites desta normalidade ideal, taes as gradações existentes, na realidade, entre os caracteres apresentados pela maioria dos nossos semelhantes.

Acceitemos, por isso, um typo médio nas condições acima, isto é, com todas as propriedades e funcções normaes para servir de partido de uma linha M, collocando, parallelamente, tantas linhas acima e outras abaixo, conforme as variações favoraveis ou desfavoraveis que apresentem. Segundo Bauer temos uma série de homens normaes acima das variantes extremas isoladas e estas acima tambem das variantes extremas collectivas. Tomando as variantes extremas collectivas como constituições anormaes, não nos é difficil comprehender que entre ellas e as variantes extremas isoladas não ha limites precisos.

Todo individuo, pois, que se afastar do typo médio, para baixo da linha M (depreciação) póde-se considerar como degenerado; e todo aquelle que se afastar do typo médio para cima, (valorização) póde-se considerar normal superior.

Não é vantagem, pois, segundo a tabella de normalidade de Galton, ser um individuo normal, collocado na linha M (média). Convém ser normal superior, variante superior do typo médio.

Mais do metade dos homens collocam-se nas classes medioeres, isto é, metade numa linha acima e a outra metade numa linha abaixo; o resto distribue-se em séries gradativas entre as linhas respectivamente acima e abaixo. Apenas 0,35% alcança o grão mais elevado da normalidade superior e 0,35% o mais baixo grão de degeneração.

RENATO KEHL

OS TYPOS EUGENICOS

Disse Nietzsche que a humanidade não existe senão com o fim de que a Natureza louça não para chegar a um ou mais homens de genio. Poderia dizer igualmente que um povo — uma raça social de alguns dezenas ou milhões de homens — não existe senão com o fim de que a Historia se utilise para a producção de uma pequena elite de typos superiores; e um povo só é grande ou só se torna grande quando se revela fecundo na producção desses typos.

Em qualquer sociedade, seja barbara, seja civilisada, esses individuos dotados de aptidões eugenicas concentram-se principalmente nas altas camadas dirigentes. Estas, é claro, não se compõem exclusivamente de elementos desse typo psychicamente superior; mas, todo eugenico tende sempre para as camadas superiores e para as classes dirigentes — porque toda a sua actividade o leva a orientar-se num sentido ascensional.

Eis porque o estudo das classes superiores é capital para o julgamento do valor de uma raça ou de uma nação — e Emerson tem razão quando affirma que, para avaliarmos o caracter de um povo, basta estudal-o nas ideas, sentimentos e maneiras da sua aristocracia. Esta pequena minoria de algumas centenas ou de alguns milhares de individuos diz mais, com effeito, da capacidade de um povo do que os varios milhões das suas classes populares.

São muitas e complexas as qualidades exigidas para a constituição de uma individualidade eugenica; no fundo, porem, da psychologia de todo eugenico a qualidade mais distinctiva que encontramos é a amplitude da ambição. Esta é que é sua qualidade mestra, a sua determinante psychica fundamental. Toda a actividade social do eugenico busca a sua causa motriz e primeira nesse fundo innato de ambição ampla e robusta.

Seja pela ambição da gloria, que cria os heroes, os sabios e os artistas; pela ambição da riqueza, que cria os grandes chefes de industria; pela ambição do mando, que cria os grandes caudilhos e conductores de turbas, os grandes chefes de exercitos, os grandes senhores de povos, os grandes conquistadores de reinos — o eugenico é sempre caracteristicamente o ambicioso por excellencia, o refractario, sempre, por temperamento, por indole, por instincto, aos pequenos objectivos, aos pequenos scenarios, aos pequenos triumphos, aos pequenos ideaes.

Debil o seu temperamento instavel e migrador. O eugenico não se fixa, numa sociedade ou numa classe, senão enquanto não encontra uma outra de maiores possibilidades — e todas as vezes que o horizonte economico de sua sociedade ou de sua classe se estreita, elle para logo se mobilisa e desloca, em busca de outro horizonte mais livre e desaffogado.

Num grande momento e em certo momento será Napoleão ou Bismarck, isto é, um daquelles homens que, na phrase de Pareto, ou se deixam se impellir numa direcção, fazendo outros o se impellir em outra, fazem "imperio". Num certo grande momento e num certo momento será Hannibal o Narsyphio, ou Colombo — como poderá ser S. Francisco de Assis ou S. Paulo, Kant ou Buckle. Num momento ou num e mais limitado, será talvez Rigaud Tavares, ou conquistará o Genovês, ou será apenas um obscuro chefe de bando, um Lampião ou Virgulino Ferreira, e chamará das montanhas, sobre as Planicies Alegres para as ribeiras de Pernambuco, e fundará um novo Imperio onde talvez Bonaparte ou Kant ou Napoleão ou Bismarck, isto é, aquelles homens que, na phrase de Pareto, ou se deixam se impellir numa direcção, fazendo outros o se impellir em outra, fazem "imperio". Num certo grande momento e num certo momento será

O EUGENISMO DAS ELITES

(FRAGMENTO DE CAPITULO)

Dizia Saint-Simon: — "Se la France perdait subitement ses cinquante premiers savants, ses cinquante premiers artistes, ses cinquante premiers fabricants, ses cinquante premiers cultivateurs, la nation deviendrait un corps sans ame, elle serait décapitée".

Realmente, um povo não é grande propriamente pelo volume da sua massa social — e, sim, pela sua elite de eugenicos. Os duzentos milhões de hindus que repullulam na planicie do Ganges não valem o pequeno punhado de inglezes, que os domina e governa.

E preciso, comtudo, não confundir classes superiores com o contingente dos elementos eugenicos existentes na massa social. Estes são encontrados em todas as camadas, embora em proporções differentes. Dada, porem, a sua natural capacidade ascencional, elles tendem a ascender ás camadas superiores. Dahi o serem estas camadas o campo natural de concentração dos elementos eugenicos, no logar onde elles são encontrados em maior numero.

Seria illusão, porém, suppôr que todos os elementos componentes das camadas superiores sejam eugenicos. O facto de fazer parte da elite não indica por si só a posse de uma intelligencia de elite e de um caracter de elite. Nas camadas superiores e dirigentes, ao lado de um pequeno numero de individualidades eugenicas, ha um grande numero de personalidades secundarias e, mesmo, um certo numero de individualidades nullas, ali collocadas pelos accidentes da riqueza, do nascimento ou da sorte.

Na classe propriamente politica, este facto é frequentissimo. Em regra geral, os elementos que della fazem parte, ahi estão sem nenhum titulo marcante.

Por isso mesmo, os individuos superiores — do padrão lapougeano ou galtoneano — constituem ali uma parcella infinitesimal. Dahi os escrupulos de Galton em tomar, como criterio de superioridade individual, a posição politica.

Uma alta posição politica tanto pode caber a um homem realmente superior, como a uma personalidade mediana, como a um individuo nullo. Nos paizes, como o nosso, em que a politica não tem, em geral, nenhum objectivo superior, e é apenas, como define Nabuco, "uma triste luta por ordenados", o indice eugenistico da classe politica é pequeno; de modo que, sob este aspecto, o facto de ser deputado, senador ou ministro, não quer dizer grande coisa.

Os centros mais legitimos do nosso eugenismo devem ser procurados em outras classes: na elite das lettras, das artes, das sciencias, da grande industria, da grande propriedade e do alto commercio.

E' realmente nessas classes sociaes, mais do que na classe politica, que os typos eugenicos são mais frequentemente encontrados. O seu logar social é exactamente ali, porque, como já observamos, todo eugenico tende a imprimir á sua actividade uma directriz ascencional.

Ha, comtudo, eugenicos nas camadas médias e, mesmo, embora mais raramente, nas camadas inferiores. Estas são, realmente, muito pouco ricas de eugenismo, porque representam o residuo de uma selecção, pois todos os elementos eugenicos, que nellas se formam, ascendem ou estão em via de ascender ás primeiras camadas.

O campo mais rico de possibilidades eugenicas parece ser, entretanto, a classe media (no sentido europeu da expressão). Della, segundo Ostwald, é que têm sahido quasi todos os grandes homens de sciencia. Das classes aristocraticas tem vindo apenas um pequeno numero delles. Das classes inferiores, por assim dizer, nenhum. Vindo do povo, Ostwald só encontra um nome: **Faraday**.

Esta menor fertilidade eugenistica das camadas inferiores é um facto constatado pelos observadores contemporaneos. Explica-se pela maior abundancia nellas de elementos do typo L, de Key — "Os vastos **slums** existentes no mundo — diz Wiggam — são habitados por gerações, que ali estão desde ha seculos, isto é, por gerações hereditariamente destituidas de attributos eugenicos **(poor heredity)**. E' o que Davenport verificou para os **slums** australianos e Marshall para a plebe rural ingleza.

Os calculos de Woods para a America são egualmente confirmativos desta inferioridade eugenistica das camadas populares: ao passo que Galton encontrou para certos grupos aristocraticos um indice eugenistico de cerca de 12%, Woods achou que ha uma proporção de um homem eminente para 4.000 individuos do povo, ou seja, um indice eugenistico de 0,03% para as classes inferiores. E' que, nestas classes, as combinações hereditarias, que se realizam mais frequentemente, são do typo L x L, ou L x M, de Key. Portanto, pouco fecundas em possibilidades eugenicas.

Nas classes médias ou aristocraticas, como são os logares de accumulação dos eugenicos, as combinações se perfazem geralmente sob a formula M x M, ou M x H ou mesmo H x H; dahi a sua maior fecundidade em individualidades eugenicas. E' verdade que Ostwald assignala um menor indice eugenistico nas camadas aristocraticas; mas, é isto um facto puramente apparente; não indica, de modo algum, pobreza eugenistica; resulta apenas de que o indice de natalidade é sempre menor nas classes superiores.

Em nosso povo, os maiores indices eugenisticos devemos encontrar nas classes superiores, já organizadas, dos campos e das colonias, principalmente das grandes cidades do littoral e do centro. Nas classes populares urbanas, esse indice deve ser baixo; mas, muito baixo deve ser na plebe rural, principalmente na plebe dos nossos sertões septentrionaes, onde a tradicional migradora dos vertanejos mais activos e ambiciosos (cap. XXIII) elimina delle tudo o que ha de mais rico em eugenismo.

Em summa, são as camadas superiores da sociedade — as que têm o encargo da direcção geral das actividades economicas, das actividades intellectuaes e das actividades politicas — o campo principal de concentração dos elementos eugenicos, gerados pelas matrizes ethnicas do povo. OLIVEIRA VIANNA.

tributed. (The distribution of this work was undertaken by the Academia Nacional de Medicina — Rua Augusto Severo — R.o de Janeiro)

Formerly, in 1927 and 1928, two competitions of Eugenics, about which a detailed account was published by the "Boletim de Eugenia" number 3, May, 1928, took place in S. Paulo.

The "Boletim de Eugenia" the only brazilian periodic of this kind was founded in January 1929, edited by Dr. Renato Kehl (Caixa Postal, 2826 — Rio de Janeiro). It has already entered its third year, having published, until this date, 27 editions, which copies were widely and freely distributed in Brazil and sent to Eugenists of various foreign countries.

RENATO KEHL.

EUGENICS IN BRAZIL

The movement in proff of Eugenics, lately noticed in some of the states of Brazil is promising.

During the month of October many initiatives had taken place showing clearly the improvement of the idea, the interest that the problem of physical and mental improvement is implanting itself among the cultived classes of the country.

We hear from S. Paulo that repeat the Competition of Eugenics, which took place last year with grand brilliancy as the best results, will be again repeated organized by the Sanitary Service of the State, under the direction of Dr. Waldomiro de Oliveira.

This time Dr. Nuno Guerner will be responsible for the technical orientation of the spoken competition.

We are also informed that in Piracicaba, which is one of the most importante towns in the State of S. Paulo, the Prof. Domingues will realize a long conference on Eugenics held for a numerous audience consisting mostly of students from the numerous high schools of that city, such as the Agricolture School, the School of Chemistry, of Odontology, the Normal School, etc.

In this Capital, the eminente Prof. Fernando Magalhães, president of Academia Brasileira de Letras, has started a weekly course of Eugenics under the name of "The Realizations of Eugenics", at the Escola de Bellas Artes, attracting numerous listeners.

In Recife, at the 5th Congress of Hygiene, that was assembled there from the 17th to the 22d of October, some of the topics of Galtonian science were discussed. The necessity of a law about a cerebral premarital examination was claimed, on the basis of the Galtonian campaign, and a wish was expressed to create a Brazilian Society of Anthropology and Eugenics.

Many essays and articles on Eugenics were presented and registered at the Congress.

BRAZILIAN INSTITUTE OF EUGENICS

The idea of to-day soon become the reality of tomorrow. The finalities of the Institute may, schematically, be abbreviated as follows:

1st.) — To make inquiries, collects and consults informations and data about the population of the country.

2d.) — To make and direct inquiries about the ethnical, social and eugenical conditions of the composing elements of our population and about the results of the racial crossings taking place amongst us.

3d.) — To indicate the best ways and means of improvements upon the eugenical conditions of the progeny and defend the good lineage from the influence of the somato-psychal and social degeneration.

4th.) — To divulge intensively and continually by all possible means the eugenical subjects, inducing people to take greater interest in them stimulating also the parents for the eugenical procreation.

5th.) — To incite and coordinate the endeavours of the government, scientific and social institutions, which benefit eugenically the brazilian people.

6th.) — And finally, to awaken and strengthen amongst our people, through the Galtonian education, the eugenical conscience.

These are, in synthesis, the attributions of a future Brazilian Institut of Eugenics.

A NEW SCIENTIFIC ASSOCIATION ORGANIZED

BRAZIL CENTRAL COMMITEE OF EUGENICS

A new scientific association has been organized in Rio de Janeiro for the study and propaganda of eugenics in Brazil.

It is well known that eugenics count quite a number of followers amongst us, some of them having already tried to special eugenic measure in order to better the progress of our nation.

A permanent scientific organization, which would become a convergence of Brazilian eugenistics was needed. At same time it would be an irradiating center of the eugenic ideals and practical motivations.

For this reason a Brazilian Central Committee of Eugenics has been founded in this Capital organized in a manner which guarantees a lasting and productive life in accordance with the national spirit and interest.

This society will have a limited number of members, ten, only, with the following purpose: a) to promote the union in the study of questions of heredity and eugenical; b) to propagate the diffusion

ANEXO C – JORNAIS

REVISTA THERAPEUTICA

No. 2 • Fevereiro 1929 • Anno IX

A Allemanha vista por um medico brasileiro

NÃO TENHO o proposito de apresentar, nas linhas que seguem, as impressões colhidas, como medico, na viagem ultimamente realizada, atravez da Allemanha. Não me aventuro a tanto; seriam, para isso, necessarios tempo e espaço que não disponho no momento. Apresento, pois, apenas alguns topicos, destacados do meu "block notes", onde registrei, despretenciosamente, como escrevinhador bem intencionado, o que vi e aprendi naquelle grande paiz e em outros por onde andei.

Dr. Renato Kehl

Visitar a Allemanha constitue obsidente aspiração de muita gente ou melhor de quasi toda ella, sobretudo de medicos. E natural e justo tal empenho. Esse paiz representa, verdadeiramente, um dos mais interessantes da Europa e que proporciona aos visitantes, maior dóse de impressões uteis e agradaveis. Percorrendo-o, goza-se e aprende-se. Mesmo em viagem de recreio, atravessando-o, como simples *touriste*, as suas cidades, aldeias e campos — aproveita-se enormemente. Lucra-se observando a vida laboriosa do povo, os seus habitos e systemas de trabalho, as suas realizações em todos os

A GAZETA — S. PAULO — QUARTA-FEIRA, 10 DE ABRIL DE 1957

QUARENTA ANOS DE DOUTRINAÇÃO

A ciencia eugenica no Brasil

Os primórdios — Desordens e aberrações — Profilaxia eugênica, medida que se impõe — O "estalo salvador", antes do ano 2.000 — Frutos animadores — Fala-nos o dr. Renato Kehl, pioneiro do movimento em nosso país

Fala-nos o dr. Renato Kehl

O JORNAL — Terça-feira, 18 de Setembro de 1928

A Eugenia na Europa e no Brasil

De regresso á patria o dr. Renato Keehl refére a O JORNAL o que, a respeito, observou no Velho Mundo

Pelo "Werra", entrado da Europa domingo ultimo, regressou ao Brasil o dr. Renato Kehl.

O nosso patricio é um decidido apaixonado da eugenia, um batalhador incansavel pelo aperfeiçoamento da nossa raça. Os seus livros, — mais de uma dezena, —

hypo-funcção geradora, aggravada pelas influencias e praticas sociaes resultantes da difficuldade de vida, do urbanismo asphyxiante, do egocentrismo, da falta de confiança no futuro.

Taes as razões pelas quaes os paizes do Velho Mundo já não mais confiam, apenas, em armas belli-

Adoptará o Brasil a esterilisação?

FALA AO "GLOBO", SOBRE OS NOVOS RUMOS DA PRESERVAÇÃO RACIAL, O DR. RENATO KEHL

A these que esse scientista vae apresentar á 1ª Conferencia Inter-Americana de Hygiene Mental

Entre os problemas de natureza social que por mais de uma vez se projectam na téla dos debates publicos, nenhum mais complexo de certo, pela difficuldade de se destrinçarem os aspectos que lhe são connexos, e pela diversidade dos pareceres da sciencia, do que esse que diz com a esterilisação. Trata-se de materia que não ha muito foi posta em luz aqui no R.o, actualisada por um telegramma da Allemanha, sobre a instituição do processo esterilisante par acerta classe de individuos, de taras ameaçadoras, de degenerados, criminosos e anormaes. Com a grande facilidade com que exposamos as acquisições e praxes do estrangeiro e com a maneira sympathica com que reagimos ás novidades que nos dá o mundo scientifico, innumeros espiritos se alvoroçaram em torno ás idéas ellenfa, or aquella iniciativa, e, a tal ponto, que O GLOBO fez logo um larro inquerito a respeito. Decois de longo intervallo, a idéa actea reeive com a marca dos certamens officiaes da sciencia, graças á circumstancia de se realisar em breve a 1ª Conferencia Inter-americana de Hygiene Mental. Esse acontecimento vae dar ensejo a que o Dr. Renato Kehl presidente da Commissão Central Brasileira de Eugenia naquella conferencia, apresente uma importante these favoravel á esterilisação. Bem de imaginar é portanto o interesse com que vamos colher algumas impressões do brilhante profissional sobre o trabalho que já tanto interesse tem despertado nos circulos medicos onde sempre transpiram iniciativas de tanto valor

Dr. Renato Kehl, quando falava ao GLOBO sobre a esterilisação eugenica

por força mesma do alvoroço que desperta na critica.

Ouvindo o Dr. Renato Kehl

O presidente da secção de Eugenia da 1.ª Conferencia Inter-Americana de Hygiene Mental attendeu amavelmente ao convite do GLOBO.

— Não pretendo, começou, apresentar á 1.ª Conferencia Inter-Americana de Hygiene Mental uma these sobre esterilisação, no verdadeiro sentido. Julgo o assumpto sufficientemente debatido nos meios medicos e eugenicos. As vantagens desta medida de ultra-prophylaxia, são evidentes

(Conclue na 3ª pagina)

"Diario da Noite",
26/3/38.

Está em S. Paulo
o pioneiro da Eugenia no Brasil

O dr. Renato Kehl aqui veiu realizar uma conferencia subordinada ao thema: "O medico e seus novos encargos bio-sociaes" – Palavras do illustre scientista ao DIARIO DA NOITE

O dr. RENATO KEHL, entre as pessoas que o aguardavam na estação do Norte

Convidado pelo professor Almeida Prado, presidente da Secção de Cultura Geral, da Associação Paulista de Medicina, chegou hoje a esta Capital, viajando pelo "Cruzeiro", o dr. Renato Kehl, tido como o pioneiro da eugenia no Brasil, tendo sido o iniciador, há 20 annos, do importante movimento em prol da melhoria da raça.

O dr. Renato Kehl que se inabilitou já, em especialidade, já publicou cerca de dez volumes, onde concretisou as suas doutrinas e idéas. O seu livro mais conhecido é "A cura da fealdade", onde affirma que a fealdade pode ser curada, e a cura pode ser baseada em mandamentos.

São assumptos ultimos livros "Por que são vulgares" e "Typos vulgares". No primeiro faz os retratos da sua actividade de vulgarista, durante 20 annos, o segundo livro, é de psychologia social, no qual estuda a psychologia dos typos mais communs, como os irregulares, os perigosos, os medrosos, a personalidade do mesmo, gardo e dos felizes e infelizes.

O dr. Renato Kehl, a convite da Associação Paulista de Medicina, subordinada ao thema: "O medico e seus novos encargos bio-sociaes."

OS NOVOS RUMOS DA MEDICINA

Aguardavam o illustre scientista, na estação do Norte, os seus collegas drs. Mesquita Serpa, Mario de Andrade e Lima Brito. A reporter do DIARIO DA NOITE, portador de um convite para a conferencia, solicitou-lhe algumas palavras.

— "Quero frisar, antes de tudo, que me acho profundamente satisfeito por ter a S. Paulo, convidado pelos collegas, em, por uma sociedade paulista. Orgulho-me disso, uma vez que também sou paulista.

Na minha conferencia pretendo resumir as minhas idéas sobre a eugenia e sobre o conjuncto da sciencia, e relacionar o conjuncto da Associação Pau-

"A Noite"
Rio, 28/3/38

Em São Paulo o profes-

28-7-27 Diario de Noticias - Bahia

- ESTA' NA BAHIA -

o grande eugenista Renato Kehl

Dr. Renato Kehl

Entre os novos intellectuaes, que hão de, forçosamente, sanear, com as suas luzes e mentalidade, o ambiente moral brazileiro, se alistam individualidades de valor já consagrado, nos varios departamentos da intelligencia. No sul do pais, como no norte, surgem esses factores da verdadeira restauração nacional, que a politica desmoralizada e desmoralizadora falliu nos seus propositos de realizar. São os homens de cerebro, que têm effectuado, em toda parte, essas mudanças salutares na vida dos povos. De nós, acreditamos, piamente, nos effeitos dessa reivindicação social dos nossos valores

importante organização «Bayer», cujos productos excellentes o publico conhece de sobra.

S. s. em villegiatura, encontra-se na Bahia. Veio ver, de perto, para aprecial-as, deticamente, as nossas riquezas amigas, a metropole do Brazil de hontem, os seus homens de letras e as suas possibilidades. Hoje, deu-nos s. s. a honra da sua visita pessoal e o prazer da sua palestra, por algum tempo. E, francamente, estimamos apertar as mãos desse representante legitimo da nova mentalidade paulista, que vence pelo estudo, que produz a competencia, e ha de resultar no incentivo ás gerações da actualidade, das quaes depende, quase, exclusivamente, o nosso futuro de povo que ainda se está formando.

O dr. Renato Kehl regressa, sabbado, para o Sul, aonde o chamam os seus multiplos affazeres.

EUGENÍA E INTEGRALISMO

"A Offensiva" 1-3-1936

Como o dr. Renato Kehl encara o problema eugenico no Brasil e a influencia que nelle póde ter a Acção Integralista

O dr. Renato Kehl é, sabidamente, um enthusiasta do problema eugenico no Brasil, ao qual se vem dedicando ha mais de 20 annos. Autor de uma dezena de livros sobre o assumpto, elle vem, tambem, por esse largo periodo de tempo, propagando e evangelizando a doutrina de Galton, pela imprensa e pela tribuna.

Achamos que seria interessante ouvir o autor de "Cultura", acerca do palpitante problema, ressaltando o que, em favor da eugenia, possa fazer o programma integralista.

O HOMEM BRASILEIRO DO FUTURO

Logo no começo da palestra que entretevemos comnosco, o dr. Renato Kehl foi-nos dizendo que o problema inicial a se ter em vista em nosso paiz, é a formação do homem futuro, isto é, do brasileiro, que virá daqui a 20, 30, 50, ou mais annos. A politica, pensa elle, não deve ter por escôpo a solução apenas de problemas immediatos, mas de outros que, embora tardios, constituem a base solida para a felicidade do povo e da nação. Num livro que publicou, denominado "Sexo e civilisação", elle traça o que entende por essa politica, ou politica eugenica.

A EUGENIA NO PROGRAMMA INTEGRALISTA

— "Bem sei, prosegue o nosso [illegible] de resolver nossos problemas com este povo que actualmente habita o Brasil, povo esse que considero de

Dr. Renato Kehl

qualidades magnificas para se formar um povo de escól. Si combato a mestiçagem, não quero com isso dizer que o que se processou até

nesse paiz lhe seja irremediavelmente prejudicial.

Entendo que, tanto quanto possivel, essa mestiçagem deve ser, pelo menos, orientada no sentido eugenico. Isso será feito, fatalmente, dentro de algum tempo, porque, se posso crêr que, na "era da cuprata", no dizer de Keyserling, ficaremos á margem da doutrina de Galton, emquanto outros paizes enveredam, energica e decididamente, na sua applicação pratica.

Fiquei muito satisfeito em verificar que o programma integralista inclue a eugenia em um de seus capitulos. Nem se poderia comprehender que deixasse de assim o fazer, uma vez que a doutrina integralista não poderia descuidar do homem, como elemento fundamental para uma politica integral de regeneração".

CURSOS DE EUGENIA NOS NUCLEOS INTEGRALISTAS

— "Os nucleos integralistas que se acham espalhados por todo o Brasil, formando uma cura mentalidade no seio dos moços, terão, naturalmente, em occasião opportuna, cursos sobre problemas da eugenia. Não será difficil conseguirem-se pessôas habilitadas para esse fim, pois, em todo o Brasil, já existem medicos e advogados, que estudam a doutrina de Galtôa".

O PROGRAMMA DESSES CURSOS

— "O programma dos cursos elementares a serem organisados, dentro da doutrina integralista, poderá, por exemplo, constar dos se-

[illegible] hereditariedade

BRASIL DE AMANHÃ

O início no ano vindouro da execução do plano governamental e a palavra do Sr. Renato Kehl

Sr. Renato Kehl quando falava à NOITE

Estuda-se, no momento, a possibilidade de organizar um Departamento da Criança, coordenador de todas as atividades nesse setor. Ligado aos serviços de puericultura em todo o país.

Anunciou-o em uma recente entrevista à imprensa o presidente da República, acrescentando:

"As organizações locais são serviços, articulistas e ajustados, de modo que, em lugar de dispormos apenas de pequenos serviços isolados e sem grandes centros urbanos, possamos fazer obra de extensão, capaz de servir a todo o território nacional.

Bem observadas as circunstâncias gerais, nada de que tenhamos precisamente, o que tem faltado para solução desse problema, a direção técnica e sistematizada, em condições de transformar os esforços dos particulares e do poder público em instrumento seguro de preparação da infância e da juventude.

O Ministério da Educação e Saúde prepara, entretanto, o plano de ação a executar, e que será iniciado no ano vindouro".

A solução do magno problema da formação de brasileiros de amanhã é, sem dúvida, dos mais complexos, principalmente nos dias que correm, quando a biologia, essa nova diretriz da psicologia infantil, baseada derruiu velhos preceitos pedagógicos, indicando que a educação da mocidade deve ser cuidada com a indispensável individualização dos educandos, como faz a terapêutica moderna, que vai em visita a doente e não a doença.

A respeito do relevante projeto, falamos ao Dr. Renato Kehl, erudito médico e sugestivo brasileiro, que, de longa data, vem se dedicando, também, a questões de educação, tendo publicado alguns volumes sobre os livros de larga divulgação no país.

A' nossa primeira pergunta, disse-nos:

— O assunto é amplo e importantíssimo. Exatíssimos, apenas, abrange as três esferas: a educação moral, a intelectual e a física.

E prosseguiu:

— Dos problemas de educação, o de uma primeira infância, que vai desde o nascimento até os 7 anos, é o mais importante. Em livros, folhetos e conferências tenho especialmente insistido, a esse respeito. Ainda há poucos meses, em conferência realizada em Recife, a convite da Escola Normal, disse especialmente referir-me à importância da intervenção do médico nos problemas de educação em vista dos nervosos anormalmente ao hereditariedade. Disse, então, que não era crime a educar igualmente a um problema psicológico a resolver. Com isto pretendi também, ao declarar que, para a educação de um povo, é indispensável a formação de homens, de professores, a altura de outros e difícil encargo que eles têm em vista.

Sou de opinião que o professorado existente no país é deficiente em número e, do certo modo, não corresponde à moderna concepção pedagógica.

Não seria, acho eu, em pequeno, não existia, nem mesmo nesta capital, um instituto especializado para escolher os professores, os educadores. Pois bem: presentemente todos os que querem ser ocupar o curso do Instituto de Educação ou da antiga Escola Normal. Desde que disponham, naturalmente, de elementos que facilitem a matrícula. Nessas condições, as nossas escolas acham-se providas de certo número de mestres, sem vocação, sem a fagar sagrado para formar verdadeiros cidadãos, além de mal pagos.

E' conhecida a frase de Rui Barbosa, a respeito do professor: "Na sua cabeça de educador, o mestre repete a visita de um Deus: é a Pátria que se instala no seu espírito. O professor, quando grande, já não é um homem: a sua individualidade anula-se: ele é a Pátria, visível e palpável, personificando no seu carinho a infância pela sua boca."

O magistério é ponto de sacrifício, exigindo vocação, abnegação e arte. O educador é "um artista", que deve saber agradar, com arte e paixão, a psicologia que aprendeu, afim de conseguir com habilidade as dificuldades apresentadas em cada caso. Pois bem: de um indivíduo ter cursado a escola, de ter diplomas e prestado concurso, não se segue estejam educados. A grande maioria dos professores não o são, com a falta de vocação, com a pressa e o empirismo.

— Julga, então, que o problema mais urgente é o da formação do professorado?

— Sem lhe dúvida. Precisamos de professores competentes, bem preparados. Um momento, mesmo para abrir a exposição dos nossos para as realidades da vida prática, e não a colocar nas escolas primárias, mas de artífices, nas secundárias e superiores. Somos, assim, poderia deixar de ser francamente partidário da alfabetização em grande do povo brasileiro, isto, porém, não basta. Apenas saber ler e escrever, não dá personalidade. Para atingi-la é necessário ter "consciência" do papel que representa na sociedade, dos deveres de cidadão, ter uma profissão definida, adquirindo justa e equilibrada noção para ser "gente" no meio das gentes. Não seria, pois, alfabetizar.

O alfabetizado, tal qual vemos nos subúrbio ou nos campos, sem ofício, ou então com ofício aprendido a olho, faz com que os nossos artífices ignorem os mais elementares preceitos da arte aplicada e manipulem, nas oficinas ou em outras horas de trabalho, o ferrador, mas demonstrou o que sejam vasos comunicantes o ferrador, mas não sabe nem o que é álcool. Ora saber ler e escrever é ter um ofício nas condições acima, pouco vale para um indivíduo poder ser contado como verdadeiro "elemento de civilização". Na escola, pois, deve-se educar uma "personalidade", formar-se alguns meios defendê-la, ou ainda o que se pretende. Infelizmente, o mal está na raiz. No professorado, como disse anteriormente, ainda pesquisar sem vocação sem o fogo sagrado para exercer o sublime mister educativo e até instalam, nas escolas secundárias e superiores. Nestas últimas, ensinou, a educação é estimulada, como deveria evidente o Dr. Silva Mello, no seu livro: "Problemas de Higiene Mental e da Educação".

Existem professores que não são nada disso sabe ler etc. e inteligentes e a final, as estatísticas foram entregues a juvenis mestres, ainda não formados, sem conhecimento nem experiência.

Com tal exemplo, que se poderá esperar da mocidade que vai dar escolas superiores para ser diretores de alta responsabilidade, como é, por exemplo, a medica?

Em suma, que a formação do caráter é urgente, e bem das gerações futuras.

Bahia, 1/2/38.

ESTA' NA BAHIA O DR. RENATO KEHL

O conhecido scientista patricio vem de uma interessante visita ao extremo norte do paiz e realizará nesta capital uma con ferencia

DR. RENATO KEHL

Chegado pelo apparelho da "Condor", hoje pela manhã, procedente do norte do paiz, acha-se nesta capital o dr. Renato Kehl, que viajou até o extremo norte brasileiro, em missão de cordialidade á classe medica.

Logo que a nossa reportagem teve sciencia da sua estadia entre nós, procurou ouvil-o no Palace Hotel onde se encontra hospedado, sendo immediatamente attendida.

De inicio, o dr. Renato Kehl foi-nos dizendo:

— Viajei até o extremo norte do paiz, visitando varias capitaes, inclusive Belem do Pará a qual tive o prazer de conhecer pela primeira vez. Lá conheci varios hospitaes e estabelecimentos educativos, inclusive o "Instituto Lauro Sodré", que me impressionou bem.

— Que nos diz o dr. sobre o clima do extremo norte?

— Tive a felicidade de lá chegar no inicio das chuvas e, apezar de estarmos em pleno verão, senti menos calor que no Rio, verificando-se o mesmo em Fortaleza. Digo isto porque certos habitantes sulinos têm uma idéa muito desfavoravel do clima do norte; chegam até a affirmar que a temperatura ali é igual á do Senegal.

— E quaes as outras capitaes que visitou?

— Visitei varias outras capitaes, entre as quaes João Pessoa e Natal: duas bellas cidades.

"Em João Pessoa, tive o prazer de visitar o novo "Abrigo de Menores Abandonados", uma obra digna dos maiores louvores, não só pelas suas installações, como tambem pela orientação que lhe será dada.

— Fez conferencias durante a viagem?

— Sim. Realisei uma conferencia em Recife, a convite da "Sociedade de Medicina de Recife", sob o titulo "O papel do medico na educação da criança", a qual foi presidida pelo secretario do Interior e Justiça daquelle Estado.

O dr. Renato Kehl, que é notavel eugenista, occupa os cargos de membro da Academia Nacional de Medicina, presidente da Commissão Central Brasileira de Eugenia, director medico do "Instituto Behring" e da "Chimica Beyer", tem varias obras publicadas, inclusive "Lição de Eugenia" adoptada em varias faculdades e traduzida para o hespanhol, "Conducta", "Sexo e Civilização" e varios livros didacticos entre os quaes "Educação Moral" ha pouco publicado.

O illustre scientista demorar-se-á na nossa capital cerca de uma semana, realisando, a convite da "Sociedade Medica da Bahia", uma conferencia sobre assumpto que será opportunamente divulgado.

Daqui, o dr. Kehl regressará para o Rio, onde pretende escrever algumas apreciações sobre o que viu no norte, no sentido de propagar certas particularidades curiosas desconhecidas no sul do paiz.

— O norte—disse-nos, remattando a sua entrevista o dr. Kehl — é digno de ser visitado, notadamente pelos intellectuaes. Lamentia, entretanto, que muitos brasileiros o desconheçam, isto porque no Brasil não existe intercambio turistico dentro do proprio paiz como se faz nos paizes da Europa e na America do Norte.

Hontem - Hoje - Amanhã

O apostolado do dr. Kehl

O Dr. Renato Kehl constituiu-se, no Brasil, o campeão da eugenia. Publicando livros, fundando revistas, editando boletins, realizando conferencias, montando associações de propaganda, fez elle do aperfeiçoamento da raça ou da sub-raça brasileira o seu apostolado. E é com uma persistencia teutonica, justificada pelo sangue e pela cultura, que procura convencer o indigena de que elle deve attentar para o problema da sua formação ethnica e social, tornando mais rigorosa a vigilancia contra a mercadoria humana destinada a esta Vida, examinando-a, antes, mesmo, da sua chegada á Alfandega e, até, si possivel, na materia prima utilisada na fabrica. "Estabeleçâmos a selecção natural, — recommenda. — A falta de selecção compromette o destino da sociedade e da especie, produzindo o debil mental, o criminoso, o degenerado, o individuo physicamente defeituoso". E insiste: "Batamo-nos pela selecção matrimonial; pelo exame prenupcial; pelo fomento da paternidade digna; pelo retardamento da paternidade duvidosa; pelo impedi-

sobre as segundas uma vantagem de cinco annos, no tocante á funcção procreadora". E apresenta calculos impressionantes. "Admittamos 1.000 individuos das classes inferiores que se casam na data de hoje e tem, por casal, tres filhos no decorrer dos cinco annos, após os quaes se casam outros 1.000 individuos das classes médias. Quer isto dizer que, quando estes se casarem, aquelles já estarão levando a vantagem de tres filhos por casal, ou sejam 1.500 filhos. No fim de 10 annos os 500 casaes de inferiores terão o dobro, isto é, 3.000 filhos, emquanto os casaes de médios alcançarão apenas 1.500". Isto, sem tomar em consideração a maior fecundidade nas classes inferiores, e a limitação artificial da natalidade, a que só as classes mediaas recorrem.

São argumentos, como se vê, que não interessam unicamente a homens de sciencia e de letras, mas, sobretudo, a homens de Estado. Elles patenteam os perigos crescentes da implantação da democracia pura, entre nós, antes da fixação das massas humanas de que dispomos. O nosso povo, sem instrucção, sem hygiene, sem disciplina moral, torna-se dia a dia peior constituido, pelo volume crescente dos elementos inferiores. A fatalidade da sua formação ethnica, isto é, a sua origem mestiça, confusa e variavel, aggrava ainda mais a nocividade da sua preponderancia como força poli-

1 de Outubro de 1932

"Revista" na Dinamarca

O casal Renato Kehl, que se encontra em viagem pela Europa, no adro da Cathedral de Roskilde, em Copenhague.

O dr. Renato Kehl, que se encontra presentemente na Europa, em viagem de observação, teve a gentileza de nos enviar, juntamente com o valioso trabalho que publicamos neste numero, um retrato seu em companhia de sua exma. esposa, tirado ao adro da Cathedral de Roskilde, em Copenhague. O nosso antigo e estimado collaborador, que é antes de tudo um grande patriota, não perdeu essa opportunidade que teve de estar em contacto commnosco, para acentuar que o Dinamarquez é, em proporção, o europeu que mais consome o nosso café, adjuntando, ainda, que a rubiacea que lá se toma é feita á nossa moda e, consequentemente, bem gostosa.

O MUNICIPIO

FOLHA DEDICADA AOS INTERESSES DO MUNICIPIO DE SÃO BERNARDO

SÃO PAULO É O MAIOR CENTRO INDUSTRIAL DA AMERICA LATINA E SÃO BERNARDO É O FORMIDAVEL PARQUE FABRIL DE QUE SÃO PAULO TANTO SE ORGULHA.

Foi iniciada a "Campanha Eugenica"

Sessão solenne de inauguração, promovida pela Prefeitura, no salão nobre da Camara Municipal

Texto da Lei em que foi transformado o projecto do illustre vereador sr. pharm. Floravante Zampol, instituindo em São Bernardo o importantissimo melhoramento

EXMO. SNR. DR. FELICIO LAURITO
Digno Prefeito Municipal de S. Bernardo

ANEXO D – INFORMATIVOS EUGÊNICOS

ESTATUTOS

DA

Sociedade Eugenica de São Paulo

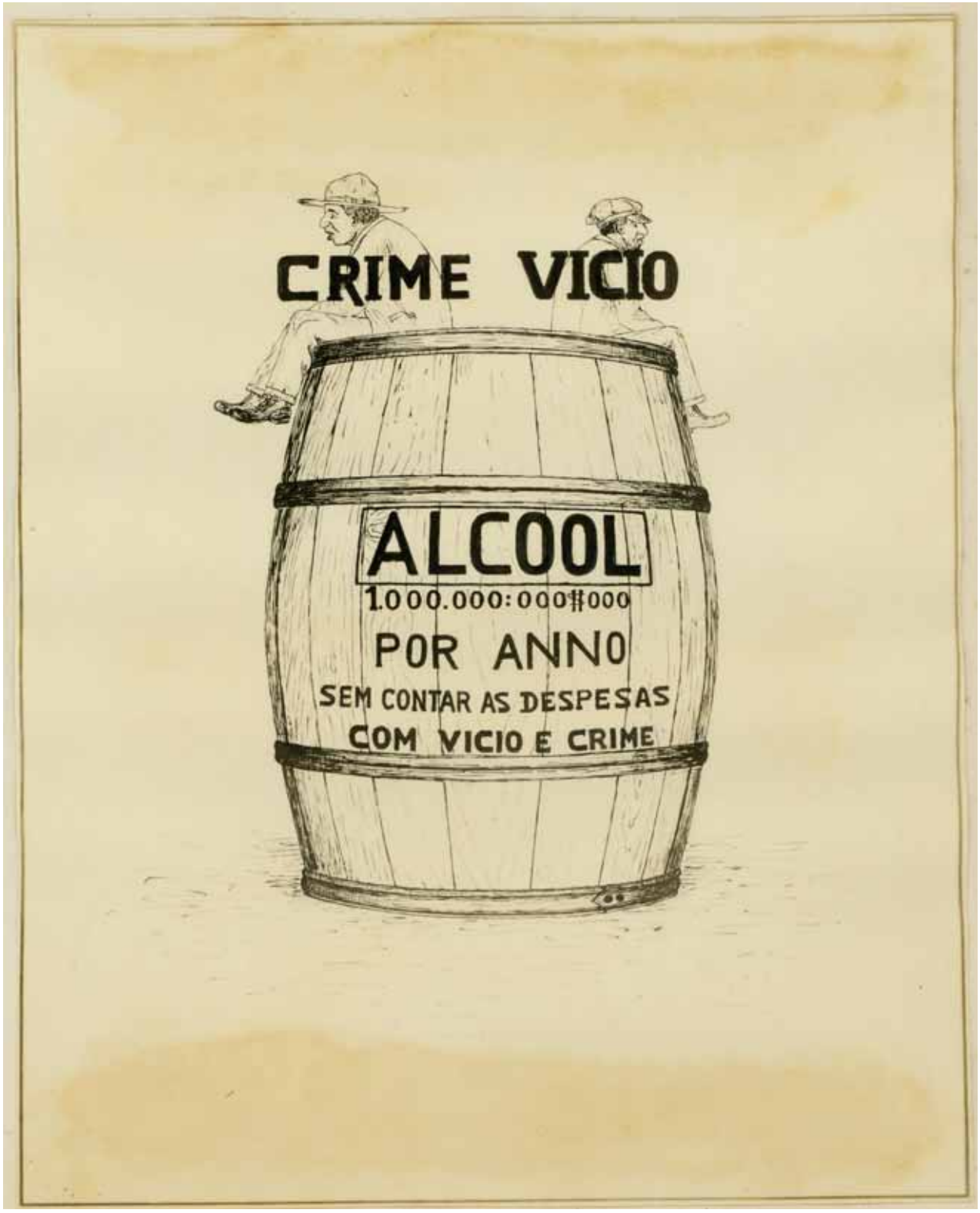
Approvados na Assembléa
Geral de 14 de Janeiro 1918

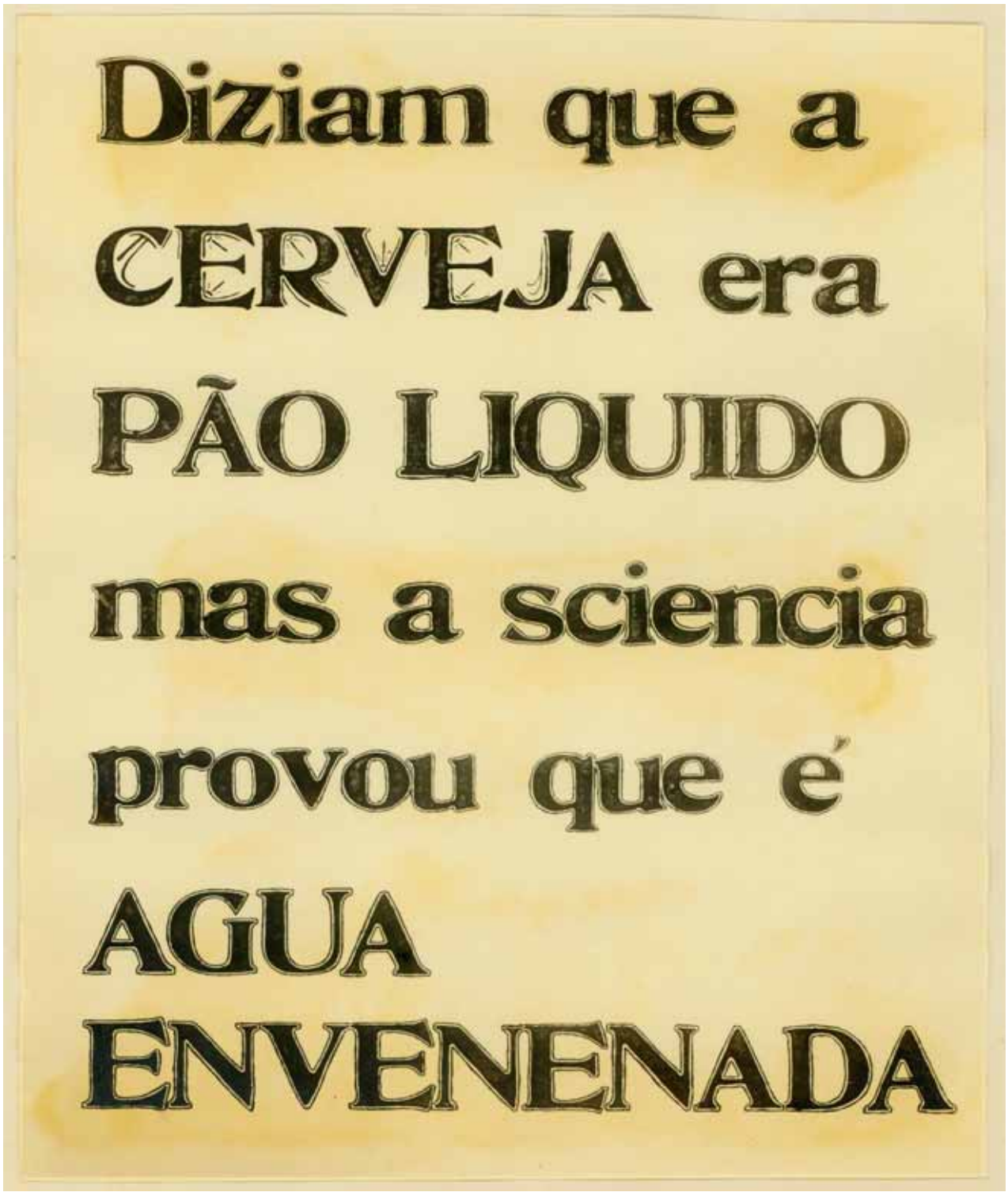
SÃO PAULO

EPIDEMIAS E ENDEMIAS

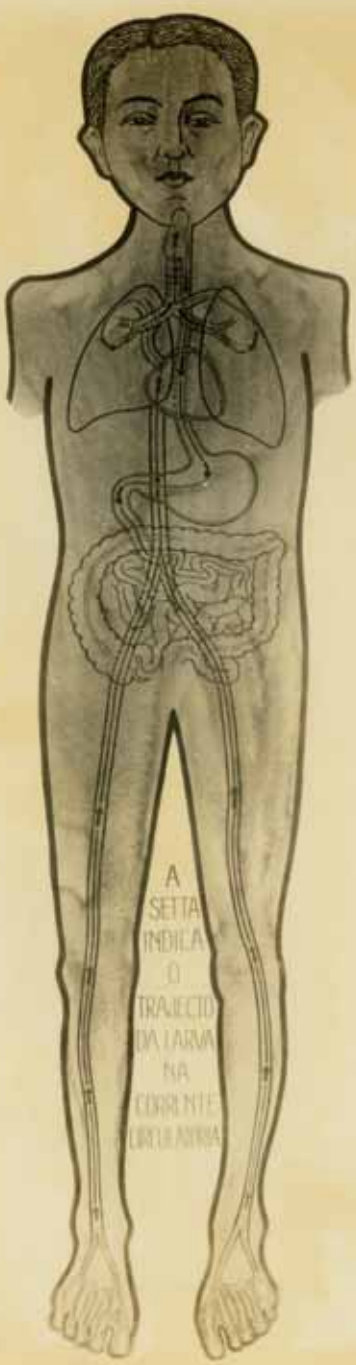
A VARIOLA, A GRIPE, A FEBRE AMARELLA, A PESTE, SÃO DOENÇAS QUE ATACAM COMO OS TUFÕES. VÊM E VÃO-SE. A VERMINOSE, O IMPALUDISMO, A SYPHILIS, A TUBERCULOSE E A LEPRA ATACAM DE MODO DIVERSO: SEM ESPALHAFATO, INUTILISAM MILHARES DE PESSOAS ACORRENTANDO-AS ÁS SUAS DOENÇAS, ALTERANDO E CORROMPENDO O SANGUE, PROVOCANDO LESÕES GRAVISSIMAS, DEGRADANDO A ESPECIE E DEGENERANDO A RAÇA. SI FORDES VICTIMA DE UM DESSES MALES, PROCURAE UM POSTO DE PROPHILAXIA RURAL ONDE SEREIS TRATADO GRATUITAMENTE E RECEBEREIS ENSINAMENTOS PARA EVITAL-OS.

MENINO RABUJENTO,
POUCO DESENVOLVIDO,
SEM APROVEITAMENTO NA ESCOLA.
EM REGRA GERAL,
TEM VERMES INTESTINAES.
LEVE-O AO POSTO SANITARIO
PARA SER. EXAMINADO
E TRATADO DE GRAÇA.


CRIME VICIO
ALCOOL
1.000.000:000$000
POR ANNO
SEM CONTAR AS DESPESAS
COM VICIO E CRIME


Diziam que a
CERVEJA era
PÃO LIQUIDO
mas a sciencia
provou que é
AGUA
ENVENENADA

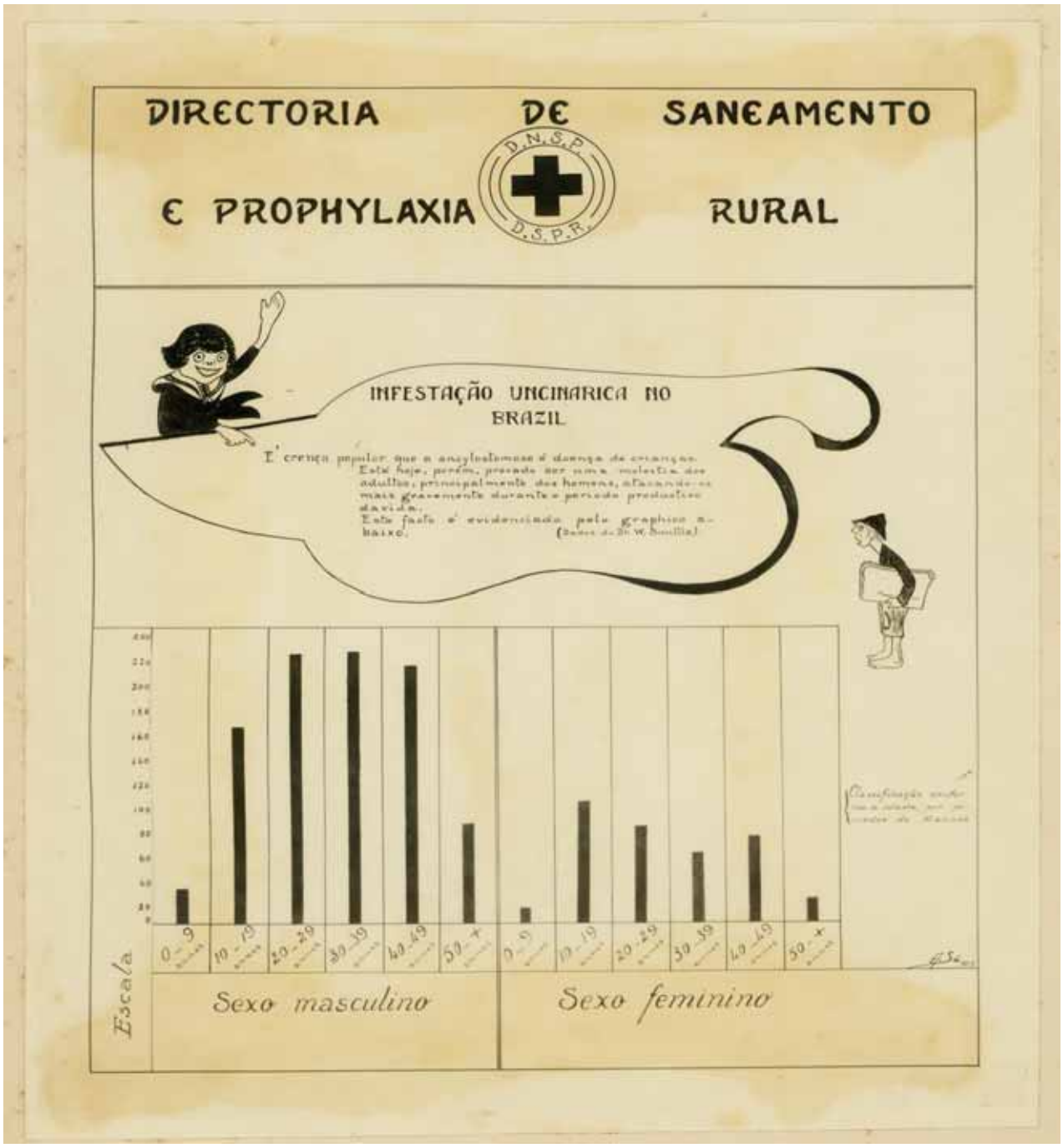
A LARVA OU FILHOTE DO ANCYLOSTOMO ENTRA NO CORPO PELA PELLE OU PELA BOCCA



ESTA FIGURA REPRESENTA O TRAJECTO SEGUIDO PELA LARVA QUANDO ELLA ENTRA PELA PELLE

COMO SE APANHA A OPILAÇÃO

DIRECTORIA DE SANEAMENTO
E PROPHYLAXIA RURAL
D.N.S.P.
D.S.P.R.
O USO
DO
CALÇADO
REDUZ A 1/10, O GRÃO
DE INFESTAÇÃO PELOS
VERMES DA
OPILAÇÃO
Exame
Adultos que usam calçados
Adultos que não usam calçados


DIRECTORIA DE SANEAMENTO
E PROPHYLAXIA RURAL
D.N.S.P.
D.S.P.R.
INFESTAÇÃO UNCINARICA NO BRAZIL
E' crença popular que a ancylostomose é doença de crianças. Está hoje, porém, provado ser uma molestia dos adultos, principalmente dos homens, atacando-os mais gravemente durante o periodo productivo da vida.
Este facto é evidenciado pelo graphico abaixo.
0 – 9
10 – 19
20 – 29
30 – 39
40 – 49
50 – +
Escala
Sexo masculino
Sexo feminino

APÊNDICE

Cronologia de Renato Kehl

1847 – Início do fluxo imigratório financiado pelo senador Nicolau de Campos Vergueiro na fazenda de Ibiçaba.

1848 – Chegada da Família Kehl no Brasil.

1864 – Inicia a Guerra do Paraguai.

1869 – Lei que proíbe a venda separada de escravos casados.

1850 – Aprovação da Lei Eusébio de Queiroz, que proíbe o tráfico internacional de africanos; regulamentação da Lei de Terras, que concede concentração de terras nas mãos dos latifundiários a fim de impedir que os africanos prestes a saírem do cativo, tivessem acesso à mesma.

1885 – Lei do Sexagenário; Lei que proíbe a pena do açoite.

1870 – Fim da Guerra do Paraguai.

1871 – Lei do Ventre Livre; Antônio Prado cria a Associação Auxiliadora da Colonização; o Estado Brasileiro financia a imigração no Brasil.

1871-1880 – Movimento Abolicionista.

1884 – A Assembleia de São Paulo aprova medidas para concessão de passagens gratuitas aos imigrantes.

1886 – Martinico Prado cria a Sociedade Promotora da Imigração.

1888 – Em 13 de maio é declarada a extinção da escravidão no Brasil por meio da Lei Áurea.

1889 – 22 de agosto nasce Renato Kehl; 15 de novembro proclamação da República; o Estado cria a Lei de contravenção à vadiagem, preconizando a punição para “vadios” e o “capoeira”.

1890 – Publicação de *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo.

1891 – Primeira Constituição Federal.

1896 – Em 7 de novembro estoura a Revolta de Canudos.

1903 – Oswaldo Cruz inicia a campanha contra a febre amarela.

1904 – Revolta da Vacina.

1909 – Renato Kehl obtém o título de Farmacêutico em São Paulo na atual Escola de Farmácia da Universidade de São Paulo.

1910 – Revolta da Chibata; Renato Kehl Conhece Belisário Penna, Afrânio Peixoto, Miguel Pereira Couto, Eduardo Rebelo e Agostinho de Souza Lima.

1912 – Primeiro Congresso Internacional de Eugenia em Londres.

1914 – Alexandre Tepedino defende a primeira tese sobre eugenia no Brasil na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, intitulada “Eugenia”.

1915 – Em 21 de outubro, Renato Kehl defende a tese de doutorado em Medicina na Cadeira de Clínica Dermatológica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro intitulada “Blastomycóse”.

1917 – Renato Kehl, em 13 de abril, profere a palestra intitulada Eugenia, na ACM; em julho, greve geral realizada pelas organizações operárias de influência anarquista; em outubro, Revolução Russa.

1918 – Em 15 de janeiro, fundação da Sociedade Eugênica de São Paulo.

1921 – Segundo Congresso Internacional de Eugenia nos Estados Unidos da América.

1921 – Consolidação da Federação Internacional de Sociedades Eugênicas.

1922 – Renato Kehl publica *A cura da fealdade*; Gustavo Rediel representa o Brasil no Congresso Médico Latino-Americano realizado em Havana. Formação do Partido Comunista Brasileiro.

1923 – Renato Kehl ocupa o cargo de farmacêutico e diretor médico na antiga firma Química Bayer, Ltda.; dirige as revistas *O Farmacêutico Brasileiro* e a *Terapêutica*; fundação da Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM).

1925 – Renato Kehl publica *A Fada Hydia*.

1927 – Realização da Conferência Pan-Americana de Eugenia e Homicultura em Cuba.

1929 – Primeiro Congresso Brasileiro de Eugenia; Renato Kehl publica o livro *Lições de Eugenia*; lançamento da primeira edição do *Boletim de Eugenia*.

1930 – Getúlio Vargas chega ao poder.

1931 – Renato Kehl torna-se membro da Academia de Medicina e funda a Comissão Central Brasileira de Eugenia (CCBE).

1932 – Em 7 de outubro, é fundada a Ação Integralista Brasileira (AIB); Realização do Terceiro Congresso Internacional de Eugenia; Revolta Constitucionalista no Brasil.

1934 – Aprovação da segunda Constituição Federal.

1933 – Renato Kehl publica o livro *Aparas Eugênicas: Sexo e Civilização*; Hitler chega ao poder.

1937 – Consolidação do Estado Novo.

1938 – Renato Kehl publica a obra *Bio-Perspectivas: dicionário filosófico*.

1945 – Kehl publica o *Catecismo para Adultos*.

1954 – Morte de Getúlio Vargas.

1956 – Juscelino Kubitshek torna-se Presidente do Brasil.

1958 – Renato Kehl publica a obra *Conduta: guia para a formação do caráter*.

1961 – Em janeiro, Jânio Quadros torna-se Presidente do Brasil e renuncia em 25 de agosto; João Goulart assume a Presidência.

1964 – Em 19 de março, é organizada a Marcha da Família com Deus pela Liberdade; 1º de abril: Golpe Militar.

1968 – Arthur da Costa e Silva assina o Ato Institucional 5.

1974 – Ernesto Geisel torna-se presidente; fim do AI-5; morte de Renato Kehl.